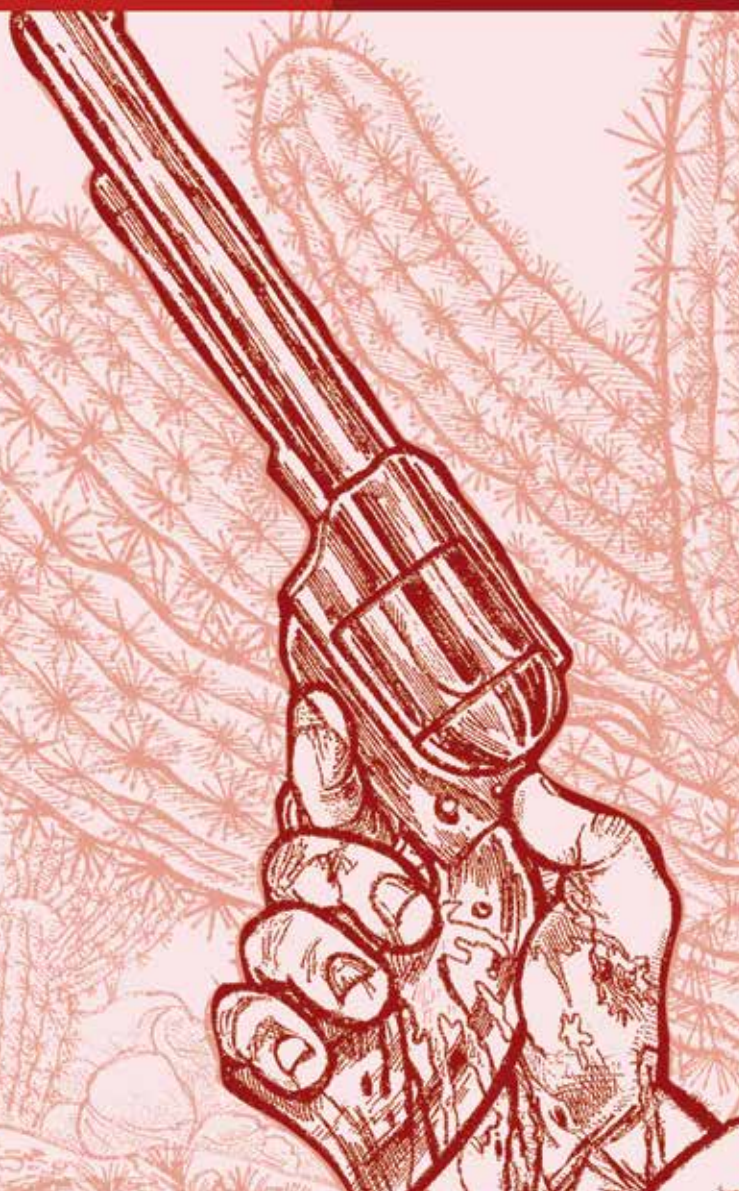




O SANGUE É AGRESTE

OS LIVROS DO SERTÃO

Ian Fraser



Fundação Gregório de Mattos

Ian Fraser

O SANGUE É AGRESTE

Os livros do sertão

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

F841 Fraser, Ian

O Sangue é agreste: os livros do sertão / Ian Fraser.
Salvador : Fundação ADM, 2015.

344 p.: il. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-11-0

1.Literatura brasileira - Romance I. Fundação Gregório de
Mattos II. Título

CDU: 82-31

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



O SANGUE É AGRESTE

Os livros do sertão

Ian Fraser

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

livro I
vermelho

I nascido debaixo da sombra vermelha de uma pitangueira morta

E o sangue semeou a terra.

A gota fundiu-se à vermelhidão do sertão áspero e cáldo – partes estrangeiras de um mesmo organismo. O corte era profundo, testa suja de sangue batido, areia, pó e cinzas. Filetes escarlates escorreram pelo rosto do homem, desenhando seu semblante com pinceladas serpentina. Estava deitado debaixo de um pé seco de pitanga, entregue à morte no ventre árido daquele sertão colorido em tons de sépia.

Abriu os olhos.

Seu berro ecoou pela vastidão entregue ao calor ermíssimo. Os olhos, que outrora eram de um púrpuro negro feito jabuticaba, encontravam-se avermelhados e ardiam com a intensidade febril do sol, da umidade e da dor.

Uma dor lancinante o fez levar a mão à ferida.

Sangue escorria por entre seus dedos.

Então, veio a cefaleia, que latejava ao ritmo dos batimentos de seu coração – uma canção cujas notas em Dó partiam o homem ao meio. Tentou suprimir a angústia e apreender-se aos pensamentos:

EXT. [REDACTED] – DIA

SONS DE DISPAROS DE PISTOLA.

[REDACTED]
Fumaça preta baila pelo firmamento marasmado. [REDACTED]

[REDACTED]
Plano aberto. As chamas tomam [REDACTED]

[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
Close de pés descalços correndo.

[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED] *girando a maçaneta.*

[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
Apague o fogo!

Plano da janela. [REDACTED] *fumaça que toma*

[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED] *por favor!*

[REDACTED]
SONS DE UMA CORUJA PIANDO.

[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
A coruja acha seu caminho pelo orifício da janela, voando em direção [REDACTED]
Suas penas pegam fogo e seu grito era [REDACTED]

Lembranças iam e vinham, deixando apenas rastros de dúvidas.

O homem sentiu um peso anormal preso ao seu colete: uma insígnia de metal desenhada na forma de uma estrela.

Puxou o objeto.

Apertou os olhos.

Tentou ler.

Delegado Jeremias Callado

Borrões bailavam a sua frente, zombando de sua moléstia e de seu desespero. Não conhecia aquela cena em que se encontrava, não identificava o solo no qual pisava nem o firmamento que o martirizava. Não sabia onde estava nem como lá havia chegado e apenas uma certeza avassalava sua mente: se ali ele ficasse, ali ele morreria. Estava cercado por uma amantessidão de cascalho e barro que se estendia até o horizonte, e os únicos traços verdes só eram encontrados nos eventuais ramos abrolhados dos cactos relutantes.

Um cemitério vermelho, de vidas e sonhos secos.

O homem lambeu os lábios. A língua coçou as deformidades em seus beiços, tão rachados quanto o chão que o sustentava. Da pitangueira morta, uma única pitanga perseverava. Preta. Ao mastigar o fruto, suco avermelhado escorreu por sua boca e misturou-se ao sangue coagulado em seu queixo – um mesmo organismo, partes estrangeiras.

No solo ressequido, rastros de suas botas. Achou seguro considerar que nada de bom o esperava no regresso – apenas passado o aguardava lá. Decidiu progredir com o caminho que os passos esquecidos haviam iniciado, passos que miravam uma pequena mancha na distância, um ponto travesso a se equilibrar na fina linha do horizonte.

O sol queimava o rosto.

A ferida pungia.

A sede rasgava a garganta.

O homem evaporava na quentura da solidão.

Pegou o chapéu que descansava perto de seus pés. A sombra trouxe um tanto de otimismo aos cansados olhos de jabuticaba. O andar era arrastado e vagaroso; as botas levantavam partículas de poeira a cada passo dado, mudando de forma singela o desenho daquele cenário tão marasmado.

Assim, sozinho e sem esperanças, o homem se entregou ao vermelho.



♪ *Largou tudo, o cabra macho,
e prometeu um tiro certo,
que era pra aquietar o facho.
Vá com arma de homem verdadeiro.
Largue a pistola e vá de peixeira.
Vá e retalhe ele como um maldito açougueiro.* ♪

Cândido Cordeiro cantava uma de suas canções prediletas. O ar jubiloso que o gordo emanava era uma das qualidades que o faziam ser adorado por todos que o conheciam: um feito raro por aquelas bandas. Suas opulentas bochechas balançavam com o cavalgar de sua mula, que ele havia carinhosamente alcinhado de Meumô – uma simplória amalgamação de *meu amor*. Desde o dia em que uma das éguas do coronel Eusébio Paranhos, pai de Cândido, pariu Meumô, o caçula da família Cordeiro tomou para si aquela besta como se fosse sua filha. O pai desaprovou sua montaria, *um homem sem um bom cavalo é só meio homem*, disse. Mas o filho não deu trela aos resmungos amuados do velho; Meumô era sua montaria e não queria saber de outra.

O gordo usava um sombrero de palha de coqueiro que protegia sua circunferência do sol de verão. Meumô, uma mula amarelada, rebolava suas ancas com força, já que o fardo que carregava em seu lombo era demasiadamente oneroso.

Logo à frente, cavalgava o esquelético alferes Graciliano Boaventura, que, por sua vez, nunca havia cantado um dia sequer em sua vida – nunca compreendeu o apelo para tal. Ao invés de usar seus lábios para modular notas ou rimas de cordel, o alferes preferia fumar tabaco, apreciando as pequenas nuvens negras que subiam por seu rosto, acariciando as narinas e olhos com um ardor fumacento. A barba malfeita sempre encontrava um jeito de pinicar os lábios de sua mulher quando esta o beijava o rosto nas despedidas. *Adeus, meu cacto humano*, dizia Marilda, *magro, espinhento e sempre calado*. Mas para um homem de palavras diminutas, Graciliano Boaventura não conhecia melhor companhia que Cândido Cordeiro. *O gordo*, pensava o silencioso alferes, *fala suficientemente por nós dois*.

– Essa música não faz sentido – disse Graciliano, com a intenção singular de provocar o humor do amigo.

– Como assim *não faz sentido*? É a história de um homem que abandona o caminho dos justos pra se vingar do criminoso que matou sua esposa – rebateu Cândido. – Não tem nada mais puro nesse mundão de meu Deus que a honra, Boaventura.

O gordo apertou as esporas nas costelas de Meumô, que, prontamente, acelerou os passos.

– Um homem que se abdica do caminho dos justos pelo amor, e lá existe sacrifício maior?

Cândido encarava os olhos do parceiro, que, por sua vez, vislumbrava o horizonte vermelho, procurando por algo que já não acreditava mais ser possível.

Graciliano sorriu.

Achava chistoso o fato de que, quando prostrado, o companheiro soava como uma criança à beira do choro. Sabia que Cândido era um homem de extremos, diferente dele, sempre o mesmo; sério, calado. Uma amizade alicerçada em antíteses e era assim que os dois gostavam. Graciliano acenou com a cabeça, como se dissesse *já que vosmecê diz*. Cândido compreendeu o gesto como um pedido de desculpas e pôs-se a resumir a cantoria:

♪ Num queria saber de perdão,
já que a desafronta era sua herança.
Partiu pela porteira sem relutância,
e se retirava em direção à matança.
Pois num haveria terra nem distância,
que separasse o homem de sua vingança. ♪

Graciliano Boaventura compreendia, melhor que todos, a noção desoladora que era vagar perdido em um deserto seco, sentindo o calor o comendo. Mas o sol lhe torrava o cogote e a paciência, e o alferes já se via farto daquela busca por sobreviventes. *Se Severino Um-Tiro não deu cabo neles, o sertão com certeza já terminou o serviço.* Preferia estar no conforto de sua própria casa, deitado sobre as tetas de sua mulher, embalando seus sonhos com as canções de seu coração.

Boaventura puxou as rédeas de sua montaria.

Meumô e Cândido continuaram rebolando e cantando enquanto o alferes apertava os olhos, preocupado com o ponto preto que subitamente emergira no horizonte. Retirou de seu alforje uma velha luneta arranhada. O objeto barato não proporcionava um aumento significativo à visão, mas fora o suficiente para reconhecer que aquele cisco na distância não fazia parte do cenário. Tratava-se de um homem a vagar. Graciliano assobiou para o amigo, que puxou as rédeas de Meumô e cessou a cantoria. O alferes jogou a luneta no colo do gordo e apontou para a anomalia.

– Nosso Senhor Jesus Cristo seja abençoado. Será que é um sobrevivente?
– perguntou Cândido, que não acreditava na possibilidade de alguém ter sobrevivido a tanto tempo sozinho no deserto de Caron.

– Com certeza é um sobrevivente, mas a pergunta que vosmecê devia estar se fazendo é: será que ele é um dos homens do delegado Callado?

Graciliano conferiu a munição em sua carabina. Se aquela figura desconhecida fosse um dos cangaceiros do miserável que respondia pelo nome de Severino

Um-Tiro, balas iriam bater em revoada. Apertaram as esporas em suas respectivas montarias e, com uma velocidade cautelosa, cavalgaram em direção ao desconhecido. O firmamento desanuviado castigava os homens com açoites de bafo quente, mas Cândido não tirava os olhos da figura que caminhava a passos tortos e cambaleantes. O gordo preferiu não sacar sua pistola, sentia-se perfeitamente seguro com a mira do alferes Boaventura.

Meumô cavalgou em bom ritmo, criando um vão entre os amigos. Apesar de nascer sob uma herança desvantajosa, a mula compensava sua mácula com uma vivacidade e força singular.

– Acho que ele desmaiou, Graciliano. Rápido, vamos! – gritou Cândido ao perceber que o sobrevivente havia tombado.

Meumô intensificou o trote, deixando para trás o alferes Boaventura, que preferiu manter a mesma velocidade. O alferes sabia que Severino Um-Tiro não havia conquistado sua fama e alcunha por ser um homem misericordioso, contudo, ele compreendia o entusiasmo de Cândido – caso aquele homem fosse o delegado Jeremias Callado ou um de seus oficiais, eles estavam prestes a resgatar a primeira pessoa que, de fato, havia cruzado caminhos com o famigerado Severino e sobrevivido para contar o conto.

Cândido desmontou de sua mula com uma presteza incomum a um homem de seu porte. O gordo ajeitou os suspensórios que seguravam suas folgadas calças e se ajoelhou ao lado do estranho desacordado. Meumô esticou a coluna e relinchou em alívio.

– Ele está apagado, Graciliano – disse ao jogar um pouco de água no rosto do sobrevivente.

Ao lado do corpo desacordado, Cândido encontrou uma pistola Brahmastra, que refletia a luz do sol.

O alferes Boaventura se aproximou com a carabina em mãos, olhos atentos e dedo no gatilho; ao contrário do amigo, não estava convencido com a segurança daquela situação.

– Não se preocupe, companheiro. Nós vamos te ajudar – suspirou Cândido Cordeiro.

Mesmo desacordado, o sobrevivente tinha um rosto expressivo, daqueles que com um mero relance lia-se a vida por completo. Aparentava ter seus trinta e tantos anos, traços fortes, pele áspera e levemente enrugada, um espesso bigode preto tapetava seu nariz e uma penugem escura moldurava seu maxilar. Graciliano conferiu novamente suas redondezas – nenhuma outra alma viva à vista. Cândido limpava a ferida do homem com um pouco de água quando percebeu a insígnia presa ao seu peito. Ele retirou o excesso de poeira que havia se incrustado no distintivo: *Delegado Jeremias Callado*. Os amigos se entreolharam, estupefatos com a generosidade que a Dama Sorte havia concedido àquela alma. O alferes Boaventura se lembrou do dia que o gordo e sua mula amarelada o salvaram de um fim similar e achou prudente que algo fosse dito para celebrar tal ocasião de raridade esplêndida, mas como a situação pareceu ter roubado todas as palavras da boca de Cândido Cordeiro, o sempre calado alferes proferiu:

– Puta merda em uma paróquia, nós encontramos Jeremias Callado!

II

os trigos e os cifrões de uma vila chamada Serendipidade

O mundo é construído por aqueles que não se contentam com o simples saciar de seus apetites. As brechas para se debater a veracidade e coesão dessa máxima podiam ser claras para alguns, mas, para o pacificador de nome Venâncio Galdino, a razão nela embutida era o suficiente para que ele a recitasse todas as manhãs com uma devoção axiomática. Foi graças a essa sua fome que Venâncio aprendeu a contar – para saber exatamente quantos contos de réis tinha a mais que a gentalha e quantos tostões o separavam dos coronéis. Foi graças também ao seu apetite que o número de furos em seu cinto aumentava com o passar de cada ano. Para o pacificador, tudo no mundo tinha o valor que merecia. *Quem não larga a leseira, não tem eira nem beira,* dizia Venâncio quando se encontrava arrodado pela fartura e segurança das mansões dos coronéis. E se tudo na vida tinha o preço condigno, o montante que Galdino depositava em seu nome era tudo menos módico.

Ser eleito pacificador de Serendipidade foi só o primeiro passo, avaliou Venâncio enquanto a navalha na mão cicatrizada de Januário Bacelar deslizava por sua garganta. *Eu ainda vou mandar nesta terra.* O cheiro do tônico de barbear era de lavanda – um aroma forte para um homem forte. Comemorava o fim de seu primeiro mandato como pacificador; três anos estabelecendo a paz entre os cinco coronéis de Serendipidade; três anos trabalhando para a prosperidade do povoado; três anos desde que provou o sabor mélico que era contemplar o semblante de um inimigo derrotado. Salomão Azambuja, o padeiro, bem que tentou, mas o homem não foi páreo face aos vastos anos de experiência que Venâncio Galdino coletou como tesoureiro do coronel Isidoro Maranhão. *As pessoas*

podem apreciar o cheiro de pão fresco, mas nada – tirando, talvez, a formosura de uma morena – aperta as ceroulas de um homem como o cheiro de dinheiro, disse o pacificador ao barista Nico em uma tarde de pasmaceira pinguça.

– Pronto, senhor pacificador – disse Januário ao retirar o pano úmido de cima dos olhos do venerado cliente.

Venâncio levantou, examinou seu queixo duplo no caco de espelho, deu dois leves tapas em sua bochecha e esboçou um sorriso falso.

– Ótimo trabalho como sempre, Januário. Pode colocar na minha conta.

As eleições estavam se aproximando, e, com isso, Venâncio se via na necessidade de andar pelas ruas da vila com mais frequência, falando com o homem comum, ouvindo as demandas de seu eleitorado. Era um trabalho tedioso; pessoas ordinárias com problemas ordinários e casas ordinárias e petiscos ordinários e sonhos ordinários – tudo isso estava tão abaixo dele –, mas era um mal necessário, veria a mãe enforcada em plena Praça Central antes de perder seu segundo mandato para o homem que ganhava a vida batendo massa. Estava confiante em sua reeleição a pacificador; havia caído nas graças dos cinco coronéis, o vilarejo crescia a cada dia que passava e a população parecia apreciar seu viço administrativo. Sua maior conquista, no entanto, foi o apoio da família Baluarte, família esta que era o alvo de seus anseios magnânimos. Coronel Leôncio Baluarte, o Gravata Vermelha, era dono da maior fazenda – e patrimônio – do vilarejo e descendente do ilustríssimo Tenório Gaspar Baluarte, o mais venerado dos fundadores de Serendipidade, homem cujos contos de bravura e feitos heroicos ainda ecoavam através das gerações. Venâncio aguardava o dia em que o coronel Baluarte lhe concedesse a honra de ser um de seus capitães, e todo trabalho pavimentado com seu suor e sangue não teria sido em vão.

O pacificador encaminhava-se em direção à casa de Fernão Suassuna, um exímio ferreiro e o mais novo residente da vila. Ao passar pela Praça Central, Venâncio lançou um sorriso ensaiado à dona Matilde e à dona Siqueira, que estavam sentadas em um banco, fofocando sobre algo terrivelmente irrelevante.

Ao lado das senhoras, escutando calado aos seus mexericos senis, estava, como de praxe, Adamastor, o sobrinho abestado da dona Siqueira.

Todas as ruas de Serendipidade conduziam à Praça Central, uma área circular no meão do vilarejo, feita de terra batida e onde todas as festividades e eventos tomavam vida. O Dia do Tenório, o mais importante feriado local, estava se aproximando, e, em alguns dias, o centro da vila estaria repleto de quermesses e quiosques, de gente rindo e se divertindo – cenário ideal para Galdino lançar oficialmente sua recandidatura a pacificador de Serendipidade. Venâncio não havia nascido para ser gentalha, e seu tempo como pacificador ainda era a melhor forma de estabelecer alianças com os coronéis, de se tornar capitão de algum brasão, acumular patrimônio, virar dono de terra e gado e, quem sabe um dia, ser um coronel ele também. Aquela vila perdida no mapa, esquecida por Deus e pelo tempo, estava ficando pequena demais para suas ambições. Por muitas vezes, Galdino sentia-se como um cágado que estava grande demais para seu próprio casco. Encontrava-se fatigado dos mesmos rostos e das mesmas reclamações e das mesmas notícias e das mesmas ladainhas e dos mesmos dias que se repetiam a exaustão. Lembrou-se da tarde em que primeiro tomou chá na mansão do coronel Isidoro Maranhão. De como o acolchoado de seda das poltronas maleava-se ao toque, como se derretesse em uma consistência permanente. Lembrou-se do sabor amargo e doce do chá, servido em delicadas xícaras de porcelana que mal cabiam em suas mãos calejadas. Havia provado do sabor do fruto d'ouro e não queria boiar de outro pé.

Os devaneios do pacificador não duraram por muito tempo, em poucos minutos já estava no fim da rua Paiva, tomando café na varanda de Fernão Suassuna.

– Então, senhor Suassuna, o que achas de nossa Serendipidade? – perguntou Venâncio entre sopros para esfriar a bebida quente.

– É bonita, senhor pacificador. Não tenho o que reclamar. – Fernão, homem

humilde e sem educação escolar, sentia-se tapado e miúdo na presença do respeitado Venâncio Galdino.

– Deixe de mesura, homem. Todo mundo que tem um coração quente e batendo tem algo a reclamar. O contentamento é uma regalia resguardada somente aos desfalecidos.

Venâncio Galdino parecia mais interessado no café que a senhora Suassuna havia lhe servido – surpreendentemente delicioso para seu paladar ufano – do que ao fato de que Fernão obviamente não compreendia os significados de metade das palavras que saíam de sua boca. A verdade era que o pacificador de Serendipidade usava sinônimos obscuros com certos cidadãos: uma tática de promoção intelectual que havia adquirido ao longo dos anos.

Mesmo não compreendendo Venâncio, Fernão havia percebido uma brecha em algum lugar entre aquelas sílabas confusas.

– Bem, o capitão Esteban Santiago esteve aqui ontem e fez uma pergunta interessante. Quando é que vamos ter um novo delegado, senhor pacificador?

Venâncio sentiu um calafrio correr por sua coluna. Aquela era a pergunta que o deixava acordado por noites de horas infindas. Três dias atrás, um homem que trazia consigo um distintivo de subdelegado de Pequena Pasárgada achou seu caminho até os portões do vilarejo. Era um dos funcionários que o delegado Jeremias Callado trazia consigo para Serendipidade. Estava gravemente ferido, com cortes de facão pelo corpo, dedos decepados e buracos de bala. Antes de se entregar ao coral do silêncio eterno, o homem proferiu suas últimas palavras:

Severino Um-Tiro.

Desde então, o pacificador se encontrava em um constante estado de apreensão. Já fazia três meses que Timóteo Delfino, o antigo delegado de Serendipidade, havia falecido, e sua vaga ainda se encontrava sem um substituto de nome. O velho Timóteo foi em seu tempo um homem respeitado e querido pelo povoado, um oficial da lei exemplar e dedicado. Venâncio não sabia dizer

quantas vezes o delegado o assistiu em disputas de terras entre os coronéis e quantas desavenças ele resolveu sem derramamento desnecessário de sangue. As decisões administrativas do estado de Caron eram, em sua grande maioria, ignoradas pela jurisdição do vilarejo. Em Serendipidade, reinava a justiça do Punho – cinco coronéis, cinco dedos que quando em consenso se fechavam em uma mão pesada e implacável. O pacificador sabia que devia boa parte de sua primeira vitória eleitoral ao apoio político do velho delegado, e, por isso, se esforçou ao máximo para realizar seu desejo moribundo: passar o cargo de delegado a Jeremias Callado, seu sobrinho. Era uma requisição absurda, o homem morava na longínqua Pequena Pasárgada e nunca havia colocado os pés em Serendipidade. Negar, no entanto, o último desejo de um homem prestes a morrer era um sinal de desonra sem tamanho – sem falar no mau agouro que acarretava. Venâncio, então, providenciou a transferência de Jeremias Callado para Serendipidade, junto com sua família, tal como alguns de seus homens de confiança.

– Não sei ainda. Gostaria de honrar o desejo do falecido Timóteo, mas temo que a morte de seu sobrinho tenha complicado as coisas – respondeu o pacificador assim que notou que seu silêncio havia se prolongado demais.

– Não conheci o senhor Timóteo Delfino, e acredito que ele deva ter sido tudo isso que o povo diz: valente, justo e tudo mais, mas a vila precisa de um delegado, senhor pacificador.

Era verdade. As leis não escritas de Serendipidade eram difíceis de se administrar com o auxílio de um delegado competente, mas provavam-se insurreccionais na ausência do mesmo. Independente de coesão ou falta dela, o ferreiro Suassuna estava tomando uma intimidade indesejada.

– Tu não precisas me lecionar sobre as necessidades da vila, senhor Suassuna. Estou ciente delas.

Venâncio Galdino evitava a todo custo qualquer tipo de interação amigável ou apego social com o eleitorado, mantendo sempre uma distância saudável entre ele e os votos.

Nada há nada mais difícil que ser justo com amigos.

– Não preocupa o senhor que Severino Um-Tiro esteja tão perto de nosso povoado? – Fernão sabia que beirava a insolência, mas sabia também que havia um bom motivo por trás de sua consternação. Serendipidade dormia inquieta, ninada pelos rumores de uma ameaça iminente.

– Severino está com os dias contados. Avôhai Falcão está em sua cola e logo esfolará o jagunço por todos seus pecados. A lista de inimigos do crápula cresce mais que solitária no bucho de homem lambão – respondeu o pacificador, que decidiu considerar aquela visita por encerrada.

O sol começava sua peregrinação para além do horizonte quando Venâncio Galdino iniciou seu percurso de volta ao escritório. Toda aquela conversa deixou entre os lábios do pacificador um sabor azedo feito umbu verde. Ambos delegados estavam mortos, deixando uma lacuna essencial em sua administração. Poderia sugerir aos coronéis que promovessem Aloísio Serafim, o atual subdelegado em comando, mas por mais competente e leal que o oficial fosse – e ele era –, seu nome era desprovido de qualquer ganho político. Libertino Valente era o homem de confiança do coronel Leôncio Baluarte e uma óbvia escolha partidária para o cargo, no entanto, o assecla era um homem bruto e malquisto por boa parcela da população. Enquanto ponderava sobre os benefícios e malefícios de cada candidato, Venâncio Galdino sabia que lá fora, cavalgando com sangue e areia nos dentes, estava o jagunço mais temido do estado e seu bando de criminosos.

O pacificador decidiu apaziguar a mente apreciando o cenário que o cercava ao invés dos problemas que perturbavam sua paz. Serendipidade era um organismo vivo – pessoas e negócios trabalhando juntos para sobreviver ao cenário tão ríspido. No meio do deserto de Caron, isolados do mundo e do Criador, a povoação prosperava graças às águas do riacho que dava nome ao vilarejo. Para se chegar ao condado mais próximo, a populosa Redenção, eram necessários dois dias e duas noites de viagem a cavalo, fato que tornava extremamente valioso

cada cidadão do povoado. Venâncio desceu o atalho que ligava a rua Paiva à rua Cordeiro, um trajeto mais longo, porém, sem dúvida alguma, o mais belo, pois caminharia ao lado das margens do riacho Serendipidade. *Bem afortunados aqueles que, diante de terrenos tão hostis, encontram a Dama Sorte*, bradou o capitão de bandeiras Tenório Gaspar Baluarte após acidentalmente descobrir as calmas águas do riacho. O córrego tilintava e reluzia o azul cobalto do firmamento, um grande espelho natural, de superfície enrugada e translúcida. Os cidadãos de Serendipidade acreditavam que sua água era capaz de curar certas mazelas; como cortes, arranhões, dores de cabeça, náuseas e constipações, mas Venâncio não perdia tempo com superstições e crendices do homem comum. No entanto, nem mesmo o cínico pacificador conseguia resistir aos encantos de sua beleza natural.

– Senhor pacificador! Senhor pacificador!

Venâncio não suportava ouvir pessoas gritando em sua direção – notícias ruins sempre pareciam vir a passos largos e acompanhadas de exclamações. Quando os temperamentos já estavam exaltados e os tiros estavam a voar, quando a guerra já estava declarada e a merda já fedia, só então, o pacificador era chamado.

– Senhor pacificador!

Quem gritava era o jovem Isaías, filho da enfermeira Fortunato, que corria desembestado pela rua Cordeiro.

– Calma, garoto. Assim vosmecê vai acabar botando os bofes pra fora; correndo e gritando como um desajuizado – disse Venâncio ao colocar a mão no ombro do rapaz.

– Desculpe, mas mãe pediu que eu chamasse o senhor o mais rápido possível – disse Isaías, adolescente forte e de cabelos enferrujados, de ombros largos e peito impúbere.

– Sua mãe está bem? – perguntou Venâncio. Se algo acontecesse a Madalena Fortunato, a vila perderia não só uma mulher retada, mas também sua enfermeira mais competente.

– Mãe tá bem, senhor pacificador – Isaías lutava para recuperar o fôlego.
– É o homem que ela tá cuidando que está mal.

– E quem é que está sob os cuidados da senhora sua mãe?

– Alferes Boaventura e o senhor Cândido Cordeiro voltaram da busca. Eles encontraram outro sobrevivente.

O garoto Isaías não parecia compreender a importância daquelas palavras. Sua mente não conseguia assimilar o que estava em risco além dos arames farpados da vila. Por um átimo, Venâncio Galdino conseguiu ver todos seus problemas resolvidos, todos seus planejamentos futuros alinhados e consumados, viu sua vitória em cima do padeiro Salomão Azambuja confirmada e conseguiu até sentir o peso da patente de capitão em seu peito. Ele puxou o garoto pelo braço e o encarou.

– Eles encontraram outro sobrevivente? – a notícia veio como um soco no bucho e Venâncio tentava absorver o impacto.

O aceno do garoto foi o suficiente para que o pacificador começasse a correr pelas ruas do povoado. O peso dos anos de sedentarismo desapareceu sob a possibilidade de que o sobrevivente fosse um dos homens do delegado Callado, ou, se a Dama Sorte estivesse ao seu lado, encontraria o próprio.

O pacificador abriu a porta da casa da enfermeira como se estivesse adentrando o próprio lar e se deparou com sorrisos nos rostos de Graciliano Boaventura e Cândido Cordeiro. Venâncio puxava com força o ar para seus pulmões, desacostumados a tanto esforço. Madalena Fortunato estava ajoelhada, colocando compressas de água fria no cenho do estranho que estava deitado em seu sofá vermelho. A viúva se levantou e andou até Venâncio, que estava absorto em um mar de perguntas. Os cachos ruivos da enfermeira caíam sobre seus ombros como uma cachoeira revolta em chamas. Seu rosto, desenhado por sardas singelas e traços gentis, esboçava um sorriso otimista. Ela colocou as mãos sob os ombros do pacificador e um suspiro escapou por entre seus lábios. A enfermeira via nas profundas olheiras do pacificador as noites que ele havia perdido em claro.

- Jeremias Callado vive - ela disse.
Venâncio Galdino sorriu. Não um sorriso ensaiado, como outrora desfilava pelas ruas de Serendipidade.
Um sorriso honesto.
Sentia no ar cheiro de pão queimando.

III

as lembranças tristes de uma Madalena e o homem desmemoriado em seu sofá

Madalena estava perdida em memórias.

O auto de Madalena – Parte Um

As cortinas vermelhas se abrem. O Narrador, trajando um pijama listrado, azul e branco, está sentado em um banco, de pernas cruzadas, encarando o público com um sorriso vermelho pintado em seu rosto taciturno. Em seu nariz, uma bola vermelha.

Narrador
voz nasalada

Aproximem-se e contemplem a tristeza plena, essa da nossa heroína chamada Madalena.

Um feixe de luz vermelho à esquerda do Narrador se acende, revelando Madalena, que permanece estática feito um boneco de cera.

Narrador
voz nasalada

Havia surgido, no interior do sertão, um retirante de barba e cabelos longos chamado Agenor Conceição. Uma túnica roxa e velha era a sua farda, e assim nasceu a lenda do Salvaguarda.

Um feixe de luz verde à direita do Narrador se acende, revelando o Salvaguarda, que, assim como Madalena, permanece imóvel.

Narrador
voz nasalada

Filho de coronel e letrado, o Salvaguarda havia nascido em um berço dourado. Largou para trás os tesouros do mundo, pois Deus (*o Narrador olha para cima com as mãos unidas em prece*) lhe disse “livre a terra e os homens do dinheiro imundo”.

As duas luzes laterais se apagam, e no palco só se vê o Narrador, que pula de seu banco, deixando seu corpo estatelar-se no chão. Levanta-se apoiando em todos seus membros e começa a andar feito um felino.

Narrador
voz nasalada

Nasceu nos vales secos de um latifúndio abandonado, o Arraial dos Desabotinados, que prosperou sob as promessas de um salvador tocado pelo Sagrado. Quando a fama da liderança insurrecta, revolucionária e amotinadora de Agenor Conceição ultrapassou as fronteiras dos povoados vizinhos, Joaquim Martin Gonçalves, governador de Caron, escreveu uma carta aos coronéis de Serendipidade em que dizia: *resolvam isso sozinhos!*

A luz do Narrador se apaga e a escuridão reina no palco por alguns segundos. Três ribaltas se acendem e convergem-se em um segundo palco dentro do palco, onde dezenas de marionetes marcham ao ritmo de uma batida militar.

Narrador
voz nasalada

Os cinco coronéis chamaram seu exército para cruzar o deserto, e por dias o futuro dos homens de Serendipidade foi incerto. E aquele povo que não tinha nome nem terra partiu pela serra em direção à guerra.

As ribaltas se apagam e a luz vermelha volta a banhar Madalena, cujos trajés de enfermeira estavam sujos de sangue. Seus braços presos por cordas, feito uma marionete. Ao seu lado, um leito e um enfermo.

Narrador
voz nasalada

Madalena, a enfermaria é a tua arena, salvar garotos é a tua cena, e a morte ri ao teu lado feito hiena – que pena! Naquele que era o seu picadeiro, Madalena se viu obrigada a massagear o coração de Clementino Cordeiro.

As cordas presas aos braços e pernas e cabeça de Madalena se mexem ao tempo que a enfermeira assiste o paciente. Madalena levanta o coração pulsante de Clementino com uma de suas mãos.

Narrador
voz nasalada

O que os amotinadores pecavam em armamento e instrução, compensavam com furor, usando até as botas como munição.

A luz verde se acende novamente, revelando, desta vez, um dos homens do Salvaguarda. Ele veste trapos sujos de libré e seus pés estão descalços. Em sua mão direita um fuzil, na esquerda, uma botina velha e acabada.

Narrador
voz nasalada

Na guerra, ninguém é inocente; seja santo ou pecador, na pele vossa mercê sente. E no fim da guerra, em seu último ato, Madalena perdeu o marido, um cabra chamado Caetano Fortunato.

Todas as luzes se apagam, menos uma. O palco está agora vazio, e a única coisa que o público pode ver é um sofá vermelho iluminado por uma fraca luz branca.

A enfermeira havia visto sua cota de dor e sofrimento ao longo da vida, e, por consequência, poucas coisas faziam a viúva perder o sono. Mas nada se comparava ao homem deitado em seu sofá. Esse havia enfrentado o diabo em pessoa – uma das raras almas a sobreviver às atrocidades de Severino Um-Tiro.

Limpou a ferida do sobrevivente com água fervida e costurou a pele partida. Devido à longa exposição ao sol, a tez estava terrivelmente seca, o que dificultou a sutura. Lembrava muito seu falecido marido, ambos tinham bigodes espessos, queixos quadrados e uma certa aspereza airosa cobria suas figuras. Madalena entrava em sua oitava hora de plantão quando o estranho finalmente deu algum sinal de consciência. Murmurou algo inaudível, um suspiro abafado, mas a enfermeira podia jurar que ele suplicava *apague o fogo*. Apertou o pano molhado sobre o cenho do paciente, tentando combater a insolação que o consumia.

– Vamos, senhor delegado. Beba um pouco, vai te fazer bem – disse enquanto derramava água em sua boca.

Três meses atrás, a enfermeira se via em situação similar. Ela cuidava do enfermo Timóteo Delfino, tio do homem que agora estava desfalecido em seu sofá vermelho. Madalena amava o velho delegado como uma filha ama um pai. Sentavam-se os dois em sua varanda todos os sábados, compartilhando as lágrimas do passado, os problemas do presente e as recompensas que somente o futuro resguardava. Deleitava-se ao ouvir os contos de aventura e peripécias do velho, principalmente aquelas que envolviam Rute, mulher com quem ele dividiu uma vida. *O problema não é esperar pela minha vez de ir, Madalena. O problema são os sonhos enquanto se espera. Eles que atormentam a gente com uma felicidade que já se foi*, dizia o delegado Timóteo sobre a saudade que reinava em seu coração inquieto. Quando adoeceu, velho e solitário, a enfermeira foi a primeira a prestar-lhe socorro. Em seu leito de morte, revelou à ela e ao pacificador como gostaria que seu sobrinho Jeremias tomasse o seu posto na delegacia. Contou-lhes como sua alma transbordou de alegria quando finalmente,

após trinta anos sem pisar em Pequena Pasárgada, viu pela primeira vez seu sobrinho Jeremias, filho mais novo de sua irmã. Conhecia o garoto somente por garranchos trocados através de correspondências escassas – para se mandar ou receber cartas em Serendipidade era necessário viajar até Redenção e usar as caixas postais locais. Lágrimas nostálgicas irrigaram o coração do velho, que morreu sem ter a chance de conhecer as filhas de seu sobrinho. *O tempo parece não se importar com os planos de homens de gibão e chapéu de couro*, pensou Madalena ao enterrar o querido amigo.

– O delegado vai acordar, mãe?

Madalena virou assustada; era o alto da madrugada e ela não esperava companhia a essa hora. Sua filha Rosário coçava os olhos, vermelhos de sono, retirando as migalhas de sonhos que perduravam.

– O que é que a senhorita está fazendo acordada a essa hora?

A enfermeira carregou a pequena, que prontamente descansou o rosto em seu cachaço.

– Queria saber como está o delegado.

– Ele está desidratado e muito, muito cansado, querida. Não acho que ele vá acordar tão cedo – disse a enfermeira enquanto deitava a menina em sua cama. – A senhorita tem aula amanhã e não pode perder noites se preocupando com questões de adulto – beliscou carinhosamente o nariz da filha e fechou a porta do quarto.

A enfermeira acendeu o fogão a lenha – o café preto e sem açúcar a deixaria acordada caso o enfermo necessitasse de seus cuidados. O pacificador havia sugerido que o delegado fosse levado à casa do doutor Hubert von Stroheim, mas Madalena desaconselhou. O anacoreta era notório por sua bebedeira e suas mãos trêmulas podiam causar mais danos que benfeitorias. *Deus sabe como ele já errou antes*, pensou a enfermeira em um suspiro rancoroso. Saboreava o aroma da bebida quando uma óbvia, porém terrível, constatação atravessou sua mente: *o homem está só*. O que ela diria quando este acordasse? Se ele perguntasse sobre

o paradeiro de sua família, o que ela diria? E se perguntasse sobre Severino Um-Tiro? As perguntas foram se enfileirando como um rebanho de cabras, mas uma certeza era garantida: Jeremias Callado acordaria para uma realidade sem pudor. E por um momento, a enfermeira se permitiu acreditar que a escuridão na qual o homem se encontrava era na realidade uma bênção em disfarce. *Não há miséria pior que um pai cavando a cova do próprio filho*, pensou ao tempo que mirava o quarto de Isaías e Rosário. Deixou a bebida quente em cima da mesa, ajoelhou-se à beira do sofá e começou a rezar. Fumaça branca bailava em cima da xícara de café, uma dança singela e despercebida do acaso.

– Louvado seja o Senhor. Proteja este homem que sofreu a pior das perdas. Diminua sua dor, dê-lhe sua bênção misericordiosa e forças para suportar seus dias na terra.

– Onde estou? – uma voz grave como trovão rasgou o silêncio. Madalena, que não aguardava uma resposta tão imediata, levantou-se assustada.

– Está tudo bem, senhor delegado. O senhor está a salvo – assegurou a enfermeira enquanto servia-lhe um copo de água.

– Onde estou? – o homem não parava de examinar suas redondezas, mãos instintivamente procurando por algo em seu cinto.

– Calma, calma. Tudo será respondido. Beba um pouco de água.

Gotas transbordavam por seus lábios rachados em goles desesperados e mãos instáveis. O homem conseguiu sentir a água escorrendo por sua garganta, purificando o deserto que havia se arrastado para dentro dele. *Onde estou?*, perguntou entre goladas.

– O senhor está em minha residência. Meu nome é Madalena e eu sou uma enfermeira. Dois homens te encontraram no deserto, se lembra disso?

Madalena puxou as pálpebras do paciente com os polegares, procurando por sinais de concussão. Foi quando ela fitou pela primeira vez os olhos de jabuticaba; olhos expressivos, que carregavam em suas rugas anos de experiência, dor e sofrimento.

– Não.

Madalena segurou a mão do estranho, sentindo a pele áspera coçar sua palma macia. Tentava enrijecer os músculos do rosto, empenhada em conter a piedade evidente em seu semblante.

– O senhor não se lembra da sua caravana sendo atacada?

– Atacada?

Perguntas inundavam a mente do estrangeiro em enormes vagas de betume. Tentava compreender o mundo e a natureza das coisas, mas estava abandonado na escuridão.

– O que aconteceu? Quem me atacou?

– Calma, senhor delegado. Vosmecê tem um corte profundo na cabeça, perdeu sangue e está seriamente desidratado. É completamente normal se sentir um pouco desorientado. – A respiração do homem estava ficando irregular e ele começava a hiperventilar. – O importante agora é tentar manter a calma – apertou a mão do delegado e sentiu ele apertar de volta; uma criança com medo do escuro.

– Minha cabeça dói – a voz de sílabas estrondosas perdia progressivamente sua retumbância.

– O senhor provavelmente tem uma concussão. Pode sentir enjoos, tonturas e visão dupla. – A enfermeira molhou a compressa no balde, contorceu o excesso e apertou o pano frio na cabeça do delegado. – O que é que o senhor está sentindo?

O homem tentou responder, mas as palavras escapavam antes de chegar à língua. Os músculos relaxaram, as pálpebras pesaram e o cansaço o consumiu por completo.

– Tente ficar acordado só por mais alguns minutos, senhor Callado. O senhor pode me dizer seu nome completo? – Madalena o balançava, mas o homem havia se entregue à escuridão novamente.

A viúva levantou. Roía as unhas em nervosismo, perambulando de um lado para o outro. Já havia testemunhado rapazes morrerem por concussões no passado. Contentou-se com a ausência de vômito, sinal de que seu estado não

era dos mais severos. Madalena decidiu retornar à sua xícara de café; a noite seria longa e seu cansaço era maior ainda.

Lá fora, a garoa se tornou chuva.



Madalena acordou o delegado horas depois. Serviu ao homem uma xícara de café fervente, mas isso não parecia o incomodar; ele sequer grunhiu ao engolir a bebida. A vermelhidão em volta da íris havia diminuído e a enfermeira pôde ver nitidamente seus olhos de jabuticaba.

– O senhor se lembra do ataque?

– Não.

– O senhor não se lembra de como escapou de Severino Um-Tiro?

– Severino Um-Tiro? – repetiu o homem, como se ouvisse o nome pela primeira vez.

– Está tudo bem, mãe? – perguntou Isaías, o filho mais velho da enfermeira, ao sair de seu quarto.

Madalena olhou pela janela da sala. O céu estava colorido de magenta e as cristas das nuvens estavam torradas. A lua havia desfilado e ela nem havia notado.

– Céus, já é manhã? Isaías, faça favor, vá para o Recanto e veja se o velho Azambuja já tem pães prontos.

O jovem saiu correndo e a enfermeira voltou suas atenções ao paciente, que já havia bebido todo seu café. Compreendeu, então, como ele havia sobrevivido ao deserto de Caron: o calor fazia parte do homem. Madalena se agachou e pôs-se a examinar o paciente.

– O senhor não se lembra de nada do ataque?

– Me lembro do deserto – disse o homem, que encarava os olhos da enfermeira, que eram de um castanho tão vivo, que beiravam o vermelho.

- É comum haver algum tipo de perda de memória após uma pancada tão forte na cabeça. No seu caso, temos ainda que adicionar três dias perdidos debaixo desse solzão todo.

- Três dias?

- Três dias e três noites. Já considerávamos o senhor morto. Vosmecê não se lembra do resgate e não se lembra do ataque. Qual é a última lembrança que o senhor tem?

O homem mergulhou no breu, buscando por memórias afogadas.

EXT. [REDACTED] - *DIA*

[REDACTED]
Fumaça preta bailava [REDACTED]

[REDACTED]
[REDACTED] *as chamas tomavam conta da* [REDACTED]
[REDACTED]

Tentou levantar, mas seu [REDACTED]
[REDACTED]

Relampejos de lembranças se formavam na superfície, mas dissolviam-se nas águas turvas que o sufocavam.

Estava só em um abismo afótico.

- Não me lembro de nada.

- Como assim, *nada*?

- Me lembro do deserto vermelho. O resto é tudo preto.

IV medicando a perda

O remédio que o alemão Hubert von Stroheim encontrou para suportar suas noites em Serendipidade possuía um péssimo efeito colateral: um gosto terrível às suas manhãs.

Katergeschmack am Morgen.

Estava deitado na varanda do Bar do Nico quando o som da chuva, com seu tique-taque arrítmico, o acordou.

A cachaça perdia seu efeito. O frio apertava seus ossos. A mente pulsava. Tremeu.

O mundo era gloriosamente embaçado durante as horas da alvorada. A bruma da madrugada misturava-se à neblina destilada embaixo de seus olhos, brindando suas manhãs com um ar fantasmagórico, que revelava, nas penumbras, as verdadeiras faces das coisas. *Não há palavras mais honestas do que aquelas marinadas a álcool. Os bêbados, dizia o velho, cantam a canção da verdade. Em suas rimas não há censura, pestaneio ou medo de represália.* Não que von Stroheim perdesse noites preocupando-se com críticas alheias, mas admitia, no fundo de seu ser, que seu coração apertava um tanto quando ouvia *lá vai o anacoreta*. Obviamente não o tratavam pela alcunha diretamente. Não. Cochichavam o apelido entre cícios. Usavam as mãos para segurar os sussurros, antes que estes chegassem aos seus ouvidos, ignorantes ao fato de que não há nada que ressoe tão alto quanto os comentários feitos às costas de um pária.

Hubert cambaleava por entre os bancos da Praça Central quando finalmente tropeçou. Os objetos a sua frente bailavam de um lado para o outro, assim como o *Atticus* titubeava no mar revolto como se fosse um barco de papel.

O velho se entregou às folhas do passado.



As ondas castigavam
e a nau balançava.
O doutor praguejava,
contra o tempo lutava.
A mulher, amarrada,
berros de dor urrava.

Punhos em carne viva,
o bucho elevado.
Os seus dentes, cerrados,
havia algo errado.
Este era o seu fardo:
o bebê veio virado.

Ruhe, mein Schatz!
Disse o calmo doutor.
Ajeitou seus cabelos
e a beijou com ardor.
Uma vida em suas mãos;
suas mãos de curador.

A nau sacolejava.
Vagas, era só o que via.
Ela aos poucos mirrava
e a dor lhe corrompia.
Havia muito a fazer
e o tempo escorria.

Ich kann die beiden retten!
Ira digna de Prometeu.
Gib mir eine Chance!
Esbravejou o ateu.
As vagas serenaram
e a calma se deu.

Ich liebe dich, mein Schatz,
suspirou o doutor.
Eu também, meu amor,
disse Eleonore.
Aos sonhos da morfina,
a mulher se entregou.

A pele, Hubert cortou,
assim foi a operação.
O filho era uma filha,
nova vida em sua mão.
O bebê provou o ar
que doía seu pulmão.

Não respirou, não piscou.
Uma ferida a se fechar.
A linha cruzou a pele
que não parava de sangrar.
Ponto. Fechou a carne,
só restava esperar.

Dias depois, ela despertou,
filha linda, dever cumprido.
Os pontos doíam.
corpo todo moído,
mas era mãe, e ela sua filha,
o resto era ruído.

Qual será o nome dela?
perguntou admirando a vista.
Havia vencido Deus,
concluiu o homem niilista.
O mar verde os ninava,
Ihr name ist Maritza.



- Ihr name ist Maritza – resmungou o doutor, saliva e resto de vômito escorrendo por sua bochecha.

- Tua ressaca é em alemão, doutor Rubé? – disse Venâncio Galdino, que tinha o talento nato para que cada palavra deferida carregasse um certo grau de desaforo, mas nunca o bastante para instigar uma briga indesejada. *Coletar inimigos é ruim para a paz*, dizia o pacificador, que, mesmo assim, não conseguia conter seu ímpeto sarcástico.

O anacoreta levantou com certa dificuldade, havia passado a madrugada inteira na praça, entregue ao relento e ao descaso. A cabeça latejava e a garganta pedia mais uma dose.

- Vou ter que começar a te cobrar uma taxa adicional, doutor. O senhor dorme mais nestes bancos do que em sua própria cama. As crianças estão começando a chamar esse aqui de *Cama do Rubé*.

O pacificador tirou os óculos de aros d'ouro e limpou as lentes com um lenço de seda, mimos usados e repassados pelos coronéis. Hubert ignorou os ruídos que saíam da boca de Venâncio – um dos benefícios de ser um proscrito social. Atrás dos telhados de Serendipidade, o sol nascia, pintando o firmamento com pinceladas magentas.

Hubert encheu os pulmões com o ar frio da aurora.

- O doutor precisa urgentemente de um café.

- Um homem precisa é de paz no desjejum – respondeu com seu forte sotaque alemão.

O velho coçou o cavanhaque grisalho e pedaços de terra e poeira caíram sob seu colo. *Preciso, acima de tudo, de um banho*.

- Tua paz terá que esperar, doutor. Suas competências são requeridas na casa da viúva Fortunato.

Eis uma combinação de palavras que os ouvidos do doutor não escutavam há anos. Se Madalena Fortunato pedia sua assistência, era sinal de que algo muito errado havia ocorrido. Venâncio estendeu a mão ao doutor, mas nenhuma demão era necessária, o sangue do velho fervilhava em uma adrenalina curiosa.

Foi Isaías quem abriu a porta da casa dos Fortunato. Hubert sorriu para o garoto, que por timidez – ou ordem da mãe – evitou encarar as visitas nos olhos. O menino forte e ruivo veio ao mundo em suas mãos, naquela que seria sua quinta e última operação de cesárea. Compreendia a raiva de Madalena – todo aquele sangue, todos aqueles erros – mas como Hubert gostaria de ter tido uma presença maior na vida do garoto.

Sentado no sofá da sala da enfermeira, o doutor encontrou um estranho de traços agudos e bigode austero. Tratava-se de um homem alto; mesmo sentado, suas pernas pareciam longos paus de sebo. Madalena estava ao lado do estrangeiro, em pé, de braços tão cruzados quanto sua paciência. Lançava olhares de desprezo na direção do doutor von Stroheim, que, por sua vez, já aguardava tal calorosa recepção. O desdém da viúva, no entanto, teria que esperar, o homem sentado em seu sofá era inexoravelmente mais intrigante. Sem pedir permissões, pois não as teria de qualquer jeito, Hubert arrastou uma das cadeiras e sentou-se em frente ao estranho.

– Olá, eu sou Hubert von Stroheim. O senhor deve ser o grande delegado Callado – disse o doutor ao examinar os pontos costurados pela enfermeira.

– É o que vosmecês ficam dizendo.

– Ele não se lembra das coisas. O senhor pacificador não te disse? – disse Madalena irritadiça.

– Perda de memória é algo raro, que só acontece em novelas baratas. As lembranças estão aí dentro, mas o senhor deve estar as bloqueando por algum motivo. A sutura malfeita atrapalha diagnosticar o que poderia ter causado tal corte, mas pela aparência eu diria... uma bala.

- Ele levou um tiro na cabeça? – perguntou Venâncio Galdino.
- De raspão, mas é o que parece.

Era um homem duro, o paciente em sua frente. Sobreviver ao sertão de Caron não era tarefa fácil, não menos ainda com um buraco de bala na cabeça.

- Eu levei um tiro? De quem?
- Essa é a pergunta, não?

- Pera, pera, pera, pera. Eu não entendo. O delegado está falando normalmente com a gente. Como é que ele não esqueceu o português? – perguntou Venâncio, que temia que aquelas sequelas impedissem o delegado de exercer suas tarefas como homem da lei em seu povoado.

- O cérebro humano é algo realmente fascinante, senhor pacificador. Como compreender algo que é, em resumo, a nossa própria essência? Se há um Deus a ser desvendado, ele reside aqui dentro – disse Hubert, apontando seu dedo esquelético em direção à testa do sobrevivente. – Acredita-se que certas partes do cérebro são responsáveis por distintas funções; uma controla as funções motoras, outra as emoções, outra a dor – *conheço bem um medicamento que anestesia essa parte do cérebro*, pensou. – Presumo que nosso bom delegado aqui esteja com algum tipo de bloqueio que afeta o setor responsável pela memória de longo prazo. Eu acredito que as memórias hão de voltar gradualmente.

O sobrevivente ouvia com atenção; cada palavra suspirada ao ar era o prefácio de um novo mundo a ser desbravado. Acariciava um pingente dourado preso ao colar em seu pescoço enquanto os outros debatiam sobre sua situação.

- O que é isso com que o senhor brinca? – perguntou Hubert.
- Isso? – perguntou ao examinar o objeto. – Não sei.

- Vosmecê não escutou o que o delegado acabou de dizer? Ele não se lembra das coisas, doutor – Madalena enfatizou a última palavra em tom irônico.

- Hubert ignorou a represália da viúva Fortunato e se aproximou do delegado.
- Eu conheço isso aqui. Esse é um daqueles colares duplos em que se divide

o pingente ao meio. Juntando-os eles formam uma nova imagem – sorriu Hubert.
– Agora, com quem estará a outra metade?

– Seu velho tolo – O desdém no rosto de Madalena havia se transmutado em algo pior. Ela abandonou todas as convenções sociais e sentou-se ao lado do estranho, que ainda segurava o pingente em suas mãos.

– Delegado Callado, o senhor estava vindo para Serendipidade quando sua caravana foi atacada por um criminoso chamado Severino Um-Tiro. Isso foi há três dias.

– A senhora disse.

– É, mas o que eu queria dizer é... o senhor não estava sozinho quando sua caravana foi atacada.

– Não?

O homem não compreendia o desamparo que havia se alastrado pelo semblante da enfermeira, que encarava seu rosto inexpressivo: um espelho na escuridão, sem motivo para ser ou existir.

– Não. O senhor estava em uma comitiva com mais de dez pessoas, entre elas... – a voz de Madalena falhou – entre elas, sua esposa e filhas.

Os rostos fúnebres que o cercavam ganharam um sentido. Uma estranha vaga de sentimentos conflitantes colidiu-se sobre o seu ser. Não tinha pincel para traçar sua dor, pintada a carvão em uma tela preta. Sabia o que era a morte e o fim que ela significava, mas sem rostos ou lembranças para lamentar, a morte era só uma palavra. Uma ideia.

– Filhas?

– Três, três filhas.

Hubert von Stroheim abriu a boca, mas viu-se mudo. Acostumado à eloquência e a uma oratória articulada, o velho alemão sabia que diante daquela dor, palavras suspiradas ao ar seriam nada mais que placebos. *Certos cortes são tão afiados, que matam sem matar.* E assim, o motivo pelo bloqueio do homem se tornou óbvio. *A mente está se protegendo das lembranças.*

O homem apertou o pingente em volta da mão.

Sentiu a pele rasgar.

Ele não passava de um espectador ignorante tendo a história de sua vida narrada por estranhos. Algo podre e nefasto, que, até então, encontrava-se latente, começou a corromper suas entranhas. O ar engrossou e respirar exigiu mais força de seus pulmões. Os pelos de seu corpo eriçaram, como se a carne, em um resguardo instintivo, percebesse os perigos do mundo que o cercava.

– Eu preciso achá-las – disse o estrangeiro a ninguém em particular.

– Perdão? – perguntou Venâncio.

– Eu preciso encontrar minha família.

– Eu não acho aconselhável que o senhor volte para debaixo desse sol quente, delegado Callado. O senhor não está em condição alguma para aguentar tal tarefa – disse Venâncio Galdino com uma anômala preocupação.

– Eu não estava pedindo autorização.

– Calma, calma, meu caro jovem – o velho doutor tentava amenizar a tempestade que fluía pelos olhos de jabuticaba. – Se o senhor quer sair para procurar sua família, tenho certeza que ninguém em nossa bela Serendipidade irá se opor. Acredito que o senhor Galdino apenas sugeriu que nós devemos exercer um pouco de cautela em nossas ações de agora em diante.

– Vosmecês estão me dizendo que eu tenho uma esposa e três filhas que estão apodrecendo lá fora e vosmecês pedem que eu fique aqui parado de braços cruzados. – Tudo que o homem tinha naquele mundo era aquela raiva que fluía por seu corpo, tão misturada ao seu sangue que era difícil dizer onde um começava e o outro terminava.

– Delegado Callado, tente compreender a situação. O senhor está fraco demais no momento, o deserto de Caron é um lugar extremamente hostil – disse o pacificador.

– Irei sozinho se for preciso, senhor.

O homem deixou a xícara de café em cima da mesa e partiu em direção à porta, mas a enfermeira Fortunato foi mais rápida.

– Delegado Callado, por favor, tenha calma. Espere alguns dias até vosmecê ficar um pouco mais forte. Eu compreendo o que o senhor está sentindo...

– Compreende? – interrompeu o homem. – Compreende mesmo? Neste momento, eu não sei dizer o que é que dói mais: o fato de eu saber que eu tenho uma mulher e filhas que foram assassinadas por esse tal de Severino, ou o fato de que eu não consigo chorar por suas mortes porque eu sequer lembro os rostos delas. Ou nomes! Eu preciso encontrá-las. É tudo que eu tenho no momento.

– Vejo que não há como mudar sua mente, permitame apenas sugerir isso: que o senhor vá acompanhado. Um dos homens que te achou é alferes da delegacia, um bom homem. Aposto que se passarmos no Bar do Nico encontraremos um bando que estaria disposto a assisti-lo na missão de encontrar sua família – explicou Venâncio Galdino.

– Além do mais, meu caro delegado, o solo lá fora é árido e duro feito aço, não conseguirás cavar uma cova sozinho, quem dirá quatro. Na companhia de uma confraria o senhor pode levar uma charrete para trazer os corpos de volta ao povoado. Tenho certeza que o nosso digníssimo pacificador arqueará com os custos para que sua família seja enterrada no belíssimo cemitério Taperoá – disse Hubert.

– Claro – respondeu Venâncio, escondendo, ao melhor de sua competência, sua aversão pelo anacoreta naquele momento.

Prover um enterro digno aos rostos esquecidos acalmou o espírito do homem. Além do mais, assim que a raiva assentou, ele percebeu que não tinha a menor noção de onde começar a procurar pelo local do ataque.

– Tudo bem – disse.

– Ótimo – sorriu o doutor. – Agora, alguém falou algo sobre o Bar do Nico? Estou mais seco que gafanhoto em chapa quente.

V a confraria

Nicolau Octávio Damasceno de Oliveira Alvarenga, ou simplesmente Nico, como preferia ser chamado, considerava-se, acima de tudo, um homem de negócios. Se a tesouraria levantasse um censo financeiro, descobriria que o barista era o cidadão sem patente mais rico do vilarejo – um feito extraordinário, considerando suas humildes origens na rua Paiva. Desde o berço, tudo em sua vida possuía uma etiqueta de preço; das amizades ao casamento, tudo podia ser mensurado em capital e juros. Era um empreendedor nato. Inovou seu negócio com a implementação de uma sala de jogos de baralho e dominó, cobrava extra por bebidas em frascos extravagantes, mesmo que estas estivessem cheias de pinga barata, e criou a quinta dupla, na qual se pagava metade pelas bebidas e o prato do dia era vendido com um desconto de vinte e cinco por cento – preços estes que ainda geravam lucro mesmo após os abatimentos.

Nico limpava o balcão sujo, seus clientes eram caipiras brutos e achavascados que não perdiam tempo matutando sobre etiqueta ou higiene. Passavam as tardes em seu *risca-faca* bebendo além da conta e discutindo sobre estercos e pistolas, quando não arengavam com navalhas, peixeiras e facões. Faustino, o caçula do coronel Leôncio Baluarte, o assistia na limpeza e arrumação do bar, que se encontrava fechado até o começo do expediente do almoço. Nico não gostava do garoto, costurado na pior qualidade de tecido: mimado e displicente com o horário e a labuta, mas, em contrapartida, seu pai era o homem mais poderoso da cidade e queria que o filho aprendesse as responsabilidades do trabalho braçal. Interessado em estabelecer uma aliança com a mais rica família de Serendipidade, Nico fechou um acordo de homem com o coronel Leôncio: empregaria o garoto em troca da exclusividade de venda de aguardente no Dia

do Tenório. Anualmente, no aniversário do coronel de bandeiras, uma grande festança era montada. As varandas das casas eram decoradas e a Praça Central era toda enfeitada com bandeirolas e flores das mais diversas cores. Bandas se reuniam para o deleite do público, o ar cheirava ao sabor de leitões e cabras assadas, o firmamento ganhava novas estrelas nas formas de balões e Nico vendia licor aos galões. A contratação do menino Faustino trouxe inúmeros benefícios, isso não podia ser negado, mas nem todo dinheiro do mundo faria o barista apreciar a sua companhia.

Venâncio Galdino, o doutor Hubert e um homem que Nico nunca havia visto antes passaram pela porta da taberna – todos traziam consigo olhares apreensivos e ombros curvados.

– Doutor Rubé, não esperava vê-lo aqui tão cedo. Deixei vosmecê escorado na varanda não tem seis horas – disse Nico.

– Bem, meu estimado senhor Alvarenga, o homem pode controlar muitas coisas neste mundo, mas sua sede não é uma dessas coisas – respondeu o doutor ao sentar no banco diretamente em frente ao dono do bar.

– Antes de atender aos vícios do velho doutor, nós viemos atrás do alferes Boaventura – disse o pacificador.

– Estamos terminando de limpar o bar, senhor pacificador. Como o senhor pode ver, eu e o garoto Baluarte somos os únicos aqui. – Nico jogou o lenço sujo em cima do ombro e encarou o velho Hubert. – Então, qual vai ser o veneno do dia, doutor?

O anacoreta examinou a estante repleta dos mais variados tipos de bebidas: licor, *bourbon*, pinga, uísque, tequila, absinto, gin, rum, vodca, vinho; sentia-se uma criança em frente a uma casa de tortas.

– Paris, Moscou, Cidade do México, Amsterdã e Atenas. És um homem de sorte, meu caro senhor Alvarenga, tens o mundo em uma prateleira – somente ao velho ébrio era permitido a honra de tratar Nico por seu nome cristão. A última pessoa que tentou teve seu dedo removido a facção. – Uma russa seria ótima.

– Quem é o estranho? – perguntou Nico enquanto servia uma dose de vodca ao seu mais devoto cliente.

– Ele é o motivo por trás de nossa visita. Este é o delegado Callado.

O estranho, que até então não passava disso, um estranho qualquer, roubou a atenção do barista, que desatentadamente servia vodca em um copo que já transbordava. A imagem que havia criado do sobrinho de Timóteo Delfino era de um almofadinha apumado, de cabelos engomados e barba feita. Mas o homem que permanecia silencioso em seu canto era tudo menos isso. Parecia ser talhado em casca de bala.

– Cuidado, senhor Alvarenga. É um sacrilégio desperdiçar bebida deste modo – protestou Hubert, limpando o balcão com os dedos e sugando-os imediatamente.

– Desculpe.

Nico não podia acreditar no que seus olhos teimavam em assimilar como realidade. Acostumado a adentrar noites armando brigas de galo, o barista sabia que a melhor forma de ganhar era apostando no galo mais violento, e, por isso, nunca teria depositado seus tostões na sobrevivência do delegado.

– O delegado sofre de um bloqueio de memória – disse o doutor, batendo a ponta dos dedos na borda do copo, pedindo mais uma dose.

– Ele perdeu a memória?

– Eu não diria isso. Eu acredito que a mente do nosso bom delegado aqui está se protegendo dos eventos que ocorreram no deserto de Caron, como um tatu fechando em volta de si mesmo.

– Independente do que vosmecê chama, – interrompeu Venâncio, que se via cada vez mais impaciente com toda aquela situação – nós precisamos conversar com o alferes Boaventura e o filho do coronel Eusébio. O delegado demanda retornar ao local do ataque e recolher os corpos de sua família.

O homem acariciava o pingente preso ao seu pescoço. Sua dor não tinha sabor ou cor, insípida feito o ar que o circundava. Tudo que conseguia pensar era

nos corpos de sua família a apodrecer sobre o deserto seco; figuras anamórficas, sem tamanho, sem roupa, sem nome, sem passado.

– Desculpe, senhor pacificador, mas nenhum dos dois passou aqui hoje. Posso te servir algo, companheiro? É por conta da casa.

– Não, obrigado.

– Qual é o seu nome mesmo? – perguntou Nico.

O homem abriu a boca e o nome quase saiu. Um reflexo involuntário e manhoso coçava a verdade sem se revelar. Era um estranho de si mesmo.

– O nome dele é Jeremias – respondeu o pacificador. – Faustino, faça-me o favor de chamar o alferes Boaventura.

O garoto de dezessete anos roía suas unhas enquanto escutava a conversa alheia. Logo acima do canto esquerdo de sua boca, no entre lugar do lábio e da bochecha, uma pequena cova insolente revelava todos os mimos e paparicos recebidos de sua finada mãe. Um mero dobrar de carne que fazia os nervos de Venâncio se contorcerem em um nó.

– Não sou seu mensageiro – disse Faustino antes de cuspir o naco de unha pelo canto de sua boca.

Uma tremedeira invocada se deu nas tripas de Venâncio, que conteve seu ímpeto antes que ele se materializasse em algo que ele se arrependesse. Caso fosse outro, faria dele exemplo, mas o ser em sua frente era filho do coronel Leôncio Baluarte, patriarca do brasão mais respeitado de Serendipidade. Hubert von Stroheim descansou o copo vazio de vodca no balcão e andou em direção ao garoto – não compartilhava das mesmas prudências que o pacificador.

– Olhe aqui, seu moleque ingrato – o velho arrastava Faustino pelos cabelos. – Tirei vosmecê e seu irmão de dentro da senhora sua mãe. Vá correndo e traga tanto o alferes Boaventura como o senhor Cândido Cordeiro. Vá, corra!

Hubert enxotou o garoto Baluarte pela porta do bar como se fosse um pestilento cão de rua. Faustino saiu correndo; não era tolo de reivindicar as

ameaças do doutor, um dos poucos homens que seu pai admirava.

– Agora, que tal uma mexicana para saciar essa sede, senhor Alvarenga?



Minutos depois, o garoto Baluarte regressou com o alferes Boaventura e Cândido Cordeiro. A dupla ficou feliz ao ver que o homem que eles haviam resgatado estava se recuperando bem. O doutor explicou a situação clínica do delegado, o que quase levou Cândido às lágrimas. Até o seco Graciliano Boaventura se viu comovido com as atribulações do sobrevivente. *Roubaram-lhe até a alma*, pensou o cacto humano. Enquanto debatiam a logística da empreitada que seria o resgate, o movimento do Bar do Nico foi se intensificando, e em menos de meia hora, os homens já se viam forçados a gritar para serem ouvidos.

– Olhe só quem vem aí. – Cândido apontou seu dedo de salsicha para um homem de cabelos ruivos, alto e com uma barba oxidada que começava a encanecer.

– Bom dia, cambada. Senhor pacificador – saudou com seu sotaque gaúcho.

Os homens, com exceção do delegado, responderam em uníssono. O velho Hubert, que já estava calibrado com vodca, percebeu o rosto confuso do sobrevivente, mas foi interrompido antes que pudesse apresentar o subdelegado.

– Esse deve ser o delegado Callado – disse Aloísio ao sentar-se à mesa. – A vila inteira está comentando sobre como vosmecê sobreviveu ao ataque de Severino Um-Tiro.

– Como, em nome do meu bom Deus, vosmecê sabe sobre Jeremias Callado?

– Notícias como essa se espalham mais rápido que gonorreia em puteiro.

– Aloísio deu três leves tapas no ombro de Cândido Cordeiro, denunciando o boca mole.

– Céus, homem. Vosmecê mal saiu de nossa vista por três segundos – protestou o pacificador, espantado com a matraca do gordo.

– Receio que nosso amigo aqui fala mais que a preta do leite. Ou que as donas Matilde e Siqueira ... juntas – disse o gaúcho.

Todos compartilharam um riso jocosos, menos o sobrevivente e o calado alferes Boaventura.

– Aloísio. Aloísio Serafim – disse estendendo a mão.

– Aloísio era o homem de confiança do seu tio Timóteo – apresentou Venâncio Galdino.

– A palavra na rua é que o senhor pretende voltar ao deserto de Caron e resgatar os corpos de sua família – disse o gaúcho enquanto coçava sua barba hirsuta.

Venâncio Galdino lançou um ar desaprovador em direção ao gordo. Hubert não conseguiu conter o riso embriagado, surpreso com o nível de detalhes das fofocas do jovem Cordeiro.

– Sim. Eu vou sair e encontrar minha família – disse o homem, deixando claro que aquilo não se tratava de um debate.

– Eu gostaria de ajudar – disse Aloísio, encarando o sobrinho do velho Timóteo.

O pacificador concordou com um sorriso satisfeito. O subdelegado traria à missão um profissionalismo que Venâncio Galdino simplesmente não depositava nas mãos do alferes Boaventura e do gordo Cândido.

VI

o gaúcho, o cantor e o calado

A roda da carroça, feita de madeira pobre e carcomida pelo tempo, rangia sem parar. Aloísio Serafim sugeriu que saíssem após a sesta; o sol estaria menos intenso e daria tempo para que o delegado recuperasse um pouco de suas forças. Encontrar o local do ataque seria uma empreitada árdua, sem muitas garantias de sucesso. A confraria levava provisões que podiam durar por dias, além de munição para caso esbarrassem com Severino Um-Tiro ou qualquer outro problema. O delegado, sentado no lado do passageiro da carroça, observava o terreno seco e rachado que vagorosamente passava por debaixo do veículo, conduzido por Cândido Cordeiro e sua mula Meumô. A mais velha lembrança que tinha era de vagar por este mesmo deserto. E cá estava ele de novo, na companhia de outros, sim, mas nada havia mudado. Uma imensa cratera abriu-se em seu âmago, escoando tudo aquilo que um dia fora. Quando não era assombrado pela treva que era o esquecimento, se afogava nas únicas recordações que tinha: o vermelho implacável.

Na frente, procurando por rastros e vestígios do ataque, seguiam a cavalo, Graciliano Boaventura e Aloísio Serafim. O gaúcho usava um chapéu de feltro branco, seu tradicional lenço azul amarrado no pescoço e folgadas bombachas. Alferes Boaventura conduziu a confraria ao local onde havia encontrado o delegado. Rastros de bota vinham do sul, indicando que a caravana que trazia Jeremias Callado e sua família havia tomado a rota do Arraial dos Desabotados. Serafim conhecia bem aquele naco de terra desdenhado por Deus. Lá enterrou amigos e conheceu a profundidade da fúria dos homens.

A tapeçaria das estrelas se desenrolou pelo céu e os homens não haviam trocado muitas palavras desde que deixaram Serendipidade atrás do horizonte.

Cândido Cordeiro se pegou em diversos momentos com uma canção nos lábios, mas manteve-se mudo – *afinal, trata-se de uma empreitada fúnebre*. O subdelegado Serafim montou a fogueira, o alferes Boaventura preparou a boia, o gordo deu de beber a Meumô, e o estrangeiro pôs-se a estender as esteiras de palha pelo chão duro. Os colegas protestaram, disseram que nenhuma ajuda era precisa, mas o homem desobedeceu. Qualquer distração era bem quista, até a mais banal. Não tinha lembranças e nem ideias e nem aspirações e nem sonhos para o entreter, então contentava-se com qualquer tarefa.

Sentaram-se os quatro ao redor da fogueira, compartilhando a janta, o calor e o silêncio. Mas aquela discricção só perpetuava o eco mudo que reverberava no cerne do homem de olhos jabuticaba.

– Me contem sobre esse Severino.

Os companheiros trocaram olhares de esguelha, incertos de como proceder após tal demanda.

– Ele matou minha família, não acho que há nada que vosmecês possam falar que possa piorar a situação.

As fracas chamas alumiam discretamente os rostos da confraria, mas pouco lume era necessário para perceber o temor que se alastrava pelos semblantes das pessoas quando o assunto era Severino Um-Tiro.

– Ele é um bandido sórdido, delegado, da pior qualidade de homem que há. Um cabra desalmado. – Por não ter coragem de encarar o sobrevivente nos olhos, Cândido fitava as chamas a crepitar. – Tem uma cambada de gente em Serendipidade que acha que Severino desceu até os cafundós do Judas e lá encontrou o Coisa Ruim. Fizeram um pacto, por isso ele nunca erra o alvo – disse o gordo, ignorante ao suspiro desdenhoso do alferes Boaventura.

– Lendas à parte, patrão, a verdade é que as notícias chegam a passos de jabuti em Serendipidade. A última informação que sabemos é que há seis meses ele matou pra mais de quinze pessoas em Guadalupe. Ele não costuma deixar

testemunhas por onde passa. Nós só ficamos sabendo que sua caravana foi atacada pois um de seus homens encontrou seu caminho até Serendipidade e antes de morrer ele nos alertou sobre Severino Um-Tiro – disse Aloísio.

– E como é que um homem assim não está preso? Ou morto?

– Ele cavalga com muitos homens, patrão – o subdelegado já não via mais razões para protelar a realidade. – Um bandido que só almeja a discórdia.

– Como a Bíblia diz: *o homem bom do seu bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau de seu mau tesouro tira coisas más* – disse o gordo.

Alferes Boaventura observava a tudo com lábios selados e olhos atentos.

– E por que ele me atacou? Fiz algo contra ele?

– Não que a gente saiba – respondeu o gaúcho, procurando confirmação nos olhos dos companheiros.

– É que Severino Um-Tiro tem algo contra a ordem, senhor delegado. Principalmente contra delegados – disse Cândido. – Seus ataques são planejados e cruéis. Ele cerca as cidades, não sem antes mandar uma carta de visita: o corpo de algum agente da lei – a voz do gordo ia mirrando enquanto perpetuava as histórias que o povo contava na calada da noite. Verdades e mentiras iam se entrelaçando entre as notícias que chegavam por cartas enviadas à Redenção ou pelos esporádicos viajantes errantes que passavam pelo vilarejo. – Ele entra, violenta quem ele quer violentar, mata quem lhe der no juízo e conflagra a cidade. Ele adora matar delegados e homens da lei, por isso alguns o chamam de Matador de Estrelas.

– Cândido...vosmecê é a definição viva de quem conta um conto, aumenta um ponto. A verdade é que sabemos muito pouco sobre o homem. O senhor é o primeiro, que eu saiba, a vê-lo de perto e sobreviver. A Dama Sorte sorriu para o senhor.

O subdelegado Aloísio Serafim era um tiro certeiro, conhecido por poder acertar com um único disparo de sua Rouba-Primaveras uma moeda lançada ao ar. Mas, naquele momento, ele errou o alvo. *Verdade, sou um homem de sorte*, disse o homem ao alisar o pingente preso ao seu colar. Não recordava as idades

das filhas ou a cor do cabelo da esposa. Os momentos tristes e felizes eram os mesmos, um negrume enfadonho.

Um homem de sorte.

O delegado se afastou do grupo, sentia-se suficientemente melancólico por si só e não precisava dos olhares de compaixão dos companheiros. O alferes Boventura, que até então exercia seu melhor talento, rompeu o silêncio:

– Gordo, cante.

– Não acho que seja apropriado – retrucou Cândido.

– Cante algo apropriado.

O gordo puxou sua velha gaita do bolso e assoprou o pequeno objeto metálico. Suaves e melancólicas notas reverberaram pelo acampamento.

♪ *Nos bosques, além da pradaria,
ela espera por minha chegada.
Dez anos em guerra, ó, como desejo minha amada.
Nos bosques, além da pradaria,
ela canta serenas melodias.
Dez anos em guerra, ó, sinto tua falta todos os dias.* ♪

O homem escutava a canção na distância; a primeira música a embalar sua nova vida. O deserto se estendia a sua frente, uma amantessidão banhada de azul pela luz da lua. Vagalumes flutuavam ao léu, mesclando-se com as estrelas que residiam logo acima do horizonte. Sua respiração quente, o ar frio do anoitecer, a fumaça branca suspirada ao ar – como podia aquele cenário tão aprazível e belo ser o mesmo que o assombrava com vermelhidão? Como podia aquele deserto ter duas faces tão destoantes?

♪ *Sua pele perfumada a camélias, seus olhos de oliva.
Sua risada morna em minha mente ainda está viva.
Voltarei pra vosmecê, querida Sofia.*

*Voltarei pra vosmecê, querida Sofia.
Que os dias sejam mais rápidos que a saudade,
pois esse coração por vosmecê ainda arde. ♪*

O sobrevivente só retornou ao acampamento quando o silêncio reinava pela noite estrelada. Graciliano Boaventura, que estava de vigia, se protegia do frio bebendo café quente e cobrindo-se com o poncho colorido do amigo.

– Qual é o seu nome, companheiro? – perguntou o sobrevivente ao se deitar.

– Graciliano Boaventura.

– Aprecio o seu silêncio, Graciliano Boaventura – disse antes de fechar os olhos e dormir.

EXT. CAMPO DOS [REDACTED] – NOITE

TELA PRETA. SILÊNCIO.

*Close de botas de couro andando por fileiras [REDACTED]
putrificadas pelas ações do tempo. Os rostos dos desfalecidos estão cobertos por [REDACTED]
[REDACTED] Os passos do homem são vagarosos, incertos.*

SOM DAS ESPORAS A ANDAR.

SILÊNCIO.

Close da barriga de um dos corpos mortos. Algo começa a se mexer por debaixo da pele.

*Close mais próximo ainda. A pele rasga, [REDACTED]
[REDACTED] o couro humano. Uma coruja, de penas consumidas por fogo, sai de dentro da ferida.*

Plano aberto do [REDACTED], o homem está no centro [REDACTED]

A câmera se aproxima do rosto do homem em uma velocidade espetacular. Vemos a coruja pegando fogo nos reflexos dos olhos de jabuticaba.

Apague o fogo!

Graciliano Boaventura sabia que ao norte, léguas atrás do horizonte, encontraria Redenção, uma cidade diferente a tudo que lhe era sagrado – grande, barulhenta, suja, movimentada e repleta de homens que andam pelas ruas de terno e gravata. Somente quatro pessoas em Serendipidade usavam tais indumentárias no dia a dia: o coronel Leôncio Baluarte, e sua coleção de gravatas vermelhas, o advogado Requião Cruz, o pacificador Venâncio Galdino e o juiz Odorico Alexandrino Baluarte. *Homens que se preocupam demais admirando os brilhos de seus próprios olhos não enxergam a beleza das estrelas*, pensou o alferes ao admirar a plenitude do mundo a dormir. Mas não eram os ratos e piolhos da movimentada Redenção que interrompiam a paz do cacto humano; ele sabia que ali por perto, entre a cidade e o vilarejo que chamava de lar, no meio daquele deserto agreste, estava Severino Um-Tiro e seu bando de jagunços.

As horas de vigia seriam longas e monótonas, então Boaventura decidiu passar o tempo planejando a reforma que pretendia fazer em sua casa. Aumentaria a largura da varanda em um metro e meio, criando espaço para uma mesa de jogos, onde passaria as tardes jogando dominó com Cândido, Aloísio e Radamés Valadares. Construiria também uma janela na lateral da sala para que Marilda pudesse tricotar banhada ao sol morno das tardes de leseira.

– Apague o fogo! – berrou o delegado, pondo um fim aos devaneios do alferes Boaventura.

Aloísio acordou em um pulo, sacando sua Rouba-Primaveras e examinando suas redondezas.

– Que se passa? – remela saía pelos cantos dos olhos arregalados de Cândido Cordeiro.

– O senhor lembrou de algo, patrão?

– Fogo. Eu vi fogo – ele sentia o ardor das chamas nas cicatrizes espalhadas por seu corpo.

– Calma. Sente-se e beba um pouco de água, patrão – disse Aloísio entregando seu cantil de couro. – O que foi que o senhor viu exatamente?

– Fogo, chamas vermelhas e intensas. Gritos de socorro, mas não consegui ver quem gritava. O calor era intenso e eu ainda consigo sentir o cheiro forte...

– Cheiro de quê? – perguntou Cândido.

– Cheiro de carne queimando.

Atônitos, os integrantes da confraria se entreolharam, procurando com a visão aquilo que a boca não conseguia articular. Encontravam-se constantemente em uma escassez de palavras na presença do delegado, que se deitou novamente, na tentativa de mitigar os nervos. Ficou ali, no chão, desamparado pelo passado, abandonado pelo presente, mirando o céu e contando estrelas. O homem não ousaria fechar os olhos tão cedo. Cândido encarou o delegado por algum tempo, preocupado com o estado mental daquela figura perdida. O gordo ajeitou o alforje embaixo da cabeça e usou-o como travesseiro. Achou a posição mais confortável e permitiu-se mais um devaneio antes de se entregar ao sono.

Não haverá canção alegre no fim dessa jornada.



Tímidos raios da aurora começavam a surgir e os homens se preparavam para mais um dia de caminhada. Aterrorizado com os segredos que os sonhos podiam guardar, o delegado passou a noite em claro, se familiarizando com as

estrelas e sentindo-se pequeno diante de sua grandeza minúscula. O sol traria consigo o vermelho que mataria, mesmo que momentaneamente, as suas amigas celestiais. Os pontos cintilantes sumiriam, dando espaço para que o sertão mostrasse sua verdadeira face impiedosa. Mas, por enquanto, ele era um com as estrelas.

Graciliano Boaventura liderava a confraria, seguido pela carroça que trazia Cândido e o delegado, e, por último, vinha Aloísio Serafim. O gaúcho havia perdido seu ar gracioso, os olhos se afundaram em olheiras e os ombros arriaram. Não estava acostumado a lidar com desacertos de alvos, e o comentário feito ao delegado na noite anterior ainda perturbava sua paz.

O dia em que Aloísio Serafim virou homem

*O tempo dobra tudo, essa é a verdade,
até touro bravo fica manso com a idade.*

*Quando adolescente, Aloísio Serafim não aceitava disparate,
herança de sua mãe, e seu temperamento Alfaiate.*

*Do pai, herdou os músculos dos Farrapos,
deixando os oponentes em verdadeiros trapos.*

*Pouco era preciso para fazê-lo levantar os músculos em combate,
Não tinha medo de ninguém, nem mesmo de Odorico Alexandrino Baluarte.*

*O filho do Gravata Vermelha o chamou de Cenourinha,
já que cabelos vermelhos Aloísio Serafim tinha.*

*“Briga! Briga!”, gritaram seus colegas nervosos,
sangue iria voar, alguém iria tombar - estavam todos ansiosos.*

A notícia logo chegou aos ouvidos do delegado Timóteo Delfino,

*que puxou para uma conversa o menino.
O velho delegado o levou para a fazenda Baluarte,
onde uma pobre negra escrava tinha sua pele tirada a parte.
O chicote voava e rasgava o couro,
“Escute bem,” disse o delegado “pois esse conselho vale ouro:*

*Veja como eles tratam essa pobre escrava,
veja o que o velho Baluarte faz a alguém que o desagrava.
Essa escrava vale dinheiro, algo que o Gravata Vermelha mais quer,
agora imagine o que ele faria a vosmecê, um menino qualquer.
Os velhos vão te falar que homem arrojado não leva desaforo pra casa.
Isso é mentira. Não há nada de valente em uma vida que com coragem se desfaça.”*

Desde aquela conversa, Aloísio adotou o velho Timóteo como um segundo pai; e o delegado, em troca, tomou o garoto como pupilo. Sob sua confiança, Serafim aprendeu a atirar direito, familiarizou-se com os assuntos da delegacia e tornou-se membro respeitado pela comunidade. Quando já era de idade, foi promovido a subdelegado, mesmo com a pressão política de Leôncio Baluarte, que queria ver a insígnia no peito de Libertino Valente. Aloísio perdeu incontáveis noites ponderando sobre o que seria de sua vida caso o delegado não tivesse intervindo naquele dia de verão. Devia ao velho tudo que tinha e, com isso em mente, prometeu, em oração, assistir seu sobrinho na dura empreitada que era promover a lei em Serendipidade.

Aloísio espetou as esporas em seu cavalo e alcançou a carroça guiada por Cândido Cordeiro.

– Perdoe-me por ontem, patrão. Quando falei que o senhor foi sortudo ao sobreviver, não foi minha intenção insultar a sua perda.

– Nenhum perdão é preciso. Eu que fui grosso com vosmecê quando tudo que vosmecê fez foi me ajudar. Eu que peço perdão.

Aloísio assentiu com um leve movimento de cabeça e retornou a liderar a confraria com Graciliano Boaventura. Cândido testemunhou toda a interação com um sorriso entre as bochechas fartas.

– Aloísio é um bom homem, senhor delegado. Não há rastros nesse mundo que ele não consiga seguir. Logo iremos encontrar sua família, tenho certeza.

– Obrigado, Cândido.

O gordo não conseguiu conter o orgulho – era a primeira vez que o delegado lhe dirigiu a palavra usando seu nome cristão.

– Deus poupou-lhe a vida para que continue seu trabalho, delegado Callado. *Contigo está o perdão para que sejas temido.* Salmos, capítulo cento e quarenta, versículo quatro.

O homem forçou um sorriso cordial, não acreditava que havia algo de divino nas ações que se transcorreram nesse deserto escarlate.

Por horas seguiram a jornada deste modo: Aloísio na frente, procurando por vestígios que o tempo não apagou, Graciliano logo atrás e, por fim, a carroça conduzida pela mula Meumô. Serafim puxou da cangalha uma velha luneta que havia pertencido ao delegado Timóteo; viu, com nitidez, uma diligência abandonada na distância. Assobiou para os companheiros e juntos galoparam em direção aos destroços da caravana. O subdelegado havia imaginado o cenário do ataque dezenas de vezes ao longo do caminho, mas nada que se comparasse à pintura grotesca com a qual se deparava. Um aguaceiro de lembranças da Guerra das Botinas despencou em cima do gaúcho – corpos empilhados, sangue velho e a podridão da morte.

A diligência que trazia o delegado e sua família havia sido queimada, madeira transmutada em carvão. Sua estrutura só permanecia em pé graças às barras de ferro que reforçavam sua armação. As mulas que conduziam o veículo haviam sido abatidas e o bucho dos animais incharam feito balão de soprar. Abutres amontoados se alimentavam das carcaças, rasgando a carne e empestecendo o

ar com seu odor nauseante. Aloísio destravou sua Rouba-Primaveras, atirou e os abutres levantaram em revoada.

Tudo parecia estranhamente familiar, como se tivesse visto aquela cena em outra vida, em outra encarnação. O homem sabia que de alguma forma havia sobrevivido a toda aquela atrocidade, escapando daquele fim tão aviltado. Ao redor, homens que morreram defendendo ele e sua família. Peles queimadas pelo sol e distorcidas por larvas e insetos – rostos esquecidos, sem passado ou futuro. Cândido perdeu o almoço duas vezes, tal forte era o cheiro da morte. O delegado puxou o que restava da porta da diligência e a madeira torrada despedaçou-se em sua mão. Cinzas escaparam por entre seus dedos, perdendo-se no vento. Encontrou, contorcido no chão, o que restava de um corpo infantil carbonizado.

O ar engrossou novamente.

Respirar se tornou difícil.

Obviamente havia encontrado uma de suas filhas e nem mesmo um rosto, mesmo que desfigurado, lhe foi permitido lamentar. Continuou a caminhar pelas reminiscências do ataque, corpos e mais corpos entregues ao solo árido e duro.

Os abutres sobrevoavam sua cabeça, famintos por suas memórias esquecidas.

Aloísio se agachou perto de um dos corpos, havia reconhecido algo entre as pechas da podridão. Era Raimundo Rezende, o matador de aluguel que seguia Agenor Conceição, o Salvaguarda do Arraial dos Desabotados. *Estranho, muito estranho*, pensou o subdelegado, que não conseguia compreender o que Raimundo fazia ali. Mais um nome na lista de Severino Um-Tiro.

O real sentido da brutalidade jazia com o resto da família do delegado; corpos empilhados uns sobre os outros, amarrados pelos punhos e com tiros de execução entre os olhos. A putrefação, junto ao calor de Caron, deformou-as além do reconhecimento – carne, osso e sangue em formas abjetas, que nada se pareciam às faces que um dia foram. Ajoelhou-se ao lado das carcaças de seu passado, corações que jamais bateriam, pernas que jamais correriam, braços que

jamais abraçariam e lábios que jamais beijariam. Preso ao pescoço de uma de suas filhas estava um colar dourado, semelhante ao que carregava consigo. Cuidadosamente abriu os botões do vestido e encontrou a outra metade de seu pingente. O doutor que cheirava a pinga estava certo, ao juntá-los uma nova imagem se formava: um espelho oval, que refletia os perdidos olhos de jabuticaba. Ele era uma folha seca desgarrada de sua árvore mãe, perambulando pelo ar, vítima dos caprichos do vento. A obra de Severino Um-Tiro se estendia em sua frente, completa, finalizada, assinada com sangue inocente. Por que esse Deus que o gordo tanto fala havia permitido tal atrocidade? Por que poupar-lhe a vida, quando havia tirado dela as lembranças que a davam razão?

Contigo está o perdão para que sejas temido.

Havia um nome que dava razão ao coração que temia em bater. Um nome que lhe dava motivos para seguir em frente.

Severino Um-Tiro.

Preencheu o vazio de sua alma com vingança. Colocaria justiça naquele cenário bárbaro e iníquo. O homem alisou a insígnia metálica presa ao seu peito e deixou-se sentir todo o peso que ela representava.

Não haveria sol que ofuscasse o brilho daquela estrela.

– Eu vou encontrar Severino Um-Tiro e eu vou colocar uma bala nele e eu vou ver a alma escorrer de seu corpo – prometeu Jeremias Callado aos rostos desfigurados que jaziam em sua frente.

Carregaram os corpos de sua família até a carroça e os cobriram com ligal. As peles flácidas desgarravam com facilidade da carne decomposta e líquidos viscosos vazaram de todos os orifícios, levando Cândido a perder seu almoço pela terceira vez. Jeremias puxou a pistola do cinto de Graciliano Boaventura e derrubou os abutres que circulavam os corpos restantes. Tiro. Tiro. Tiro. Tiro. Tiro. Tiro. Click. Click. Click. O tambor da arma se via sem munições, e os urubus que ainda voavam eram sortudos por isso.

– Posso não lembrar os nomes desses homens. Posso não poder dar a eles um enterro apropriado, mas maldito serei eu em deixar que eles virem comida de urubu
– disse ao devolver a arma ao alferes, que fitava os seis abutres mortos ao chão.

Aloísio viu a incha que se apossou dos olhos de jabuticaba e pensou: *tá aí um cabra que pode dar um fim em Severino Um-Tiro.*

VII

um punho fechado e um negócio lutuoso

A fazenda dos Maranhão era repleta de portas que deviam permanecer fechadas e de homens que deviam permanecer a sete palmos do chão. O cemitério Taperoá era o maior patrimônio sob o brasão do coronel Isidoro Maranhão, herança que nascera gerações atrás, com o suor e a dedicação do coronel de bandeiras Belchior Maranhão, um dos fundadores de Serendipidade. *Não existe trabalho mais estável que o funerário, pois nunca vi cabra que não morre um dia*, dizia o velho coronel Isidoro, notório por seu humor macabro. Ironicamente, a família que tratava dos mortos da vila era a primeira das cinco grandes famílias a se ver no fim de sua linhagem. A mulher do coronel, Perpétua Maranhão, só pariu meninas, e após o nascimento da caçula nunca mais colocou os pés para fora da casa, nem mesmo para as missas de domingo. Isso foi há mais de treze anos. O cárcere da mulher por si só já seria o bastante para despertar a curiosidade do povo, mas o isolamento abrangia também as três filhas do coronel, dando brecha para especulações e para boatos. Toda vez que Venâncio Galdino visitava o coronel Isidoro, ele não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a chance de espiar pelos buracos das fechaduras e descobrir os segredos por trás daquelas paredes mofadas.

– Tarde, coronel – disse Venâncio ao se sentar em uma das cadeiras na varanda da mansão Maranhão.

– Tarde, pacificador. O que te traz aqui?

– O senhor já deve estar sabendo do delegado Jeremias.

– Não. Defuntos não são de tagarelar muito – disse o coronel com seu sorriso amarelo manga.

– O sobrinho de Timóteo Delfino foi encontrado vivo.

– E foi, foi?

– Foi.

– E quando foi isso?

– Ontem – respondeu Venâncio.

– Mas que sorte arretada desse homem, não? O que ele diz sobre Severino Um-Tiro?

– O coitado levou um tiro de raspão na cabeça e isso fez ele esquecer as coisas. Mas o doutor disse que as memórias não de voltar.

– Que horror, que horror.

A filha mais velha do coronel Isidoro, a bela Piedade Maranhão, trouxe uma travessa de beijuzinhos torrados, servidos com o acompanhamento de molho de alho e queijada de cabra. Piedade era a única das filhas que raramente frequentava a varanda. A pele, virgem aos carinhos do sol, era branca feito algodão e *provavelmente tão macia quanto*, pensou Venâncio, que não conseguia evitar em admirar a beleza simplória da moça enquanto esta servia a mesa. *Sortudo seria o homem que se cassasse com essa moça ispicilcute.*

– Se avexe, menina – disse o coronel ao perceber que a filha tomava seu tempo, apreciando a penumbra, a brisa e a vista da varanda.

Piedade arrumou a mesa com pressa e retornou para a escuridão da mansão. Venâncio se via com inúmeras perguntas na ponta da língua. *Por que aquela reclusão? Qual é o problema das meninas saírem um pouco? Onde estava sua mulher, que ninguém via há treze anos? O que aconteceu nessa mansão?* Mas as perguntas sempre permaneciam mudas, pois o pacificador sabia que a única coisa que matava o bom humor constante do coronel Isidoro eram indagações sobre sua família.

– Eu já conversei com o coronel Leôncio, com o coronel Porfírio e com o coronel Eusébio sobre honrar o último pedido do delegado Timóteo – disse Venâncio.

– Claro, claro. Mas esse Jeremias, ele está capacitado para trabalhar?

– O doutor Rubé disse que a ferida não irá atrapalhar nas suas habilidades

e que, em pouco tempo, a saúde dele estará perfeita. Além do mais, o subdelegado Serafim está dedicado em ajudar o sobrinho do velho Timóteo.

– Ótimo, tens o meu voto, pacificador.

– Obrigado, senhor coronel. O que me traz ao segundo motivo de minha visita. Jeremias Callado insistiu em resgatar os corpos de sua mulher e filhas, e eu me vi preso em uma situação de ter que arcar com os custos dos sepultamentos.

Os lábios de Isidoro Maranhão se esticaram em uma felicidade de dentes podres.

– Apois, vosmecê sabes que tens um preço especial no cemitério Taperoá, pacificador.

– Não tenho como custear quatro sepulturas, senhor coronel. Fico pensando se não há como o senhor fazer isso... pelo bem da comunidade.

– Quem trabalha de graça é relógio, pacificador, assim mesmo porque lhe dão corda e ele não faz força.

– Senhor coronel, Jeremias Callado vive e o povo está realmente feliz em saber que o sobrinho do velho Timóteo vai ser o novo delegado deles. Não há como o senhor encontrar compaixão nesse momento tão delicado?

Venâncio não sabia por que perdia tempo com suas súplicas de homem pobre, conhecia muito bem o velho Isidoro e sua ganância sem fim.

– Claro que posso. Mas a mão direita lava a esquerda, e ambas lavam o rosto – sorriu.

– E o que é exatamente que o senhor propõe?

– Vosmecê sabe que minha linhagem vai acabar quando eu finalmente bater as botas.

– Sei sim, senhor.

– Apois, não quero que meu legado seja o fim dos Maranhão. Quero casar a minha mais nova com o filho do coronel Baluarte.

– O menino Faustino? – perguntou Venâncio.

- Sim.

- O senhor quer casar Faustino com a sua caçula?

- Sim, o que há de complicado em compreender, senhor pacificador?

- Eu acharia que se o senhor fosse propor um casamento, seria com Piedade ou com a sua segunda filha, que é um pouco mais velha.

- Paloma já está prometida a um sócio meu de Redentor. E Piedade não pode casar.

Mais uma vez Venâncio se viu com perguntas na ponta da língua, mas não podia as inquerir. Não sem ser grosseiro. Como poderia ele propor um casamento arranjado com a família mais poderosa e rica de Serendipidade, quando ele sequer conhecia o nome da garota em questão? *Seria ela formosa ou mal apanhada? Saudável ou moribunda? Educada ou estulta?*

- Não posso fazer promessas em nome de outros, senhor coronel. Principalmente quando se trata do coronel Baluarte.

O velho Isidoro pegou um beijuzinho torrado e comeu-o devagar, tomando seu tempo para pensar sobre a resposta do pacificador.

- Façamos o seguinte acordo. Vosmecê me dá sua palavra de homem que irá, ao melhor de seu juízo e vontade, fazer a mente do coronel Leôncio. Prometendo-me isso, eu arranjo o enterro da família do delegado Callado.

Não era o ideal, mas Venâncio não tinha muitas outras fichas em mão para usar. Fechou o acordo com o coronel Maranhão e partiu em direção à fazenda do coronel Ulisses Paiva, atrás do último voto do Punho em relação a Jeremias Callado. Venâncio se via mais uma vez preso em uma situação indesejada. Convencer o coronel Leôncio a casar o menino Faustino com a filha do coronel Isidoro poria em prova todas suas habilidades diplomáticas. *Eu só não posso me ver cercado por uma penca de promessas que eu não posso cumprir.*

O caminho até a fazenda Paiva foi pavimentado com planos de como arranjar o casório sem criar desavenças alheias, principalmente com o Gravata Vermelha,

que recebeu tal alcunha devido ao fato de como intimidava escravos amotinadores. Sempre que comprava um lote novo de escravos com Zé Venalicário, o tanganhão que cuidava daquelas bandas de Caron, o coronel Leôncio alinhava as novas mercadorias e mostrava como lidava com pretos que tentavam aqui-lombar. Tratava então de decapitar, a facão, algum pobre escravo desobediente. Era uma cena que, uma vez vista, não era facilmente esquecida. E neste momento, enquanto cavalgava sem pressa a caminho da fazenda Paiva, Venâncio sentia o fio do facão em sua goela, pois o Gravata Vermelha não iria apreciar a proposta. *Quiçá seria mais fácil se a gente soubesse se a menina era ou não ispilicute. Mas, assim, às cegas?*

– Tarde, pacificador – disse Celestino Floriano, que começou a cavalgar ao lado de Venâncio Galdino.

– Tarde, Celestino.

– Indo pra fazenda Paiva?

– Isso. Vosmecê?

– Também.

Celestino Floriano, capitão do coronel Ulisses Paiva e poeta por excelência, era um homem manso feito bezerro e uma figura querida pela comunidade, que admirava seus poemas românticos com rimas inusitadas.

A pradaria é só uma caatinga abençoada.

A diabrura também anda por lá, mas disfarçada.

*A grama pode ser viva, mas é cinza feito umbu
e os carinhos amolados cortam feito cacumbu.*

*Lá o sangue é vermelho feito manga,
e a folhagem grisalha como sacanga.*

A primeira reação do doutor Hubert von Stroheim ao escutar tais versos foi considerar as discrepâncias cromáticas do vaqueiro poeta como frutos de seu

eulírico. Mas as dissociações das cores se repetiam com certa frequência em seus versos – *O quebra-faca desabrochou e avermelhou, o céu e a grama se misturaram em uma enorme mancha*. O doutor realizou alguns exames com paletas de cores e diagnosticou Celestino com tritanopia, um caso raro de daltonismo que incapacitava os afetados na percepção da faixa de cores entre o azul e o amarelo, e tudo que vivia no meio.

– É verdade o que o povo anda dizendo sobre o delegado? – perguntou o poeta.

– Que ele vive?

– Isso.

– É verdade.

– Eita, cabra duro de matar esse Jeremias. Parece até poema.

O coronel Ulisses Paiva colecionava filhos. Com Lavínia, sua mulher em certidão, gerou sete descendentes legítimos; com Judite, outros sete; e com Firmina, a mais nova, três e um outro a caminho. Ninguém compreendia com exatidão o arranjo que o homem tinha com suas mulheres, principalmente Lavínia, com quem ele se casou na igreja, na maior festança matrimonial que o povoado já viu. Mas, aos poucos, o coronel Ulisses, dono de muito ouro e gado, começou a se afastar dos costumes católicos, alegando que, ao longo dos anos, o clero e o papado haviam se perdido dos reais valores da Bíblia. Emancipou-se de abadias e vigários e doutrinas e missas, proclamando sua fazenda sob o poder teocrático de um homem só. O seu discurso em muito se assemelhava às manifestações do homem que criou tanto rebuliço no Arraial dos Desabotinados, mas como Agenor Conceição era pobre e o coronel Ulisses Paiva era estudado e rico, este era visto como excêntrico, aquele como um louco.

– Bênção, coronel Ulisses – disse Celestino ao patrão.

– Bênção, meu filho.

Uma das filhas do coronel, a menina Virgínia, estava no canto da varanda, brincando com bonecas de pano, enquanto Firmina, grávida de sete meses, aparava a barba de seu homem.

- Tarde, coronel Ulisses.
- Tarde, pacificador. Aceita um suco de pitanga?
- Eu aceitaria sim, senhor. Hoje tá um calor da peste.
- Vamos então acabar com a moléstia de tua sede. Judite, meu amor, traga uma jarra de suco de pitanga pro senhor pacificador, faça o favor! – gritou Ulisses.
- Celestino, aceita?
- Não, obrigado. Senhor, temos que conversar sobre Libertino Valente.
- O que tem o facínora? – se intrometeu o pacificador, que conhecia as predileções e as resoluções bárbaras do assecla do coronel Leôncio.
- Celestino procurou por permissão nos olhos do patrão, mas este não a concedeu.
- Acredito que esse assunto será melhor resolvido entre mim e meus homens, senhor pacificador – respondeu Ulisses, tirando o lençol que protegia seu pescoço dos fios de barba cortados.
- Senhor coronel, assuntos resolvidos assim, com raiva e precipitadamente, geralmente acabam em derramamento de sangue. Se isso é sobre o que aconteceu com Martin Ribeiro é melhor ter prudência. Se algo acontecer ao assecla do coronel Leôncio, a retaliação será impiedosa.
- Como eu disse, senhor pacificador. Eu e meus homens vamos lidar com o assunto. Não se aperreie com isso.
- Venâncio não podia fazer outra coisa que não fosse se preocupar com rixas entre coronéis. Elas costumavam ser violentas e duradouras.
- Conte-me o motivo de sua visita – disse o coronel Ulisses.
- Eu vim conversar sobre a situação de Jeremias Callado. O senhor ficou sabendo?
- Sim, mas que coisa, não? Acordar assim, sem se lembrar da esposa ou filhas.
- Sim, terrível – disse Venâncio, provando do suco de pitanga que a senhora

Judite o serviu. – Mas não foi exatamente sobre isso que vim falar. Eu já tenho os votos dos outros quatro coronéis a respeito de deixar Jeremias Callado no cargo de delegado, assim honrando o último desejo do velho Timóteo.

– Gastaste as solas de suas botas à toa, homem. É claro que vamos honrar o desejo do velho Timóteo.

Venâncio se levantou. Estaria contente com a simplicidade de sua incumbência, caso não tivesse pego aquele pedaço de prosa entre o coronel Ulisses e Celestino Floriano.

– Senhor coronel, antes de eu seguir meu caminho, tem certeza que eu não posso ajudar nesse perrengue entre o senhor e Libertino Valente?

– Senhor pacificador, eu aprecio o trabalho que vosmecê faz em Serendipidade. Aprecio mesmo. Mas que uma coisa fique bem clara: dívidas de sangue não têm câmbio.

VIII

dizendo adeus ao que se esqueceu

O trotar da montaria apressurou. Aloísio Serafim explicou a Jeremias Callado a razão da afobação por trás das patas dos cavalos: *eles sabem que estão regressando a Serendipidade. Retornando à segurança do lar.* O homem invejou os animais. Invejou a felicidade que acometia seus corações e dava velocidade ao seu galopar. Não podia compartilhar de tal saudosismo. À medida que sua condição perpetuasse, sempre seria um estrangeiro a vagar.

Haverá nesse mundo algum lugar que eu possa chamar de lar? E se houver, meu coração também aceleraria caso regressasse?

Os descansos foram breves e escassos. A confraria parou algumas vezes apenas para que Meumô descansasse um pouco e bebesse água, afinal, a mula puxava todo o peso de uma desgraça recente. O apego de Cândido Cordeiro ao animal era digno de apreço; tratava a mula como se fosse pessoa. Conversava com Meumô enquanto carinhosamente acariciava sua crina e servia-lhe frutas-do-conde. Com a mula descansada e devidamente paparicada, os homens atravessaram os portões da vila dois dias após iniciarem sua jornada indigesta. O firmamento, tomado por uma cor preguiçosa de maracujá, de um dia que se prostrava de mansinho, alumia a chegada da confraria. Aparentemente, a notícia da sobrevivência do delegado já era de conhecimento popular, pois todos que se encontravam na rua de entrada do vilarejo pararam seus afazeres para seguir Meumô e sua carroça mortuária, tornando a rota para o cemitério Taperoá em uma marcha fúnebre, que a cada metro andado ganhava mais e mais seguidores. Jeremias Callado compreendeu, pela primeira vez, a real importância que sua sobrevivência tinha para aquele povoado. Quando desceram a rua Belchior, em direção ao cemitério, mais de cinquenta homens e mulheres seguiam a procissão. Lápides e cruzeiros se enfileiravam até Jeremias perdê-las de vista. Era estranho pensar que

tantas pessoas viveram suas vidas inteiras aqui; nasceram e morreram, foram felizes e tristes, sonharam e acordaram no meio daquela terra inflexível e severa. O sepulcrário era belo, com arbustos floridos que cresciam sob as sombras caridosas de umbuzeiros e juazeiros amigáveis. Como podia um lugar ser tão destoante assim? Pouco mais que uma légua separava aquela beleza bucólica do chão rachado e seco que castigava as memórias do delegado.

Seco e molhado.

Agrestia e candura.

Quatro covas rasas, com simples caixões de madeira, aguardavam a chegada de Jeremias e sua família deportada. Solenemente, Aloísio Serafim, Graciliano Boaventura, Cândido Cordeiro e Jeremias Callado carregaram os corpos para seus devidos túmulos. Em pé, ao lado das lápides, estava padre Gregório Portugal e sua fiel Bíblia de couro gasto. A brisa gentil do fim de tarde acariciou os cabelos negros do padre, cujos olhos, verdes feito pequenas azeitonas, continham todo o perdão de um povoado inteiro. A batina balança sobre a grama verde, revelando alpercatas que sumiam na relva bem aparada do cemitério.

– Irmãos, irmãs. Em nome do nosso pacificador, Venâncio Galdino, que pessoalmente custeou por essa cerimônia, agradeço a presença de todos nesse momento tão conturbado na vida de nosso mais novo irmão, Jeremias Callado. Quando nós nos deparamos com momentos como este, somos obrigados a confrontar aquele que é o nosso maior temor: a nossa própria mortalidade. O nosso fim da carne. E osso. E sangue. Mas são nessas horas de aflição e escuridão que as escrituras divinas nos oferecem refúgio e consolação das mazelas que afligem nossos corações mortais. Romanos, capítulo oito, versículo trinta e cinco a trinta e seis: *quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: por amor de ti somos entregues a morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.* O que o bom livro diz é que a vida e o que decidimos fazer

dela são as coisas que nos separam do amor de Deus. *Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me.* Mateus, dezesseis, vinte e quatro a vinte e seis. Na morte saímos da obscuridade do pecado para encontrar a luz que é a glória divina. Jesus, nosso Senhor, filho de Deus, voluntariamente foi à cruz como cordeiro sacrificial, e três dias e três noites depois ressuscitou pelo amor divino.

O belo discurso do padre Portugal se perdia na negritude de Jeremias Callado. *Como poderia ser belo e digno esse amor que se sustentava no sacrifício e na dor? Como poderia esse amor trazer paz ao seu espírito? Uma promessa de felicidade paga em sangue seria digna de almejar? Existiria glória para o homem que nasce no chão seco e vermelho?*

– Toda carroça que se aventura por esse sertão lindo, some de vista quando atravessa o horizonte. Desaparece pra gente, mas lá, naquele outro lado, ele tá aparecendo. Chegadas e partidas. Partidas e chegadas. Somos pó, e ao pó haveremos de retornar. Quando chegar nossa hora de caminhar pelo vale das sombras da morte, que não temamos mal nenhum. Que o Senhor nos ajude a viver de tal maneira que possamos ser enumerados com os justos, cujos corpos aguardam a ressurreição dos justos. Que possamos receber essa imortalidade gloriosa e viver contigo para sempre no paraíso. Sabemos que nesse dia, o Senhor vai enxugar todas as lágrimas dos nossos olhos. Lá não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, e não haverá mais dor, pois, todas as coisas antigas terão passado distante. Amém.

Padre Portugal encerrou o panegírico benzendo-se. A multidão respondeu em unísono enquanto Jeremias sentia o mundo esvaziando-se de tudo. O povo se enfileirou para prestar condolências ao delegado, que por sua vez não tirava os olhos de Aloísio Serafim e Graciliano Boaventura, que aos poucos preenchiam os túmulos com terra. As últimas palavras do padre ainda ecoavam em seu silêncio: *lá não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, e não haverá mais dor.*

Onde seria esse local tão impossível de conceber?

– Solidão nem sempre significa estar só – disse Madalena Fortunato ao fazer companhia ao delegado.

– Nem sempre – concordou Jeremias Callado.

– Eu posso não saber como é a tua dor, delegado. Isso é verdade. Mas eu também perdi gente que eu amo. Eu também sei o que é enterrar alguém antes de sua hora. Mas se há uma verdade nesse mundo é que não há felicidade que seja eterna, nem dor que não se despedace.

Jeremias não respondeu. Como poderia? Continuou calado, encarando os grãos de terra que aos poucos se amontoavam em cima do que restava de seu passado. O último adeus e não havia palavras a serem ditas.

– Aqui jaz um membro da família Callado – suspirou Jeremias.

Nem mesmo nomes tinha para enterrar. Sentia-se como a diligência que encontraram no deserto, uma carcaça queimada e consumida pelo calor, que permanecia em pé pelas cismas do destino.

– Eu não sei o que me dói mais, a raiva que eu sinto por Severino ou a tristeza de não me lembrar delas – concluiu.

Queria chorar.

Desatar-se em lástima e piedade.

O choro, no entanto, foi negado, pois as lágrimas não pertencem aos desalmados.

livro II branco

IX

deveres, obrigações e blefes

Muitos adjetivos podiam ser usados para descrever o Esplendor, mas esplendoroso não seria um deles. Venâncio Galdino lembrava-se claramente da tarde em que se sentou na varanda da casa de Esteban Emanuel Santiago, capitão do coronel Porfírio Baltazar, e explicou ao homem que Serendipidade simplesmente não tinha um fluxo de forasteiros que demandasse a construção de uma estalagem. Mas o teimoso Santiago não lhe deu ouvidos e gastou todos seus tostões montando o empreendimento. Deu no que deu: uma espelunca de cortiço entregue às moscas. O capitão tirava algum dinheiro dos aluguéis de quartos, alugados por maridos sem-vergonhas que eram expulsos de suas camas ou por casais apaixonados, que buscavam a segurança das paredes mudas da albergaria. Mas o pouco lucro do Esplendor provinha da movimentação do bar e da casa de jogos que Santiago havia construído no fundo da estalagem. Os utensílios módicos, de qualidade vagabunda e origens duvidosas, baixavam os custos da jogatina, dando chance para que todos cidadãos pudessem participar. O cheiro do estabelecimento, uma mistura de essência de jasmim e pinga da pior qualidade, dava náuseas ao pacificador, que só frequentava aquele pardieiro para manter contato com o homem comum: trabalhadores braçais e peões de fazenda, a espinha dorsal de Serendipidade e sua base eleitoral.

– Deves agradecer à Dama Sorte, Galdino. Jeremias Callado aparecendo assim do nada, batendo em sua porta depois de três dias perdido no deserto de Caron. És um bom filho da puta sortudo – disse Esteban Santiago com um sorriso irônico embaixo de seu bigode.

– A Dama Sorte nada tem a ver com isso, Esteban – respondeu Venâncio enquanto um dos jogadores embaralhava as cartas do baralho. – Vosmecê, acima

de todos, deveria saber disso. Não é vosmecê quem diz que *precisa-se de talento pra ser sortudo*.

– Verdade.

– Como vai a família, Santiago? – perguntou o pacificador enquanto recebia a última carta, que suavemente deslizou pela mesa.

Apesar do prazer bizarro que a jogatina com aquelas almas deploráveis lhe proporcionava, Venâncio odiava se misturar com a gentilha que frequentava o Esplendor – homens rudes e esfarrapados que não conheciam a sofisticação d’ouro e dos travesseiros de seda.

– Não precisa gastar o ar de seus pulmões com falsas demagogias, Galdino. És tão preocupado com meus problemas familiares quanto a raposa preocupa-se com as moléstias da lebre.

Esteban Emanuel Santiago era uma montanha de homem, grande e volumoso. Seus bisavôs provinham de Saramandaia, *la Dorada*, e vieram para o mundo novo atrás de riquezas e terras a serem desbravadas. Amigaram-se com o coronel de bandeiras Ferdinando Agostinho Baltazar, e lealmente o seguiram durante suas expedições bandeirantes. Quando Esteban nasceu, seu avô Emanuel era capitão da família Baltazar e um dos homens mais respeitados de Serendipidade.

Venâncio conferiu suas cartas. Dois ases.

– Então, sem demagogias. O que é que vosmecê quer de mim, Esteban? – perguntou ao jogar duas fichas amarelas na mesa.

Galdino odiava o cabelo seboso de Esteban, seu bigode desalinhado, a brecha entre os botões de sua camisa apertada e o palito de dente que vivia em sua boca, mas, acima de tudo, odiava depender de sua assistência.

Zé Caboclo, um dos peões da fazenda Paiva, olhou para suas cartas e para o montante de fichas no centro da mesa.

– Estou fora – disse frustrado.

– Essa taxaço semestral, Galdino. O povo não para de reclamar sobre essas

malditas taxas – disse Esteban ao tomar um generoso gole de cerveja de milho.

– Também estou fora – disse Aníbal Brisaliano, que trabalhava para o coronel Cordeiro na Padaria Recanto.

– A taxaçaõ é geral, Esteban. – Eram problemas ordinários como aqueles que pareciam diminuir suas costelas, apertando seu esqueleto e torcendo seus pulmões. Em pouco tempo seria nada mais que um homem morto por asfixia.

– Uma taxaçaõ geral, mas não por isso menos injusta. Ao invés de aumentar os impostos de pessoas como os coronéis Baluarte, Maranhão e Cordeiro, que podem arcar com esses números, vosmecê decide instaurar uma taxa em que todos pagam o mesmo valor? – perguntou Esteban jogando quatro fichas amarelas na mesa.

– Não fui eu que instaurei nada. O senhor seu patrão estava lá na reunião do Punho quando se foi levando a votação. Foram quatro votos contra um, a maioria venceu. Essa é a definição de justiça. – Venâncio Galdino não apreciava o tom condescendente de Esteban Santiago, que tinha a audácia de tratá-lo como ralé. – Eu cubro – disse o pacificador jogando duas fichas vermelhas sob a mesa.

O carteador virou as três cartas: ás de copas, sete de paus e um valete de copas. Os olhos de Venâncio não vacilaram, continuavam encarando de esguelha as reações de Esteban Santiago. Em um jogo com tantos ases, desistir não era uma opção. Tinha que vencer a partida e convencer Esteban a apoiá-lo nas eleições a pacificador. O coronel Porfírio Baltazar, patrão de Santiago, podia ter a menor fazenda e o menor patrimônio entre os cinco coronéis de Serendipidade, mas carregava na politicagem boa praça de seu capitão todos os votos de confiança da classe serviçal.

Esteban prendeu o palito no canto mais extremo de sua boca e limpou os dentes incisivos com um movimento de língua, sugando, com uma puxada de ar violenta, um pedaço de galinha que estava preso em sua gengiva.

– *Tssssttt!*

Examinou suas cartas sem pressa, contou o montante na mesa e as fichas

que ainda tinha em sua mão.

– Essa é a definição de separação por igualação, meu caro pacificador. Somos todos homens de Serendipidade, temos os mesmos direitos, mas, de forma alguma, somos iguais. Não jogaria cartas contra um cego, jogaria?

– Se um cego decide adentrar o jogo, quem sou eu pra encasquetar com o desejo do homem? A Dama Sorte sorri sem discriminações – respondeu Venâncio enquanto atirava duas fichas amarelas e três fichas vermelhas na pilha de apostas.

– Achei que sorte não fosse parte do teu jogo, Galdino.

– Minha sorte provém de talento e astúcia, capitão, mas a sorte faz parte de todos os jogos.

– Do meu ponto de vista, a Dama Sorte parece sorrir mais àqueles que entram no jogo com ases na manga. – Esteban cobriu a aposta sem pestanejos.

– Minha honesta sugestão é que vosmecê mude o seu tom, Galdino. O poder de seus amados coronéis, que vosmecê tanto bajula, só vai até certo ponto, depois disso, é meu território. Vosmecê pode andar com os farelos que os ricos te deixam apreciar, seus óculos d'ouro e os restos de uma riqueza que vosmecê nunca vai ter, mas pelos meus cálculos, se vosmecê perder todos os votos que eu controlo, sua reeleição a pacificador irá depender da decisão de meia dúzia de gatos pingados. E a pergunta é: vosmecê quer correr o risco de uma vitória tão estreita?

O carteador virou a quarta carta: nove de espadas. O jogo que parecia garantido ganhava nuances indesejadas.

– Vosmecê sabe muito bem que não há como eu lutar contra essas taxações sob os aluguéis. O terreno é dos coronéis e eles fazem o que eles bem quiserem. Eu sei disso, vosmecê sabe disso, os coronéis sabem disso, pelo amor de Deus, todos sabem disso. E vosmecê sabe que uma taxa só para os coronéis não vai passar no conselho do Punho. – Venâncio detestava ter que se submeter aos jogos de poder de Esteban, principalmente quando rodeado de testemunhas.

– O que vosmecê pode fazer para me ajudar nesse ponto, Santiago?

O pacificador jogou uma ficha preta no centro da mesa.

– O puteiro – respondeu Esteban.

– De novo com isso?

– Sim.

Esteban Emanuel Santiago bebeu o último gole de sua cerveja e bateu o copo na mesa. Gostaria de se levantar e com um tapa tirar do rosto de Venâncio aqueles estúpidos óculos banhados a ouro e aquele sorriso boçal. O pacificador sentava em um pedestal de gelo, temporariamente sólido, mas que, como tudo, desmanchava-se sob o calor do tempo.

A última carta. Três de paus.

Venâncio sorriu. Só perderia se Esteban tivesse em suas mãos um dez e um oito, uma combinação que não correspondia a suas agressivas apostas iniciais. Bailaria com a Dama Sorte naquele dia.

– Os coronéis já deram as suas respostas sobre o bordel, Santiago. Um claro e ressonante não. Por mais que eu queira seu apoio, o custo seria muito alto, principalmente com a ala puritana e conservadora. Eu aumento – disse lançando três fichas pretas.

– Bem, senhor pacificador, acredito que isso é o que os dicionários chamam de impasse. O que é que te vale mais, os votos em minha mão ou os votos conservadores? Na minha experiência, a sede das ceroulas dos homens sempre falou mais alto que os votos matrimoniais – Esteban coçou seu grosso bigode enquanto brincava de fazer pilhas com suas fichas. – Tudo em jogo – disse empurrando todas suas fichas.

Venâncio não conseguiu conter a surpresa em seu semblante. Somente dois cenários faziam sentido: ou Esteban entrou no jogo com cartas estapafúrdias na mão, ou estava blefando como um cão desvairado.

– Eu acredito ter uma solução para nosso impasse. Vosmecê aguarda as eleições passarem, e, uma vez reeleito, eu prometo liberar o alvará para que

transforme o Esplendor no melhor brega que o estado de Caron já viu. Tudo em jogo.

Venâncio se via outra vez no meio de promessas que pareciam se emaranhar em um enorme bolo de dívidas. Mas foram essas cartas que lhe foram entregues, e era com elas que teria que jogar.

– E como é que eu vou ter certeza que vosmecê irá se reeleger. Pra mim seria muito mais interessante fechar esse negócio agora, sabe? Enquanto vosmecê ainda tem algum tipo de poder na mão.

– Com o seu apoio, o apoio do coronel Baluarte, do coronel Maranhão e o apoio da ala conservadora, o padeiro não terá chances de vencer. Nem mesmo se ele seduzisse a Dama Sorte, casasse com a bendita e tivesse seus filhos, Salomão Azambuja seria capaz de me derrotar.

O sorriso ensaiado retornou aos seus lábios.

Virou suas cartas.

– Uma trinca.

– Cortarei teus bagos e os usarei como bolas de gude se vosmecê der pra trás em nosso acordo.

Esteban virou suas cartas: dez de paus e oito de copas.

– Lembre-se bem desse momento, pacificador. Lembre-se que eu jamais blefo.

Não foram somente os bolsos de Venâncio Galdino que retornaram vazios ao escritório, seu ego também sofrera um significativo prejuízo. Tinha um casamento para arranjar e um prostíbulo a construir; das alianças aos lençóis sujos, dos votos às declarações de amor à meia-noite, das núpcias ao adultério. Qual das atribulações fornicava mais sua paciência, não podia dizer. Passou pelas portas de seu escritório e encontrou o delegado Jeremias Callado e a enfermeira Madalena Fortunato aguardando seu regresso. Jeremias vestia roupas novas e limpas, mas seu velho chapéu preto descansava em seu colo.

– O delegado Callado apareceu para conversar com o senhor – anunciou Elisabete, sua escrivã.

– Posso ver isso, Bete. Callado, senhora Fortunato, como vão?
– Bem, e o senhor? – disse a enfermeira com seu sorriso fácil.
– Indo. Delegado Callado, que bom o ver tão bem e com roupas limpas.
– Aloísio Serafim me emprestou algumas. Cândido me emprestou algumas também, mas elas ficaram folgadas – respondeu acanhado.

– Claro que ficaram. Vamos subir e conversar em minha sala, preciso me sentar um pouco.

– Ficarei aqui embaixo esperando – disse Madalena.

O gabinete do pacificador era uma sala espaçosa, bem iluminada e impecavelmente organizada. Na parede à direita, um velho mapa do estado de Caron e os municípios que o constituíam. Venâncio sentou-se atrás de uma grande mesa de madeira de jacarandá, puxou um frasco de conhaque do armário e se serviu de um copo. Ofereceu a bebida a Jeremias, que recusou com um leve movimento de mão.

– O doutor Rubé disse que o senhor iria se lembrar das coisas com o passar dos dias. Lembrou de algo?

– Não.

– Pena. Bem, com o tempo tudo se resolve. Em que posso te ajudar?

Jeremias não reconhecia mais aquela figura em sua frente. Em nada se assemelhava ao homem orgulhoso e vívido que conhecera dias atrás.

– Primeiro eu gostaria de agradecer pela ajuda com a minha família – respondeu timidamente. – Não tenho como expressar minha gratidão.

– Sem problemas, delegado. Diga-me, Aloísio já te mostrou a vila e a delegacia? Já te mostrou as rondas? – inquiriu o pacificador enquanto acertava alguns papéis em sua mesa.

– Era exatamente sobre esse assunto que eu gostaria de conversar com o senhor. Eu não acho que eu possa ser delegado de nada, muito menos de seu povoado – disse Jeremias colocando seu distintivo na escrivaninha do pacificador.

– Como não? Não me venha com uma chapuletada dessas, Callado.

– O senhor realmente acredita que eu tenho capacidade de ser delegado,

senhor Galdino? Eu não me lembro de nada, eu não conheço a vila e o povo, e tudo que tenho é essa moléstia que me preenche com a vontade de colocar uma bala bem no meio do focinho de Severino Um-Tiro. Não sou equipado pra servir sua delegacia.

O sangue de Jeremias queimava feito o deserto de Caron toda vez que mencionava o nome do cangaceiro.

– É claro que eu acredito em sua capacidade. Não só eu, mas toda a população de Serendipidade gostaria de ver o sonho de seu tio realizado. Por isso que os coronéis acataram a ideia de deixá-lo no cargo. Por isso que as pessoas compareceram em massa ao enterro. Por isso custeei pelos caixões e toda a cerimônia.

– Me contaram que o senhor pagou pelo enterro. Não sei como agradecer.

– Pode me agradecer fazendo teu trabalho, delegado.

– Não terei paz sabendo que aquele cabra monstruoso está lá fora.

– Mais um motivo para que fiques aqui. Nosso vilarejo dormiria mais tranquilo sabendo que o homem que sobreviveu a Severino Um-Tiro está nos protegendo. Além do mais, já existem vários bandos caçando aquele filho de chocadeira, entre eles uma comandada por um ótimo amigo meu, Avôhai Falcão. E se o Caçapava está atrás dele, pode ter certeza que os seus dias em cima da terra estão contados.

Jeremias queria negar, mas sentia que devia a Venâncio Galdino e a população daquele vilarejo muito mais que seus serviços. Sem a ajuda deles, estaria no meio do deserto vermelho, virando almoço de abutre. Teria que, mesmo que por hora, abandonar seus anseios de retaliação e se conformar perpetuando a justiça localmente.

– Vá conversar com o subdelegado Serafim e peça que ele te mostre a delegacia e a vila. Terás mais chances de fazer justiça aqui do que lá fora caçando fantasmas e penumbras. E delegado Callado, vosmecê vai precisar disso – Venâncio jogou a estrela nas mãos do sobrevivente.

O ódio por Severino Um-Tiro corroía suas veias, desmaterializando aos poucos tudo aquilo que ele era, ou um dia foi. O passado era um quarto escuro,

e tudo que Jeremias Callado podia fazer era dar cautela aos seus passos e andar com os braços estirados.

Desceu as escadas e encontrou Madalena Fortunato o aguardando na secretaria.

– Como foi?

– Parece que serei o delegado de Serendipidade – respondeu ao tempo que prendia a estrela em seu peito.

A enfermeira sorriu. A felicidade em seus olhos de âmbar encheu Callado de otimismo, e só então reparou o quão gracioso era seu rosto e seus volumosos cachos ruivos.

– Alguma dica para o meu primeiro dia?

– Bem, seu tio sempre disse que *bons delegados vivem impondo a lei sem medo. Grandes delegados... morrem de velhice.*

E pela primeira vez desde o sertão vermelho, Jeremias Callado permitiu-se rir.

X

A sombra que o passado projeta

Jeremias Callado montava o cavalo que um dia pertenceu ao seu finado tio Timóteo. Era um animal imponente, preto como uma noite sem estrela e forte feito um touro. As ferraduras emitiam um clique-claque ritmado, uma sinfonia casual que trazia um pouco de contentamento ao espírito do delegado. Vestia sua roupa branca e seu colete preto, ambos devidamente lavados, cortesia da generosa viúva Fortunato e a estrela em seu peito brilhava – resultado de horas de lustração veemente. Ao seu lado, montado em seu pangaré marrom de manchas brancas, cavalgava o subdelegado Aloísio Serafim. Os dois oficiais pararam suas montarias no centro da vila, um enorme largo circular a céu aberto.

– Essa é a Praça Central, patrão – disse, Aloísio. – Ela é o coração de Serendipidade.

A comparação era óbvia, com um simples girar de cabeça, Jeremias conseguia ver dezenas de pessoas e toda a movimentação da vila.

– Todas as ruas do vilarejo conduzem à Praça Central. Ao noroeste, temos a rua Diógenes Paiva, aquela à direita da Padaria Recanto – apontou o delegado. O estabelecimento possuía uma enorme placa de madeira com o nome entalhado em vermelho e o tumulto interno era intenso. – À esquerda da padaria, temos a rua Haroldo Domingos Cordeiro, – Callado já conhecia aquela avenida, se a seguisse acabaria chegando à casa de Madalena Fortunato – e, um pouco mais ao sudoeste, temos a rua Ferdinando Agostinho Baltazar.

Aloísio assobiou e seu cavalo girou, mirando a região meridional de Serendipidade. Jeremias Callado usou as rédeas sem tanta maestria. Na distância, em um planalto, o delegado conseguia ver enormes campos de plantações verdes; uma visão destoante do vermelho que quase tirou sua vida.

– À direita do escritório do pacificador, temos a rua Tenório Baluarte e à esquerda, ao sudeste, se encontra a rua Belchior Maranhão.

Jeremias Callado também reconhecia aquela avenida, no fim do trajeto encontraria os túmulos de sua esposa e filhas.

Aloísio assobiou e mirava o norte novamente.

– E, por último, temos aqui ao nordeste, a rua dos Justos, a avenida de entrada da vila. Se acostume com essa rua, patrão, pois vai ser ela a te dar mais aperreios.

– Por quê?

– Três bares e duas casas de jogos, por isso. Licor, dados e baralhos são armas carregadas, patrão. Um dedo invocado é o que basta – respondeu o subdelegado.

Encaminhavam-se em direção à delegacia, mas Jeremias permanecia arrebatado pelos distantes campos de plantação que bailavam com o vento, dançarinos de pés atravancados.

– Que plantações são aquelas?

– Ali? Aquela é a plantação de café do Rancho Baluarte. O coronel Leôncio Baluarte é o mais próximo de um rei que temos por essas bandas.

– Mais poderoso que o pacificador?

Aloísio sorriu.

– Ainda está pra nascer político que governe os ricos, patrão. A justiça pode ser cega, mas ela com certeza tem bolsos.

Os dois passaram pelo escritório do pacificador. Sua fachada imaculadamente branca, feita em concreto, de janelas de madeira de jacarandá e cúpula ornamentada pela flâmula nacional, se destacava dos demais estabelecimentos e construções de Serendipidade.

– Os nomes das ruas são nomes de pessoas?

– Sim. Cada rua homenageia um dos fundadores do vilarejo, homens que

desbravaram esses territórios do sudoeste seco. Famílias que perseveraram enquanto amigos e amados morriam pelo sertão de Caron. Quando tudo parecia perdido, na hora do desespero da última gota de água, quando os ossos já não aguentavam mais o seu próprio peso, cinco capitães de bandeiras mantiveram a calma e eventualmente encontraram água e a Dama Sorte. Foi assim que os coronéis Tenório Baluarte, Ferdinando Agostinho Baltazar, Diógenes Paiva, Belchior Maranhão e Haroldo Domingos Cordeiro fundaram Serendipidade.

– Esse Cordeiro que vosmecê mencionou, ele é parente de Cândido?

– O coronel Haroldo era o bisavô do gordo, ou sei lá, aquilo que vem antes de bisavô. Depois eu levo o senhor para conhecer as fazendas e os coronéis e eles podem lhe explicar melhor. Se o senhor me permite ser honesto, é importante que o senhor aprenda logo como lidar com eles.

– Por quê?

– Pois os coronéis vão lhe aporrinhar o juízo, patrão. O coronel Isidoro Maranhão é o dono do cemitério Taperoá, um homem calmo e de piadas estranhas. O melhor jeito de conseguir a ajuda dele é prosando em sua varanda. Com o coronel Ulisses, por exemplo, é melhor ouvir, concordar, mas não obedecer ao pé da letra. Já com o coronel Leôncio Baluarte, é o contrário. Seria inteligente de sua parte obedecê-lo sem parcimônia.

– E por que eu faria isso?

– O coronel Leôncio é o homem mais rico e poderoso de Serendipidade. O Gravata Vermelha não está acostumado a lidar com desobediências.

– Gravata Vermelha?

– Anos atrás, nós tivemos que fazer parte de uma guerra contra um povoado que se rebelava contra os poderes do império. Foram tempos podres, patrão. Eu vi, naqueles dias de bíblias fechadas, em que o mundo era tudo aquilo que a gente aprende que as revelações são, eu vi a obra do degolador e seu facão.

– E ele mata assim, sem respeito?

– Isso foi na guerra. O homem faz coisas horríveis quando está cercado por tanta morte. O coronel Leôncio é no fundo um homem bom, muito querido e admirado, mas não queira vê-lo de ovo virado.

Jeremias e Aloísio encontraram Meumô amarrada à varanda da delegacia, indício que Cândido estava por perto. A mula relinchou quando os delegados passaram ao seu lado, como se desejasse aos oficiais *bom dia*. A delegacia era pequena, um antigo casebre modificado para comportar as necessidades policiais: uma mesa de madeira arranhada, três cadeiras, um fogão a lenha e uma minúscula cela com um colchão velho, no qual Cândido Cordeiro estava a cochilar.

– Gordo! – esbravejou Aloísio, batendo a ponta de sua bota nas grades de metal.

Cândido levantou-se como um gato ouriçado. Suas bochechas esboçaram um grito, mas conteve-se quando percebeu a figura em sua frente.

– Arriégua, Serafim. Quase mijo nas calças.

O subdelegado riu.

– Esse é o seu escritório, patrão. O que achas? – disse Aloísio, estendendo os braços.

– É bem miúdo.

– E não é? – concordou.

Cândido acendeu a palha, colocou um bule de café para esquentar, coçou o umbigo e tratou de ajeitar as ceroulas que subiam pela racha de suas nádegas. Bocejou. O gordo passou a noite fazendo rondas e não teve tempo de retornar à sua casa. Não era tecnicamente um oficial da lei, não carregava patente alguma em seu peito, mas gostava de assistir a delegacia e seu melhor amigo, o alferes Boaventura.

– Patrão, precisamos prosar sobre algo que anda me incomodando. É sobre o que achamos no deserto.

Sonhos de corpos pútridos e mutilados atormentavam as noites de Jeremias

Callado. As chamas aladas o rodeavam, queimando sua pele em fogo fátuo. Os olhos dos periclitados o encaravam e o julgavam por ter sobrevivido.

– Imagino que vosmecê não queira conversar sobre isso.

– Então não conversemos – retrucou Jeremias.

– Entre os corpos do deserto estava Raimundo Rezende, patrão.

– E eu com isso?

– O senhor não o conhece, mas Raimundo é um cabra conhecido por essas bandas. Matador de aluguel famoso, seguidor fiel de Agenor Conceição. Raimundo matou muitos homens de Serendipidade durante a Guerra das Botinas.

– Chegue logo ao ponto. – Jeremias sentia as veias nas pontas de seus dedos. Gostaria de esmagar o rosto de Aloísio contra a parede por fazê-lo lembrar daquilo que queria esquecer. Queria esmurrar a parede só para sentir a pele abrir e deixar um pouco de sua raiva escorrer por entre as juntas.

– Acho que sei como vosmecê sobreviveu ao ataque – afirmou ao empurrar com os pés uma cadeira para que Jeremias se sentasse. – Quando a Guerra das Botinas acabou e os derrotados se rendiam ao facão do coronel Leôncio Baluarte, Agenor Conceição, Raimundo Rezende e um punhado de seus homens fugiram pela surdina. Sumiram completamente do mapa e até hoje ninguém sabe pra onde eles foram.

Os olhos de Cândido se arregalaram. Compreendeu de antemão o ponto que o subdelegado queria fazer.

– Aqui estava a sua caravana – Aloísio apontou para o centro da mesa de madeira vagabunda. – Tudo indica que vosmecê e sua família vieram pela rota sul, ou seja, pelo Arraial dos Desabotinados. Ou o que sobrou dele – Aloísio arrastou o dedo para baixo. – Quando sua caravana chegou aqui, bem no centro do deserto de Caron, acredito que vosmecês foram atacados por Severino Um-Tiro. Como a gente encontrou o corpo de Raimundo Rezende no meio dos corpos, acho que é seguro dizer que o jagunço do arraial entrou no meio dessa briga.

Provavelmente sem querer, ou porque seguiam o senhor por motivos próprios. Deus sabe como eles não gostam de delegados e coronéis também.

– Eu ainda não entendo por que eu preciso saber disso.

– Por dois motivos, patrão. O primeiro: nem todos aqueles corpos que a gente encontrou devem ser de seus homens. É bem capaz que os homens de Raimundo Rezende e Agenor Conceição tenham tirado algumas vidas do bando de Severino. Essa é a boa notícia. A má notícia é que eu não vi o corpo do Salva-guarda, o que significa que ele está vivo e está pelas redondezas. E isso pode ser um problema – lembranças da guerra encheram sua voz com pesar.

– Problema?

– A Guerra das Botinas foi coisa braba, senhor delegado – entrevistou Cândido, lutando contra lágrimas que já teimavam em descer. Era impossível falar da guerra e não lembrar do irmão mais velho; de como eles gostavam de dividir tardes embaixo da sombra de uma velha mangueira, melando-se em um amarelo doce; de como Clementino gostava de ouvi-lo cantar e de como sentia-se incrivelmente sozinho sendo o caçula de uma família de um filho só. – Todos os homens que tinham idade e saúde marcharam até os portões do arraial. Muitos não tiveram a sorte de fazer o caminho de volta. Perdemos muitos homens bons – a imagem das mãos de Madalena Fortunato dentro do peito de seu irmão ainda o assombrava.

– Ambos os lados perderam muito – concluiu Aloísio.

– E vosmecê acha que eles estão preparando um ataque? – perguntou Jeremias, que compreendia com mais clareza o seu papel naquela vila.

– Eu não sei, patrão. É uma possibilidade. Seria esperto de nossa parte nos preparar para o pior. – Aloísio se levantou e abriu o armário da delegacia, onde dezenas de carabinas, pistolas e munições armazenadas aguardavam o dia em que finalmente seriam usadas. – Aqui está a arma que Cândido encontrou com o senhor no deserto de Caron. Vi que o senhor é bom atirando em urubus. Vamos ver o quão bom o senhor realmente é, patrão.



Os oficiais da lei cavalgaram até chegarem à pequena ponte que atravessava o riacho Serendipidade. As casas e estabelecimentos ficaram para trás, dando espaço para uma pradaria verde enferrujada e bucólica, de estrada delimitada por terra batida, cascalho e cercas de madeira. De lá, Jeremias podia enxergar pequenos pontos pretos a se mexer pela bela plantação do Rancho Baluarte. *Escravos do velho Gravata Vermelha*, explicou o subdelegado Serafim. Cândido tentou clarificar o conceito por trás da escravidão ao delegado, mas não havia nada que pudesse ser dito que fizesse Jeremias Callado compreender tal lógica. *O homem só pertence a si mesmo.*

Aloísio colocou três latas velhas em cima da cerca de madeira e entregou a pistola carregada ao delegado. Era um modelo grande e pesado, de cano longo e tambor de seis balas.

– A sua pistola é um modelo *Brahmastra*, um modelo potente, certo como uma agulha e dono de um belo de um coice, então se prepare – disse o gaúcho.
– Agora, tente acertar a lata do meio, patrão.

Jeremias analisou a arma. Os sinais do tempo e do uso estavam por todas as partes; ferrugens, arranhões e desgaste do cabo. Gravada na lateral do cano estava o nome da pistola. *Brahmastra*. O delegado estirou o braço direito, alinhou a massa com a alça de mira, prendeu a respiração, apertou o gatilho e sentiu o pontapé. Era como esmurrar uma parede de concreto. A onomatopeia ensurdecadora zunia em seus ouvidos e o mundo abafou em cheiro de pólvora queimada.

Era uma boa sensação.

A lata voou e Aloísio e Cândido gritaram em comemoração.

– Tente acertar a da direita – gritou o gordo entusiasmado.

Jeremias engatilhou a arma. Era como se a mão, a pele, os ossos e o sangue se lembrassem de algo que a mente em si não conseguia recordar.

Mirou.

Sim, sem dúvida alguma, o corpo sabia como manusear uma arma.

Atirou.

Antes mesmo da bala derrubar o alvo, no átimo entre o gatilho e o som da lata a voar, Jeremias sabia que tinha acertado.

– Agora a última.

O delegado puxou o gatilho da pistola e o som veio como um trovão, um eco na escuridão.

CLIQUE!

Jeremias Callado sentiu-se sugado de seu próprio corpo, deixando tudo que era etéreo em um outro plano. Enquanto o dedo apertava o gatilho metálico, o homem viu um relâmpago na negrura do esquecimento – uma coruja em chamas voava em sua direção, penas desintegrando-se em cinzas ao tempo que o vermelho amarelado as consumia. *Apague o fogo*, suplicou uma voz infantil.

O corpo de Jeremias enrijeceu em um espasmo travado e a arma disparou.

– Tudo bem, patrão – confortou Aloísio, batendo a mão em seu ombro com um sorriso fraterno. – Não podemos acertar todos os alvos.

Jeremias guardou a lembrança para si. Era a primeira vez que lembrava de algo com tanta clareza, com tanto viço. Seria aquele fragmento de memória o primeiro passo para relembrar o ataque? Lembraria da esposa? Das filhas e dos dias em que já foi feliz?

Retornavam à delegacia quando Cândido Cordeiro rompeu o silêncio:

– O senhor tem onde comer, delegado Callado?

– Tenho jantado na casa da senhora Fortunato.

Jeremias Callado respondia às perguntas, mas os olhos estavam perdidos, ponderando sobre os segredos que o breu o reservava.

– E o senhor tem dormido onde? – perguntou o gordo curioso.

– Estou dormindo no sofá da senhora Fortunato. Ela disse que irá me mostrar a casa do meu tio amanhã.

Aloísio e Cândido trocaram olhares de esguelha; sabiam que nada de bom resultaria se a notícia de que Jeremias Callado dormia na casa da viúva Fortunato chegasse aos ouvidos maldosos da vila. Ouvidos como os de dona Matilde e de dona Siqueira, que não pestanejavam em disseminar a discórdia. *Esse*, pensou Cândido Cordeiro, *é um segredo que eu não conto*.

– Meu pai é um dos coronéis de Serendipidade, delegado Callado. A nossa casa é bastante grande, tenho certeza que se o senhor quiser estirar as pernas lá ou até pernoitar por alguns dias, não vai ter perrengue nenhum – ofereceu Cândido, filho do coronel Eusébio Paranhos Cordeiro.

– Não, obrigado. – A conversa passava pelo delegado feito brisas de primavera em galhos de carvalho.

Jeremias Callado chegou à casa de Madalena Fortunato antes do sol se pôr. A sala, que cheirava a toicinho e a purê de aipim, era iluminada por lampiões e velas de sete dias. O lume fraco acariciava os rostos com seu calor ameno e um tapete de penumbras agradáveis cobria tudo aquilo que as gambiarras não alcançavam. O delegado se sentou à mesa com Madalena Fortunato e sua família e enquanto boiava a deliciosa comida que a viúva havia preparado, escutou as notícias da pequena Rosário. A menina contava para a mãe sobre os aprendizados da escola. Não pausava entre cada frase, atirava informações sem respirar e com um entusiasmo cativante. Jeremias prestava atenção na narrativa, mas não conseguia compreender metade das coisas que saíam de sua boca. Isaías, o filho mais velho da enfermeira, era o oposto: calado, recatado, retraído – não olhou para cima uma vez sequer. Como era uma quinta-feira, Madalena chamou Rosário para assistir na lavagem dos pratos, deixando Jeremias e Isaías sozinhos, cada qual com seu demônio pessoal.

A lua era um beiju de tapioca no firmamento quando Madalena Fortunato e Jeremias Callado decidiram tomar café na varanda.

– Seu filho parece ser um bom rapaz.

– Ele é.

A bebida quente esquentava as mãos da enfermeira, que sentia o frio do anoitecer. Preocupava-se com o filho, que desde o nascimento parecia ter sido praguejado a uma vida de sofrimento.

– Sabe, me dá uma gastura hora ou outra. Isaías anda chegando em casa calado e com hematomas pelo corpo todo. Ele tenta esconder, mas nada foge ao olho de mãe, não sabe? Quando pergunto o que aconteceu, ele sempre me responde com meias verdades.

– Hematomas?

– Sim. Não reparou que hoje no jantar ele tentava esconder o rosto? – perguntou Madalena ao beber um pouco de seu café.

– Se a senhora quiser, posso averiguar o que está acontecendo. Conversar com algumas pessoas sobre os motivos e descobrir o que pode ser feito a respeito.

– O senhor faria isso?

– Claro.

O delegado e a enfermeira trocaram olhares. A brisa noctívaga acariciou os cachos de fogo da mulher, revelando a curva de sua nuca bronzeada.

O movimento na rua aos poucos foi minguando ao tempo que os cidadãos de Serendipidade afogavam suas mágoas em travesseiros ou em garrafas no Bar do Nico.

A hora marasmada.

Aquele café, aquela varanda, aquela noite, aquela companhia: se tudo em sua vida se resumisse àquele momento, o delegado se consideraria um homem de sorte. Mas a vida é feita de diversos momentos, e por mais que Jeremias tentasse se ater àquele felicidade, sabia que ela eventualmente esmaeceria feito estrelas na alvorada.

– Madalena? – um homem esquelético, de bigode falhado e ossos pontudos, se aproximou da varanda.

– Estêvão? – perguntou a enfermeira, que de repente estava assustada e acuada.

– Quem é esse? – Estêvão se aproximava feito um lobo-guará cercando sua presa. Seus dedos coçavam a pistola que trazia entocada nas calças.

– Eu me chamo...

– Eu não falei com vosmecê.

– Estêvão, o que vosmecê faz aqui?

Jeremias estranhou o nervosismo que se apossou da voz de Madalena, que claramente não confiava naquele homem.

– Eu que te pergunto isso. O que esse cabra enfezado está fazendo embaixo do teto do meu irmão?

O visitante malquisto carregava nos ombros e no semblante uma loucura evidente. Jeremias permaneceu sentado, encarando o homem nos olhos, mas com sua atenção focada nos movimentos de sua mão direita.

– Eu sou o delegado Jeremias Callado.

As palavras saíram de sua boca com um sabor diferente de tudo que havia provado até então; era a primeira vez que se apresentava usando seu nome e ocupação. Era finalmente alguém.

– Então é verdade, vosmecê está se engraçando com o delegado de merda.

– Estêvão, vá embora. Eu já disse que não quero conversa com vosmecê.

– Madalena...

– Siga seu caminho, companheiro – alertou Jeremias.

Estêvão ignorou a sugestão do delegado e começou a se aproximar da entrada da varanda.

– Dê mais um passo e eu pinto de vermelho a varanda da senhora Fortunato. Jeremias tomou um gole vagaroso de café enquanto os olhos permaneciam

mirando o traste dois metros a sua frente. Os músculos do corpo de Madalena se tencionaram, e a enfermeira sentiu a xícara em sua mão estalar. Estêvão fitou o estranho, um homem que tinha audácias de ditar ordens na casa que um dia pertenceu ao seu irmão. *Que disparate*. Pensou em desafiá-lo, mas não via medo nos olhos de jabuticaba.

– Quem é vosmecê pra dar ordens à minha pessoa? Só porque anda com uma estrela no peito acha que é alguém.

– Se vosmecê der mais um passo, o que vai te colocar no chão não vai ser minha estrela.

– Se vosmecê puxar sua arma, é bom me acertar – ameaçou Estêvão.

– Não se preocupe com isso – sorriu.

– Chega! – gritou a enfermeira. – Vosmecês homens e suas malditas armas. Estêvão, eu não lhe devo explicação alguma. Parta. Agora!

Madalena nunca compreendeu a fixação que os homens tinham em querer provar sua masculinidade com sangue derramado. *Já não basta Deus ter criado a fome, a moléstia, a raiva e as doenças, o homem tinha de piorar tudo e inventar pistolas?*

– Eu gostaria de prosar com vosmecê, Madalena – Estêvão deu dois passos para trás. Rabo entre as pernas.

– Nossas prosas não levam a lugar nenhum. Avexe daqui.

A determinação da enfermeira surpreendeu Jeremias Callado. Sem nenhum disparo, a mulher havia resolvido o impasse, fazendo Estêvão descer a rua Cordeiro à procura de outro cão para chutar. Jeremias continuou sentado, tranquilamente tomando seu café. Madalena sentou-se ao seu lado, ajeitou os cachos ruivos e suspirou.

– Irmão de seu marido?

– Um pedaço de carne estragada é o que ele é. Aquilo não vale o que gato enterra.

Madalena estirou o pescoço à procura de Estêvão, que já havia sumido na escuridão. A mulher voltou sua atenção ao delegado, que contemplava sua xícara de café.

– Vosmecê não mataria ele por tão pouco, não é? – perguntou Madalena com um sorriso incrédulo.

Jeremias sabia a resposta que a viúva desejava ouvir. Queria que ele dissesse que não, que tudo não passou de uma ameaça vazia, um blefe precavido. Mas isso não era verdade. A primeira coisa a evaporar no sertão é a compaixão. *Mataria por tão pouco?*, pensou o delegado. *Mataria. Mataria por muito menos.*

– Mataria – respondeu sem parábolas ou ardeios.

A enfermeira não esperava aquela resposta tão seca, tão honestamente brutal. Percebeu ali, naquele momento, que o velho Timóteo, que, acima de tudo, prezava pela vida, era um ser completamente diferente de seu sobrinho.



Estêvão Fortunato, o segundo filho de seus pais, andava pelo atalho que ligava a rua Cordeiro à rua Paiva. Seus passos eram vagarosos e destrambelhados. Como pôde ela escolher ele? Como não me escolher? Afinal, ele era uma cópia cuspida e escarrada de Caetano. Estêvão chutava pedras pelo caminho enquanto ponderava sobre os erros que a enfermeira havia cometido ao longo de sua vida. O cão raivoso passou perto da senzala dos Cordeiros e pensou em se divertir com uma das negras do coronel Eusébio, mas quando elas estavam assim, todas aglomeradas, era difícil pegar uma. Frustrado e rejeitado, o homem sentou-se no fim da plantação de trigo e mandioca da fazenda Recanto e pensou nos lindos cachos vermelhos de Madalena. As calças arriaram e os olhos se fecharam. Estêvão pensou na pele branquinha e lisa da mulher de seu irmão, sua cintura

fina e olhos de fogo, nos segredos por trás de seu espartilho, nos gemidos que nunca ouviu, no morder de lábios de seu prazer.

Uma coruja se pôs a chirriar, atrapalhando o deleite de Estêvão Fortunato, que se levantou assustado, vergonhas ouriçadas, cinto desafivelado. Sentada na cerca de madeira, uma coruja listrada testemunhava a tudo. Os olhos negros e desalmados da ave pareciam penetrar-lhe a pele e ossos, descobrindo seus anseios mais íntimos, seus medos mais enterrados. O homem se abaixou, puxou a pistola e atirou. Os disparos alarmaram a coruja, que saiu voando pela noite fria, levando consigo os segredos de Estêvão Fortunato.

XI

quem inventou o amor foi um poeta

O capitão Celestino Floriano, o poeta de Serendipidade, via sonetos e cordéis onde quer que seus olhos mirassem. Era escravo da beleza, pois até nas ossadas esquecidas da vida seca, o homem encontrava versos. Carregava no nome as belezas que lhe roubavam o fôlego e davam palavras aos seus lábios; das distantes bolas de gás que alumiam o firmamento feito vagalumes presos em resina, até as flores que teimavam em florescer no meio de um oásis de serendipidade. Mas somente uma formosura o deixava completamente mudo, um verdadeiro tapado sem palavras – formosura que tinha nome de clemência, tamanha era sua boniteza.

Piedade Maranhão.

Desde pirralho, o poeta sabia que não haveria outra, senão a filha do coronel Isidoro Maranhão. Celestino viu algo naquela moça que mais nenhum outro homem veria: um segredo que era só dele. Foi descobrindo o amor entre olhadelas que culminavam em sorrisos tímidos, entre sonhos que se transmutavam em desejos encabulados, entre dias que acabavam em anos sem fim. Ensaiaava odes românticas na segurança da solidão, local onde seu amor não era só correspondido, era também vivo e voraz. Até que criou coragem e pôs o coração em papel. Nasceu com o seu amor por Piedade, sua paixão pela poesia. Aprendeu com o padre Portugal o bê-á-bá dos sonetos e as métricas dos cordéis e estudou os livros com a mesma sede de quem vive no meio do deserto vermelho. Sua predileção por versos e rimas logo chamou a atenção do povoado, que, impressionado com sua determinação e lirismo, o convidava para recitar poesias nas varandas de suas casas. Foi assim, no cair de uma noite de setembro, quando a lua já pastava no firmamento e as cigarras orquestravam o coro do crepúsculo, que Celestino Floriano entregou sua primeira carta de amor.

Para sinhá Piedade.

*Me dizem que sou cego,
por não ver cor marela.
Mas ó que judiação.
Eu lá careço dela?
A lindeza que quero
vejo em tu, donzela.*

*Meu marelo é cinza
essa é a verdade.
Diga, amor lá tem cor?
Cor é só claridade.
Amor se faz nas trevas,
sem dó, nem piedade.*

*Escrevi esse cordel
em forma de repente.
Pois, assim, de repente
me vi cabra descrente
de uma vida sem teu mel,
sem teu beijo ardente.*

*só morrerei após ter-te conquistado plenamente,
Celestino Floriano*

E para sua alegria, Piedade disse sim ao seu amor. Isolada do mundo e confinada entre cortinas fechadas e segredos de cemitério, a moça conhecia muito pouco do mundo lá fora. Mas as virtudes dos conhecimentos exteriores tinham pouco mérito nas ordens de seu coração. Sempre achou muito formoso o capitão poeta; sua pele de caramelo queimado, seus olhos tristes e seus poemas tão cheios de esperança. Colava o ouvido na porta da casa e escutava as rimas de Celestino enquanto este recitava poesias para o agrado do senhor seu pai. Uma paixão abafada e cega. Namoravam escondidos, em piscadelas de visitas que se estendiam por vidas infindas. Nas noites que o pai se ausentava, fugiam para debaixo de um velho juazeiro no cemitério Taperoá, trocando carícias, beijos, juras de amor eterno e outras inocências que casais apaixonados fazem quando estão sozinhos.

Nos laços das mãos dadas e dos lábios molhados, o casal vivia.

O resto era espera.

– Tarde, coronel – disse Celestino ao encontrar o velho Isidoro em sua varanda.

– Tarde, Floriano. Que boas vosmecê traz? Um poema? – o coronel Isidoro Maranhão chupava casca de manga em onomatopeias molhadas.

– Infelizmente, não. Não trago boas novas – disse Celestino com sobrelhas curvadas. – Estou a levar uma carta de juramento de sangue para o coronel Baluarte.

– O que se sucedeu? – o velho cuspiu uma lapa de casca varanda afora.

– Libertino Valente não esfaqueou o pobre do Martin Ribeiro durante um Risca Coral?

– Não me contaram isso. Ele morreu?

– Antes fosse. As feridas inflamaram, Martin tá com furúnculo pelo corpo todo e o coitado tá se ardendo de febre na cama. Doutor Rubé diz que ele não deve aguentar muito tempo.

– Jesus abençoado.

– Pois é. Por isso, eu vim conversar com vossenhoria em nome do coronel Ulisses. Ele quer saber se o senhor vai apoiá-lo caso eu entregue essa carta.

O coronel Isidoro descansou suas costas velhas e curvadas no encosto de sua poltrona predileta. O capitão Floriano carregava nas mãos uma carta manchada com sangue de seu patrão; uma vez entregue, uma promessa era garantida: mais uma cova seria cavada no cemitério Taperoá. Normalmente, isso seria bom negócio para o velho Maranhão, mas não neste caso. Quando algum apadrinhado de coronel era derrubado, uma fila de mortes desnecessárias, e muitas vezes inocentes, se seguiam.

– O coronel Paiva pede muito com essa visita sua, Floriano.

– O coronel acredita que ele tem crédito com vossenhoria.

– Crédito? E existe isso nesse mundo?

– Pelo o que ele fez por vossenhoria na seca de dez anos atrás.

– E favor agora é crédito, Floriano? – disse com toda astúcia de velho sabido.

– É uma questão de semântica, senhor coronel.

– Mas veja só. Estudou um tiquinho com o padre Portugal e já se acha dicionário retirante – riu o velho Isidoro. – Gosto de ti, Floriano, e é verdade que seu patrão me assistiu na grande seca, mas não devo nada a ninguém. Regra da

casa. A verdade é que Libertino Valente não vale a bufa de uma muriçoca morta! – o momento era acabrunhado, mas os dois se permitiram dividir uma risada lenitiva. Naquele mundo de alegrias apressadas, os loucos remoíam as desavenças e os sãos aproveitavam a sombra de uma distração momentânea – Mas mesmo que eu não vá com a cara de Valente, não posso dar meu apoio.

– Compreendo – disse Celestino se levantando.

– Não quer ficar e tomar um refresco?

– Não seria imposição?

– Se aprume, homem, eu sou lá homem de negar uma bebida ao poeta da vila?

Celestino ensaiou um sorriso encabulado e se sentou em uma das cadeiras do coronel. Isidoro Maranhão gritou pela filha, que já apareceu com suco em mãos.

– Oxi, vosmecê tá lendo pensamento, menina? – perguntou ao estranhar a prontidão nas honras da casa.

– Não, pai. Eu ouvi o senhor conversando com alguém e achei melhor ir já preparando algo.

As certezas do mundo só fazem sentido para aqueles que se dedicam a desvendar os seus segredos. As bochechas vermelhas da moça Piedade denunciavam seu encabulamento diante de seu amado, homem que ruborizava sua vida e lhe dava tremedeira nas pernas, mas aos olhos ignorantes de seu pai, não passava de uma vergonha alheia. Os corações dos amados, separados por meio metro de ar, batiam em uma intensidade uníssona, temerosos, excitados e treloucados.

– Pode voltar – disse Isidoro, que não permitia mais que alguns segundos de ar fresco para a filha.

Piedade retornou à prisão que chamava de lar enquanto Celestino dividia um copo de suco de goiaba com o seu carcereiro. A moça subiu as escadas e levou o resto de suco aos aposentos de suas irmãs. A alcova, entregue à mais completa escuridão, cheirava a mofo do esquecimento. Paloma, a do meio, e

Pérola, a caçula, eram brancas feito fantasmas, e viviam feito tais, presas naquele purgatório, assombrando os corredores com seus suspiros e lamentos. As meninas só conheciam o mundo através das palavras da irmã mais velha, que tentava descrever ao melhor de sua capacidade o já restrito universo que ela conhecia. Para as pequeninas, as árvores e a grama, os cavalos e os insetos, as nuvens e a chuva, a lua e as estrelas eram apenas manifestadas em sílabas e metáforas mal articuladas por Piedade. Quando Pérola ainda cabia em seu colo, Piedade se viu com a responsabilidade de explicar à irmã o que era a chuva, pois os sons dos trovões assustavam a pequena. *A chuva, disse a irmã mais velha, é a felicidade que secou e virou água. É por isso que a gente fica assim triste, porque a felicidade evapora rápido, e vai lá pra cima, lá pro céu. E as nuvens ficam carregadas de felicidades. É tanta, mas tanta felicidade, que o vento começa a chacoalhar que nem menino doido. E aí quando uma felicidade bem grande, daquelas que faz a gente rir por dias e dias, se bate com outra felicidade bem grandona, o céu não aguenta de tanta alegria e grita. Cabrum! E aí a água cai, trazendo a alegria pra irrigar o solo que o calor castiga.* E foi assim, sem pedir, nem compreender, que Piedade Maranhão virou mãe.

– Quem é que está lá fora com o pai? – indagou Paloma ao terminar de beber o resto do suco.

– O capitão Celestino Floriano.

– O poeta? – perguntou Pérola.

– Sim.

A escuridão tratou de esconder os sorrisos travessos nos lábios das irmãs mais novas, que descobriram o interesse da irmã pelo capitão quando notaram que Piedade sempre o descrevia com dois ou três adjetivos a mais que os demais visitantes.

– Vosmecê vai casar com o poeta? – perguntou Paloma.

– Oxi, menina, se aprume que eu não lhe dei essa ousadia – respondeu nervosa.

As meninas, notando o encabulamento da irmã mais velha, trataram a

repetir em tom zombador *Piedade ama Floriano. Piedade ama Floriano. Piedade ama Floriano.*

– Vosmecês parem com isso – repreendeu em tom ríspido. – Se pai ouviu isso, ele faz juramento de sangue e pede a cabeça do coitado. Parem com isso agora, não quero nunca mais ouvir essa história nessa casa.

As meninas engoliram o orgulho e abaixaram a cabeça.



Jeremias Callado estava cercado pelo passado de outro homem. A casa do velho delegado Delfino cheirava a tabaco e dias passados. *Ele fumava todas as tardes*, disse Madalena ao lhe entregar o cachimbo feito de madeira de betouro. *Ele sentava nessa cadeira e olhava o movimento da rua*, continuou a enfermeira, suas mãos acariciando o encosto do móvel. Nas estantes, lembranças que o tempo não comeu. Livros, diários e anotações se empilhavam em reminiscências que provavam uma vida que se foi: uma ossada em papel. Escondidas em uma caixa de madeira estavam as cartas que o velho deixou de recordação. A mais nova foi escrita pelo próprio Jeremias quatro meses atrás; a mais antiga datava cinquenta e dois anos. Madalena perguntou se podia ficar com as correspondências românticas entre o velho Timóteo e sua esposa, Rute. Jeremias não teve grandes dificuldades em se desfazer dos espólios de seu tio, não se via afeiçoado a nada naquela casa, principalmente aos pedaços de papéis desbotados e seus garranchos inelegíveis.

A enfermeira deixou o delegado sozinho para que ele pudesse se acostumar ao seu novo lar. Jeremias começou a guardar as cartas que a enfermeira não havia levado consigo, correspondências que ele mesmo havia mandado para o tio quando criança. Folheou o maço de folhas escritas e leu lembranças que só existiam em tinta.

Uma carta em particular chamou a atenção.

Tio Timóteo,

Pai me levou pra conhecer a capital. A viagem foi bem divertida. Eu e mainha brincamos de contar gado pelo caminho. Ela desistiu em cinquenta e sete. Eu só parei de contar pra dormir. Quando chegamos na cidade grande, eu tinha contado três mil, quinhentos e setenta e sete cabeças de gado. Tem gado pra muita gente nesse mundo tirar a barriga da miséria, pena que a divisão não é acertada, disse painho. Aquilo pareceu ter chateado ele, mas eu achei melhor não perguntar o porquê.

A capital é diferente. É tanto prédio. É tanta rua. É tanta gente, tio, que eu não sei como eles não se perdem todos os dias. Lá em Pequena Pasárgada, eu conheço todo mundo com quem eu me esbarro. Mas eu me bati com tantas pessoas em só duas horas de relógio, que seria impossível eu decorar tanto nome. Eu falei pra painho que os gados deviam vir pra cidade grande, ele disse que eu podia ter certeza disso. De alguma forma, eu não acho que ele estava falando da mesma coisa que eu. Mas a melhor coisa da capital foi poder ver o marechal Onofre Calisto Firmino. Eita, que homem importante, tio. Só andava com três soldados do lado, e com tanta estrela no peito que parecia uma noite desanuviada. Eu ouvi o povo comentando, dizendo que o marechal é amigo íntimo do imperador. Será? Enfim, painho disse que o senhor também tem estrela no peito. Quantas estrelas o senhor tem? Quantos homens já prendeu? Quando eu crescer, quero ser um delegado também. Como disse o marechal, “para colocar ordem no caos”.

*Saúde e Deus te abençoe,
Jeremias*



Libertino Valente brincava com o naco de unha partida em seu dedo anelar esquerdo. O pacificador e o capitão Odorico Alexandrino Baluarte discutiam sobre algo, mas o assecla do coronel Leôncio não compreendia exatamente o porquê de ele estar presente naquela reunião. *Homens de gravatas nada tem o que conversar com homens de gibão*, pensava Valente, que por ora, dedicava toda sua concentração ao pedaço de unha que ainda restava preso em seu dedo.

– Eu não sei, pacificador. Só estou repetindo o que o senhor meu pai disse – rebateu Odorico Alexandrino.

Venâncio Galdino coçou o nariz, impaciente, nervoso.

– O que é que eu posso fazer, senhor Odorico? Eu mandei avisar ao coronel Leôncio o que eu ouvi da própria boca do coronel Ulisses. Que ele está revoltado com o que Libertino Valente fez.

– Nós já sabemos disso. Nós queremos é saber como resolver isso.

– Não sei. O coronel parecia bem determinado com o juramento de sangue. O que é que eu posso fazer?

– Seu trabalho – Odorico Alexandrino era um diplomata por vocação e poucas coisas o tiravam do sério como um juramento de sangue.

– Meu trabalho é manter a paz e é isso que eu estou tentando fazer. Sou pacificador, não salvador. Se o seu homem aí não consegue conter os nervos dele e sai esfaqueando mêimundo de gente, alguma hora isso ia acontecer.

– Duvido que vosmecê falasse com tanta intimidade se o senhor meu pai estivesse aqui. Lembre-se que eu sou capitão da família e juiz de Serendipidade.

– É verdade, me desculpe, mas o senhor sabe que me pede algo que eu não tenho controle.

– Então é isso? Nós vamos permitir que outro juramento de sangue tome

conta de Serendipidade, de novo? O coronel Leôncio foi bem claro: se algo acontecer a Libertino Valente, ele vai ter o couro do responsável.

– Eu compreendo. Talvez se Libertino Valente pedisse desculpas ao coronel Paiva e pagasse pelo tratamento do Martin Ribeiro, talvez isso ajudasse.

– Eu não vou pagar por nada – disse o assecla sem demonstrar muita preocupação em sua voz.

– Vosmecê vai fazer o que eu mandar – respondeu Odorico Alexandrino.

– Senhor capitão, se o senhor me permite falar por dois segundos, vai compreender meu ponto de vista. Eu estava jogando dominó com Martin Ribeiro, com o capitão Lourenço Malvino e com o capitão galego, quando Martin me chamou de ladrão. Nunca tirei nem manga de pé que não me pertencesse, senhor Galdino. Nunca. Então, pra mim, o cabra tava pedindo uma facada.

– Vosmecê um dia pode ser capitão, Valente, e fica com essa prosa pra boi dormir de que *o cabra estava pedindo pra morrer?* Pelo amor de Deus, homem. Tu foste ignorante e ponto, não precisava desafiar o homem a um Risca Coral. E agora estamos com essa merda na mão sem fossa que dê jeito – disse Galdino.

– Que ele faça o juramento de sangue então – disse Libertino Valente para a surpresa dos engravatados a sua frente.

– Vosmecê quer morrer?

– Um dia, claro.

– O coronel Ulisses vai dar a ordem para que o capitão dele dê cabo em vosmecê – Odorico Alexandrino constatou o óbvio.

– Eu sei que um dia eu vou morrer com um buraco de bala em mim, capitão. Disso eu não tenho dúvida. Mas eu te garanto que não vou morrer pelas mãos de um cabra do calibre de Celestino Floriano.



Piedade Maranhão fazia carinho nas mãos bem cuidadas de seu amado. Estavam embaixo do velho juazeiro do cemitério Taperoá, aproveitando os poucos segundos que tinham para trocar carícias e afagos.

– O padre Portugal me ensinou uma coisa hoje – disse Celestino.

– E foi, foi?

– Foi. Ele me ensinou que existem palavras e frases que podem ser escritas de trás pra frente, e mesmo assim elas permanecem as mesmas.

– Como assim? – perguntou Piedade Maranhão.

– Palavras como osso. Ó, ésse, ésse, ó. É igualzinho, se vosmecê inverter a ordem. Ó, ésse, ésse, ó.

Piedade sorriu.

– E aí, eu fiquei matutando sobre as ordens das coisas, não sabe? A gente só sabe ver o mundo em uma ordem. Amanhã depois de hoje. Terças-feiras sempre depois das segundas. Agosto sempre antes de setembro. E se a gente pudesse embananar tudo, e ver a vida andando de ré? Eu acho que ela continuaria linda, só que diferente. Nosso amor nasceria na dor da separação da morte e começaria bem fraquinho, com a gente velhinho. Mas aí ele ia ganhando força, ficando mais jovem, mais arrojado. Aí, a gente ia desaprendendo a se namorar, desaprendendo a se beijar. E nossa história de amor terminaria com a vergonha do primeiro olhar.

– Vosmecê pensa nas coisas mais lindamente estranhas.

– Pensando nisso, criei esse poema pra vosmecê.

E assim a missa é:

Ame o poema,

amada dama.

*O teu drama é amar dueto.
Rir, rever, reler, rever, rir.
O teu drama é amar dueto,
amada dama.
Ame o poema,
e assim a missa é.*

Piedade amava o lirismo de Celestino, que gastava suas horas livres compondo poemas e músicas somente para ela.

– O que é que vosmecê queria com pai?

– O coronel Ulisses pediu o apoio do senhor seu pai para um juramento de sangue.

– Não...

Aquele pedaço de terra quieta, no qual só se ouvia os cochichos dos mortos, era o único local em que Piedade Maranhão era completamente feliz. Viveu ali, sob aquele solo fertilizado por sonhos inacabados e panegíricos caridosos, os mais alegres momentos de sua vida – detestava macular aquele santuário com lágrimas tristes.

– Quem? – perguntou apreensiva.

– Libertino Valente.

– E quem é ele?

Celestino Floriano encarou sua amada e viu todo o temor de um futuro sonhado transbordando por seus olhos arregalados.

– É um cabra amarelo que machucou um dos homens do coronel Paiva. Se Martin Ribeiro morrer, eu terei que pôr um fim nele.

A mão de Piedade se apertou em volta das mãos lisas e bem aprumadas do capitão Floriano.

– Não morra, por favor.

- Minha Piedade, deixe dessa conversa. Com vosmecê eu descobri uma coisa. Eu descobri que a vida é um nó e a morte é o desenlace. Quando eu vi vossenhoria pela primeira vez, meu coração contorceu um tantão. Foi aí que eu soube que a senhora apareceu na minha vida pra me apertar. E cada vez que eu beijo, cada vez que eu te toco, cada vez que eu penso em vossa formosura, o meu coração aperta um bocadinho mais o nó da vida. E agora, Piedade, nem mesmo o tempo nem a morte pode me desamarrar, pois eternizei por mode da senhora.

Os calcanhares de Piedade se desgarraram do chão, como se de repente ela flutuasse leve feito balão, livre pra queimar nos céus e beijar o homem em quem depositava tudo que tinha.

XII

o nome bom, o nome ruim e o nome feio

O velho Hubert bebia uísque em um cantil de metal enquanto testemunhava a peregrinação semanal dos dignos cidadãos de Serendipidade a caminho da missa dominical. Senhores e senhoras, todos propriamente adornados e munidos com seus livros santos, iniciavam sua semana purgando-se dos pecados que haviam coletado ao longo dos últimos seis dias. O anacoreta divertia-se com a hipocrisia por trás daquelas bênçãos esporádicas. *Todos os pecados podem ser expurgados, menos o pecado de não pecar*, dizia o doutor àqueles que criticavam sua descrença. Riam dele enquanto cambaleava pelas ruas da vila; ele os bufoneava enquanto rezavam aos domingos – uma justa troca. Ao perceber que Jeremias Callado acompanhava Madalena Fortunato em direção à igreja, o doutor pulou do banco em frente ao escritório do pacificador e se juntou à procissão.

– Não me diga que é um deles também, meu caro Callado.

– Com licença – Madalena se afastou do doutor Stroheim.

– A senhora Fortunato não é uma das minhas maiores admiradoras – disse Hubert evasivamente.

Jeremias admirava a maneira como o doutor lidava com o desdém alheio, não parecia haver munição nos lábios dos cidadãos de Serendipidade que pudesse o afetar.

– Aparentemente não – disse o delegado, fitando os passos acelerados da senhora Fortunato. – Qual é o motivo de tanta discórdia entre voscêcês?

– Isso, meu caro delegado, é assunto para um dia de bebida menos amarga. Mas me diga, meu jovem, não é mais uma dessas ovelhas estultas, é? – perguntou com o braço envolto no ombro do oficial da lei.

– Acho que não. Nada tenho com Deus e nem ele comigo.

Jeremias Callado não conseguia conceber a ideia de uma entidade superior que era capaz de abandonar o mundo e permitir que atrocidades como o assassinato de sua família acontecessem. Se um Deus onipresente, onisciente e onipotente existisse, então ele era tão responsável pela morte de sua família como Severino Um-Tiro, e tão culpado quanto o próprio Cão.

– Eu também não, delegado Callado. Mas após décadas vivendo nesse vilarejo, ouvindo comentários viperinos sobre minha pessoa, provando, ano após ano, de suas peçonhas, devo admitir que hoje acredito em cobras que falam e te expulsam do paraíso. – O doutor soltou uma risada tônica, que chamou a atenção de todos ao seu redor.

A honestidade sem pudor do velho von Stroheim era desconcertante para a grande maioria da população local, que, acostumada às cordialidades fáticas do dia a dia, fazia de tudo para evitar sua companhia.

Hubert e Jeremias seguiram o caminho à igreja descendo a rua Belchior, um pedaço de terra que trazia péssimas recordações ao homem com estrela no peito – o adeus a sua família, a diligência transmutada em cinzas, as chamas dos pesadelos e a possibilidade do ataque de um tal de Agenor Conceição. *Aperreio é que nem ovelha, aonde um vai, sempre se segue outro*, disse Aloísio Serafim sobre a lista de problemas incumbida ao delegado.

Todos os moradores da vila, tirando algumas poucas exceções, procuravam por assentos na igreja. O doutor Hubert se despediu de Jeremias Callado nos portões de entrada da abadia; *zombar de suas hipocrisias é um ótimo passatempo*, disse o velho, *mas não desrespeitarei a fé deles*. Todos no recinto olhavam para o novo delegado, que passava por aquele mar de desconhecidos com a mesma cautela com que boiadeiro passa por arame farpado. Sentou-se ao lado de Madalena Fortunato, que combatia o calor com um leque de pano vagabundo.

– Se eu fosse vosmecê, trataria de ficar longe do anacoreta – disse a enfermeira com repúdio nos lábios.

– Ele late, mas é cão banguelo – respondeu o delegado, varrendo a enorme capela com seus olhos.

Padre Gregório Portugal pregava em cima de um púlpito decorado com detalhes folheados a ouro. Gesticulava e dizia coisas que não faziam sentido aos ouvidos de Jeremias.

– Que língua é essa que o padre está falando?

– Latim.

– E que língua é essa?

– É uma língua antiga.

– E o que é que ele está dizendo agora?

– Não sei, eu não sei falar latim – respondeu Madalena, que abanava seu leque com veemência, tamanho era o abafamento.

Jeremias encarou a enfermeira confuso. Qual era o propósito de ficar ouvindo um homem falar se não se compreendia as palavras que saíam de sua boca? Que tipo de conforto palavras forasteiras podiam ter a ouvidos que não podiam as decodificar? Ignorou sua incompreensão e procurou por rostos novos na multidão.

– O coronel Leôncio Baluarte está aqui?

Madalena espichou a coluna e examinou a congregação.

– Não. Vejo o capitão Odorico Alexandrino, ele é o único que desce para as missas. Aquele menino lá na ponta direita, aquele é Faustino, o filho mais novo do coronel, que raramente deixa o rancho esses dias.

– Gostaria de conhecê-lo – disse Jeremias, entusiasmado.

– Aquele velho desprezível?

– Desprezível? Achei que todos amassem o coronel – era a primeira vez que Jeremias ouvia alguém maldizer um Baluarte.

– E amam. Amam demais os Baluarte por essas bandas. Mas eu convivi com seu tio, ouvi diretamente dele os problemas de nossa vila. O velho Timóteo me garantiu que não há homem mais podre que Leôncio Baluarte. Não à toa esse apelido horrível de Gravata Vermelha.

Jeremias Callado não sabia em quem acreditar. As verdades de Serendipidade pareciam vir embrulhadas em camadas de mentiras e meias verdades. Se, por um lado, Madalena Fortunato dizia algo, Aloísio Serafim e Venâncio Galdino diziam o oposto. *O homem não pode ser duas coisas completamente diferentes.* Na tentativa de desvendar o mistério acerca da família Baluarte, Jeremias ficou remoendo todas as conversas que tivera até o momento, do despertar na casa da enfermeira Fortunato até a prosa com Aloísio Serafim pelas ruas de Serendipidade, e, quando menos percebeu, havia se passado duas horas e a missa havia terminado. Levantou-se para conversar com o padre Portugal quando foi puxado pelas grossas mãos do pacificador.

– Delegado Callado, gostaria de lhe apresentar a Odorico Alexandrino Baluarte – disse Venâncio Galdino com seu tradicional sorriso ensaiado.

Atrás do pacificador estava um homem garrido e alto, trajado em um terno marrom, do mais puro e fino linho. Usava uma gravata de seda e carregava em cima do nariz grossos óculos pretos. O homem estendeu a mão para cumprimentar o delegado.

– Prazer – disse Jeremias.

– O prazer é todo meu, delegado – o homem era tão airoso que Callado duvidou das palavras ríspidas de Madalena Fortunato.

– Este aqui é o filho prodígio de Serendipidade, delegado Callado. Homem letrado e formado no exterior, que hoje é o juiz de Serendipidade – disse Venâncio, batendo as mãos nos ombros de Odorico Alexandrino. Jeremias não conseguia distinguir se suas palavras eram honestas ou simples bajulações desenfreadas.

– Não preste atenção nas palavras do nosso pacificador, delegado. Ele e meu pai possuem um péssimo hábito de superestimar meus feitos – encabulou-se Odorico Alexandrino. – Eu não vou tomar muito de seu tempo, só queria dizer oficialmente que meu escritório está sempre à sua disposição no que se refere à lei.

– Fico agradecido.

Naquela mesma manhã, Jeremias foi apresentado a três dos coronéis do Punho: Eusébio Paranhos Cordeiro, pai de Cândido, Porfírio Baltazar e seu capitão Esteban Emanuel Santiago, e Isidoro Maranhão, dono do cemitério Taperoá. Os coronéis eram homens de falas mansas, de anéis e colares de ouro e que se destacavam do resto da população em ostentação. Venâncio aproveitou a congregação para apresentar o delegado às pessoas, desfrutando de cada brecha para encaixar as palavras *eleições* e *votos* nas conversas. Quando terminou com todas formalidades, Jeremias Callado subiu o corredor vazio da igreja para parolar com o padre.

– Padre Portugal?

– Delegado Callado, mas que honra finalmente conhecê-lo pessoalmente – o padre era um jovem de trinta e tantos anos, de beleza serena, olhos verdes feito oliva e cabelos milimetricamente penteados.

– Eu passei para agradecer por sua ajuda no enterro de minha família.

– Não há o que agradecer, meu caro delegado. Estava apenas fazendo o que eu podia. Como diz o bom livro: – o padre balançou sua cópia da Bíblia – *Um samaritano, porém, que ia de viagem, aproximou-se do homem e, vendo-o, teve compaixão dele.*

– Eu gostaria de agradecer de qualquer modo. – Jeremias não compreendia a necessidade que os religiosos tinham em falar recitando algo, como se não tivessem palavras próprias em seus pulmões.

– Espero que tenha gostado do sermão – a voz do padre corria suave pela abadia, tal como uma brisa marasmada corre por uma pradaria.

– Honestamente, padre Portugal, eu não vim para isso. Vim para agradecer e porque me contaram que o senhor também é professor na Escola Tenório.

– Sim, eu sou.

– Eu gostaria de conversar sobre Isaías Fortunato.

– Um ótimo aluno e um corista maravilhoso.

– Não duvido que seja. A senhora Fortunato anda preocupada, o garoto está voltando para casa com cortes e hematomas pelo corpo e ela não sabe os motivos.

– Sim, sim. Os machucados – repetiu cabisbaixo. – Receio dizer que tentei consertar esse problema, mas a solução escorre por entre meus dedos.

– E qual é o problema?

– Faustino Baluarte – respondeu Gregório Portugal em um suspiro.

Aquela família era uma amálgama envolta por charadas e mistérios.

– Faustino?

– Sim, o caçula do senhor Leôncio Baluarte. Devo admitir que é impossível dar limites ao jovem.

O rosto machucado do tímido Isaías e os rostos desfigurados de suas filhas mesclaram-se em uma grotesca imagem de sofrimento. Jeremias via-se incapacitado de vingar sua família, mas poderia fazer algo a respeito do filho da enfermeira.

– Bem, talvez seja hora de uma abordagem menos tradicional.

– Disse o homem que impõe a lei.

– Deixarei a lei pra homens estudados, eu vou fazer o que é certo. – Jeremias Callado admirava a imagem de um homem preso a uma cruz. Sangue escorria das palmas de suas mãos e seus olhos estavam fechados. – Quem é esse?

– Esse é o nosso Senhor Jesus Cristo – padre Portugal se levantou e se juntou a Jeremias.

– E por que ele tá assim na cruz? – perguntou o delegado, que conhecia aquela imagem de algum lugar do passado.

– Jesus Cristo se sacrificou em nome dos nossos pecados, meu caro delegado.

– Nossos? – como poderia ser que, de todas as coisas dignas no mundo para se sacrificar, aquele homem havia escolhido logo o pecado de terceiros?

– Sim, nossos.

– Não sei sobre o senhor, mas meus pecados pertencem somente a mim, e não divido eles com homem nenhum.

Jeremias encarava aquela imagem soturna, que não trazia nenhum tipo de conforto, pelo contrário, sentia dó dele, eternamente em dor, eternamente em sofrimento, eternamente pagando pelos pecados alheios.

– Jesus queria nos purificar, caro delegado. Mas salvar almas nem sempre é bem visto pelos olhos do poder.

– E quem foi que o prendeu na cruz?

– Todos nós.

Jeremias riu daquela resposta vazia e sem sentido.

– Presumo, então, que tenham sido delegados os responsáveis por sua crucificação.

– Não eram chamados assim na época, mas sim, soldados das leis dos homens.

– Existem outros tipos de leis?

– Claro. As leis de Deus.

– Leis de Deus, leis dos homens, é tudo a mesma coisa, padre.

Jeremias queria subir naquele estandarte, tirar aquele homem de sua cruz e deixá-lo descansar em paz.

– Mas de forma alguma, meu caro delegado. *Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele.*

– O senhor fala bonito padre, mas nunca responde de verdade – disse Jeremias coçando seu bigode.

– *A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou.* João, seis, versículo vinte e nove.

Jeremias Callado virou e encarou os olhos esmeraldinos do padre Portugal, tão cheios de fé, tão cheios de ternura.

– Me responda, padre Portugal, se Faustino Baluarte está realmente judiando do pobre Isaías, sendo filho de quem ele é, vosmecê acha que teremos justiça?

Os ombros do padre ensaiaram um suspiro.

– Até um estrangeiro como vosmecê já consegue compreender nossa triste

realidade. Certas justiças terrenas parecem evaporar sob o calor de Caron. *Percebi ainda outra coisa debaixo do sol: Os velozes nem sempre vencem a corrida; os fortes nem sempre triunfam na guerra; os sábios nem sempre têm comida; os prudentes nem sempre são ricos; os instruídos nem sempre têm prestígio; pois o tempo e o acaso afetam a todos* – disse padre Portugal, forçando um otimismo inocente.

– O mundo pode ser cruel, senhor delegado, mas a justiça divina nunca falha.

– Não se preocupe, padre Portugal. A minha justiça também não falhará.

Jeremias Callado deu as costas ao homem em sua batina e ao homem em sua cruz. Caminhou em direção à porta de saída, tomada pela intensa luz branca daquele dia quente de verão. A sombra do delegado se alastrava a cada passo dado, encontrando seu caminho pelo corredor vazio, enchendo a igreja com uma penumbra que demandava retaliação. O sobrevivente havia composto todo seu ódio por Severino Um-Tiro e o transmutado em algo mais palpável.

Algo mais verossímil.

Entregaria àquele povo uma nova forma de lei.

XIII

o lagarto, o casulo, a metamorfose e uma promessa de borboleta

Isaías Fortunato, o corista, apreciava ficar sentando na beira da pequena ponte que cortava o riacho Serendipidade no fim da rua Tenório. Canto de Deus, esse foi o nome que deram ao lugar, *e não poderiam ter escolhido nome mais apropriado*, pensou o menino, que passava suas tardes livres admirando o cenário bucólico. O riacho tilintava embaixo de seus pés, o ar cheirava a grama molhada e a brisa secava o suor em seu cenho; conseguia se ver ali para sempre, perdido em devaneios de verão. Não muito tempo atrás, seus pés não alcançavam o rio, por mais que o garoto esticasse as pernas. Hoje, seu dedão rasgava a superfície do riacho sem grandes esforços. *Para onde teria o tempo ido? Se ele só vai para frente e para frente, amanhã atrás de amanhã, mirando o eterno horizonte, o tempo então retornaria ao mesmo local aonde se iniciou? Como um imenso círculo? Retornaria a Adão e Eva? A Noé? A Jesus Cristo? E se retornasse, Eva ainda morderia a maçã? Deus se arrependeria novamente? Pouparia Noé? Crucificaria seu Filho por uma segunda vez? E uma terceira? Quantas eternidades caberiam nos dias que vivemos?* Isaías perdeu-se em pensamentos enquanto a água coçava-lhe as solas dos pés. Que maravilha assustadora a eternidade era ao garoto – viver para sempre em cada segundo e morrer em todos instantes.

Somente dois lugares acalmavam o espírito de Isaías daquele jeito, permitindo o corista a perambular sobre os mistérios de suas dúvidas púberes: o Canto de Deus e a igreja da vila. Sentia-se em paz na presença das imagens divinas, acalentado pela doce voz do padre Portugal, enquanto este pregava a boa palavra. Isaías se deitava no corredor vazio e admirava a cúpula da abadia e seu teto

pintado de azul, com arcanjos e querubins pairando sobre ele. Sabia que aquela tinta lá em cima era especial, presos entre suas rachaduras, incrustado em seus poros, estavam pequenos fragmentos das orações e preces de todos cidadãos de Serendipidade.

O corista lembrou-se de uma conversa que teve com o padre Portugal no quintal da igreja.

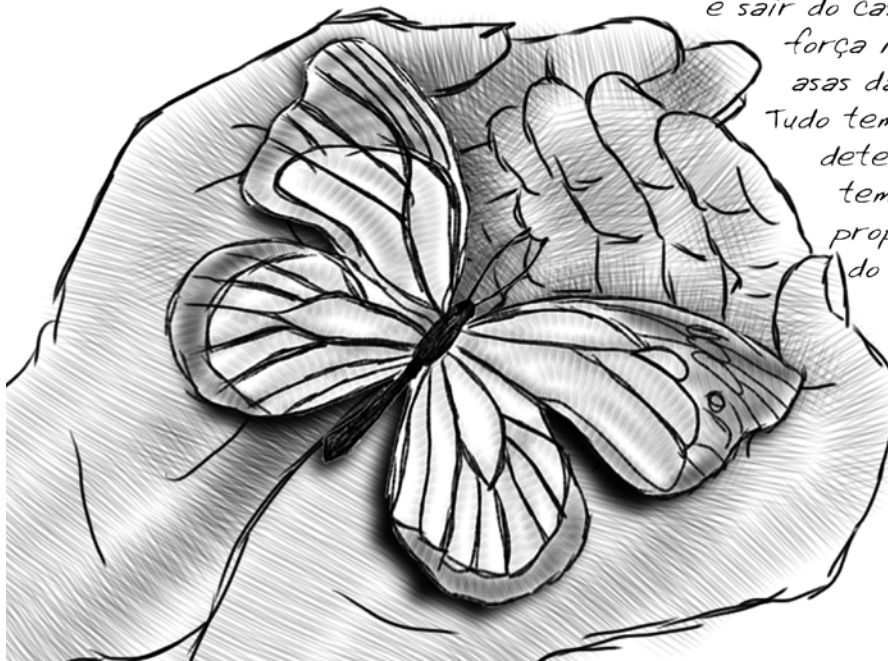
Padre Portugal, o que eu preciso fazer para me tornar padre também?

Estudar, meu filho. Estudar bastante. E não me restrinjo somente aos livros sagrados. Vosmecê deve se aprofundar nos conhecimentos do homem também, pois serão homens e mulheres que procurarão conforto em suas palavras.

Hoje não largarei o livro sagrado. Decorarei o Novo e o Velho Testamentos, todos os capítulos e versículos. Salmos, provérbios, cânticos, tudo. Vou abuletar a Bíblia.



Há um conto, um dos meus prediletos por sinal, que se chama *le papillon et le cocon*. A borboleta e o casulo. É sobre um menino e seu pai. O pai, jardineiro por excelência, leva o filho para conhecer um pouco sobre seu trabalho. Todo orgulhoso e apumado, ele mostra ao filho suas várias ferramentas de trabalho e apresenta ao garoto as mais diversas flores que atende e as mais exóticas árvores que conhece. O pai então deixa o filho se aventurar pelos bosques que ele tanto prezava. Vá filho, disse o pai, vá se divertir com a natureza. O filho voltou minutos depois, lágrimas nos olhos, desamparo por seu rosto inocente. O que foi que se sucedeu?, perguntou o pai preocupado. O menino abriu as mãos. Descansando sobre suas palmas, uma borboleta moribunda. A criança contou que havia encontrado aquela borboleta lutando para sair do casulo. Preocupado com a borboletinha, o menino se pôs a ajudar a tirar o inseto daquele sufoco. Com suas mãos bondosas, o menino abriu o casulo e matou a borboleta.



Vosmecê vê, Isaías, é exatamente essa moléstia, esse penar de abrir e sair do casulo, que dá a força necessária às asas das borboletas. Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu. Que essa seja sua primeira lição.

Uma dor aguda trouxe Isaías Fortunato de volta à realidade no Canto de Deus. Faustino Baluarte, montado em seu cavalo, lançou um pedregulho, acertando o corista logo acima da orelha esquerda. O garoto mimado deslizou de sua montaria em um movimento serpentina, enquanto Libertino Valente, o assecla de seu pai, permanecia vigilante logo atrás. Faustino brincava de arremessar uma pedra ao ar ao passo que se aproximava de Isaías. No meio da bochecha do garoto Baluarte, uma pequena dobra.

Um sorriso petulante.

– Sonhando, corista? – sua voz rasgava o ar com insolência.

– O que vosmecê quer, Faustino?

– Eu quero saber com o quê vosmecê sonha, corista.

Faustino Baluarte não gostava de Isaías, um falso que se escondia nas penumbras, com medo de tudo e de todos. Não achava justo ter que dividir o ar de Serendipidade com aquela qualidade de covarde.

– Isso não é de sua conta. – Isaías sabia muito bem o que estava por vir. Os golpes, os socos, os tapas, os chutes, a humilhação; já os haviam sentido antes.

– Quando eu faço uma pergunta, quer dizer que é de minha conta – arremessou outro pedregulho, mas Isaías conseguiu desviar.

– Por favor...

– Estava a sonhar com o padre pederasta? – Faustino simulou movimentos grosseiros com sua cintura.

Montado em seu cavalo, Libertino Valente gargalhou.

– Não ouse falar do padre assim.

– Eu falo a verdade, Isaías. Ou vosmecê não sabia que seu amado padre gosta de chupar rola de meninos?

E com aquelas palavras, o corpo despertou.

O sangue que corria pelas veias de Isaías Fortunato tornou-se um rio selvagem, de correntezas devastadoras e incontroláveis. Pulou em cima do garoto Baluarte

feito uma jaguatirica nervosa. Era mais forte, mais alto e mais tempestuoso que o garoto de sorriso petulante e a vitória seria fácil. Esmurrou-o no rosto, logo abaixo do olho, partindo dois dentes. Ao tempo que o braço esquerdo desenvolvia golpes de susto, o braço direito deferia as chapuletadas que causavam estragos. Sentiu a quentura do sangue do oponente escorrendo entre os nós de seu punho.

Um puxão violento lançou Isaías para trás, levando-o ao chão.

Libertino Valente havia entrado na briga.

Era um homem feito, duro e de pele áspera; uma força maciça e arrochada. O facínora abufelou o jovem corista e deu-lhe um único murro no queixo. A pele partiu e Isaías sentiu o mundo girar. O cabouqueiro imobilizou o garoto, segurando-o por debaixo dos braços e pelo pescoço, limando qualquer chance de defesa. Foi, então, a vez da ira de Faustino e seu sorriso petulante. Cuspiu três pedaços de dente e um punhado de sangue. Um atrás do outro, Faustino deferia seus golpes sem piedade.

Um tiro dilacerou o silêncio perpetuado pelas cacofonias violentas. O cano da Rouba-Primaveras de Aloísio Serafim esfumaçava, enquanto Jeremias Callado apontava sua Brahmastra em direção ao rosto de Libertino Valente.

– Largue o menino.

O capanga abriu os braços e Isaías mal conseguiu se manter em pé, cambaleando para frente. Seu rosto inchado, seu lábio partido, seu corpo marcado. Nada quebrado, fora seu orgulho.

Jeremias desmontou de seu alazão e andou até Libertino Valente, que, com um sorriso irônico no rosto, mantinha as mãos erguidas.

– Eu me rendo – disse rindo.

– Um homem feito batendo em um menino.

– Meninos viram homens, melhor que eles aprendam desde jovens que vence aquele que bate mais forte.

Jeremias girou sua pistola no ar e a segurou pelo cano como se fosse um martelo. Girou o braço com força, acertando Libertino Valente logo abaixo do queixo.

O assecla caiu no chão desacordado.

– E não é que vosmecê está certo.

– Vosmecê ficou maluco? – gritou Faustino. – Meu pai vai ter sua cabeça por isso.

Jeremias se virou e viu a mesma expressão de surpresa no rosto de Aloísio Serafim, que não parecia acreditar que ele havia feito aquilo. O delegado ignorou o espanto de ambos e dedicou suas atenções ao garoto Isaías.

– Vosmecê está bem? – apoiou sua mão no ombro do rapaz, que respondeu positivamente com um balançar de cabeça.

– Meu pai vai ter sua cabeça!

– Seu pai não está aqui, está? – respondeu Jeremias, procurando por outra viva alma naquele Canto de Deus.

O delegado examinou o semblante assustado do menino Faustino, notando que seu olho esquerdo estava machucado, muito provavelmente por um golpe de Isaías.

– Vosmecê quer terminar o que começou?

O corista não compreendeu a pergunta, mas tudo se tornou claro quando o delegado apontou para Faustino Baluarte como se dissesse *termine com esse garoto*.

Isaías sorriu.

– Não. Não – implorou Faustino.

Antes que Faustino pudesse correr em pânico, o corista já estava novamente em cima dele. Sem o assecla para interferir, o garoto Baluarte não era páreo contra os músculos de Isaías. Murros eram deferidos em uma raiva cega. Direita. Esquerda. Direita. Esquerda. Aloísio testemunhava àquela transgressão completamente pasmo e atônito. Aquela não era a lei que ele defendia.

Isaías sentia o olhar aprovador do delegado Jeremias, consentindo cada soco, homologando toda sua raiva. Pela primeira vez, podia enfrentar seus problemas com reciprocidade.

– Patrão! – gritou Aloísio. Mas Jeremias estava absorto. O rosto esmagado

de Faustino, o sangue a voar pelo ar, o ódio nos punhos de Isaías; a justiça naquele momento beirava o poético.

O subdelegado Serafim pulou de seu cavalo e tirou Isaías de cima de Faustino, que estava deitado no chão, humilhado, subjugado e em seus lábios não se via mais um sorriso petulante.

– Vá – ordenou Jeremias, apontando com seu braço o caminho a seguir.

Faustino Baluarte se levantou com dificuldades e saiu cambaleante pela rua Tenório.

Aloísio ajudou Isaías a subir na montaria do delegado sem compreender a cena que seus olhos haviam testemunhado.

– Não acho que o senhor tenha sido prudente, patrão.

– Só deixei que Isaías e o garoto Baluarte pudessem se enfrentar como iguais – disse Jeremias Callado, sem resquício algum de remorso em sua voz.

– Faustino queria uma luta e foi isso que eu dei.

– O velho Timóteo não teria resolvido esse impasse dessa forma.

O delegado puxou as rédeas de seu cavalo, deu meia volta e encarou o gaúcho de frente.

– Vosmecês ficam jogando o nome do meu tio como se ele tivesse algum valor pra mim. Vou logo dizendo que não tem. Ele é um completo desconhecido, assim como são todos aqui. E se o jeito de lidar com as situações do delegado Delfino era tão fenomenal assim, como é que temos um garoto andando com um cangaceiro armado espancando seus colegas de sala? Me explique isso. Como é que temos uma vila que beija os pés de um homem que deixa o filho fazer o que bem entender? Me responda isso. Se o senhor Venâncio Galdino quiser me demitir, que me demita. Aceito de muito bom grado. O que eu quero é estar lá fora, – apontou seu braço em direção ao sertão vermelho – caçando o filho de uma puta que matou minha família.

Jeremias virou seu cavalo e cavalgou a caminho da casa de Madalena Fortunato.

O sangue foi esfriando e Isaías começou a sentir as sequelas da luta, dores

desconcertantes que latejavam com o trotar do cavalo. Quando entrou em casa, o garoto se assustou com o grito de pavor de sua mãe.

– Isaías, meu filho, o que fizeram com vosmecê?

Madalena correu em direção ao garoto e examinou suas feridas. Isaías gemia com cada toque preocupado da mãe.

– Faustino Baluarte e Libertino Valente – respondeu o rapaz ao se sentar no sofá da sala.

– Libertino Valente?

– Delegado Callado me salvou, mãe.

– Obrigada, delegado.

O delegado e a enfermeira trocaram sorrisos.

Os olhos de âmbar da enfermeira foram as primeiras coisas que o delegado viu ao acordar nesse novo mundo; estavam ligados um ao outro.

– Isaías, meu filho! – disse levantando as mãos do menino, cujas juntas estavam em carne viva. – O que significa isso?

Isaías não tinha respostas. Sabia que a mãe repreenderia a atitude do delegado. Querendo não denunciar o homem que o deu a chance de mostrar sua real força a Faustino Baluarte, o rapaz decidiu permanecer calado.

– Seu filho é um rapaz forte – disse Jeremias com certo orgulho.

– Como assim?

– Permiti que ele pudesse dar ao garoto Baluarte um pouco de seu próprio remédio.

A gratidão nos olhos de Madalena desmanchou-se feito esperanças ao vento. A enfermeira não podia ter mais que um metro e setenta, mas Jeremias sentiu-se miúdo diante de sua raiva.

– Vosmecê fez o quê?

– Mãe, o delegado...

– Vá para seu quarto, Isaías!

– Mãe...

– Agora!

O jovem Fortunato se levantou com dificuldades e capengou seu caminho até o quarto.

– Vosmecê deixou que meu filho espancasse Faustino Baluarte?

– Não, eu deixei o garoto se defender justamente. Ele só espancou Faustino porque era mais forte. E porque ele quis.

– Vosmecê não tem o direito de dar lições ao meu filho. Esse é o meu papel. Eu o criei pra ser um bom cidadão. Um bom rapaz.

– Ele não deixou de ser um bom rapaz. – Jeremias não compreendia o porquê daquela reação tão exacerbada. Tudo que ele havia feito fora dar ao filho da enfermeira uma chance real de justiça. De real equivalência.

– Não me responda! Não na minha própria casa.

– Eu não preciso ficar aqui escutando sua ingratidão – disse os olhos de jabuticaba. – Sabe-se lá o que teria acontecido a Isaías caso eu não tivesse intervindo a tempo. Vosmecê poderia estar comprando um caixão ao invés de atendendo a cortes e hematomas.

Jeremias deu as costas a mulher e caminhou em direção a porta de saída.

– O que vosmecê acha que Leôncio Baluarte vai fazer quando descobrir que foi meu filho que machucou seu precioso caçula?

Madalena havia chegado ao ponto que temia. Conhecia a reciprocidade da terra vermelha, onde sangue sempre era pago com sangue.

– Eu não deixarei que ele faça nada a vosmecê ou Isaías – assegurou Jeremias.

– Eu não quero suas promessas ou proteção. Quero vosmecê longe de mim e de minha família. Vosmecê já causou estrago suficiente!

Repúdio chamuscava em seus olhos cor de fogo. O calor ardia em suas palavras e o sangue enrubescia seu rosto; não havia mais nada para Jeremias ali.

– Tudo bem.

O delegado saiu e fechou a porta atrás de si.

XIV

o sangue é agreste, a carne é seca e o osso é promessa

Enquanto Martin Ribeiro agonizava em seu leito de morte, suspiros de dias passados lentamente evaporavam no calor do febrão. Perdido entre lapsos de memórias e delírios febris, a última recordação que cruzou a mente do homem antes de olvidar-se foi do dia quente de seca que culminou na queda do Arraial dos Desabotinados.

O sol queimava a pele dos homens e o ódio anunciava uma desgraça iminente. Os muros do arraial estavam cercados e não havia mais chance de vitória para os amotinadores. Sem escapatória, somente o orgulho e a determinação daquele povo sofrido perdurava aquela guerra, que já contava com fatalidades demais para ambos os lados. A munição dos seguidores do Salvaguarda mirrava, e os amotinadores lançavam panelas, facas, pedras e botas contra as forças invasoras.

Martin Ribeiro carregava sua pistola enquanto o capitão Celestino Floriano, juntamente com o capitão Radamés Valadares, o galego, discutiam sobre a ofensiva que poria um ponto final àquela batalha sem fim.

– A sede vai vencê-los – disse o galego, capitão que servia à família do coronel Eusébio Paranhos Cordeiro.

– Faz três dias que a gente fala isso, mas nada de eles se renderem – disse Celestino Floriano.

– Passar pelos portões do arraial é uma cilada. Se vosmecê não acredita em mim, é só ver o corpo de Salviano dos Anjos, que tem mais buraco que uma peneira.

– Eu sei, Radamés. Mas a verdade é que nossos mantimentos estão secando também. Temos mais algumas cabras e só mais alguns galões de água. Ontem, eu

vi um homem comendo farinha seca. A gente precisa chegar para os coronéis com um bom plano.

A mãe de Martin Gonçalves apareceu atrás do galego, trazendo nas mãos seu prato predileto quando criança, buchada de bode.

– Martinho, come que a caminhada é longa.

– Eu não quero comer isso, mãe – a buchada virou um calango no espeto, com o rabo ainda a balançar.

– É tudo que tem.

Martin Ribeiro andava com sua mãe e pai, fugindo da grande seca que matou todos os gados da Fazenda Ramos. Sem emprego, sem um tostão em seus bolsos, contando somente com as roupas em seus corpos e as alpercatas ve-lhas e gastas, a família se aventurava pelo sertão monocromaticamente vermelho. Os pés, calejados por furúnculos, não aguentavam mais o peso mirrado do próprio corpo: andavam sem parar por três dias seguidos, sem nenhuma sombra amigável para apaziguar seu pesar, sem alimento que enchesse seu bucho e sem sonhos que acalentassem suas noites. As costelas do menino Martin faziam-se vistas através da camisa, colada ao seu corpo com sua transpiração.

Definhava a cada dia.

Sumia a cada passo.

Era uma ossada a vagar.

Foi o coronel Ulisses Paiva quem deu ao seu pai emprego, uma casa e um futuro. Sob a patente do brasão Paiva, Martin recuperou a carne suada e ganhou uma estrela no peito. Não era só mais um herdeiro da fome. Conheceu a graça do trabalho, que dava à vida uma rotina e um sentido que não fosse a moléstia.

Então a grande seca chegou a Serendipidade.

As margens do rio retrocederam a passos alarmantes, a água foi racionada e o verde do pasto começou a sumir.

A seca seguia Martin Ribeiro feito praga.

Acreditando que nascera amaldiçoado, Martin contemplou a ideia de fugir novamente.

Não é justo que esse povo que me acolheu sofra com a minha maldição. Estava de malas prontas para partir quando a carta do barão Joaquim Martim Gonçalves chegou às mãos dos coronéis. O barão demandava o fim do Arraial dos Desabotados e a morte de seu líder. Seu patrão foi o primeiro a dizer que aquela seca desenfreada era obra do Salva guarda.

O coronel Ulisses Paiva e o coronel Leôncio Baluarte discutiam as táticas de guerra no conforto da tenda que servia como central de comando. A conversa foi interrompida quando o som de trompete ecoou pela amantessidão vermelha. Um dos seguidores do Salva guarda saiu pelos portões do arraial. Carregava em mão uma bandeira branca de rendição, feita com um lençol sujo de sangue.

Era o fim da revolução de Agenor Conceição.

O mensageiro trazia também consigo uma carta de demandas para a submissão. O coronel Leôncio, que já era um senhor de fala rouca, leu em voz alta os pedidos dos rebeldes. A última das exigências era a completa anistia para os guerreiros do arraial.

No topo do muro que cercava a aldeola, os sobreviventes da cidadela aguardavam a resposta do batalhão. O coronel Baluarte desembainhou seu facão e acertou, logo abaixo da orelha, o mensageiro, derrubando a flâmula da paz sob o solo ressequido. Outrora, quando ainda jovem, o golpe do coronel partiria o pescoço do homem feito coco verde, mas o peso dos anos só permitiu que o facão cortasse meio caminho. O mensageiro caiu, tremendo em espasmos parecidos com aqueles de um peixe fora d'água. Leôncio Baluarte pisou no peito do homem, puxou a lâmina e tratou, então, de terminar o serviço.

Arminda Ribeiro segurava a mão do marido, cujas lembranças, alegrias e tristezas viravam nada.

Martin Ribeiro esgotou-se e a notícia da morte do homem não tardou a encontrar seu caminho até a boca do povo.

– Não é todo dia que um apadrinhado de coronel é morto de morte matada – fofocou dona Matilde.

– Quero ver se o coronel Ulisses vai ser homem de jurar sangue contra o capacho do coronel Leôncio – retrucou dona Siqueira.



O capitão Radamés Valadares, conhecido como o galego, dividia um cigarro de palha com seu amigo Ekwueme, o único escravo de Serendipidade a receber sua carta de alforria. O fumo era dos bons, trazido dos países do Sul, presente do coronel Eusébio Paranhos Cordeiro ao seu fiel capitão. Como não era permitida a entrada de negros no Bar do Nico, a dupla degustava a fumaça importada na varanda do estabelecimento. Aquela era uma amizade impossível, que teve início em situação adversa – Ekwueme foi um dos escravos supervisionados pelo próprio capitão Radamés na fazenda Recanto, propriedade do coronel Cordeiro. Mesmo não tendo em sua alma a truculência de Libertino Valente, cabia ao galego administrar o trabalho e os resultados dos negros do coronel Eusébio. Trabalho este que ele dizia para si só fazer por não ter escolha nas leis do mundo. Durante a Guerra das Botinas, Ekwueme se mostrou cabra arretado e resgatou o corpo mortalmente ferido de Clementino Cordeiro, que havia tombado durante uma emboscada nos arredores do arraial. Esse ato de valentia o rendeu sua carta de manumissão. A liberdade, no entanto, mostrou-se ingrata. Ekwueme não tinha nada de valor em seu nome, não tinha colchão para dormir, roupas para vestir, pratos para pôr comida, copos para beber ou facas para cortar – tudo que possuía era uma carta que o prometia soberania para ser escravo das coisas que não possuía. Radamés Valadares achou que era sua obrigação oferecer ao homem uma mão amigável, convidando Ekwueme a dormir em seu sofá, comer da comida que sua esposa prepara-va e descontraír o júízo com sua amizade.

Salomão Azambuja, o padeiro, apareceu atrás da cortina de fumaça levantada

pelo cigarro de palha. Caminhava a passos alarmantes, pistola em mão e ameaças nos olhos lacrimejantes. Salomão era o irmão de Arminda Ribeiro, e pelo estado de revolta em seu semblante, Radamés só podia presumir uma coisa: a irmã do padeiro era a mais nova viúva de Serendipidade.

O galego deixou a bituca do cigarro com Ekwueme e partiu atrás do amigo.

– Vosmecê vai pra onde com essa pistola, Salomão?

O padeiro empurrou o galego e adentrou o tumultuado Bar do Nico. Sentado no balcão, degustando de um copo de cachaça, ainda ostentando as marcas de seu confronto com o delegado Callado, estava Libertino Valente. Sem cerimônias, Salomão levantou a pistola e pressionou o cano contra a têmpora do assecla do coronel Leôncio Baluarte.

– Martin Ribeiro morreu.

O padeiro engatilhou a arma e encarou a placidez com que Libertino terminava sua bebida.

Nico deu dois passos para trás e o silêncio reinou nos lábios dos clientes. Radamés entrou segundos depois e gentilmente tentou colocar a mão no ombro do padeiro, mas este estava impávido em ira.

– Vosmecê matou meu cunhado e vai ficar aí calado feito uma mula?

– Todo mundo morre nesse mundão, padeiro. Por que eu teria que falar algo? Azambuja pressionou o gatilho, mas a coragem lhe falhou.

– Salomão, não faça isso. Vosmecê sabe muito bem que vai ser enforcado se vosmecê matar Libertino.

– Ele não vai apertar o gatilho, galego. Homem que quer matar não puxa arma e começa a tagarelar – disse Libertino Valente.

As lágrimas desciam pelo rosto de Salomão Azambuja, que se odiava por não ter bravura suficiente para terminar o serviço.

– Vosmecê matou um homem e fica aí como se fosse dono da verdade.

– Eu não sou dono da verdade, padeiro. Mas diferente de vosmecê, quando eu puxo uma arma, eu a uso. – Libertino Valente agora encarava o padeiro de

frente. – É só olhar pra vosmecê pra saber que tudo que vosmecê quer fazer é terminar comigo. Mas vosmecê tem medo de deixar a mão fazer aquilo que o bucho manda. Medo de ser um assassino, medo de ser visto como o vilão – um sorriso deformou a bochecha do facínora. – Mas o mundo ainda tem que lhe ensinar muita coisa, padeiro.

– Acho melhor vosmecê calar a boca, Valente – disse Radamés, que não queria ver sangue voar naquele dia já vermelho.

– Eu vou levantar e sair por aquela porta. Eu vou dormir na minha cama e acordar. E esse aí... esse vai viver o resto de sua vida sonhando em apertar esse gatilho.

Libertino Valente empurrou o banco para trás, tirou um tostão do bolso, pagou a Nico o que devia e partiu pela porta do estabelecimento.



O sucesso da Padaria Recanto só podia ser comparado ao sucesso do Bar do Nico. Pães saiam do forno diretamente para as mesas de todos os habitantes de Serendipidade. A massa quente, combinada à manteiga salgada e ao café amargo, era a melhor forma que aquele povo encontrava para encher o bojo com paz e sossego depois de mais um dia de trabalho árduo. O coronel Eusébio Paranhos Cordeiro, que ajudou o pai a construir a padaria, tinha muito orgulho do empreendimento que recebeu de herança; lá passava horas, administrando os funcionários, ajudando com as fornadas e contando os contos de réis que entravam na caixa. Descansava em seu escritório quando fora informado que o capitão Celestino Floriano estava aguardando para uma conversa. Pode deixar subir, disse Eusébio, curioso pela visita tão inesperada.

– Tarde, coronel.

– O que se passa, poeta?

– Martin Ribeiro morreu.

– Não...

A negação foi a única palavra que o coronel pôde proferir – sabia a admiração que Salomão Azambuja, padeiro que cuidava dos pães do Recanto, tinha por Martin Ribeiro.

– Eu estou indo para a fazenda Baluarte com um juramento de sangue.

– Jesus abençoado.

– O coronel Paiva gostaria de contar com o seu apoio.

– Vosmecê vai matar Libertino Valente?

– Vou.

– Vosmecê sabe que, ao entregar essa carta, vosmecê está assinando a escritura para uma estadia permanente no cemitério Taperoá, não sabe?

Celestino não sabia muito bem como responder àquela pergunta. Talvez os ricos e poderosos pudessem repensar e ponderar sobre as repercussões, positivas ou negativas, de um juramento de sangue, mas para ele, peão mandado, a realidade era uma só: tinha uma ordem a cumprir.

– Eu vou fazer o que o coronel Paiva me ordenou.

– Meu jovem, não há ninguém nesse mundo que despreze o velho Baluarte mais que eu. É claro que apoio o coronel Paiva nesse sentido.

Celestino Floriano assentiu, deu meia volta e abriu a porta em suas costas.

– Se me permite só dois conselhos, poeta.

– Claro, coronel Cordeiro.

– A primeira depende da segunda e a segunda depende da primeira. Se vosmecê não quiser morrer, peça encarecidamente que o coronel Paiva reconsidere esse juramento de sangue. Caso não, aqui vai meu segundo conselho: quando seu dedo apertar o gatilho e Libertino Valente não for mais, pegue suas coisas, se aparte de Serendipidade e nunca mais volte.

Celestino suspirou e saiu a caminho da fazenda Baluarte. Os conselhos do coronel Cordeiro eram tão imprestáveis quanto lareiras em dias de seca. Pedir que o coronel Ulisses Paiva rescindisse um juramento de sangue seria o mesmo que pedir que manchasse sua honra com estrume, assim como a ideia de fugir de Serendipidade após matar Libertino. *Homem que é homem aceita as consequências de seus atos*, disse o poeta a si mesmo, tentando se convencer que sua resiliência era um atestado de sua coragem e honra. Mas no fundo, bem lá no fundo, Celestino sabia que não havia nada mais assustador que a noção de fugir e nunca mais ver Piedade Maranhão.

XV

reflexos em poças de sangue e uma amizade hostil

Jeremias Callado decidiu passar suas noites na delegacia. *Timóteo Delfino era seu tio, nada mais apropriado*, disse Venâncio Galdino ao lhe entregar o molho de chaves da residência do velho delegado. Mas Jeremias não conseguia se sentir à vontade naquela casa – não havia posição confortável naquela cama, moldada aos sonhos de outro homem, a sala era repleta de memorabilias de utilidades que somente o dono prévio conhecia e as fragrâncias eram ádvenas. Viver entre aquelas paredes era como estar perpetuamente calçado nas botas de um homem de pés menores.

A delegacia não tinha os mesmos confortos, não havia como negar isso, mas aquele aposento encontrava-se vazio de fantasmas, e Jeremias não se sentia forçado a fingir uma nostalgia que simplesmente não existia. Querendo ou não, o velho Timóteo Delfino era o mais estranho dos estranhos na escuridão que era sua vida, um retrato falado desenhado apenas pelas palavras vazias de desconhecidos.

Jeremias sentia o peso dos dias acordado em suas pálpebras, mas temia o que testemunharia quando seus olhos eventualmente fechassem.

EXT. [REDACTED] – DIA

TELA PRETA.

O TEMA [REDACTED] **COMEÇA A TOCAR.**

Close dos ombros do homem, que anda por entre galhos secos de juazeiros e catingueiras. Ao passar pelos galhos, estes se decompõem e viram cinzas ao vento.

A MÚSICA DIMINUI E OS SONS DE SEUS PASSOS E DAS ESPORAS AUMENTAM.

Close das botas, que andam por um terreno ressequido e vermelho.

Plano Americano de Isaías Fortunato, que veste roupas brancas. Ele está no meio de um sertão deserto e seco. O sol se põe

Ao seu lado, em cima de uma pequena mesa branca, uma coruja enjaulada.

ISAÍAS

Close da jaula. A coruja listrada está parada, encarando a tela.

SILÊNCIO COMPLETO.

Close da mão de Isaías abrindo a portinha de metal.

A CORUJA COMEÇA A CHIRRIAR.

A coruja abre as asas. Suas penas entram em combustão.

Apague o fogo!

O sol raiava quando passos dentro da delegacia acordaram o delegado.

– Quem vem aí? – perguntou Jeremias, levando a mão à pistola.

– Eu, Venâncio – sua voz denunciava uma ira descontrolada.

O pacificador entrou na delegacia, rosto vermelho, respiração fora de compasso.

– Vosmecê perdeu o juízo, Callado? – perguntou Venâncio Galdino, claramente sem fôlego.

– Não aprecio esse seu tom.

– Bem, Callado, esse vai ser o tom que irei usar, então vá se acostumando.

Eu me desvirei em promessas para que vosmecê fosse delegado de Serendipidade

para impor a lei, não para promover lutas sem luvas entre adolescentes.

– Quem começou a briga não fui eu, foi o menino Baluarte.

– Eu não sei o que fazer! Vosmecê deixou o filho do coronel mais poderoso de Serendipidade ser espancado! Eu vou ter que te demitir, Jeremias. Logo em ano de eleição? Por que vosmecê fez isso comigo? – além do casório prometido ao coronel Maranhão, a morte de Martin Ribeiro e o juramento de sangue do coronel Ulisses Paiva, o pacificador tinha mais esse item em sua lista de problemas.

– Eu não me preocuparia com as eleições, Galdino – uma voz rouca e gasta pelos anos ecoou pela delegacia. Em pé, na porta do estabelecimento, um velho esguio, de cabelos e cavanhaque grisalhos, retirava seu chapéu branco estilo *pork pie*. Trajava um colete por cima de uma camisa de seda folgada, ambos também brancos. Suas pernas e braços lânguidos davam a entender que o velho quebraria com a mais leve brisa desprevenida. A pele fora rachada pelos flagelos do tempo e seus olhos pareciam cansados e entediados, como se já tivesse visto tudo que o mundo tinha a oferecer.

– Senhor Baluarte – disse Venâncio.

O coronel Leôncio Baluarte ignorou as reverências do pacificador e andou em direção ao delegado.

– Delegado Jeremias Callado, é um prazer finalmente pôr um rosto ao nome – sorriu Leôncio ao sentar-se na cadeira oferecida pelo pacificador.

– Prazer – respondeu Jeremias, incerto sobre os segredos daquele sorriso tão inesperado.

– Céus, pacificador, vosmecê parece estar à beira de um ataque cardíaco.

– Não, não. Eu só...

– Pode retornar ao seu escritório, Venâncio. Eu não irei prestar queixas pelos eventos gravíssimos que transcorreram ontem – o velho levantou a mão com desdém e mostrou os dentes amarelados em um sorriso inosso.

– Não? – perguntou Venâncio Galdino com uma mistura de alívio e surpresa.

– Não. Mas eu apreciaria muitíssimo uma conversa a sós com o delegado – seus olhos enrugados apontaram para a porta.

Leôncio acompanhou os passos incertos do pacificador, que deixava o recinto para retornar às suas promessas e dívidas.

– O comentadíssimo delegado Callado – disse Leôncio assim que estavam sozinhos.

– O próprio – respondeu com certa soberba, tentando evitar que sua apreensão transparecesse por suas palavras.

– O senhor me conhece?

– Só por fama.

– Coisas boas, espero.

– Isso vai depender da boca.

– Pois, então o justo seria que eu me apresentasse. Meu nome é Leôncio Nestor Baluarte, neto de Tenório Gaspar Baluarte. Eu aprecio um copo de leite morno antes de dormir, tenho uma predisposição conhecidíssima aos superlativos e aprecio as lições de mundo por trás das parábolas. – Jeremias sabia que, por trás daquela fachada polida e educada, ele estava sendo intimidado. – O senhor conhece alguma interessante?

– Se eu conheço alguma o quê?

– Parábola, ora.

– Não me lembro de quase nada antes de chegar em Serendipidade.

– Eu tinha esquecido de sua condição – sorriu Leôncio. – Então, como é ser uma tela em branco?

– Uma merda.

– É mesmo? Engraçado, tens uma chance rara para se reinventar. Sem um passado de ações para lhe ancorar, és livre para ser quem quiseres.

– Acabo sendo ninguém.

– Bem, talvez lhe falte criatividade ao pintar esse quadro. Se ficares preso

ao que os outros esperam de ti, serás uma obra sem autor, o pior tipo de abominação que há.

– Não faço o que os outros esperam – havia uma certa cumplicidade nas palavras do coronel, como se ambos possuíssem almas irmãs.

– Verdade. Foi exatamente sua coragem perante meu filho que chamou a minha atenção, delegado Callado. Poucos homens por essas bandas possuem colhões para tratar Faustino como o senhor tratou.

– Eu não o tratei de forma alguma, coronel Leôncio...

– Não precisa se justificar, delegado Callado – interrompeu o velho. – Meu filho Faustino é um tolo. Um menino que viveu a vida inteira sob os paparicos de minha finada esposa. E todos temem repreendê-lo, como se de alguma forma eu concordasse com sua juventude cabouqueira – o coronel Leôncio limpava o suor em sua testa com um lenço branco de bordas douradas. Sua extrema alvura só ressaltava as manchas que carregava em sua pele idosa; carne que há sete décadas apodrecia. – Ele cresceu me vendo punir os pretos com o chicote e o facão e, em sua tola mente juvenil, acreditou que eram o chicote e o facão que me tornavam poderoso. O senhor sabe o que é que me torna poderoso, senhor delegado?

– Não.

Jeremias estudava cada vírgula daquele monólogo aparentemente desnecessário, esmiuçando cada gesto, tentando compreender quem era o homem que estava a sua frente.

– Vamos cabra, dê um palpite – seu sorriso largo só revelava a amarelidão de seus dentes.

– Dinheiro.

– É o que todos acreditam. É verdade que sou riquíssimo, mas não são os tostões que me tornam poderoso. Outra sugestão?

O coronel Leôncio Baluarte cruzou as pernas e descansou a coluna no encosto da cadeira. Deliciava-se com aquela interação, o que fez o delegado acreditar que não era a primeira vez que ele monologava aquele discurso.

– Sua truculência – Jeremias decidiu que não ia mensurar suas palavras contra aquele velho que o ameaçava com palavras serenas.

– O Gravata Vermelha – riu Leôncio. – A verdade é que as histórias nunca são as mesmas quando contadas de boca a boca. Quem conta um conto sempre aumenta um ponto, não é o que dizem?

– Então, qual é o segredo do seu poder, senhor coronel? – Jeremias Callado se via farto daquela disputa de gato e rato que se prolongava sem necessidades.

– Esse é o xis da questão, não é? Poder é uma força invisível, sem mestre e sem rédeas. É como ar, existente, porém impossível de controlar com punhos cerrados – disse o coronel Baluarte ao brincar com sua bengala. Usou o objeto de apoio e apontou para a pistola presa ao cinto do delegado. – Se vosmecê puxar essa arma e atirar em mim, sangue irá jorrar de meu corpo e eu eventualmente ultimarei. Se vosmecê decidir se levantar e me chapuletar até o fim, o que te impediria? Estou sozinho com vosmecê e não tenho forças em meu braço para me defender. Nem mesmo armado, eu teria muita serventia, já que a catarata carcome minha vista – o velho se inclinou, apoiou os cotovelos em cima dos joelhos e encarou Jeremias com um sorriso ameaçador. – Agora me responda, como é que, mesmo assim, eu sou o homem mais poderoso nesta delegacia, Jeremias Callado?

O jeito calmo do velho perfurava o delegado assim como balas atravessavam folhas de papéis.

– Eu aprecio a lição que vosmecê deu ao meu filho, eu realmente aprecio. A verdade é que me fez um favor. Cão que queima a língua lambendo cinza desconfia até de farinha. Faustino precisa aprender que não pode passar o resto de sua vida a cavalgar sobre os meus feitos... Mas eu aposto que as pessoas de Serendipidade não compreenderam suas ações. Aposto que estão agora, neste exato momento, te julgando e condenando pelos seus atos no Canto de Deus – a revolta nos olhos cor de fogo de Madalena Fortunato ainda atormentava a paz do delegado. – Mas isso só se dá, Jeremias, porque essas pessoas são fracas.

Cegas. Inocentes. Elas não enxergam a verdade que se desdobra na frente delas, por mais aparente que ela seja. O que esperar, senão brutalidade, de um povo que nasce, vive e morre no meio do deserto de Caron? Lugar tão inóspito e esquecido por Deus, que nem mesmo escorpiões e serpentes sobrevivem aqui? Solo que avermelhou, irrigado e lavrado com nosso sangue.

Estranhamente, o homem ao qual Jeremias menos esperava identificação, era a pessoa que melhor o compreendia. O coronel Leôncio Baluarte via, tal como ele, a real natureza do homem, e como era tolo tentar lutar contra esses instintos tão enraizados na essência humana. O velho se levantou, tirou o pouco de poeira que havia caído em seu colo e sorriu para o delegado.

– Agora que fomos propriamente apresentados, acredito que o senhor queira continuar com seu dia, assim como eu.

Jeremias acompanhou o coronel até a porta da delegacia, quando Leôncio estendeu a mão e o delegado a apertou.

– Só mais uma coisa, Callado. Acho justíssimo te avisar que, se algum dia, por qualquer motivo que for, o senhor vier a tocar novamente em algum de meus homens, ou em algum membro da minha família, eu farei coisas tão horríveis ao senhor, que as ações de Severino Um-Tiro com sua família te parecerão como afagos caridosos – afirmou Leôncio Baluarte com a mesma serenidade de quem coloca um bebê para dormir.

Jeremias engoliu aquela ameaça em seco, mas, de forma alguma, deixaria o velho ter a última palavra aquele dia.

– Se algum Baluarte tocar a mão na família Fortunato, ou em algum de meus homens, eu pessoalmente farei questão de provar ao senhor que não é o seu poder que me impede de colocar uma bala no meio de suas fuças.

O coronel Baluarte sorriu. Um sorriso sincero, um sorriso de alguém que havia finalmente encontrado naquele mundo um espírito irmão.

– Justíssimo. Sabe de uma coisa? Se nosso sangue não fosse tão agreste, acredito que seríamos bons amigos, delegado Callado.

XVI

um punho de ferro contra uma pedra e uma funda

O pacificador aguardava o coronel Leôncio Baluarte, o último dos coronéis a chegar para a reunião quinzenal do Punho. Estava curioso para saber como sucedeu a conversa com o delegado Callado, mas, acima de tudo, queria iniciar as negociações para casar Faustino Baluarte com a filha do coronel Isidoro Maranhão. Havia finalmente descoberto o nome da coitada – Pérola Maranhão – e estava pronto para testar suas habilidades diplomáticas. O velho Baluarte chegou ao escritório de Venâncio Galdino acompanhado por seu assecla de confiança, Libertino Valente, que, desde a humilhação sofrida pelo delegado Callado, andava como se uma tira de limão verde vivesse embaixo da língua.

– Coronel Baluarte, podemos prosar um minuto antes de iniciarmos a reunião do Punho?

– Essa prosa não pode esperar o término da reunião, Galdino? Tenho um assunto delicadíssimo a levar para a atenção do Punho.

– Creio que não, coronel, é assunto de suma importância.

O velho suspirou e acompanhou o pacificador até seu escritório particular.

– Se articule logo que eu não tenho o dia inteiro.

Venâncio Galdino adoraria tratar do assunto quando o coronel estivesse com o humor menos alterado, mas já havia postergado além da conta aquela conversa inevitável.

– Coronel Baluarte, eu não sei como abordar esse assunto com vossa senhoria, então serei direto. O coronel Maranhão gostaria de casar sua filha mais nova com seu filho, Faustino.

Coronel Leôncio não fez questão alguma de esconder sua surpresa. De todas

as coisas no mundo que o pacificador podia pedir, essa seria a última a cruzar sua mente.

– Tens minha atenção, pacificador.

– O coronel Maranhão não tem herdeiro macho e ele gostaria de juntar as casas.

O velho Baluarte coçou seu cavanhaque encanecido, contemplando os benefícios daquela proposta tão heterodoxa. Nunca, no mar de anos da história de Serendipidade, duas famílias do Punho haviam se ajuntado. A fortuna imensíssima do coronel Isidoro Maranhão não era assunto para se tratar com leviandade, principalmente após receber um juramento de sangue do coronel Ulisses Paiva.

– E eu já vi essa menina? A filha de Isidoro?

– Não, senhor. Acho que ninguém em Serendipidade tenha a visto, exceto o próprio coronel Maranhão e sua família.

– A reclusão dos Maranhão – disse Leôncio ao se recordar da excentricidade de seu colega de Punho. – Quantos anos a garota tem?

– Pelo o que eu saiba, ela deve ter uns treze anos. Não menos que isso.

– É novinha...e a menina já sangrou?

– Já terá sangrado até Faustino completar os estudos no exterior – completou Venâncio, que via paz e sossego no brilho ganancioso que se apossou dos olhos do Gravata Vermelha.

– Pode acertar uma reunião com o coronel Maranhão, pacificador. Não estou dizendo sim, nem não, que fique claro. Estou interessado, mas que essa conversa fique só entre nós, por enquanto.



O coronel Eusébio Paranhos Cordeiro sabia exatamente o que o aguardava no fim daquele rastilho de pólvora. Farpas e estilhaços voariam para todos os

lados, destruindo tudo em seu caminho.

Mas o estrago não poderia ser evitado.

O coronel colocou seus óculos redondos, ajeitou o cinto em seu quadril e se levantou.

– Como eu havia proposto ao conselho há um mês, eu trago novamente à pauta minha proposta PLBCS/457 para votação.

Era a terceira vez que o coronel Eusébio Cordeiro tentava transformar a proposta em lei. Aquele projeto em particular já havia consumido dois anos de sua vida, desde concepção até o presente momento. Durante as últimas semanas, o coronel Eusébio havia dedicado incontáveis horas negociando acordos e alianças para que a lei finalmente passasse pelo Punho. Sabia que contava com o voto do coronel Ulisses Paiva, que, graças à morte de Martin Ribeiro, via-se em uma rixa com o coronel degolador, maior opositor de sua proposta. Só restava um voto para que tivesse a maioria da casa. O apoio de Porfírio Baltazar não era garantido, mas Eusébio sabia que havia gerado interesse ao explicar que a criação de um centro médico popular em Serendipidade poderia aumentar seu poder perante a classe operária da vila.

– E qual seria essa proposta mesmo, Cordeiro? Não espera realmente que decoremos todas pelos seus números – disse Leôncio Baluarte enquanto folheava as folhas da pauta da quinzena. O Gravata Vermelha fazia questão de desdenhar de todos projetos trazidos pelo coronel Cordeiro, uma animosidade mútua que carregavam desde os caixões de seus antepassados.

– É o plano, Baluarte, que propõe a criação de um sistema de saúde comunitário no qual, através de impostos sensatos, todos pagariam de forma coletiva pela saúde de nossa vila. Criaríamos um centro médico geral em que todos seriam atendidos.

– Vejo a validade de seus argumentos, coronel Cordeiro, mas não é essa proposta de lei que também propõe um imposto qualificado? Se me recordo bem, foi esse

o termo que o senhor usou – disse capitão Odorico Alexandrino Baluarte.

Por mais que o juiz sempre tratasse todos ao seu redor com palavras cordiais, Eusébio Paranhos não conseguia confiar em suas nobres intenções, afinal, o sangue que corria em suas veias era Baluarte.

– Na realidade, o nome é imposto quantificado – corrigiu o coronel Cordeiro.

– E o que seria imposto quantificado? – perguntou o coronel Isidoro Maranhão.

– A ideia por trás do imposto quantificado é fazer com que o cidadão pague por sua saúde proporcionalmente ao seu patrimônio e renda mensal. Ou seja, todos teriam direito ao mesmo atendimento, mas quem tiver mais em seus bolsos paga a mais, assim como quem tem menos, pagaria menos.

– E o senhor acha isso justo, coronel Cordeiro? – perguntou Porfírio Baltazar, que adoraria se opor ao coronel Baluarte naquele quesito, mas que no momento só escutava o som de seus cifrões sumindo.

Jeremias Callado estava sentado no canto mais extremo da sala, atento feito uma coruja, tentando compreender como funcionava a lei em Serendipidade. Venâncio Galdino tomava notas de tudo que acontecia na reunião do Punho, pois caberia a ele, como pacificador, ter que satisfazer as vontades dos coronéis e mediar as negociações que ocorriam nos bastidores do conselho. Ao lado do coronel Ulisses Paiva estava o quieto Celestino Floriano, que carregava nos olhos um frenesi entorpecido. *Não há nada mais sagrado aqui do que um juramento de sangue, capitão*, afirmou o subdelegado Aloísio Serafim. O gaúcho então tratou de explicar a Jeremias Callado todas as séries de eventos que culminaram com a incumbência maldita de Celestino Floriano de acabar com os dias de Libertino Valente.

– Podemos melhorar de forma significativa a saúde de Serendipidade. Poderíamos contratar mais doutores para cuidar dos enfermos e não precisaríamos mais ter que contar com a sobriedade do doutor von Stroheim, nem com a falta de estudos da enfermeira Fortunato.

Eusébio Cordeiro sentia-se ridiculamente frustrado vendo-se obrigado a

defender algo que parecia tão obviamente benéfico. Sentia-se abençoado por ter nascido em uma boa família e poder ter a oportunidade de fazer coisas boas nessa terra. Não compreendia a cegueira que parecia se alastrar feito catarata pelos outros coronéis do Punho.

Os olhos de jabuticaba fitavam todos os movimentos dos homens presentes no conselho. O coronel Cordeiro era o mais emotivo, carregava o coração nas mangas das roupas; herança que havia passado para o dócil Cândido Cordeiro. O mais calmo era Leôncio Baluarte, que não esboçava nenhuma reação perante as argumentações que ficavam mais calorosas com o passar dos minutos.

– Isso só pode ser uma chacota, uma piada de mau gosto. Fazer com que eu pague por contas médicas de homens e mulheres de quem eu nada conheço – replicou Isidoro Maranhão.

– Por que não? Vosmecês possuem muito mais do que realmente precisam. Há tanto ouro e cabeças de gado entre nós, que Serendipidade pode viver dias bem mais calmos do que esses que atualmente vive.

– Senhores coronéis, calma, por favor! – gritou Venâncio Galdino. – Vamos nos organizar, caso contrário, não terminaremos nossa pauta da quinzena.

Odorico Alexandrino Baluarte se levantou.

– Meu estimado coronel Cordeiro, eu vejo méritos em suas argumentações. Vejo mesmo. É nosso papel como oficiais do império cuidar daqueles menos afortunados que nós. Mas gostaríamos mesmo de implementar um centro médico municipal custeado por terceiros? Não acredito nessa visão de governo, e suspeito que o império também não deva concordar. Não queremos um burocrata entre nós e os nossos médicos.

– O senhor diz isso, capitão Odorico, pois quando cai adoecido pode pagar pelos melhores tratamentos além de Serendipidade. O senhor pode se dar ao luxo de entrar em uma diligência e se cuidar em Redenção. Mas que solução possuem os homens e mulheres menos afortunados, aqueles que não conhecem

os caprichos da Dama Sorte? Para esses homens e mulheres, que vivem cada dia como se fosse o seu último, para eles pouco importa se há um burocrata, ou diplomata, ou até mesmo o imperador entre ele e o seu médico, contanto que eles sejam atendidos.

– Essa proposta é pior que merda e não vai passar – disse o velho Leôncio com sua rouca voz.

Era um talento estranho aquele que o Gravata Vermelha possuía: falar as maiores atrocidades e ofensas em suspiros serenos e plácidos.

– O senhor não pode falar assim do meu trabalho.

– Verdade. Merda pelo menos serve pra adubar as coisas. Isso aqui – balançou o maço de folhas que constituía a proposta do coronel Cordeiro – isso aqui só fede a merda.

– O senhor não pode falar deste modo comigo, Baluarte. Sou um dos coronéis de Serendipidade e terei minha honra e nome respeitados.

– Falo, pois, o senhor é um tolo, Cordeiro – respondeu Leôncio ao ajeitar sua gravata.

Do outro lado da mesa, o coronel Isidoro Maranhão e o capitão Esteban Santiago mal conseguiram esconder o sorriso infantil em seus semblantes ao presenciarem aquela cena desnecessária.

– Meu pai me educou bem, Leôncio. Ele me ensinou que, às vezes, quando não se tem nada de agradável a se dizer, é melhor ficar calado.

– Então, o senhor seu pai era um grandíssimo imbecil.

Os sorrisos sumiram e o silêncio se fez.

Tudo que o coronel Eusébio Paranhos Cordeiro conseguia escutar era o som de seu próprio coração a retumbar em suas orelhas. O sangue infectava seu corpo inteiro com uma adrenalina nervosa, culminando em seus punhos cerrados, que inadvertidamente amassavam uma cópia de seu projeto de lei. O coronel Ulisses Paiva, que já se via em conflito com o coronel Baluarte,

não compreendia as ações que levavam Leôncio a insultar Eusébio de tal forma, criando mais uma peleja dispensável.

– Como ousa falar assim comigo?

– Senhores, por favor – Venâncio Galdino tentava consertar algo que jamais poderia ser reparado.

– Vosmecês Cordeiros são todos iguais. Um bando de ovelhas que acham que a vida é um mar de flores, uma poesia romântica. – Nenhum sentimento parecia transparecer por seu semblante imutável, um homem lapidado da mais nobre madeira oca. – A vida não tem métrica, nem rima, seu tolo. Só sangue e morte.

Celestino Floriano se via em posição peculiar. Sentia dó pelo coronel Eusébio Cordeiro, que tinha sua honra ofendida de forma tão descabida, mas aquele conflito que se iniciava em sua frente poderia muito bem ser sua carta de sobrevivência.

Jeremias Callado não compreendia ao certo o que tudo aquilo significava, mas pelas expressões nos rostos dos coronéis Porfírio Baltazar, Isidoro Maranhão e Ulisses Paiva, nada de positivo poderia suscitar.

– Basta, seu velho! Eu já fui ofendido demais por esse conselho. Vosmecês coronéis restantes podem ficar aqui e admirar toda soberba e pompa deste homem que vosmecês tanto veneram e temem. Esse conselho do Punho se tornou ao longo dos anos um exercício de futilidade. Eu e minha família não faremos mais parte dessa comissão – Eusébio examinou com cautela os rostos dos três coronéis que ainda respeitava de alguma forma. – E vosmecê! – gritou em direção a Leôncio, que permanecia impávido a toda sua revolta. – Eu juro pelo sangue de meu pai, pelo amor que tenho a Deus, que o senhor irá se arrepender pelo o que fez hoje a minha pessoa. Isso aqui não é um juramento de sangue, é um juramento de guerra. Eu vou enterrar vosmecê e seus filhos, pode ter certeza disso.

O mundo passou a se mover devagar para Radamés Valadares, capitão da família Cordeiro. O galego, que outrora fumava cigarro de palha com seu amigo

Ekwueme, se via diante de um mundo novo, em que a segurança da cordialidade havia evaporado. *Eu não devia ter impedido Salomão Azambuja de matar Libertino Valente*, pensou Radamés, que agora teria que lidar com o facínora pessoalmente.

Venâncio Galdino correu atrás do coronel Eusébio, ao tempo que o coronel Leôncio Baluarte se levantou, como se nada tivesse ocorrido.

– Bem, meu filho Faustino me trouxe uma acusação gravíssima sobre o padre Portugal e eu gostaria de trazer à atenção do conselho – disse o Gravata Vermelha.

Venâncio alcançou o coronel Cordeiro e o capitão Valadares antes que estes subissem em suas montarias.

– Senhor coronel, por favor não saia assim. Vamos tentar consertar o que se transcorreu – implorou Galdino.

– Se eu fosse vosmecê, pacificador, eu procuraria uma nova linha de carreira. Não haverá mais paz em Serendipidade – disse Eusébio antes de açoitar seu cavalo.

O vilarejo está podre por dentro, pensou o coronel Cordeiro, e *Leôncio Baluarte é a infecção*. Estava farto de encarar Julius César naquele conselho do Punho, só aguardando os idos de março. Uma brisa afável correu pela rua Belchior Maranhão, arejando o suor colado ao pescoço do coronel Eusébio, que começou a passear pela vila sem nenhuma direção ou destino traçado. Apreciava pela primeira vez um dia de novas expectativas, uma mistura de alívio e temor do desconhecido. Passou pelas donas Siqueira e Matilde e imaginou que fofocas corriam por suas línguas naquele exato momento. E o que pensaria Adamastor, o sobrinho simplório da senhora Siqueira? Que ideias corriam por sua mente enquanto seguia a tia por todos cantos do povoado, sempre contando as contas de seu terço? Eusébio Paranhos encontrou o doutor Hubert vagueado a passos tortos pela Praça Central, buscando no desequilíbrio destilado uma estabilidade para seu pesar. Saindo da Padaria Recanto, acenou para a bela Madalena Fortunato, que sempre o tratou com palavras e mãos caridosas. *Como sinto a falta do meu*

Clementino, pensou Eusébio. *Não fosse aquela coisa ruim barbado do Agenor Conceição, meu filho ainda estaria aqui comigo.* Todos ali tinham suas próprias histórias, seus próprios sonhos e desalentos. E todos ali mereciam uma chance de dignidade.

O coronel e o galego entraram pela rua Haroldo Domingos Cordeiro, cavalcando a caminho do conforto e da segurança da Fazenda Recanto. Andar pela rua que levava o nome de seu bisavô sempre tinha sabor de pão fresco. Lembrou-se da época em que era criança, fingindo ajudar o pai a carregar aquelas pesadas toras de madeira, e de como se sentia forte por isso. *A Dama Sorte sempre sorriu para os Cordeiros*, disse seu pai enquanto construía a Padaria Recanto, por isso devemos sorrir de volta. Como ousava o velho Leôncio ofender a honra de sua família? De seu legado? Um homem que apreciava a fama de ser o Gravata Vermelha. *Um usurpador de almas, isso sim.* Como teve o disparate de ultrajar a memória de seu pai? Quantos anos ele, Eusébio Paranhos Cordeiro, dedicou para que aquele povo pudesse apreciar pães frescos todos os dias e todas as noites? Quantas barrigas iam dormir satisfeitas com os quitutes preparados em sua padaria?

Na distância, nas plantações de trigo e mandioca do Recanto, seus negros trabalhavam cantando algo em sua língua mãe, um coro fatigado e lúgubre, que ressoava pelos campos banhados pela luz crepuscular. Embalado por aquela canção tão propícia, Radamés Valadares se despediu do coronel e partiu em direção à sua casa, incerto sobre o que o futuro resguardava.

O coronel Eusébio subiu as escadas que levavam à varanda elevada de sua mansão como fez centenas de vezes antes, mas havia algo diferente na brisa, um suspiro que anunciava o fim de uma era. Um dos dedos do Punho havia sido estropiado, e por mais que os outros coronéis tentassem, o sistema que prevaleceu em Serendipidade por três gerações estava para sempre mutilado. Eusébio entrou na sala de jantar e encontrou a mulher e o filho sentados à mesa.

– Como foi seu dia, meu amor? – perguntou Josefina, que trajava seu tradicional vestido rosa e colar de pérolas, vestígios que indicavam que ela havia

passado a tarde jogando bridge com suas amigas, esposas dos demais coronéis.

– Esplêndido, – respondeu enquanto ajeitava o guardanapo na gola de sua camisa – eu renunciei minha cadeira no conselho do Punho.

– Perdão? – exclamou Josefina, tão estupefata que perdeu a compostura.

– E lá é meu lugar, Josefina? No meio daquele covil de mentirosos? Daqueles homens chinfrins? – o guardanapo não prendia na gola da camisa, fazendo Eusébio, de forma frustrada, dobrar o queixo duplo. – Estou cansado de ver leis egoístas e injustas serem aprovadas ao tempo que boas ideias são lançadas ao lixo. Cansei do jogo de poder do coronel Baluarte e todos aqueles frouxos que o seguem – Eusébio jogou o guardanapo em cima da mesa, desistindo de usá-lo de vez. – E vosmecê, Cândido, que novidades me conta?

– Eusébio, meu amor, não esperas mesmo que retornemos à normalidade após uma notícia como esta, espera? – Josefina temia a repercussão social que a renúncia do marido desencadearia. Que reputação teriam após aquela noite?

– Amor, cansei de fingir. Finjo fazer leis, finjo trabalhar, finjo projetos, finjo, finjo, finjo. Não se faz pão com ar, querida. E é exatamente isso que os Baluarte e sua cúpula querem fazer naquele conselho do Punho: um trono de ar – respondeu ao tempo que se servia de uma porção generosa de purê de aipim, frango assado e broa de milho.

Josefina abriu a boca, mas a razão lhe falhou. Qualquer argumento seria fútil e supérfluo contraposto a honra do marido. A mulher levantou o copo e acenou para a mucama Kumala que necessitava de mais vinho. Necessitava de muito mais vinho.

– Cândido, querido, vosmecê ouviu seu pai. Quais são as novidades?

– Bem, a notícia é que o delegado Callado deu uma baita de uma lição em Faustino Baluarte – disse Cândido ao terminar de engolir a última garfada de seu terceiro prato.

A surpresa foi tamanha que Josefina engasgou-se com o vinho servido por Kumala.

– Vosmecê mente! – exclamou a mulher.

Os homens riram.

– Ouvi os boatos, mas achei que fossem somente isso: boatos – disse o coronel Eusébio Paranhos Cordeiro.

– Na realidade, quem aplicou a lição foi o próprio Isaías Fortunato. Tudo que o delegado fez foi permitir que o filho da enfermeira chapuletasse o orgulho fora de seu rosto.

– Vosmecê mente – repetiu Josefina.

– Verdade – disse Cândido, que ria da expressão incrédula estampada no rosto de sua mãe.

– Esse delegado realmente trouxe mudanças à Serendipidade.

– Amém para isso – disse Eusébio Cordeiro, erguendo sua taça de vinho em um brinde à distância. *Que traga mais mudanças ainda.*

– Antes que eu esqueça, pai, peguei o pão dormido de ontem e deixei na creche da rua Baltazar. Espero que não seja um problema.

Eusébio não pôde evitar o orgulho que se apossou de seu ser ao contemplar o filho, um homem de alma generosa e gentil. Cândido era uma espécie em extinção naquele sertão agreste; homem que conseguia ver através da cortina de hipocrisia que era levantada pelo calor. Cândido enxergava o melhor que cada alma tinha a oferecer e, por isso, Eusébio Paranhos Cordeiro era um pai orgulhoso, e no fim, era só isso que importava.

– Espero que minha resignação no conselho não tenha desmotivado vosmecês. Eu ainda tenho muita luta em meu sangue. E o primeiro passo é tirar Venâncio Galdino de seu pedestal. Vamos investir pesado na eleição de Salomão Azambuja a pacificador.

O sorriso voltou a brilhar no rosto de Josefina.

– Mas como concorrer contra o senhor Galdino, pai? Ele terá o apoio do coronel Baluarte e de todos seus aliados.

As probabilidades de vitória eram realmente baixas contra tais rivais, mas como seu pai dizia: *probabilidades são como cétricos lidam com a Dama Sorte.*

– Entrarei na luta com uma pedra e uma funda e, mesmo assim, derrotarei o gigante – respondeu repleto de otimismo e perseverança. – Estás com gaita em mãos, filho?

– Claro.

– Toque algo bonito para seu pai.

Cândido Cordeiro puxou sua harmônica e assoprou.

♪ *O velho barqueiro não passa seus dias a remar,
sem águas pra navegar, o que lhe resta é lamentar.
Hoje, seu bolso de óbolos anda vazio,
sem almas para trafegar pelo grande rio
Héracles, Dionísio e Orfeu,
não estão mais lá, o que se deu?
E aos prantos o Caronte respondeu:
"o Aqueronte secou,
o solo avermelhou,
e nada mais sobrou. ♪*



Radamés Valadares contemplava a quietude que sempre antecedia uma guerra anunciada. É um momento específico na vida de um homem, em que as atribulações das batalhas davam novos ares e gostos à rotina enfadonha e fastidiosa. E de repente, no estouro da primeira bala disparada, o ramerrão banal que todos viviam a se queixar se tornava exatamente o motivo que os faziam guerrear com tanto viço. O galego tomou alguns segundos para admirar a inocência

que seus filhos dividiam ao se entregar ao melaço dos travesseiros. Pensou como poderia ficar ali para sempre, contemplando Pietro e Vladimir dormir, tendo nunca antes gasto seu tempo para admirar tal hábito, repetido à exaustão todos os dias. Daquele dia em diante, sabia que a qualquer momento receberia do coronel Eusébio a ordem para matar o coronel Leôncio Baluarte ou um de seus homens, e assim que a ordem fosse dada, ele também estaria sentenciado. Fechou a porta e se sentou ao lado de Ekwueme, que entalhava bonecos de madeira para Vladimir, que passava horas brincando de reencenar a Guerra das Botinas.

– Vosmecê está com o peso do mundo nos ombros, amigo – disse o negro.

– Vosmecê não faz ideia.

– O que foi que se sucedeu?

– O coronel Baluarte enlouqueceu. Ele chamou o pai do coronel Cordeiro de imbecil.

O susto do negro livre foi tamanho que sua mão desatenta cortou a cabeça do boneco que entalhava. O pedaço de madeira rolou pelo chão da sala, sumindo nas penumbras.

– E como foi que o coronel Cordeiro reagiu?

– Da forma que vosmecê deve imaginar. Ele disse que não voltaria mais ao conselho e declarou guerra contra os Baluarte.

– Guerra?

– Ele falou que ia enterrar o velho e toda sua família.

Ekwueme era bastardo a todas as tradições que regiam os homens brancos de Serendipidade, mas sabia que uma promessa como essa não seria bem aceita, e que haveria repercussões para todas ameaças, as ditas e as não ditas.

– E vosmecê, galego, como fica nessa história?

– Nós já vimos a guerra, Ekwueme, nós sabemos que não é nada como as brincadeiras de Vladimir. – Radamés encarava o campo de batalha feito de gravetos, argila e bonecos de madeira.

Ekwueme não era estranho à morte. Talvez carregasse consigo mais lembranças do mal irremediável que qualquer outro homem de Serendipidade, mas prometeu a si mesmo não ficar preso às vagas do passado. Os tempos de ondulações e pulsos arditos haviam passado e ele finalmente era dono de sua própria liberdade.

– O que vai acontecer?

– Se o coronel Cordeiro for adiante com suas ameaças, eu provavelmente irei morrer – disse Radamés, surpreso por seu próprio comentário.



Eu quero Libertino Valente morto antes do Dia do Tenório.

Essa foi a ordem que o coronel Ulisses Paiva havia demandado de Celestino Floriano após os eventos que transcorreram na reunião do Punho. Do anúncio de guerra do coronel Cordeiro até as inacreditáveis acusações que o coronel Baluarte trouxe em referência ao padre Portugal, aquele dia se mostrava mais e mais vermelho. A vida de Libertino Valente agora tinha data de expiração, assim como a castidade dos dedos de Celestino Floriano, que só havia ultimado almas em guerra. Era bom manuseando os gados do coronel Paiva, assim como administrando a mão de obra de seu proletariado, mas era poeta, não matador. Conhecia as rimas da vida e a métrica que dava compasso ao dia a dia; nada sabia sobre pontos finais. Suas maiores armas eram a tinta e o papel, que sempre o levaram aos lugares que queria ir. Foi graças a suas palavras que conquistou aquilo que todo homem contempla: o amor de uma bela mulher. E agora, a morte, a danada que segue todos os homens, galgava-se por sua coluna, aparando-se em suas costelas como se fosse uma maldita escada. Sentia o peso da alma de Libertino Valente estorvando-se sobre seu ser, afundando seus pés na terra dura e batida de Serendipidade.

– Um tostão por seus pensamentos.

Piedade estava deitada sobre o peito de Celestino Floriano, escutando seu coração a bater. Estavam embaixo do velho juazeiro do cemitério Taperoá, a única testemunha de seu amor proibido.

– Pensando nos segredos do horizonte – mentiu Celestino, que não concebia a noção de contar a verdade para sua amada, temendo o que ela pudesse fazer caso descobrisse os perigos que o cercavam.

– Que segredos?

– É no horizonte que o fim termina e o início começa. Um lugar que só se pode ver, mas nunca chegar.

Piedade Maranhão alisou os peitos cabeludos de Celestino Floriano. A moça era mais intuitiva que o amado presumia – sabia que algo estava terrivelmente errado. Piedade não conseguia dizer se era sua intuição feminina ou a capacidade de interpretar os batimentos do coração do capitão, mas o fato permanecia o mesmo: a mulher sabia que o homem estava deveras preocupado. Doía pensar no mundo sem Celestino, pois aquele amor havia a salvo de todas as formas que uma vida podia ser salva. As belezas das coisas só se revelam mediante à vontade daqueles que enxergam, e com Celestino, Piedade via pela primeira vez novas cores. Foi necessário um poeta que não via o azul nem o amarelo para mostrar à moça que o mundo não era sobre o que se apresentava, mas sim sobre o que vosmecê via nele.

A noite desabrochava e o casal aproveitava um raro momento de tranquilidade – o pai da menina divertia-se em um jogo de cartas e só regressaria no começo da madrugada. O romance proibido completava-se debaixo daquele jacarandá velho: ele pensava em como matar um homem, ela matutava sobre como salvar uma vida. E nesse paradoxo de ideias, uma triste realização amadureceu em Piedade: *A morte é uma promessa*. A moça, tão habituada a lidar com óbitos, se viu petrificada com a noção de que poderia morrer. Não uma morte de moléculas frias entrando em decomposição, temia padecer e permanecer a res-

pirar, um defunto a perambular graças à inércia da vida. Confinada aos caprichos e segredos da mansão Maranhão, Piedade tinha um motivo que a fazia viver, e ele era um poeta.

– Lembra da promessa que tu fizeste a mim em tua primeira carta de amor?

– Não – sorriu Celestino, encabulado.

– Disseste que só morreria quando tivesse me conquistado por inteiro.

– Sim. Agora me lembro.

– Então trate de não morrer, pois eu sei que é isso que teme, mesmo que não me diga. Trate de não morrer, pois vosmecê não me tem por completo.

– De onde tirou essa ideia de morrer, meu amor? Do que vosmecê está falando?

– Não se finja pra mim. Não ouse fazer isso. Não finja que está tudo batuta, pois eu sei que não está. Se vosmecê tem seus segredos, tudo bem, mas saiba que eu também tenho os meus. E até o dia que eu os conte de coração aberto, vosmecê não pode morrer.

Celestino nunca havia visto Piedade tão nervosa como naquele momento, como se ela já houvesse visto o futuro e conhecesse os desencadeamentos que o destino traçava.

– Eu prometo, Piedade, assim como eu prometi antes. Só desgrudarei da vida quando conquistar, por completo, teu coração.

Piedade não era moça boba, mas deixou-se levar pela inocência daquela promessa de amor – como se os homens tivessem algum dizer sobre a vida e a morte. Beijou o seu amado e se entregou por completo àquela felicidade momentânea.

Em um galho do jacarandá, em cima do casal, uma coruja listrada testemunhava ao amor de Celestino e de Piedade. A história dos dois talvez fosse diferente caso não fosse aquele espectador inusitado.



Lourenço Malvino, capitão do coronel Isidoro Maranhão, não costumava rondar pelo cemitério Taperoá pela noite. Era cabra arrochado, que não temia homem vivo nenhum, mas o cemitério à noite o assustava além da conta. Assombrações, diferente de homens de carne e sangue, não se desfarelavam com balas ou socos. *É o lugar do capeta*, repetia Lourenço. Evitava a qualquer custo visitar o cemitério depois que o sol se punha, temendo aquilo que seus olhos poderiam ver, tornando em certeza aquele medo, que, até agora, era só uma suposição. O capitão Malvino caminhava pelo cemitério pois não se lembrava se havia apagado, ou não, a gambiarra da capela. Desde o dia em que Lindalva Goulart, a cartomante do vilarejo, o advertiu sobre os perigos das chamas em seu futuro, Lourenço Malvino via-se ainda mais precavido quando o assunto envolvia fogo. O capitão deixou o coronel Maranhão jogando canastra no Bar do Nico e regressou ao cemitério Taperoá.

Não tinha jeito, teria que enfrentar seus medos.

Seus passos ecoavam com onomatopeias alarmantes pela calada da noite.

Parou.

Sentia que alguém, ou algo, o seguia.

Na distância, o chirriar de uma coruja solitária assustou o homem além de sua imaginação. Virou, procurando pela alma maldita que o assustara, mas o que Lourenço Malvino avistou entre as lápides e epitáfios não eram fantasmas ou espectros do além – ou até mesmo uma coruja –, mas sim o poeta do vilarejo se engraçando com a filha do coronel.

A pouca vergonha do casal ruborizou o homem.

Mesmo sendo o assecla de confiança do coronel Isidoro Maranhão, Lourenço

havia visto a moça Piedade muito pouco; sempre bem portada, sempre dentro de casa, e sempre completamente vestida. Queria desver aquela cena, apagá-la por inteiro de sua cabeça, pois não poderia denunciar ao patrão aquilo que não sabia.

Visitar cemitério na escuridão nunca é uma boa ideia.

XVII

perdoarei, mas jamais esquecerei

As feridas sanavam em uma velocidade impressionante, mas a bendita dor ainda perdurava. Era o primeiro dia de escola após o confronto e Isaías Fortunato tentava se concentrar na aula que o padre Gregório Portugal lecionava. A mialgia, no entanto, ceifava a atenção do garoto feito um alfanje amolado. Brincava com a bostela em sua testa, coçando-a com a unha e sentindo-a desgrudar da nova pele que crescia. O som emudeceu e o corista perdeu-se em devaneios, ponderando sobre como o tempo iria extinguir o fogo de seu padecimento, mas as cinzas da batalha permaneceriam em forma de cicatrizes. Pensou no rosto do delegado Jeremias Callado, marcado e desenhado pela dor e pela força, e como as cicatrizes que ele carregava em sua pele empunhavam medo nas botas de seus adversários. Todo flagelo de seu corpo era um atestado de sua obstinação pela vida, provas irrefutáveis de sua robustez. *Faustino não irá mais se meter comigo*, concluiu o corista. *Irá me deixar em paz, agora que conhece o sabor dos meus punhos*.

Padre Portugal tossiu.

Isaías prontamente se ajeitou na cadeira e redirecionou seu foco à aula. No quadro negro, um desenho de um triângulo retângulo. Padre Portugal explicava, através de riscos brancos de giz, as várias funções do teorema de Pitágoras e suas utilidades no dia a dia. Isaías, no entanto, concentrava-se nos traços singelos do rosto do padre: liso, altivo, garrido, sem cicatrizes e sem pesares. Um rosto opoente ao de Jeremias Callado. Poderia ele, um corista valente, ser ambos ao mesmo tempo? Parte belo, parte justo; parte padre, parte justiceiro; parte luz, parte escuridão.

Parte bênção, parte retaliação.

E assim, com dúvidas e fumaças nas pálpebras, o dia de aula seguiu sua rotina de praxe: o silêncio na hora dos intervalos, a exclusão das brincadeiras

do recreio e a solidão do almoço. Mas havia algo novo no ar. Faustino Baluarte e sua trupe de valentões não eram encontrados em lugar algum. Os cochichos ao seu respeito também haviam mudado de tom. Olhavam para ele com medo. Jeremias Callado havia lhe concedido o respeito dos demais colegas, que agora sabiam o que acontece quando se cruzava caminhos com ele.

Isaías sentiu-se intocável.

O jovem andou até o muro da escola e sentou em um dos bancos, buscando solitude para sua mais nova felicidade.

Padre Portugal o encontrou minutos depois.

– Como estás, meu filho? – perguntou ao se sentar.

A batina do padre balançava pela brisa vespéral.

Suas alpercatas ao lado das botinas do aluno.

– Estou bem, padre Portugal – respondeu cabisbaixo.

– Fico feliz em saber que está bem, Isaías. Chegou aos meus ouvidos a informação que Faustino Baluarte não está tão bem assim.

A desaprovação era evidente em seus olhos de azeitona.

– Libertino Valente e ele me espancaram sem piedade, padre Portugal. Eles me humilharam e disseram coisas horríveis sobre o senhor. Não fosse o delegado Callado e o subdelegado Serafim, não sei o que seria de mim.

– Precisava espancar o garoto após ser salvo?

– Não. Mas ele mereceu.

– *Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos insultam. Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra.*

A mão do padre Portugal descansou levemente sobre os joelhos do rapaz, que ruborizou.

– Lucas, seis, vinte quatro a – Isaías pausou, procurando a resposta correta

– trinta e dois?

– Vinte e sete a trinta e um – corrigiu, cheio de orgulho. – Anda estudando o bom livro?

– Quero ser padre.

– Padres não andam por aí batendo em outras pessoas.

– Perdão. Não retornarei a fazer isso.

– Fico feliz ao ouvir isso, mas não é a mim que debes pedir perdão, Isaías.

Os olhos do jovem Fortunato suplicavam misericórdia. Que lhe pedisse qualquer coisa, menos desculpar-se a Faustino Baluarte. Gregório Portugal ignorou a reação do corista; não havia outra solução para aquele dilema. Isaías mordeu os lábios e acenou derrotado. *O padre está certo*. Pediria perdão assim que visse o garoto Baluarte novamente; caso fosse recepcionando com murros, mostraria a força do caminho dos justos.

Do outro lado do pátio, carregando uma semana de noites mal dormidas em seus olhos, caminhava o delegado Jeremias Callado, acompanhado de perto pelo subdelegado Aloísio Serafim.

Algo terrivelmente errado aconteceu, pressentiu o padre Gregório Portugal.

– Delegado Callado, subdelegado Serafim, em que posso ajudar?

– Me desculpe, padre Portugal – suspirou Aloísio Serafim. – Somos obrigados a fazer isso.

– Fazer o quê? – o coração de Isaías disparou como se fosse partir suas costelas, rasgar sua pele e cair em cima de seu colo.

– O que se sucedeu?

– Gregório Moreno Portugal, temos um mandado de prisão em seu nome...

– disse Jeremias Callado.

– Não! – gritou Isaías, seu coração contorcia-se feito uma mosca em teia de aranha.

– ... assinado pelo honorífico juiz Odorico Alexandrino Baluarte no dia de hoje...

O delegado Jeremias Callado continuou a proclamar o mandato misantro-

picamente, repetindo palavra por palavra, tal como o juiz Odorico Baluarte havia o ensinado horas atrás. Aquela era sua primeira missão oficial como delegado de Serendipidade e não havia nada de justo nela.

Isaías se levantou e se pôs entre os oficiais e o padre, protegendo seu mentor com toda bravura que tinha.

– Não! – esbaforiu o corista. – Ele não fez nada de errado! Ele não fez nada! Aloísio tentava, com toda cautela, empurrar o menino para o lado.

– Padre Portugal, vosmecê está sendo acusado de pederastia e atitudes maliciosas contra sete menores de idade. Compreende essas acusações?

– Deve haver algum engano. Eu nunca machuquei ninguém.

Foi quando Isaías compreendeu o que se passava. Todo aquele circo não passava de um plano de vingança muito bem arquitetado por alguém muito poderoso.

– Faustino Baluarte! – gritou o corista. – Isso é obra dele, tenho certeza. Dessa vez eu termino o que comecei. – Rosto entorpecido de vermelho, saliva escorrendo pelo canto da boca, olhos irrigados por lágrimas de ódio e desolação.

– Isaías! – gritou o padre em um momento raro de descontrole. – Lembre o que eu falei logo há pouco – sua voz voltou ao seu tom normal. – Não se deixe levar pelos erros dos outros. Eu vou com os bons oficiais aqui, que são homens do bem. Tenho certeza que tudo isso se resolverá logo. O caminho dos justos é sempre iluminado.

O deserto vermelho também é iluminado, mas isso não torna andar sobre ele menos penoso, pensou Jeremias Callado, que temia o que aguardava o padre no fim daquela caminhada justa. As algemas se fecharam em torno dos pulsos de Gregório Portugal em um clique metálico e desconcertante.

Isaías Fortunato seguiu os oficiais e seu mestre algemado até os portões da escola, quando foi esbarrado pelas mãos grossas do padre Ebenezer Batista. Ficou parado enquanto o padre Portugal, seu pai por escolha, era escoltado a

caminho de uma cela pequena e iníqua. A visão foi borrando ao tempo que seu desalento se liquefazia, semeando sua pele machucada. Cairia sobre Faustino Baluarte com a ira divina. Cerrou os punhos e deixou-se acalantar pelos ensinamentos do padre Portugal; *Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes? Jesus respondeu: Eu digo a vosmecê: Não até sete, mas até setenta vezes sete.* Mal conseguia se ver perdando o garoto petulante pelos linchamentos, como seria capaz de perdoar a nova afronta?

O caminho do perdão é penoso, mas cheio de glória.

Suspirou.

O coração amotinava-se em seu peito, um prisioneiro que tentava fugir do cárcere de ossos no âmago do seu ser. Isaías imaginou-se no fundo da igreja, conversando com o padre enquanto este alimentava as galinhas. A raiva evaporou, assim como as lágrimas. Mas a dor persistia. Se perdoasse o garoto de sorriso petulante, haveria de carregá-lo aonde quer que fosse, pois quando se perdoa, toma-se para si a responsabilidade de outrem – e isso, pensou o jovem Fortunato, *é um fardo deveras pesado.*

As aulas foram interrompidas e os alunos mandados de volta para casa. Com isso, as línguas afiadas da puberdade puseram-se a propagar os eventos transcorridos na escola. Isaías, farto de todo aquele espetáculo, correu em direção ao lar, buscando conforto nos braços da mãe. Encontrou-a na sala discutindo algo com seu tio Estêvão. O rosto de Madalena Fortunado estava vermelho e inchado, mas Isaías estava tão perdido em sua própria tristeza, que não percebeu o estado da mãe. Estêvão Fortunato abriu violentamente a porta e saiu arrotando desaforos.

– Meu filho, meu filho, o que foi? – Madalena apertava Isaías com força, sentindo as lágrimas molharem sua nuca.

– Isso tudo é culpa de Faustino. Ele estragou tudo. Tudo!

A mãe ouviu os lamentos do filho, que contou tudo que transcorreu no pátio da escola.

Como podia ser que só ela e uma dúzia de outros cidadãos conseguiram ver através da fachada que Leôncio Baluarte havia erguido em volta de sua persona? Acusar o padre de pederastia era a gota.

– Tenho certeza que tudo será resolvido, querido – disse Madalena, acariciando os cabelos fogueados de Isaías.

– Mãe?

– Diga, filho.

– A senhora me leva na delegacia, eu gostaria de conversar com o padre.

Madalena suspirou. Não queria negar pedido tão inocente, mas se via forçada a revelar um pouco da crueldade do mundo ao garoto.

– Eu não acho apropriado, querido. Pelo menos não por enquanto. O padre Gregório deve estar conversando com o delegado e com o subdelegado sobre achar um advogado. Ele precisa se concentrar na empreitada que se estende na frente dele. Isso que estão o acusando é muito grave, Isaías. O que eu posso fazer é pedir pra Aloísio passar aqui quando a poeira descer um pouco.

Madalena amava aquele garoto mais que sua própria vida e partia-lhe o coração vê-lo tão desamparado.

Isaías assentiu.

O momento para chorar havia passado.

Precisava pensar no que seria o melhor para o padre.

Precisava de um plano.



Isidoro Maranhão estava sentado na varanda de sua mansão, oscilando de um lado para o outro em sua poltrona de balançar. O coronel Leôncio Baluarte estava sentado do outro lado da mesa, alisando sua gravata vermelha de seda e

aguardando o fim da piada.

– Aí o padre, andando pelo cemitério, com medo daqueles gritos de dor, *uil, ail*, achando que era alma penada, grita: *ô, alma em dor, diga o que precisa pra ter paz e eu te ajudarei*. – Isidoro juntou as palmas das mãos, como se estivesse a rezar. – Aí, bem baixinho, ele escuta a voz responder: *se tiveres algo para que eu limpe a bunda, fico agradecido!*

Isidoro bateu com a mão no joelho enquanto ria um riso de velho, sem ar e rouco, que virou tosse, catarro, e depois virou riso novamente. Leôncio esboçou um sorriso amarelo, não via graça no humor raso e macabro do coronel. Teresina, uma das mucamas da mansão Maranhão, apareceu pela porta da casa e trouxe uma jarra de suco para os coronéis, o que causou uma estranheza nas sobranceiras arqueadas do coronel Baluarte.

– Quede tua rapariga, Piedade?

– Tadinha, caiu doente com uma virose.

– Que pena.

– Apois, tenho certeza que o senhor tem assuntos a tratar, principalmente depois de ouvir do próprio filho aquelas barbaridades que o padre Portugal cometeu.

– O padre irá pagar pelos seus pecados e crimes, disso não tenho dúvidas. Estou interessadíssimo em ouvir sobre esse casamento. Faustino e Pérola, de onde surgiu tal ideia, Maranhão?

– O senhor é cabra macho mesmo, coronel Baluarte. Tens um juramento de sangue do coronel Paiva nas costas, assim como uma promessa de guerra do coronel Cordeiro, e aqui estás o senhor, preocupado com um casamento! Não se fazem homens como o senhor – adulou o dono do cemitério Taperoá.

– É a terra que faz o homem, Maranhão. Se nossos filhos não superam nossos feitos, é porque a terra está falhando com eles.

– Verdade. Verdade. Sim, o casamento. Não é segredo nenhum que não tive herdeiros homens. O nome Maranhão vai comigo para a cova, já fiz minha

paz com isso. Mas posso pelo menos garantir que meu legado vá para uma casa grande e poderosa, não sabe. É óbvio que pensei na família Baluarte.

– Fico honrado pelo convite, mas não tens problema com Faustino herdando da mulher dele, sua filha, no caso, toda sua fortuna e propriedade?

– Não, pois os filhos deles serão meus netos também. Além do mais, Pérola só irá receber um terço dos meus bens, Piedade e Paloma ficam com o resto. Mas antes de acertamos tudo, eu tenho condições: a garantia que o nome do cemitério continue o mesmo para sempre, Taperoá. E quero que o nome do primeiro herdeiro do casal seja Isidoro – sorriu o velho.

– Justíssimo – concordou Leôncio.

– Quero também que do futuro de Lourenço Malvino seja cuidado. O capitão é como o filho que nunca tive – acrescentou Isidoro.

– Pode deixar. Lourenço será muitíssimo bem cuidado.

– Me surpreende o senhor aceitar assim, sem apanheiros.

– A ideia me soou estranhíssima de primeira, mas aí me veio: acho que poderei matar dois coelhos com uma paulada só. O patrimônio que deixarei para os meus filhos será maior do que tenho agora, e eu acho que o casório fará bem a Faustino. Acho que vai fazer com que ele aquiete o facho. Como dizem por aí: Casará e amansará – disse Leôncio com um sorriso torto.

– É isso que eu chamo de uma negociação de sucesso, Leôncio – sorriu de volta o coronel Maranhão.

Os homens apertaram as mãos e os destinos de Faustino Baluarte e da pequena Pérola Maranhão estavam selados. O coronel Leôncio colocou seu chapéu branco e desceu as escadas da varanda, onde seu assecla o aguardava.

– Espero que sua filha Piedade fique melhor.

– Eu também – respondeu Isidoro Maranhão.

– Deseje a Perpétua minhas saudades – disse Leôncio Baluarte, no topo de seu cavalo puro sangue.

– Pode deixar que eu passo o recado.

O coronel Leôncio puxou as rédeas de sua montaria e partiu em direção ao Rancho Baluarte com Libertino Valente logo atrás.

No Canto de Deus, escondido atrás de um velho flamboyant de flores vermelhas, Celestino Floriano sentia o calor da grama. Era como se estivesse deitado nas costas de um gigante adormecido, cuja a pele inerte foi coberta por musgos e teias de aranha, mas cujo sangue ainda corria quente por suas veias. A carabina nunca foi sua amiga; na melhor das hipóteses era uma amante bastarda, renegada por sua paixão por versos e pelo amor por Piedade Maranhão. Para o poeta, matar sempre foi um ato de certeza irremediável, pois quando se separa o corpo de sua alma, quando se tira aquilo que nunca pode ser devolvido, algo muda naquele que apertou o gatilho.

Algo nele morre também.

Celestino acompanhava a cabeça de Libertino Valente através da mira de sua carabina; estava de tocaia há três horas, só aguardando o homem. As pétalas vermelhas do flamboyant, que descansava em paz naquele que era o canto de Deus, caíam como pequenos flocos de neve ensanguentados, um prefácio preguiçoso dos dias vermelhos que se seguiriam. O peso do mundo apoiava-se no dedo do poeta. Antes de apertar o gatilho, Celestino pensou em Martin Ribeiro e como tudo aquilo era culpa dele. Se o homem não tivesse acusado Libertino Valente de roubar em um estúpido jogo de cartas, o poeta estaria agora em paz, escrevendo alguma rima despreziosa. Pensou então na faca do assecla Baluarte e no homem que a forjou. Talvez fosse dele a culpa. E nessa centopeia de raciocínios lógicos, todos eram culpados por aquele presente que eternamente se desdobrava; do próprio Celestino até Jesus Cristo; da invenção da roda até o nascimento de Deus e das coisas divinas.

A mira desceu.

Um tiro na cabeça era morte garantida. Mas havia uma certa poesia macabra, um romantismo inocente, em acertar o homem em seu coração. E como o eterno

romântico, Celestino pensou que se tivesse que ser um assassino, seria um assassino honrado.

A ironia da frase nunca cruzou sua mente.

A bala voou pela pradaria em uma cacofonia ecoante. O corpo de Libertino Valente pendeu para trás, a mão apertou o peito alvejado e o assecla estatelou-se ao chão, mole feito uma roupa desgarrada do varal.

Celestino Floriano escondeu-se atrás do flamboyant.

Rijo.

Absorto em culpa.

De agora em diante, restava-lhe pouco tempo de vida. Via-se nas botas de Libertino Valente, só aguardando o homem que vingasse a última matança. Escutou os passos vagarosos e todas as onomatopeias desesperadas do velho Baluarte, que encontrava forças em seus ossos cansados para tentar salvar seu capataz. Celestino teve que se conter para não descer o morro e ajudar o velho com suas próprias mãos assassinas.

O poeta havia, até então, matado somente dois homens em sua vida: dois soldados amotinadores que seguiam Agenor Conceição. Dois pontos distantes durante a guerra; dois alvos sem nome ou passado, sem rosto ou amados.

Desta vez, o alvo tinha quem o amasse.

Desta vez, o alvo tinha passado.

Desta vez, o alvo tinha nome.

Morreu, naquele dia, o homem que respondia pelo nome de Celestino Floriano – somente seu coração que não sabia disso.



A mansão Maranhão estava trancada por dentro. A tarde morria e a casa estava envolta na escuridão tão familiar. Isidoro Maranhão subiu a escada que

conduzia aos seus aposentos, levando um lampião em uma mão e na outra um copo de leite para sua esposa, Perpétua Maranhão.

O quarto silencioso como sempre.

Cheiro de éter e resina no ar.

O velho descansou o lampião em cima do armário em frente à cama e colocou o copo de leite morno no criado mudo. O silêncio que reinara pela mansão por treze longos anos se impregnara nas paredes feito asbesto, e os cômodos perpetuamente cheiravam a naftalina e cal.

Um cheiro morto.

– O coronel Baluarte esteve aqui hoje, Perpétua – disse Isidoro.

A resposta foi um vento mudo.

– Ele perguntou por vosmecê – sorriu o velho.

Isidoro retirou o colete de seu corpo mirrado, assim como a camisa, as calças, as botas, e por último as ceroulas. Estava nu como no dia de seu nascimento, não fosse a pele enrugada e desgarrada dos ossos.

– Todos sentem saudade de ti – disse ao vestir um camisolão.

Isidoro sentou-se na lateral do leito e alisou a peruca que estava grudada ao escalpo de Perpétua Maranhão. A pele negra e ressequida; a boca costurada; os olhos, duas crateras escuras.

– Boa noite, querida.

Isidoro beijou a tez de carvão da mulher, pegou o lampião e fechou a porta de seu leito. O corredor vazio se estendia em sua frente, revelando somente aquilo que a luz oscilante e fraca do lampião alcançava. Nas paredes, quadros de um tempo que já não o pertencia mais. A madeira do chão rangia em uma espécie de bruxismo daquela casa, que mal dormia e mal acordava. A mão velha do coronel apertou a maçaneta do quarto de Piedade.

Aquele era o momento mais excitante de suas noites.

O cheiro de laranja daquele cômodo.

Um cheiro vivo.

Isidoro abriu a porta e fungou com suas enormes narinas de velho o ar tão saboroso. Entrou no quarto como fazia todas as noites e fechou a porta em suas costas.

Só a abria com a chegada da alvorada.



Com os primeiros sinais do sol se alegrando atrás do horizonte, o corista correu em direção à Praça Central em busca dos conselhos do homem mais sábio que conhecia. Uma ou outra alma viva vagava a caminho do trabalho ou para comprar pães frescos na Padaria Recanto. No caminho, o garoto encontrou Cândido Cordeiro e sua mula amarelada, Meumô. O gordo prendia pelo vilarejo panfletos com o desenho do rosto do padeiro Salomão. *Azambuja para Pacificador*, diziam os cartazes feito à mão. O menino Fortunato passou pelo gordo e encontrou Adamastor Siqueira passeando pela praça vazia, contando as contas de seu terço.

– Adamastor, vosmecê por acaso viu o doutor Rubé?

– *Ave-Maria, Ave-Maria* – suspirou Adamastor, pressionando o terço contra o peito e apontando em direção ao Bar do Nico com sua mão esquerda.

Isaías encontrou o velho Hubert von Stroheim escorado, como de praxe, na varanda da taberna mais popular de Serendipidade. O menino sacudiu o doutor com toda força que tinha.

– *Ihr name ist Maritza!* – o bafo de aguardente era tão forte e ácido, que trouxe lágrimas aos olhos do corista.

– Doutor Rubé, sou eu, Isaías! – respondeu o garoto, virando o rosto, já que o cheiro que o velho exalava, uma mistura de sovaco e caninha, lhe dava ânsias de vômito.

Hubert se levantou e tentou permanecer ereto.

Falhou.

Sentou.

O doutor reconhecia o dono daquela voz, mas não podia confiar em seus sentidos naquele momento. Esfregou os olhos, tirou o embaço que o calor da pinga trazia a visão, e confirmou que era, de fato, o filho da enfermeira, rapaz que Hubert trouxe ao mundo entre berros, sangue, dor e arrependimentos.

– Isaías? – perguntou, enquanto o mundo girava atrás do garoto.

– Sou eu, doutor Rubé – sussurrou o menino.

– Tua mãe me veria enforcado em plena Praça Central se soubesse que vosmecê me procura em frente de tal pícaro estabelecimento, menino – disse o doutor, ajeitando-se em seu leito de sonhos ébrios.

– Preciso da ajuda do senhor em uma questão, doutor.

– Diga-me logo e parta. Não quero ter que lidar com a ira da enfermeira Fortunato.

– O senhor soube da prisão do padre Portugal?

– Receio que não, meu jovem. As fofocas podem girar em torno dos párias, mas temo dizer que elas nunca cheguem aos nossos ouvidos com tanta presteza.

A verdade era que o doutor havia se enfurecido na noite anterior pela repercussão da notícia, e havia até demonstrado sua indignação em um protesto clamoroso e estrondoso, mas sua mente já estava entregue ao esquecimento da bebida.

– O que se passou? – perguntou Hubert.

– Faustino Baluarte e mais alguns garotos chegaram ao conselho do Punho com mentiras sobre o padre Portugal. Eles estão dizendo que o padre Portugal os molestou – o menino rangeu os dentes em rancor.

– Não pode ser verdade.

– Mas é, doutor Rubé. E o padre Portugal vai precisar de um bom advogado e eu gostaria de saber se o senhor pode me ajudar?

– E por que raios vosmecê me procuraria nesse mérito? Meu entendimento sobre direito é tão vasto quanto meu entendimento sobre ordenhar vacas.

– Padre Portugal sempre disse que quando nós nos depararmos com uma situação complicada, sempre devemos nos munir com a melhor qualidade de pessoas, e o senhor é o homem mais inteligente que conheço, doutor – a voz do garoto Fortunato carregava uma sinceridade que era rara aos ouvidos daquele velho anacoreta.

– Fico tocado pelo elogio, Isaías – disse o doutor, que pela primeira vez desde o dia em que o tirou de dentro de sua mãe, trocava afetos e palavras bondosas com o rapaz. – Vejamos. A melhor aposta de defesa seria Requião Cruz. Ele com certeza traria conhecimento e experiência para a mesa. Mas temo que ele nunca se oporia às vontades do coronel Baluarte, ainda mais defender um homem acusado de pederastia.

– Acho que consigo arranjar algum dinheiro com a mãe.

– Não – protestou o velho. – É bem capaz que a senhora sua mãe sacrifique o pouco que tem em nome do bom padre, mas isso seria o cúmulo da injustiça nesse tempo já tão injustiçado. Eu custearei a defesa, de bom grado. Não divido a mesma visão de mundo que o padre, mas já cuidei de sua saúde, sei que rapaz bom ele é.

O odor do velho sumiu no ar e Isaías o abraçou. Por anos o corista ouviu sua mãe maldizer o nome do doutor, chamando-o de anacoreta e pinguço, mas era aquele ébrio de trapos sujos e cheiros desprezíveis que se oferecia para salvar seu professor. As lições de perdão que o padre Portugal tanto pregava finalmente faziam sentido.

– Obrigado.

O anacoreta viu seus muros sucumbirem diante de tão singelo ato de agradecimento. Anos entregues à entorpecência fizeram com que ele esquecesse a beleza e o poder da gratidão. Hubert se viu, por um breve segundo, desprovido

das necessidades das ironias e sarcasmos, pois a honestidade reinava no ar. O doutor apertou o garoto de volta, sem saber dizer ao certo quantos anos haviam se passado desde o último abraço que recebera.

– Mas acho prudente mantermos essa informação longe dos ouvidos de sua mãe. Temo que ela interpretará mal minhas intenções.

Isaías se levantou e se preparou para correr em direção à Praça Central quando Hubert o pegou pela mão.

– Requião Cruz é um homem de grandes anseios. E homens assim geralmente não guardam espaço para os desejos de terceiros. É bem capaz que a bondade de seu coração e meu dinheiro não comovam seu espírito. Caso ele feche a porta, procure por um rapaz chamado Barnabé Oliveira. É um rapaz que anda aprendendo a lei com Odorico Alexandrino, talvez ele seja a solução.

– Barnabé Oliveira. Obrigado, doutor. Obrigado.

XVIII

weltschmerz

Jeremias Callado não sentiu que serviu à razão quando fechou as algemas em torno dos punhos do padre Portugal. Quando primeiro prendeu aquela estrela em seu peito, o delegado acreditava que traria uma nova forma de justiça ao povo daquele vilarejo, que tão generosamente o acolheu de braços abertos. Mas nada no aprisionamento do padre parecia correto. Havia alguma força maior trabalhando nas penumbras de Serendipidade, uma correnteza que parecia afluir contra as braçadas de Jeremias Callado, afogando-o em sua própria escuridão.

Gregório Portugal aceitou sua clausura sem escândalos ou aperreios; afirmava sua inocência constantemente, mas nada em sua voz indicava raiva ou sequer desespero. Era óbvio para Jeremias Callado que aquelas acusações não passavam de um mero plano de vingança de Faustino Baluarte, que ainda não havia esquecido os punhos de Isaiás Fortunato. Por um instante, o delegado se colocou no lugar do padre – preso em uma pequena cela, pagando pelos caprichos mimados de um moleque e seu pai coronel. Imaginou-se sozinho com o petulante Faustino e os murros e socos que deferiria sobre ele. Esmagaria seu rosto com sua bota com a mesma facilidade com que esmagaria um verme parasita. Imagens grotescas rastejaram por sua mente, cenas violentas de uma felicidade vingativa. Caso fosse ele naquela cela, mostraria, em sangue, o real sentido da dor à família Baluarte.

Carregava em mãos dois pratos embalados de buchada de bode. Os murmúrios que circulavam pelas bocas na Praça Central giravam em torno do atentado à vida de Libertino Valente e as acusações de pederastia do padre Portugal. As fofocas sobre o assecla do coronel Leôncio não lhe interessavam, pouco se importava se o homem morresse ou não, mas havia algo terrivelmente perturbador em como a população lidava com o aprisionamento de um de seus

líderes espirituais. Pais e mães, todos com semblantes propriamente indignados, debatiam sobre o perigo que vivia tão próximo de casa. Jeremias espantou-se com a facilidade com que a maioria havia encontrado para dar às costas ao homem que outrora pregava em nome deles todos os domingos; homem que os assistia na purgação de seus próprios demônios e pecados. Passou por dona Matilde e dona Siqueira, que, com uma diligência militar, trombeteavam os boatos e achismos pelo povoado.

O delegado acelerou os passos – toda aquela demonstração de falso moralismo despertava o que de pior havia nele. Ao entrar na delegacia, encontrou o padre Portugal conversando com um pálido Cândido Cordeiro, que tinha os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Cabisbaixo e com a alegria drenada de seu rosto, o jovem Gregório Portugal parecia um reflexo opaco daquele homem que outrora ensinava Jeremias Callado sobre os caminhos de Jesus Cristo.

– Não é justo isso que estão fazendo com o senhor. Eu não acredito que passei tantos anos ignorando o que meu pai afirmava. Eu não acredito no que os Baluarte estão fazendo.

Jeremias Callado retirou as tampas dos pratos e o cheiro da buchada tomou conta da delegacia.

– Abra cela para que o padre possa almoçar, Cândido.

– Abrir a cela?

– Venha esticar um pouco as pernas e comer dignamente. Sente-se, o almoço é buchada de bode e aipim frito.

– Obrigado – disse o padre ao ter a cela aberta por Cândido Cordeiro.

– O senhor realmente vai se representar durante o julgamento, padre Portugal? – perguntou o gordo.

– Não vejo outra solução. Não tenho como custear um advogado.

As presas nos olhos de Cândido eram de portões fracos, e os olhos novamente estavam molhados. Queria dizer ao padre que pagaria por sua defesa,

que o ajudaria de todas as formas possíveis, mas o coronel Eusébio Paranhos Cordeiro achou prudente manter-se afastado de qualquer interação durante o julgamento, pois não queria associar a imagem de Salomão Azambuja com a do padre.

– Bem, padre, espero que o senhor saiba o que está fazendo – disse Jeremias ao mastigar o aipim crocante.

– Entrego-me a justiça de Jesus, é só o que me resta.

– Pelo o que me foi explicado, estarás a mercê da justiça de Odorico Alexandrino e o senhor não achará Jesus entre os doze jurados.

Como conseguia permanecer calmo diante de tanta injustiça?, indagou-se o delegado, perplexo com a candura com que Gregório Portugal lidava com aquela situação.

Três batidas sutis ecoaram pela delegacia. Madalena Fortunato e seu filho Isaías entraram no estabelecimento com sorrisos pueris e otimistas. O corista correu e abraçou seu mentor enquanto a enfermeira evitava a todo custo encarar diretamente o delegado, que ignorou o desdém passivo-agressivo da enfermeira e voltou a degustar seu almoço.

– Podemos conversar com o padre a sós?

A pergunta eufemística trouxe um sorriso nervoso ao rosto de Jeremias Callado, que se via sem forças para aturar a raiva chinfrim da enfermeira.

– Não.

Percebendo a animosidade entre a viúva Fortunato e o delegado, Cândido Cordeiro se retirou da delegacia e partiu estrada afora com Meumô.

– Trago boas notícias – disse Isaías ao trocar olhares afetuosos com seu professor.

– Sua visita já é a melhor notícia que posso ter, meu filho – apertou a mão do corista com carinho.

– Conseguimos um advogado para o senhor.

Um sorriso honesto atravessava o rosto do menino de um lado ao outro. Não conseguia conter o otimismo que sobrepunha seu desalento; já via os dias futuros em que conversariam sobre os livros sagrados e as glórias divinas.

– Como assim?

– O nome dele é Barnabé Oliveira.

– Mas como?– perguntou padre Portugal à Madalena Fortunato, como se ela estivesse por trás de tudo.

– Isso foi tudo ideia de Isaías – a enfermeira derreteu-se em orgulho. – Ele conseguiu tudo sozinho.

– Isaías?

– Bem, primeiro eu fui ao escritório do doutor Requião Cruz, mas ele não me atendeu. Aí me contaram sobre Barnabé Oliveira, que é na realidade um vaqueiro, mas que estuda livros de lei à noite.

– Eu não tenho como pagar, Isaías. Não posso aceitar que sua mãe e vosmecê banquem as despesas de minha defesa.

– O senhor Barnabé disse que faria tudo de graça, pela justiça.– Isaías sentia-se mal ao mentir para o padre e sua mãe, mas considerava um mal justificável diante de tal situação.

– Vamos, Isaías. Já demos a boa notícia ao padre e essa delegacia já não é mais como era antigamente.

Jeremias Callado não compreendia o porquê de tanto rancor para com sua pessoa. Reescrevia em sua mente os eventos que transcorreram com ele e Isaías Fortunato no Canto de Deus, e cada vez tinha mais certeza que havia feito o certo.

O corista protestou, mas eventualmente cedeu às vontades da mãe. Antes de partir, o garoto afirmou que o advogado iria passar na delegacia para discutir estratégias de defesa. O padre Portugal terminou seu almoço e voltou a sua cela com um ar vitorioso, contagiado pelo otimismo de seu pupilo.

– Não julgue muito a atitude da senhora Fortunato com o senhor, delegado

Callado. Ela é uma mulher que já sofreu muito nesta vida – disse o padre, que estava deitado em sua cama, apreciando a barriga cheia de comida e de esperança.

– É sempre melhor procurar o caminho da compreensão.

– Tudo que eu fiz foi ajudar seu filho.

– Não cabe a mim julgar como o senhor decidiu lidar com a briga entre Isaías e o menino Baluarte, mas espero que compreenda que punhos nem sempre são a melhor resposta. Durante uma das minhas missões com a tribo Otinga, um pajé me disse que dentro de cada homem há dois lobos, um bom e puro e outro mal e cruel. Esses dois lobos vivem a duelar no nosso interior o tempo todo. Vence aquele que é mais alimentado.

– O senhor está sugerindo que eu alimente meu lobo calmo enquanto o senhor está aqui, preso? – riu Jeremias.

– Vosmecê pode se surpreender com o que se é capaz de conseguir pelo caminho da paz, delegado.

A tarde passou com uma preguiça incessante. O sol protelava a todo custo seu martírio no firmamento, tornando intoleráveis as horas dentro daquela pequena delegacia. Gregório Portugal se resguardou no canto da cela, perdido entre preces e orações, e Jeremias Callado aproveitou o marasmo para varrer o espaço. *De onde vem tanta poeira*, perguntou o delegado, que havia varrido o posto policial não havia um dia.

Aloísio Serafim chegou um pouco antes do fim da tarde, trazendo consigo notícias do escritório do juiz Odorico Alexandrino. O julgamento havia sido marcado para o dia dezesseis de agosto, dando apenas dois dias para que o padre montasse sua linha de defesa.

– Tive que separar uma briga no Bar do Nico – disse o gaúcho ao sentar-se na varanda da delegacia, descansando sua Rouba-Primaveras no colo.

– Bêbados?

– Quem dera. Homens do coronel Paiva começaram a provocar homens

que trabalham para o coronel Baluarte. A coisa ficou feia logo. Zé Caboclo quase foi linchado.

– Ele está bem?

– Sim, graças a Deus. Nada mais que alguns arranhões superficiais, nada que faça o homem perder o sono. Mas a vila ainda está um alvoroço com esse juramento de sangue que deu errado.

– Notícias do estado de Libertino Valente?

– Vai sobreviver. Vaso ruim não quebra – respondeu o subdelegado Serafim.

– Tem horas que eu não consigo manter conta dos problemas que nos cercam, Aloísio. Temos a ameaça de Agenor Conceição e seus homens do Arraial dos...

– Arraial dos Desabotados.

– Isso. Temos Celestino Floriano que atirou em Libertino Valente por um juramento de sangue, e agora é só questão de tempo até o coronel Baluarte se vingar. O padre, coitado, vai ser julgado por um crime que provavelmente não cometeu, o coronel Eusébio Cordeiros jurou guerra contra o Gravata Vermelha e eu ainda tenho o filho da puta do Severino Um-Tiro.

– Realmente, patrão. Os dias não estão nada fáceis.

– Parte de mim deseja ter morrido naquele sertão vermelho.

– Não diga isso, patrão.

– É a verdade. Eu não tenho nada que estar aqui. Eu devia estar é morto com a minha família.

Um homem magro e bem vestido parou em frente à varanda da delegacia. Trajava um paletó de camurça remendado e trazia uma valise de couro gasto.

– Com licença, vim conversar com o padre Gregório.

– Barnabé! – o jeito arrojado do gaúcho trazia um certo otimismo ao delegado Callado. – Serás tu a defender o padre no tribunal?

– Sim.

Barnabé Oliveira era magro e vestia uma folgada camisa de mangas longas.

Não tinha o mesmo ar viril que os outros vaqueiros de Serendipidade e não se vestia com tal.

– Se os senhores oficiais não se opuserem, eu gostaria de conversar com o meu cliente a sós.

O advogado entrou na delegacia, Aloísio ficou aguardando na varanda e Jeremias Callado caminhou em direção à Praça Central. Serendipidade era particularmente bela à noite, as luzes oscilantes dos lampiões nas sacadas das casas, a brisa noturna que varria as ruas do povoado, e é claro, as incontáveis estrelas presas no grande tapete celestial. *Por que será que a noite é sempre mais carinhosa que o dia?*

Cartazes com o desenho do padeiro Salomão Azambuja foram espalhados por todos os cantos de Serendipidade; postes, casas, estabelecimentos – o rosto do pretendente a pacificador observava todo o movimento das ruas do vilarejo. *Quem é que iria querer um emprego desse?*, pensou Jeremias, que mal havia chegado e já se via farto dos jogos de poder entre aqueles cinco coronéis. *O Punho... nada mais apropriado.* O silêncio compartilhado entre os três coronéis enquanto testemunhavam Leôncio Baluarte ofender o coronel Eusébio era atordoante, mas não conseguia ser pior que os maldizeres que corriam nas bocas de cada cidadão de Serendipidade, que tornaram suas costas ao padre Portugal.

Jeremias chegou ao Bar do Nico procurando refúgio instantâneo no fundo de uma garrafa. Como era de se esperar, a taberna estava cheia de homens rudes, que bebiam e conversavam aos berros enquanto Nico e seus empregados serviam as mesas. No fundo do estabelecimento, afastado de toda algazarra, Hubert von Stroheim fingia que seu copo vazio era uma luneta.

– Procurando por algo, doutor Rubé?

Jeremias forçava um sorriso falso, na tentativa frustrada de simular uma felicidade tanto requerida.

– Callado, meu caro, que bom vê-lo aqui. Acredito que seja a primeira vez que

o vejo no bar desde o dia em que o conheci – o sotaque alemão do doutor mostrava-se mais evidente quando este já se encontrava no fundo de sua terceira garrafa.

– Me encontro necessitado de algo forte para distrair a cabeça. – Jeremias não aguentava mais pensar no padre Portugal, em sua minúscula cela e todas as injustiças cometidas sob o paládio de sua estrela de metal e a patronagem de um coronel de gravata vermelha.

– Veio ao lugar certo. Marcela, minha querida, traga-nos dois copos de seu melhor uísque. Pode colocar em minha conta.

– Como vai Libertino Valente? – perguntou Jeremias.

– A bala entrou por um lado e saiu pelo outro sem acertar o coração ou qualquer artéria ou osso. Nunca vi nada igual.

– A Dama Sorte que esse povo tanto ama parece gostar do filho da puta.

– Aparentemente.

Os clientes do Nico eram baderneiros selvagens, gritavam uns com os outros e brindavam entre tabefes e murros amigáveis. Trabalhadores que passavam os dias a carregar peso, ordenhar vacas, lustrar móveis, açoiar escravos e ferrar cavalos, e no final do dia, tudo que necessitavam para engolir todos seus pesares era um pouco de aguardente. Jeremias Callado tentava ao máximo abstrair as amolações beberronas de Norimar Valente, primo de Libertino Valente e um dos homens do coronel Baluarte.

– Triste notícia sobre o bom padre – disse Hubert, sua voz rouca de embriaguez.

– Sim – disse Jeremias enquanto Marcela servia bebida em copos vazios.

– O senhor já se lembra de algo? Alguma memória, por menor que seja?

– Alguns relampejos, mas nada concreto.

– Elas não de voltar. Mas se o senhor me permite um diagnóstico pessoal, acredito que o senhor deva abraçar esse lapso de memória.

– O senhor é a segunda pessoa a me falar isso.

– Bem... a gente aprende desde de muito cedo que problemas aparecem para serem resolvidos. Uma equação no quadro negro, só esperando a gente achar o xis da questão. Mas, às vezes, os problemas aparecem para nos resolver.

O doutor era uma figura enigmática, claramente vinha de uma boa família e de um bom estudo, mas que se vestia e se portava feito um indigente.

– Aqui, para curar nossa *Weltschmerz* – disse Hubert, levantando seu copo para um brinde.

– Nossa o quê?

– *Weltschmerz*.

– E o que é *Weltschmerz*? – perguntou Jeremias, tentando pronunciar corretamente a palavra estrangeira.

– *Weltschmerz* é uma bela palavra alemã, meu caro delegado. Ela significa a tristeza que uma pessoa sente ao pensar sobre os males e injustiças que às vezes assolam o mundo.

– *Weltschmerz*?

– Isso.

– Bem, doutor, eu tenho sentido bastante *weltschmerzes* ultimamente.

Os copos se tocaram em um brinde amigável. O uísque desceu queimando a parede de sua garganta, um veneno de sabor amadeirado, diferente a tudo que se recordava. *Por que homens gostam de beber essa porcaria?*, pensou o delegado, balançando a cabeça tentando absorver o soco destilado.

– Eu sempre soube que aquele padre era meio esquisito! – gritou Norimar Valente.

Jeremias Callado sabia que aquelas palavras eram miradas aos seus ouvidos. O bastardo fazia de tudo para o irritar – aparentemente, era um mal da família. A ameaça do coronel Baluarte ainda estava fresca em sua memória. *Acho justíssimo te avisar que, se algum dia, por qualquer motivo que for, o senhor vier a tocar novamente em algum de meus homens, ou em algum membro da minha família, eu*

farei coisas tão horríveis ao senhor, que as ações de Severino Um-Tiro no deserto de Caron contra sua família lhe parecerão como afagos caridosos.

– Eu sempre soube que ele gostava de um menino novinho pra esquentar sua cama à noite! – continuou Norimar.

Jeremias Callado cerrou as mãos. Não queria convidar mais problemas para fazer companhia aos que já tinha naquele momento. Não seria prudente de sua parte transformar o Gravata Vermelha em inimigo. Hubert, por outro lado, não carregava uma estrela no peito e não tinha a quem responder.

– É fácil chutar um cachorro morto, Norimar. É exatamente o tipo de atitude que se espera de um covarde como vosmecê.

– Olhe só, o anacoreta sabe usar a boca para outra coisa que não seja beber – gargalhou o homem junto a seus compadres.

– Olhe só quem fala de pederastia, um bando de homens que depositam as mãos tão fundo nas bolas de Leôncio Baluarte que é difícil estipular onde um começa e o outro termina.

A gargalhada que adocicava os lábios dos homens se tornou azedo feito umbu. O rosto de Norimar Valente foi consumido pela mais sóbria expressão de ódio.

– O que foi que vosmecê disse?

– Vosmecê ouviu muito bem. Se tem alguém aqui que gosta de bolas, esse alguém é vosmecê.

Hubert von Stroheim ria sozinho. Os frequentadores do bar não sabiam ao certo se testemunhavam um ato de coragem ou as palavras de um velho bêbado com um fascínio pela morte matada.

Norimar e seus homens cerraram as mãos e se aproximaram do anacoreta com passos ameaçadores.

– Eu, se fosse vosmecê, não faria isso – disse o delegado.

Estava de costas para a ameaça, mas examinava com atenção os homens através do reflexo em seu copo vazio. Seus temores e receios se dissiparam entre

arrotos de uísque; *é por isso que homens gostam de beber essa porcaria.*

– Vosmecê ouviu o que o velho falou? Ele ofendeu a honra do coronel Baluarte
– a mão de Norimar descansava perigosamente no cabo de sua pistola.

– Ouvi perfeitamente.

– Vosmecê é delegado, não pode me ameaçar.

Jeremias retirou a estrela de seu peito e descansou-a em cima do balcão. Continuava de costas para os homens, mas estava claro em seus semblantes que eles compreenderam sua ação.

– São quatro contra um, Callado.

– Ótimo, pegue mais uns cinco cabras e a briga fica justa.

– Chega! – gritou Nico, atrás do balcão. A última coisa que queria em seu bar era um tiroteio. – Doutor Rubé, o senhor é um dos meus melhores clientes, mas não terei ninguém aqui ofendendo ou difamando a honra do senhor Baluarte. Acho que o senhor e o delegado Callado deveriam sair.

– Não precisa se aperrear, meu caro Alvarenga. Já estava de retirada. A clientela daqui está aquém do costume.

Hubert saiu do bar acompanhado por Jeremias Callado, que ainda procurava o equilíbrio que a bebida havia lhe roubado. A noite era fria, mas os homens não tremiam; seus sangues corriam fervendo em adrenalina ébria. Sentaram-se em um dos bancos da Praça Central a fim de apreciar a belíssima noite que se iniciava.

– Eles vão enforcar o bom padre – afirmou o doutor.

– Não sabemos disso ainda. Pode ser que julguem ele inocente – respondeu Callado, degustando o sabor amargo que aquelas palavras inocentes tinham.

– O padre foi enforcado no exato momento em que Leôncio Baluarte decidiu se importar com sua existência. O veredito já foi dado, nós só não o escutamos ainda. Assim como trovoadas na distância.

– Mas não é um júri que dará a sentença?

– E vosmecê acha que esses homens e mulheres são melhores que o velho Baluarte? O povo só é tão bom quanto os ídolos que ele escolhe venerar. Eles vivem e morrem para julgar o próximo, Callado. É o que eles fazem de melhor, julgar. Basta olhar como eles me tratam. Vosmecê acha que eu não sei que as pessoas apontam para mim enquanto cambaleio pela vila? – disse Hubert. – Às vezes eu vejo, outras não, mas a maioria das vezes simplesmente finjo que não vejo quando eles apontam seus dedos altaneiros em minha direção, como se fossem armas engatilhadas. Escuto os tiros em forma de fofocas; *lá vai o anacoreta ou velho ébrio que matou a própria esposa*. Eu vejo, eu sinto, eu escuto. Por anos, ouvi esse povo debater as várias versões de como eu comecei a beber, histórias de como me perdi na garrafa.

– Verdade?

– Claro. A minha predileta é de como eu me entreguei ao licor após acidentalmente matar minha esposa durante uma cirurgia mal sucedida. Parte da história é verdade. Sim, eu tive uma esposa. E sim, ela morreu em meus braços. Mas não foi seu falecimento que me levou à bebida, Callado. Vosmecê vê, eu já era um bêbado muito antes disso. Sempre fui um bêbado, mesmo quando não bebia. Mas esse povo adora uma lenda, uma história de origem dantesca, escrita à pena e a sangue. Eles preferem acreditar que o padre é um monstro pederasta, pois é muito mais fácil admitir isso do que reconhecer o fato de que os descendentes de Tenório Gaspar Baluarte são pessoas abjetas. E sabe o que mais descobri nesses longos anos de terra dura? Descobri que lendas e heróis são, como dizem por aqui, conversa pra boi dormir. Não é uma noite tenebrosa ou uma terrível perda que desvia um homem do caminho dos justos. Nunca é um motivo só, meu caro Callado. A diferença de um homem bom e um homem mau, se é que existem tais coisas, é que o homem bom suprime as trevas que carrega dentro de si, e o homem mau teve a luz arrancada dele.

– O senhor realmente acha que irão enforcar o padre Portugal? – perguntou Jeremias.

– Assim como o sol há de nascer.

Hubert von Stroheim havia, ao longo de sua carreira, adiado a morte de muitos pacientes. Havia também perdido muitas batalhas com o ceifador. Por várias vezes, sentiu as mãos de seus pacientes apertarem seu braço enquanto iam para o desconhecido. E quando as mãos amoleciam, o doutor se via obrigado e confrontar a miudeza de seu conhecimento, pois naqueles segundos que se seguiam, a diferença entre o que era vivo e o que era morto era tão incrivelmente pesado que flutuava. Tão imensamente complexo que era invisível. E cada morte teve sua portagem na alma do doutor.

– Todos nós seremos mastigados pelo passar dos anos, porque nada sacia a fome do tempo – disse Hubert. – Não importa se vosmecê é jovem, velho, homem, mulher, rico ou pobre, é sempre a morte quem conduz a última valsa – o velho contemplava a lua branca e solitária, eternamente presa no firmamento; mais uma Isolda esperando a morte regressar com seu amado Tristão.– E maldito serei eu de entrar nessa dança de copo vazio.

Jeremias Callado olhou para o velho, que lacrimejava pelos motivos óbvios e pelos motivos não tão óbvios assim, ambos impotentes em mudar o curso das injustiças que avassalavam Serendipidade.

– *Weltschmerz* – disse o xerife em um suspiro inaudível.

XIX

o pão e o circo

As notas dos acordeões e das violas da banda Capivaras Banguelas agitavam os pés dos homens e das mulheres na noite de seresta. Cândido Cordeiro, cuja a maior felicidade sempre foi cantar, via-se fora do palco naquela noite de sábado. Dividia com o alferes Boaventura o silêncio melancólico. O gordo, que sempre foi a alegria das serestas, alisava esmorecidamente a crina de Meumô ao passo que fitava embasbacado os seus conterrâneos dançando ao ritmo alegre da banda como se fosse mais um sábado qualquer. Não era. O padre Portugal sempre foi uma alma caridosa, que abençoou os cidadãos daquela vila com uma brisa agradável e jovial de religiosidade. Sempre disposto a pôr em uma nova perspectiva todas as tribulações que a carne fraca podia ter.

Meumô, percebendo o espírito abatido do gordo, começou a roçar sua orelha no ombro de seu dono.

– Eu sei, eu sei. Estou sendo uma péssima companhia hoje.

Graciliano Boaventura sempre ria quando seu amigo conversava com a mula como se fosse gente. Admirava como o gordo não dava trela aos comentários maldosos que faziam ao seu respeito. Os homens de Serendipidade seguiam à risca uma cartilha de conduta e de aspereza, e muitos dos trejeitos que tornavam Cândido uma figura tão especial não estavam inclusos nessa lista. Sua inocência, sua franqueza e alegria pela vida eram vistos, por muitos, como fraquezas e falhas de macheza.

Mal sabiam eles da força daquele homem e de seus atos de caridade.

A carta de espólio do senhor Graciliano Boaventura, encontrada sob os cuidados do senhor Odorico Alexandrino Baluarte.

Tudo que tenho, deixo para minha mulher, Marilda Alves Boaventura, a única

mulher a quem eu amei em minha vida inteira. Não devo deixar muita coisa. Uma casa e alguns contos de réis.

Deixo de herança para todos que vierem depois de mim essa carta, como uma forma de agradecer Cândido Cordeiro pela amizade e pela bondade de seu coração. Para quem se interessar, aqui está a história de como o Gordo me salvou.

Era a segunda vez que o batalhão de Serendipidade havia falhado na ofensiva de penetrar os muros fortificados do Arraial dos Desabotados. Os amotinadores de Agenor Conceição e Raimundo Rezende tinham o privilégio do terreno elevado e do conhecimento da caatinga que os cercavam. Cada dia que passava, mais e mais homens conheciam o silêncio dos vermes. O chão era duro de cavar, o que dificultava nosso trabalho de enterrar os abatidos, então os corpos começaram a ser empilhados e queimados. Coisa ruim, difícil de esquecer, mesmo depois de tantos anos. Vale dos Esquecidos, era assim que a gente chamava.

Os coronéis, cansados daquela delonga e dos aperreios da guerra, me mandaram, na companhia de Zé Romão, para desbravar os arredores do Arraial e para descobrir como os filhos do Salguarda conseguiam encontrar água e comida em tempo de balas trocadas. Naquela época, eu não andava com estrela no peito. Não, senhor. Eu era apenas um pau mandado do coronel Eusébio Paranhos, que nem conseguia lembrar de meu nome.

Mais um dispensável.

Eu e Zé Romão partimos pela caatinga, e em pouco tempo nós fomos engolidos pelos galhos secos das favelas, catingueiras, algarobas e cactos. Mais um par de almas vagando pelo deserto de Caron.

Zé era um cabra bom. Quietos, assim como eu, mas bom.

Depois de tanto tempo, as lembranças ficam meio enuviadas, sabe, como as brumas da madrugada. A memória dos olhos fica carcomida pela catarata do tempo, mas a da pele, essa não esquece fácil. Me lembro das botas gastas e das ardósias e

do cascalho que machucaram os meus pés, me lembro do calor, que queimava a pele e ardia o cangote. O resto é névoa.

Depois de uns dois dias de andança, Zé ficou de guarda enquanto eu tentava dormir. Quando se está em guerra, o sono nunca é completo, depois, acredito que dormir seja um ato de confiança, e ninguém confia em ninguém na escuridão da guerra.

Naqueles tempos atribulados, qualquer suspiro fora de lugar é suficiente pra te acordar.

Mas eu não acordei naquela noite com os suspiros de alguém. Acordei com tiros rasgando o firmamento como se fossem estrelas cadentes.

Homens do Salvaguarda haviam nos encontrado e tentavam pôr um fim em nossos dias. Zé Romão se posicionou atrás de uma pedra e eu comecei a me rastejar em direção a um pé de juazeiro que estava bem a direita dos amotinadores miseráveis. O chão duro e pontiagudo rasgou minha camisa e minha pele.

A memória da carne, que as cicatrizes não deixam esquecer.

Enquanto eu me arrastava pelo chão e sentia minha pele sangrar, eu fiz uma promessa a mim mesmo: se eu sobrevivesse, eu iria casar e viver uma vida tranquila.

Trepei no juazeiro e terminei o serviço. Quando voltei para o acampamento, encontrei o corpo de Zé Romão e nossos cantis de água, os dois despedaçados pelas balas dos inimigos.

Comecei a andar de volta para o batalhão, mas eu estava perdido. Andei por um dia inteiro debaixo daquele sol miserável, sentindo o sol roubando tudo que eu tinha. Me lembro do desespero da sede e de perder duas unhas tentando cavar uma cacimba. Me lembro de desabar no chão e olhar para o céu e ver as estrelas brilhando lá em cima.

A sede é cruel. Ela tira de vosmecê a esperança.

Vagalumes começaram a voar logo acima de mim, dançando com as estrelas. Era uma cena bonita. Pensei que não seria tão ruim assim; morrer com os vagalumes e as

estrelas. Fechei os olhos, coloquei o cano do fuzil contra o queixo, aceitei o meu fim e senti um calor me abraçar.

“Calma, meu amigo. Não precisa se desesperar”, foi assim que Cândido me achou. O calor que eu senti era, na realidade, a gambiarra do Gordo. Ele me ajudou a levantar e me deu um pouco de sua água. Eu já amei uma mulher completamente, eu já vi e vivi coisas que poucos homens tiveram o privilégio de testemunhar, mas nada, absolutamente nada, se compara àquele gole de água.

O Gordo tirou as cangaias de cima de Meumô e me levou de volta ao acampamento militar. Pode parecer pouco, mas não foi. Aquelas cangaias estavam repletas de munição preciosa.

Mas essa é a qualidade de homem que Cândido era: aquele que sabia diferenciar o que era dispensável e o que não era.

– Vosmecê quer sair daqui? – perguntou Graciliano ao perceber que a alegria da seresta estava matando o espírito de seu melhor amigo.

– Pode ser.

Os homens subiram em suas montarias e juntos começaram a galopar pela rua Haroldo Domingos. Pelo caminho, cruzaram com Celestino Floriano e seu semblante desgostoso. O poeta ruminava o passado, um gosto velho e semidigerido, que sempre encontrava seu caminho de volta à boca.

Libertino Valente vivia.

Não só estava vivo, estava bem e em pouco tempo estaria de pé, livre para poder se vingar. *Por que mirastes o coração, seu tolo?*, se perguntou o poeta, que se encaminhava à Fazenda Maranhão, buscando sossego e alento no colo de Piedade, que por algum motivo não havia comparecido ao último encontro marcado. A saudade sufocava o poeta feito o bote de uma sucuri esfomeada. Os reveses do destino tiraram dele as rimas e os versos, e quando não escrevia, não vivia. As cores, que já falhavam, sumiam, e o mundo virava uma variação de tons

de cinza morto. Ao chegar à Praça Central, que fervilhava com as promessas de uma noite de descontração e prazeres transitórios, Celestino Floriano certificou-se que encontrava na multidão tanto o Coronel Isidoro Maranhão, quanto seu capitão, Lourenço Malvino. Comprovado a presença de ambos, partiu em velocidade máxima em direção a sua amada. A casa, trancada e desalumiada, sumia na negridão da noite. Uma mansão abandonada de tudo que era quente e vivo. Celestino lançou pedregulhos na janela do quarto de Piedade, clamando seu nome em um tom que vivia entre o sussurro e o grito. O silêncio era rei por aquelas bandas, tanto que o poeta pôde ouvir os passos da moça de seu quarto até a porta dos fundos da residência.

– Celestino? – o som abafado de sua boca colada na fresta da porta.

– Saia pra mode a gente prosar.

– Pai trancou a porta dos fundos e escondeu a chave em outro lugar. Acho que ele descobriu sobre nós.

Com tantos inimigos e vilões arrodando o poeta daltônico, a certeza da morte se tornava mais evidente.

– É por esse motivo que vosmecê não tem me encontrado? – perguntou Celestino

– Claro.

Certas tristezas são alegres. E foi assim para Floriano ao descobrir que a separação entre ele e Piedade, que tanto lhe doía, era um prescrito de seu pai, não da moça. Estavam separados por uma grossa porta de madeira, tão antiga quanto a própria Serendipidade. Um objeto que encontrou seu caminho por gerações de Maranhões, atravessou oceanos de água salgada e de terra seca até chegar ao presente, que se revelava fatídico para aquele casal de estrelas cruzadas.

– Sinto tua falta.

– Eu também.

As mãos de Celestino e de Piedade Maranhão, separadas por quase dez

centímetros de mogno, acidentalmente se tocavam, se acariciavam.

– Podemos fugir – suspirou o poeta, descrente das chances de achar qualquer senso de normalidade ou felicidade naquele vilarejo consumado.

– Não posso deixar minhas irmãs.

Piedade sabia que todas as atenções e necessidades do pai cairiam sobre Pérola e Palma caso seu sumiço desse por vida. Não desejava a ninguém aquele fardo.

– Podemos levá-las conosco. Criaríamos como se fossem nossas filhas.

– Por que este desespero tão repentino? – Piedade sentia todo o medo nos lábios de Celestino.

– Sinto que os segundos se tornaram grãos de areia em minhas mãos, e por mais que eu segure, cerre os punhos com toda minha força, o tempo escorre por entre meus dedos. Vamos fugir desse lugar, Piedade.

A moça olhou para trás, procurando na escuridão da casa algum motivo que a prendesse naquela prisão de fantasmas.

Odiava o cheiro daquela mansão.

Odiava as cortinas sempre fechadas.

Odiava o chão que rangia.

Odiava o pai.

Odiava sua vida.

– Vosmecê arrume um meio de levar Pérola e Paloma conosco e fugiríamos hoje mesmo.

O sorriso regressou aos lábios que melhor sabiam poetar.

– Hoje será impossível. Mas eu vou arranjar uma carroça e ajeitar as provisões necessárias. Em dois dias estaremos na estrada, planejando a casa e o futuro que construiremos juntos.

– Ótimo. Juntarei coisas de valor para que tenhamos alguma moeda de troca. Presteza, Celestino.

– Serei mais rápido que um alazão enfurecido.



Era a noite que antecedia o julgamento do padre Portugal e Serendipidade arrastava os pés na tradicional seresta que acontecia todas as noites de sábado. A banda Capivaras Banguelas se apresentava na varanda do Bar do Nico para o deleite de dezenas cidadãos, que se sentavam nas mesas que eram espalhadas ao ar livre na Praça Central. Era o dia da semana mais lucrativo do barista, que se via obrigado a contratar garçons extras nas noites de seresta para poder dar cabo do movimento e da sede da freguesia. O coronel Leôncio Baluarte descia ritualmente todas as semanas e dava o ar de sua graça ao povo de Serendipidade, que o adulava como se tratasse de uma visita imperial. Trajava, como sempre, uma camisa de linho branca, uma gravata vermelha e seu chapéu estilo *pork pie*, também branco. Sentava de pernas cruzadas, analisando o movimento da rua, e fumava um único cigarro, acompanhado de dois copos de pinga pura. Era um ritual metódico e pragmático, que poucas vezes desviava de seu roteiro predestinado. A cadeira vazia ao seu lado, que normalmente era preenchida pela companhia de seu assecla, Libertino Valente, indicava como aquela noite não era só mais uma noite. Se havia uma coisa que aniquilava com o bom humor do coronel Baluarte, essa coisa era a desordem. Sua postura polida era um reflexo desse seu código de conduta; uma particularidade que se esparramava pelos cortes impecáveis de seu vestuário, por seu cabelo ralo, porém perfeitamente alinhado, pelas unhas, devidamente cortadas, e por toda sua figura brunida. Os episódios de baderna pareciam se multiplicar por Serendipidade; um febrão transviado que infectava todo o vilarejo. O conselho do Punho, que reinara naquele povoado por gerações, se esfacelava, e ele, infelizmente, era o maior culpado. Se pudesse voltar os ponteiros dos relógios, morderia a língua antes de ofender de tal forma o coronel Eusébio Cordeiro, advertiria Libertino Valente dos perigos de se meter

em uma briga com Martin Ribeiro e trataria do padre pederasta antes que seus pecados tivessem corrompido seu filho. Se o tempo fosse maleável, desenlaçaria muitos nós.

– Posso sentar? – perguntou o velho Isidoro Maranhão.

– Claro – respondeu Leôncio, estendendo o braço para a cadeira vazia.

O capitão Lourenço Malvino permaneceu em pé, constantemente conferindo as redondezas para ver se encontrava Celestino Floriano.

– Como está Libertino Valente?

– Bem. O doutor Rubé disse que a bala atravessou o peito do cabra sem atingir nada vital.

– Um homem sortudo.

– Muitíssimo. E tua rapariga, melhor?

– Continua na mesma – respondeu Isidoro.

– Pensando na morte da bezerra? – perguntou o coronel Ulisses Paiva, que se estendia em pé em frente ao coronel Leôncio Baluarte. Seus cabelos brancos, lisos e adensados, balançavam com o vento noctívago, e sua barba hirsuta e bem aparada moldurava um sorriso hediondo em seus lábios. Ao lado do coronel de três esposas estava um apreensivo Venâncio Galdino.

– O que vosmecê quer, Paiva? Teu capitão atirou em meu homem de confiança não tem dois dias.

– Era exatamente sobre isso que nós queríamos conversar com o senhor, coronel Baluarte – disse Venâncio Galdino

– Poupe seu pulmão, pacificador. Não tenho nada a tratar com esse grandíssimo sem vergonha ao teu lado.

Ulisses Paiva ignorou as palavras do coronel, sentou-se, descansou os cotovelos na mesa e sorriu.

– Eu só estou aqui porque o pacificador implorou – respondeu o coronel Paiva.

– Senhores coronéis, percebam que nossa vila está espiralando fora de

controle. É tanto juramento e derramamento de sangue, que Serendipidade vive dias de anemia – disse Venâncio Galdino, profundas olheiras de apreensão embrulhavam seus olhos cansados.

– Eu não vejo dessa forma, pacificador – disse Ulisses Paiva. – Pelo que eu vejo, o meu juramento de sangue não foi confirmado, e com isso o coronel Baluarte ainda me deve uma alma.

– Eu não devo nada a vosmecê ou a cabra nenhum – respondeu Leôncio sem perder sua compostura.

– Se eu fosse vosmecê, coronel Paiva, eu pararia de olhar para a casa alheia e voltaria minhas atenções a minha própria casa– a ironia sibilar do coronel Isidoro Maranhão apezonhou a curiosidade do coronel Ulisses.

– O que é exatamente que o senhor quer inferir com isso?

– O rumor é que o teu capitão anda de gracinhas com uma de suas senhoras. O coronel Ulisses esmurrou a mesa de madeira.

– O senhor não ousa!

Venâncio Galdino não compreendia o porquê do coronel Isidoro provocar ainda mais a raiva do coronel Ulisses, que ainda não havia digerido a morte de Martin Ribeiro.

– Senhores...

– Digo isso como um amigo, Ulisses. O povo comenta – Isidoro virou o rosto e varreu a multidão com um movimento de pescoço. – Onde é que está seu capitão no momento? Não achas estranho que ele anda sumindo na calada da noite?

Ulisses Paiva levantou-se e encarou o coronel Isidoro Maranhão por alguns segundos. Não via nada em seus olhos que denunciasse que aquilo se tratava de uma mentira lavada. O coronel Paiva deu meia volta e partiu em direção ao seu cavalo.

– Coronel Leôncio, eu imploro a vossa senhoria, não retalie o juramento de sangue do coronel Ulisses. Deus sabe onde essa desavença vai terminar.

– Eu não me preocuparia com isso, pacificador – disse o coronel Isidoro com um sorriso tétrico e amarelo. – Eu acabei de matar Celestino Floriano.

Nem Leôncio, nem Venâncio compreenderam o que o dono do cemitério Taperoá queria dizer com tal frase, mas decidiram não levar a sério aquela ameaça tão vazia. O coronel Baluarte se levantou e andou até o palco em que a banda Capivaras Banguelas tocava. O silêncio se alastrou pela seresta e o Gravata Vermelha se pôs a declamar:

– Eu sei que muitos de vosmecês ainda não conseguiram digerir as recentes acusações levantadas contra o padre Portugal. Eu imagino o pavor que vosmecês devem estar sentindo neste momento, tendo um inimigo andando por nossa vila de batina e terço. Mas é nessa hora escura que eu venho lhes dar uma boa notícia. Uma maravilhosíssima notícia. Todos sabem que meu filho Faustino logo irá ter idade para estudar no exterior. Será um dia triste, pois a distância sempre é algo tristíssimo, mas quando ele regressar, Faustino irá se casar com a filha mais nova do coronel Isidoro Maranhão, a bela Pérola Maranhão.

O povo presente urrou e bradou. As mulheres mais sensíveis puseram-se a chorar, tamanha era a beleza daquele romance; nunca na história de Serendipidade, duas famílias do Punho haviam juntado suas forças.

– Não importa o que a escuridão, perpetuada por homens como o padre pederasta, faça, a luz sempre brilhará.

O povo, entorpecido, gritava em júbilo.

O romance estava no ar e amanhã era dia de julgamento.



A paz que o subdelegado Serafim tanto apreciava metamorfoseava-se de forma desgovernada. Daquela crisálida saíria uma borboleta, e seria o seu bater

de asas que destruiria, com a magnitude de um furacão, os resquícios de uma vila que já foi bela e justa. Se alguns dias atrás, alguém o dissesse que o coronel Leôncio Baluarte, herói da Guerra das Botinas, descendente do grande Tenório Gaspar Baluarte, seria o homem por trás da maior injustiça já cometida em Serendipidade, Aloísio diria que este alguém sofria de insanidade. Mas a realidade desdobrava-se em sua frente, e o louco a testemunhar as desonras do coronel era ele mesmo. Fazer o pobre padre passar por toda aquela humilhação pública em nome de uma vendeta pessoal era uma atitude que só cabia a um homem torpe e vil, não a um condecorado homem militar.

O gaúcho espiou pela fresta da porta semiaberta – o fórum estava abarrotado. O povoado inteiro havia comparecido ao julgamento de réu tão peculiar. Todos os bancos estavam ocupados, crianças nos colos das mães, homens suando no calor do recinto abafado, e uma fila que se estendia até o lado de fora do prédio. O subdelegado fechou a porta, não suportava encarar aqueles sorrisos mórbidos. Sentados em um banco de madeira estavam Barnabé Oliveira e Gregório Portugal. O padre, que vestia uma camisa azul e calças pretas, estava pálido que só; o temor havia ceifado qualquer traço de sua coloração saudável e tudo que restava era a carne seca.

O burburinho que se apossava do interior do fórum mudou.

Odorico Alexandrino Baluarte havia adentrado o recinto.

O padre lançou um olhar apreensivo ao seu inexperiente advogado: o silêncio que antecede a tempestade. As esporas das botas de Aloísio Serafim ecoavam pelo tribunal ao passo que ele escoltava Gregório Portugal e Barnabé Oliveira até a mesa de defesa. Um otimista Isaías Fortunato sorria ao seu mentor, encorajando-o a sonhar com a liberdade. Nos rostos dos jurados, uma mistura de curiosidade e abominação.

Um relance era tudo que se necessitava para saber que o veredito já estava escrito.

Odorico Alexandrino tossiu algumas vezes e iniciou o julgamento.

– É a primeira vez que vejo esta sala tão cheia. Fico feliz em ver que os senhores e as senhoras aqui presentes estejam, finalmente, interessados na justiça local. Mas aviso de antemão que este procedimento que está prestes a se iniciar não é para ser tratado como leviandade. Não se trata de uma brincadeira ou uma justificativa para distrair mentes ociosas. Estamos a lidar com as vidas das pessoas, e a prudência se faz aqui, mais do que imprescindível. Qualquer intervenção que resulte no não andamento dessa sessão será devidamente e gravissimamente punida.

Odorico espantava-se com a glorificação a violência que se revelava nos semblantes daquelas almas ali presentes, como se a realidade se teatralizasse ao léu só para satisfazer a necessidade de uma herança animal que ainda perdurava no sangue daquele povo.

– De acordo com a lei, – continuou o juiz – estamos aqui para o julgamento de Gregório Moreno Portugal. Requião Cruz, quais são as acusações?

– Nós trazemos duas ações de acusação contra o cidadão Gregório Moreno Portugal. – O promotor era um homem baixo, calvo e de aparência lombrical. – A primeira acusação: obtivemos testemunhos de sete garotos que se disseram vítimas de avanços maliciosos e pederastas do réu.

As palavras acusatórias do promotor Requião Cruz foram o bastante para que o tribunal se tornasse um pandemônio. Haroldo Menelau, um dos homens que trabalhavam na plantação de café do coronel Baluarte, e frequentador assíduo da igreja, se levantou com punhos erguidos.

– Enforcem esse crápula! – esbravejou.

O povo aplaudiu e vibrou com o protesto de Haroldo, que apenas verbalizou todo seu descontentamento. Dona Siqueira e dona Matilde pareciam estar prestes a enfartar, tamanha era o êxtase de presenciar tal cena – as fofocas minuciosas daquele julgamento iriam munir por anos seus dias de marasmo.

Ao lado das velhas, Adamastor tampava os ouvidos, assustado com a gritaria desconexa.

– Silêncio! – ordenou Odorico Alexandrino. – Deixei bem claro que não aceitaria esse tipo de intervenção no meu tribunal. Senhor Menelau, outra palavra saindo de sua boca e o senhor passará a noite na delegacia. Faça-me claro? E isso vale para qualquer outro que ousar interromper os procedimentos. Compreendido? Continue, promotor Paiva.

As palavras de Requião Cruz foram aos poucos diminuindo de volume, sumindo na distância que tudo parecia ganhar. *Alguns centímetros*, pensou o padre Portugal, *tudo está alguns centímetros mais longe*. Era como se ele, por algum milagre ou tormenta, houvesse sido enxugado de seu tamanho natural.

O silêncio sombrio o engoliu.

Na janela, uma coruja inusitada testemunhava, com olhos atentos, os pesares e dúvidas daquele Gregório Portugal.

– Como o réu se declara? – perguntou Odorico Alexandrino.

Se eu continuar a diminuir, dona coruja, vosmecê me caçaria? Se eu diminuísse o bastante, vosmecê deixaria de me ver como ameaça para me ver como presa?

– Senhor Portugal, como se declara?

Que tamanho eu teria que ter para que a senhora parasse de fugir de mim e começasse a me perseguir? Qual é o limite do teu medo? Qual é o tamanho da tua fome? Seria o teu medo só uma questão de grandeza?

– Senhor Portugal, como o senhor se declara?

– Inocente em todas estâncias – Barnabé Oliveira se levantou e respondeu em nome de seu cliente, que continuava com olhos embaçados, perdidos em algum lugar que não era aquele.

O povo começou a vaiar em uníssono a resposta do advogado, que prontamente se sentou. O juiz Odorico Alexandrino demandou silêncio, mas a raiva ensurdeceu os homens e mulheres, que gritavam em um coro de

repúdio e indignação. Naquele mar de vogais e consoantes abstratas, a voz de Hubert von Stroheim se fez ouvir.

– Vosmecês só querem pão e circo, não é?

– Doutor Hubert, eu deixei bem clara as ordens deste julgamento!

– Julgamento? Isso aqui não é um julgamento. Isso aqui é assassinato disfarçado de justiça. Isso aqui é arrumar a cama para conseguir dormir à noite sem culpa e de mãos limpas. Covardes que criam justificativas para serem perversos.

– Subdelegado Serafim, prenda o doutor Hubert e o escolte à delegacia – ordenou Odorico.

Aloísio Serafim andou até o doutor e com uma mão no ombro do anacoreta conduziu-o até a porta de saída. Ao passar pelo delegado Jeremias Callado, Hubert lançou um singelo piscar de olho, comemorando um protesto bem executado.

– Por que o senhor gritou aquilo no tribunal? – perguntou o subdelegado enquanto caminhavam em direção à delegacia.

– Alguém tinha que falar algo em nome do padre, não?

– Sim, claro, mas não me refiro a isso. Quero saber por que o senhor gritou pão e circo de todas as coisas?

– É um ditado em latim, uma tática usada pelo Império Romano antes de seu fim.

– Por que diabos gritaria tal coisa?

– Porque a vida é nada mais que um livro relido a exaustão, meu caro Serafim.

Ao chegar na delegacia, o gaúcho de cabelos ruivos abriu a cela e deixou o velho Hubert entrar, mas não viu necessidades em trancar as grades do cárcere.

– Qual foi seu pior pesadelo, subdelegado Serafim?

– Não sei, – respondeu, estranhando a pergunta – acho que é um em que eu estou caçando uma fera, mas na realidade é a fera que está me caçando. Por quê?

– Porque, hoje em dia, nem mesmo meus piores pesadelos conseguem ser pior que a realidade – disse o velho.

Aloísio sentou-se, desarmou sua carabina Rouba-Primaveras e tratou de limpá-la propriamente.

– Eu não esperava por isso – disse o homem da lei.

– Isso o quê, exatamente?

– Eu prestei bastante atenção aos rostos das pessoas que estavam lá no fórum hoje, doutor Rubé. Prestei bem atenção mesmo. Há alguns dias, eu diria que eu era mais um deles, os chamaria de irmãos até, mas depois de hoje, não sei se consigo.

– Os últimos dias parecem repletos dessas desilusões.

O subdelegado sentia-se um estrangeiro em sua própria casa. Era como se os portões do vilarejo houvessem mudado de local, assim como as casas, avenidas e ruelas. Não reconhecia mais os rostos ou os nomes das pessoas, e a cúpula do escritório do pacificador ostentava uma flâmula de cores desconhecidas. Via-se, pela primeira vez, nas botas de Jeremias Callado, estranhando tudo e a todos.

– Doutor?

– Sim.

– O que aconteceu com o império do pão e circo?

– O que acontece com tudo que se inicia, ele eventualmente encontrou seu fim. Tudo que cresce morre para dar vida a coisas menores, que crescem e morrem para dar vida a coisas menores.

Aloísio terminou de limpar sua carabina e a guardou ao lado das pistolas do delegado Jeremias e do alferes Boaventura. A confraria, que se iniciara com a simples missão de resgatar corpos perdidos no deserto vermelho, ganhava novas nuances com os recentes acontecimentos em Serendipidade. Agora, mais que nunca, homens da lei eram requeridos.

Ao lado das armas dos oficiais, a velha Bíblia surrada do padre Portugal.

– Espero que a Dama Sorte esteja ao lado do padre Portugal.

– A Dama Sorte é uma cadela domada – respondeu o velho Hubert antes de fechar os olhos.

XX II, XXI, XIV

Tudo parecia um sonho. Névoas de uma realidade da qual Isaías não podia acordar. O estômago dava nós ao tempo que ele despencava em um abismo fundado por mentiras e ódio. Apertava a mão da mãe com força, e por pior que a dor fosse, era aquele padecimento que o prendia ao momento, atendo-o à realidade que se desdobrava em uma espiral vertiginosa. Barnabé Oliveira tentou ao máximo de sua capacidade descreditar os testemunhos dos meninos que alegavam terem sido molestados pelo padre Portugal, mas eles haviam ensaiado suas respostas com precisão. Contaram a mesma narrativa, pausaram nas mesmas vírgulas, enfatizaram os mesmos detalhes.

Sentado na cadeira resignada às testemunhas, Faustino Baluarte, cujo rosto ainda ostentava as marcas de seu embate com Isaías, encenava com excelência seu papel de vítima.

– O padre e eu estávamos conversando na área atrás da igreja, perto do criadouro de galinhas. É lá que o padre geralmente conversa com os alunos. Ele sentou ao meu lado e sua mão alisou minha perna, subindo pela minha coxa, quase tocando em meu...

Faustino pausou, encabulado. *Como é que não percebem que ele está fingindo?*, pensou Isaías, que se arrependia cada vez mais de não ter finalizado aquele menino petulante no Canto de Deus.

- Bem, o senhor sabe...
- Sua genitália? – perguntou Requião Cruz.
- Sim.

Os dotes cênicos de Faustino vinham como uma surpresa para Isaías, que se espantou ao ver lágrimas escorrendo pelos seus olhos insolentes.

- Não tenho mais perguntas, vossa excelência.

– Defesa? – convocou o juiz Odorico Alexandrino Baluarte.

A ironia de ele, o juiz do caso, ser o irmão mais velho de uma das testemunhas principais parecia se perder nas almas presentes no recinto. Ninguém, a não ser Isaías e sua mãe, parecia preocupado com a imprudência com que todos tratavam o assunto. Lenilda Valadares, que estava sentada logo atrás do corista, cochichava com Berenice Cassandrino sobre que roupas elas iriam usar para a festa de noivado de Faustino Baluarte e Pérola Maranhão, o que irritava ainda mais o já fragilizado Isaías.

– Percebo que vosmecês ensaiaram bem suas mentiras, Faustino – disse Barnabé Oliveira.

– Vossa excelência, o advogado não pode direcionar a testemunha de tal forma – protestou Requião Cruz.

– Senhor Oliveira, o senhor não irá proceder com essa linha de acusação. Se tens provas que os meninos mentem, apresente-as, caso contrário, recomendo que volte a estudar o seu caso – repreendeu Odorico Alexandrino.

– Perdão, vossa excelência, irei reformular minha pergunta. Vosmecês alegam que o padre os abusou por anos, correto?

– Sim – respondeu Faustino.

– E por que só se pronunciarem agora?

– Medo.

– Medo? Medo de quê? O senhor seu pai é o homem mais poderoso de Serendipidade e seu irmão é o juiz da vila. Ao que tudo indica, não há nada que um Baluarte deva temer.

– Medo do castigo de Deus.

E assim, com cinco singelas palavras, Faustino Baluarte cravou o último estigma no corpo de Gregório Portugal. A simpatia nos rostos dos jurados perante aquela resposta enervou Isaías, que permanecia mudo e estático, incapaz de defender o padre.

– Eu não acredito nisso. Eu acho que vosmecê e seus amigos arquitetaram toda essa charada para se vingar do espancamento que vosmecê recebeu do jovem Isaías Fortunato.

Todos, inclusive o juiz Odorico, viraram suas atenções para Isaías, que se encolheu em seu assento.

– Vossa excelência, a defesa continua com essa linha acusatória.

– Eu vou permitir que a defesa termine com sua linha de raciocínio. Mas aviso de antemão, siga com cautela, senhor Oliveira.

– Obrigado, vossa excelência. Todos em Serendipidade conhecem a relação paternal que o padre Portugal e o menino Fortunato dividem. E todos sabem que, uma semana atrás, vosmecê começou uma briga com o menino Isaías e perdeu. Perdeu feio. Então, não é difícil imaginar que vosmecê, em um plano, que eu só posso descrever como diabólico, arquitetou todas essas mentiras em relação ao pobre padre.

– Isso não é verdade! – esbaforiu Faustino, e por um momento, sua fachada tranquila ruiu. Faustino encarou Gregório Portugal com uma incha perversa nos olhos, ignorando a expressão análoga no rosto de Isaías. – Eu nunca faria algo desse tipo. É verdade, e eu nunca fiz questão de esconder de ninguém, que eu odeio esse menino – agora lançava seus olhos vermelhos em direção a Isaías. – Odeio ele com todo o meu ser. Odeio ele e sua voz irritante. Ele e sua frescura sem fim. Mas a verdade sobre esse homem, que o senhor ainda chama de padre, nada tem a ver com isso. Ou até comigo, que sofri pouco. Eu vim aqui testemunhar em nome de meu amigo Alfredo Bosco – um choro nervoso escorria pelo rosto do menino. – Foi Alfredo a maior vítima aqui, obrigado a se deitar com esse pederasta.

Faustino Baluarte testemunhou por mais duas horas antes que seu irmão mandasse os jurados para a sala de deliberação e Gregório Portugal fosse escoltado por Graciliano Boaventura para a sala de espera.

– Vamos, filho. Vamos orar pelo padre.

Ajoelharam-se, mãe e filho, rogando por uma misericórdia divina, pedindo

pela única intervenção que podia salvar Gregório Portugal naquele momento: um milagre. Os olhos do corista ardiam em brasa seca, sem mais lágrimas para chorar. Quinze minutos foi o tempo que demorou a deliberação dos jurados, que tomaram menos tempo decidindo o destino do padre do que Isaías havia gasto rezando. *Como podiam ser tão prosaicos com a vida de um homem?*

– O que diz o júri? – perguntou Odorico Alexandrino.

– Sobre a alegação de atitudes maliciosas contra menores, nós do júri consideramos o réu culpado.

Mesmo permanecendo em pé, o mundo ao redor de Isaías Fortunato ruiu. Os prédios erguidos, o chão ladrilhado, os bancos de madeira, toda a realidade não passava de uma cortina de fumaça e pó, esmaecendo sob o sol vermelho.

– Sob a alegação de abuso sexual contra um menor, nós consideramos o réu culpado.

Isaías queria chorar.

Queria gritar.

Queria matar.

Queria revidar.

Queria fazer muitas coisas.

Fez o que pôde.

Permaneceu imóvel.

Permaneceu mudo.

– Gregório Moreno Portugal, o senhor foi julgado por um júri e condenado por crimes de ordem sexual contra menores. O senhor será enforcado até a morte em cinco dias.

– Não! – gritou Isaías. – Não! – berrava em dor inefável, dor de quem perdia um pai pela segunda vez. – Não! – Madalena Fortunato abraçou seu filho, em uma tentativa frustrada de protegê-lo de um mal que já o consumia. – Não! – seus gritos ecoavam pelas paredes do fórum. – Não!

E o garoto desmaiou.



Ulisses Paiva estava sentado em sua varanda, admirando suas três mulheres, que haviam retornado do julgamento e tratavam de servir o almoço para a família. As refeições na Mansão Paiva sempre eram banquetes enormes e ostentativos, como se uma celebração estivesse em progresso. Não podia ser por menos, o coronel era pai de dezessete filhos. O trabalho pesado de preparar a refeição recaía nas mucamas, mas tanto Lavínia, quanto Judite e Firmina, apreciavam o trabalho de montar a mesa. Vinte e uma cadeiras, vinte e um pratos, sessenta e três talheres e incontáveis quilos de comida. O coronel Ulisses adorava aquele ritual: sentava em sua poltrona e testemunhava enquanto as três mulheres que ele tanto amava cuidavam de suas ocupações. Mas o homem havia sido picado pelo mosquito da desconfiança, e indagava-se sobre qual de suas mulheres sucumbiria com maior facilidade aos convites tentadores da infidelidade. Lavínia foi a primeira esposa do coronel e a única a receber, legalmente, seu nome. Era também a mais velha e a que menos recebia seus carinhos de cobertor. *Poderia ser ela?* Improvável. Lavínia era sua maior parceira, sua alma gêmea. Judite era a mais formosa das três, uma mulher talhada em simetria e exuberância, de curvas e ancas capazes de desconcertar qualquer cabra ousado. Firmina era a mais jovem e a mais inocente, e carregava no bucho seu mais novo herdeiro. Ou assim ele acreditava. *Será?* A ideia de que aquele, ou qualquer outro de seus filhos, não fosse seu, incomodava Ulisses além da conta. Boatos de traição seriam o bastante para limar com a paz de qualquer homem, mas não o bastante, os rumores ainda circundavam em volta de seu capitão, Celestino Floriano, homem em quem ele depositava total a confiança.

Até agora.

– Coronel?

Quem o chamava era o esquálido Zé Caboclo, um homem que ganhava a vida matando vacas e cabras a pauladas. Ulisses considerou que não havia homem melhor para acabar com suas dúvidas do que um sujeito tão habituado aos gritos horríveis que os animais faziam ao serem abatidos.

– Zé, sente-se um pouco.

– Pois não.

– Como foi o julgamento do padre?

– A forca.

Ulisses coçou a barba lisa e bem apurada. Achou engraçado que o padre, um dos maiores objetores de sua trigamia, seria o homem a ser enforcado por pederastia. *A vida é uma vadia, não é?*

– É pouco. Homem que se engraja com menino merece muito pior.

– Dois minutos comigo e ele pediria a morte rápida – respondeu Zé.

– Tu viste meu capitão pelo tribunal?

– Celestino?

– E eu lá tenho outro capitão?

– Não. Não me lembro de ver ele no tribunal.

Na distância, subindo a rua Diógenes, o poeta se aproximava da fazenda.

– Ó ele vindo ali – disse o coronel Ulisses.

– É mesmo.

– Tu queres ganhar uns trocados fáceis, Zé?

– E que cabra não quer?

– Pois bem. Eu ando de suspeitas sobre o meu capitão. Ele anda sumindo e nunca dá explicações. Quero que vosmecê descubra por onde ele anda e os motivos desses sumiços.

Celestino desmontou de seu cavalo e se aproximou das esposas do coronel Ulisses. Sorria e tratava as mulheres com uma cordialidade íntima, principalmente Judite, com quem trocou algumas palavras.

– E agora, – continuou o coronel – Celestino deu pra pedir um dinheiro

adiantado, como se estivesse devendo a alguém ou querendo comprar algo grande. Descubra o que sucede e eu te recompensarei bem.

– Pode deixar comigo, coronel.

Ulisses balançou os dedos, ordenando a retirada de Zé. O homem se levantou e retornou aos seus afazeres na fazenda.

– Celestino.

– Bênção, coronel.

– Bênção. Por onde andavas, homem?

– No julgamento do padre.

– É mesmo?

– Foi.

– E qual foi a sentença?

– A força.

Ulisses estudava o rosto do homem, que tinha a audácia de olhar em seus olhos com tanta inocência falsa. Como tinha coragem de traí-lo daquela forma? Depois de tudo que eu fiz por ele.

– Eu gostaria de saber se o coronel me liberaria hoje mais cedo. Queria resolver umas coisas lá na Praça Central.

– Engraçado. Judite também pediu para ir à Praça Central hoje.

– O senhor quer que eu a leve? Eu adoraria ajudar, já que é caminho.

– Claro.

Ulisses se levantou.

– Somos uma família aqui, correto? – perguntou Ulisses.

– Claro.



Odorico Alexandrino Baluarte passou anos estudando a lei no exterior, e

com isso acostumou-se a certos luxos que somente as grandes capitais podiam oferecer. Mas havia algo de encantador e aconchegante na simplicidade bucólica que roubou por completo seu coração. Era a vicissitude plácida que acalentava a alma, um ninar sereno, feito de grama e ar, terra e água. Odorico caminhava para casa tentando abstrair o julgamento de Gregório Portugal de sua mente. Conhecia bem seu irmão mais novo e sua vocação para meias verdades, mas forjar testemunhos de seis meninos para matar um homem inocente, isso parecia algo torpe demais para ser mais de suas artimanhas. *Faustino não brincaria com a vida de uma pessoa desta forma*, disse o juiz a si mesmo, tentando se convencer do fato de que não fizera parte de uma vingança mesquinha. Sabia que havia algo sórdido e errado naquele julgamento, mas não conseguia apontar o que exatamente.

Passava pelo Canto de Deus quando encontrou Ekwueme, o único negro livre da vila, que estava sentado na ponte que cruzava o riacho Serendipidade. Durante seus anos no exterior, Odorico foi apresentado a um Estado que via a escravidão como um sistema econômico arcaico e ultrapassado, um estilo de prática social reservado aos bárbaros. Quando retornou à Serendipidade um homem letrado e formado, o filho mais velho do coronel Baluarte se viu impossibilitado de fazer parte dos negócios do pai, já que este utilizava desse sistema brutal para seu próprio benefício.

O juiz parou ao lado de Ekwueme e se juntou à sua contemplação silenciosa nas margens límpidas do rio Serendipidade. *Não podia a vida no campo ser um pouco mais civilizada?*

– Boa tarde, Ekwueme.

– Tarde, doutor.

Odorico Alexandrino admirava aquele terreno bucólico, rico, verde, vivo. Comprou aquele pedaço de terra na mão do pai, e lá construiria sua casa. Seria um lar diferente da mansão no Rancho Baluarte. Seria algo pequeno e confortável, um lar para passar as tardes na varanda, conversando e jogando cartas com amigos.

E durante as noites frias, puxaria as cobertas e leria livros sob a luz de gambiarras.

Será uma bela vida.

– O senhor precisa de algo, doutor? – perguntou Ekwueme, que estranhava aquela parceria silenciosa.

– Não, não. Só estou a pensar neste livro.

O juiz retirou *O Conde de Monte Cristo* de sua valise de couro. Era uma cópia velha e surrada, de páginas manchadas com suas lágrimas e de lateral que abria diretamente em sua passagem predileta: *Estamos sempre com pressa em ser feliz, Senhor Danglars, pois quando sofremos um longo tempo, temos grande dificuldade em acreditar na boa sorte.*

Ekwueme, que não sabia ler, desdenhou do aglomerado de páginas que o juiz carregava em mãos.

– Desculpe minha honestidade, doutor, mas esse livro está um bagaço – disse o negro rindo.

Odorico Alexandrino examinou sua cópia e riu. Aquele livro realmente havia sobrevivido vários invernos.

– Eu gosto de livros velhos e acabados. É um sinal de que eles foram usados. Livros podem viver belos e imaculados se guardados em uma estante, mas não foi para isso que foram escritos.



O Bar do Nico vivia mais um dia de lotação máxima. Todos que estavam presentes no julgamento acharam seus caminhos até a taberna para molhar a garganta e discutir o assunto do momento. Nico corria de um lado para o outro, orquestrando toda a logística dos garçons para que nenhuma venda fosse perdida. Vivia para dias como aquele.

Faustino Baluarte aproveitou a baderna que se apossou do estabelecimento e entrou escondido pela porta exclusiva a funcionários. Com passos sorrateiros e calculados, aproveitou um momento de distração de Nico para esconder uma garrafa de pinga embaixo do sovaco e saiu pela mesma porta pela qual entrou. Alfredo, Cícero, Gabriel, Jadiel, Stenio e Casemiro o esperavam do lado de fora do bar. Faustino balançou a recompensa furtada com um sorriso tímido e contido no rosto. O garoto retirou a rolha com os dentes e entregou a garrafa a Alfredo Bosco, que, por sua vez, não conseguia conter o choro nervoso. Stenio deu três leves tapas no ombro do amigo; todos ali estavam dispostos a dividir o fardo que o menino carregava nas costas. Alfredo entornou a garrafa. Gotas da bebida destilada escorreram por sua boca, misturando-se com as inevitáveis lágrimas de alívio e tristeza. Faustino mordeu seu lábio inferior, uma demonstração melancólica de confiança e irmandade.

Foi então a vez do garoto de sorriso petulante virar a garrafa de pinga. E seu beijo era agridoce.



O alferes Graciliano Boaventura voltou para casa após deixar o sentenciado Gregório Portugal na delegacia. A reforma que realizava em sua varanda estava bem encaminhada. Havia terminado de rebocar o fundamento e só faltava prender o piso de madeira. Segurava o prego com a mão esquerda ao tempo que a mão direita descia o martelo com força moderada. A primeira batida amaciava a superfície o suficiente para o prego prender. O alferes então retirava seus dedos esguios do caminho, e com a segunda martelada fincava o prego na madeira.

A varanda, no momento, lembrava muito o campo de batalha do Arraial dos Desabotados. Mas essa é a rotina da construção: primeiro o caos, depois a ordem. A fumaça do cigarro subia por suas bochechas, acariciando suas narinas

e olhos antes de se dissipar pelo ar. Graciliano não tragava, apreciava o tabaco mais no exterior do que dentro dos pulmões. O fumo dava cheiro, sabor e textura ao insípido ar que o rodeava. A camisa, encharcada por transpiração, exalava um odor pungente. Graciliano sempre se sentiu confortável com o seu cheiro natural. Sabia que não era agradável, nem particularmente aromático, mas havia algo de acolhedor naquela fragrância inata ao homem. *Sabão, perfume, gravatas, relógios, o mundo está cada vez mais artificial.*

Marilda surgiu na porta da casa trazendo consigo uma toalha seca.

– Esquentei a água.

Boaventura limpou o suor aglomerado em sua testa com a manga da camisa e forçou um sorriso. Preferia o banho frio. Em um mundo ideal, aquele cacto humano andaria até o riacho Serendipidade e lá banhar-se-ia todos os dias. Mas aquela já não era a realidade em que ele vivia.

Cada vez mais artificial.

– Vosmecê acha que o padre é culpado?

Graciliano encarou a esposa por alguns segundos, virou-se, retirou um prego de seu bolso, prensou-o contra a madeira, levantou o martelo e bateu. A luz morria e ele gostaria de adiantar ao máximo o trabalho que restava.

Marilda tossiu.

A água vai esfriar, disseram seus olhos.

O esguio alferes se levantou, pegou a toalha na mão de sua esposa e beijou-a. Como sempre, a barba rala pinicou os lábios da mulher.

– Eles vão matar o padre, meu cacto. Como é que vosmecê consegue ficar tão calmo assim?

Graciliano se virou e jogou nas mãos da esposa um pequeno prego.



Piedade Maranhão guardava uma mala repleta de seus pertences embaixo de sua cama. A parte que lhe cabia no plano de fuga já estava completa, com exceção dos pertences de Pérola e Piedade, que só poderiam ser estocados nos últimos minutos. Aguardava ansiosamente o sinal de Celestino para que os quatro pudessem fugir daquele vilarejo maldito, daquela casa maldita, daquele pai maldito. Sabia que a vida que a aguardava lá fora seria pobre, difícil e penosa, mas, ao menos, seria uma vida. O caixão desmedido em que se encontrava era luxuoso, possuía até maçanetas e janelas, lustres e móveis, mas continuava a estar sete palmos embaixo da terra.

Subiu as escadas, dobrou o corredor e parou na terceira porta à sua esquerda. O quarto das meninas. Piedade encontrou Pérola e Paloma brincando com suas bonecas. Sorriu, mas queria chorar. As meninas, presas naquele quarto escuro, confinadas à ignorância do descaso, só podiam mimicar as histórias que ouviam da boca da irmã mais velha, e com isso, as brincadeiras das pequenas eram reflexos da vida triste da moça.

Piedade via-se nas mãos das irmãs. Uma boneca feita de pano, cerâmica e enchimento.

Mole e sem vida.

– Piedade – disse Pérola.

– Oi.

– Quer brincar?

– Não, obrigada. Queria fazer uma pergunta.

A irmã mais velha se sentou junto às pequenas, formando um triângulo de confiança.

– Quando as mucamas trazem comida a vosmecês, quais são os pratos que vosmecês mais gostam?

– Os quitutes – respondeu Paloma.

Pérola balançou a cabeça positivamente, consentindo com a resposta da irmã do meio.

– Quais quitutes?

– Goiabada. Pamonha. Sonho.

Paloma prolongou o primeiro ô do *sonho*, e nunca uma palavra foi tão doce.

– Certo.

– Por quê?

– Uma surpresa – respondeu Piedade com um sorriso.

A irmã mais velha levantou em um pulo, fechou a porta, dobrou o corredor, desceu as escadas e andou até a cozinha.

Teresina, a cozinheira dos Maranhão, era uma escrava gorda e adorável. Sempre carinhosa, a mucama era uma das poucas alegrias daquele ataúde de proporções descomuns.

– Teresina, vosmecê me faz um favor?

– Claro, sinhá Piedade.

– Vosmecê pode preparar um pouco de goiabada, algumas pamonhas e muitos sonhos pra mim?

– E é festa, é?

– Eu diria que sim.

– Se a sinhá ajudar a gente, já pode começar agorinha mesmo.

Piedade beijou o cocuruto da mucama e correu em direção à dispensa atrás das goiabas. Trouxe de volta o volume máximo de frutas que suas mãos finas conseguiam carregar. O prospecto do futuro irradiava sobre a menina com o calor de um novo sol. Cortava as goiabas, separando as sementes da polpa quando sons de passos no corredor chamaram sua atenção. Conseguia distinguir os passos de duas pessoas, um número alarmante, considerando a reclusão daquela casa. Com goiabas em mãos, Piedade seguiu os barulhos até a varanda,

onde seu pai andava de mãos dadas com Pérola. A pele alva da menina, virgem ao mormaço do sol, reluzia com uma brancura fantasmagórica.

– Pai, o que se sucede? – perguntou Piedade Maranhão.

– Estou levando Pérola para o Rancho Baluarte – respondeu Isidoro, colocando a pequena em cima da carruagem. Lourenço Malvino segurava um guarda-chuvas preto por cima da menina, protegendo-a do bafo do sol. Os olhos de Pérola estavam fechados, e Piedade não sabia dizer se era pela intensidade da luz ou por medo.

– Por quê?

– Para que ela conheça o menino Faustino.

– Por quê? – repetiu Piedade.

– Não ficastes sabendo? Ela está prometida – disse o velho ao subir na carroça.

– Prometida?

Lourenço açoitou o cavalo, conduzindo o coronel Isidoro e a pequena Pérola Maranhão em direção à Praça Central. Piedade lá atrás permaneceu, sentindo as goiabas escorrerem por suas mãos.



Isaías Fortunato não via muitos motivos para acordar. Sem aulas, canceladas até segunda ordem, ou amigos que chamasse de verdadeiros, o corista decidiu trancafiar-se em seu quarto lendo o bom livro.

Matheus, doze, trinta: Aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha.

Números, trinta e um, três: Então Moisés disse ao povo: Armem alguns dos homens para irem à guerra contra os

midianitas e executarem a vingança do Senhor contra eles.

Salmos, noventa e quatro, um: Ó Senhor Deus, a quem a vingança pertence, ó Deus, a quem a vingança pertence, mostra-te resplandecente.

Êxodo, vinte e um, vinte e quatro

a vinte e seis: Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé. Queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe. E quando alguém ferir o olho do seu servo, ou o olho de sua serva, e o danificar, o deixará ir livre pelo seu olho.

As pontas dos dedos iam sendo lambidas e as páginas iam se passando. E para cada dúvida que brotava na mente do corista, o livro oferecia alguma resposta.

Boas respostas.

Setenta e duas horas. Esse foi o tempo que durou a reclusão fugaz do menino Fortunato. Na alvorada do quarto dia, Madalena, cansada do confinamento sem fim, ordenou que o filho saísse um pouco, nem que fosse para comprar pão.

Era o penúltimo dia de vida do padre Portugal e o Recanto estava movimentado como sempre. O jovem corista entrou na fila e tentou pensar em outra coisa que não fosse o padre Portugal.

– Eu mal posso esperar para ver os dois juntos no Dia do Tenório – disse a senhora Siqueira, seu cabelo branco feito a lua nova, sua pele enrugada feito ameixa seca. – A menina Pérola passou na Praça Central hoje mais cedo. Ela é a coisa mais linda.

– E casando com Faustino, parece até sonho. Vai ser o casamento mais importante da história da vila – respondeu a senhora Matilde, que era menor que a amiga, de cabelos menos brancos e de olhos menos cansados. *Mas isso não faz de sua língua menos afiada*, pensou Isaías, que não suportava o cheiro exacerbado de perfume que as duas exalavam.

– Um romance digno, mas não é?

– E não é? Finalmente algo de interessante. Será que os dois vão dançar juntos durante as festas do Dia do Tenório?

– Só espero que o enforcamento do padre não estrague a festa – respondeu a velha com lábios tão desprovidos de sentimentos.

Os olhos de Isaías encheram-se de lágrimas.

E destruiu aquelas cidades e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra.

O rapaz deixou a fila e o pão para trás, não suportava ficar ao lado daquele povo; *eles fedem a enxofre e fumaça*. Abriu a porta da casa e encontrou o subdelegado Serafim, de chapéu em mão, conversando com sua mãe.

– Isaías – disse Aloísio.

– Filho, venha cá – disse Madalena Fortunato. – Filho, eu achei melhor que vosmecê se afastasse um pouco do padre Portugal, mas acho que agora é hora de vosmecê ir à delegacia prosar um pouco com ele.

Isaías sorriu. Era a primeira vez que seus músculos se mexiam daquela forma desde o julgamento.

Veria ele de novo.

– Isaías, – disse o gaúcho – padre Portugal pediu que eu o levasse para a delegacia. Ele gostaria que vosmecê ouvisse sua última confissão.

E com a mesma velocidade que veio, a felicidade se foi. Aqueles eles eram os últimos momentos, as horas derradeiras. E por mais que o menino amasse aquele homem, não havia nada que ele pudesse fazer para salvá-lo.

O padre em nada lembrava o belo homem que pregava missas aos domingos. A pele, pálida; a barba, por fazer; o cabelo, despenteado; a roupa, desalinhada.

– Isaías – sorriu o padre.

O delegado Jeremias Callado se levantou, deu três leves tapas no ombro do rapaz e saiu pela porta da delegacia, deixando o corista e o padre sozinhos para o último e verdadeiro adeus. Os olhos de Isaías começaram a vazar mais uma vez. A porta da cela estava aberta e o padre saiu para abraçar o menino.

Isaías apertou-o de volta.

– Como estás, meu filho?

– Eu não sei o que eu irei fazer sem o senhor.
– Vosmecê vai chorar e comer e dormir e acordar e chorar. Vai estudar e comer e dormir até o dia em que esquecerá de chorar – sorriu o padre.

– Não sei como vai ser minha vida sem o senhor.
– Vosmecê irá crescer e se tornará um bom homem, *pappillon*. Um homem melhor que eu e todos ao seu redor. Sei que espalharás coisas boas nessa terra. Não foi vosmecê quem me disse que queria ser padre?

– Não sei se quero mais. Aqui só abençoarei cobras.
– Não estás cercado por cobras, meu filho. A raiva tende a nos iludir, mas há mais beleza e bondade em Serendipidade do que vosmecê imagina.

Os sonhos de batina e bênçãos de Isaías pareciam distantes e inocentes quando confrontados com a realidade com a qual se deparava. Algo dentro dele havia se partido, e para sempre seria uma pessoa rachada.

– Sei que conseguirá. Lembre-se do que eu te disse: borboletas só voam após dias de solidão e martírio dentro de seus casulos – respondeu Gregório Portugal com uma convicção absoluta. Uma lágrima solitária escorreu por sua face. – Estou com medo, Isaías – sua voz oscilou feito uma vela ao vento.

– Eu também.
– Não temo a morte. Já fiz minha paz com a mortalidade anos atrás. Temo falhar na última hora.

– Falhar?
– Quando Jesus subiu a cruz, ele olhou para o povo que o colocou lá e chamou seus assassinos de irmãos e os perdoou. Perdoou-os pelos seus erros e pecados. Pagou sua vida com a absolvição.

A lágrima solitária ganhou uma irmã. E outra. E outra.
– Eu também não seria capaz de perdoar Faustino.
– Faustino? – riu o padre. – Faustino é uma criança tola, perdoei-o assim que o vi no tribunal. Mas e o meu rebanho? Aqueles aos quais espalhei a boa palavra

de Deus? Aqueles aos quais ouvi todos os pecados e nunca virei a face? Esses eu não consigo me imaginar perdoados.

Isaías compreendia perfeitamente o temor de seu mentor. Ele também se sentia traído e abandonado. Os olhos de oliva do padre murcharam e o verde vivo sumiu como um riacho reduzido a vapor durante um verão de seca.

– Fique de olho no coral. Me arrepio todo ao pensar em deixá-lo sob os cuidados do padre Ebenezer. O homem não consegue manter um tom mesmo que sua vida dependesse disso – forçou um riso nervoso.

– Ficarei.

– Lembre-se de preparar os barítonos, eles são os que mais precisam de atenção.

– Cantaremos aquela música estrangeira que o senhor tanto gosta – abraçava o padre com os olhos.

– Isaías, eu gostaria que seus ouvidos fossem os recipientes de minha última confissão.

– Por que eu? Por que não o padre Batista?

– Não consigo pensar em pessoa mais apropriada que vosmecê, Isaías. Chamo todos jovens em minha congregação de *meu filho* – Gregório respirou fundo. As palavras que ele tanto conhecia se tornaram pesadas, requerendo uma força inumana para serem proclamadas – mas vosmecê, – o padre encarava Isaías com o olhar que só se tem quando a boca diz honestamente o que o coração sente – mas com vosmecê sempre senti que essas palavras significavam mais.

Dividiram um último choro.

As mãos se apertaram; carne com carne, lágrima com lágrima, suor com suor, amor com amor.

– Isaías, Pai, perdoem-me, pois pequei.

XXI

uma estrela maculada

O deserto vermelho era gloriosamente azul ao anoitecer. A terra seca tornava-se um grande espelho natural, e a lua e as estrelas se afogavam na superfície plana e árida daquela silenciosa amantessidão. Jeremias Callado, montado em seu alazão negro, apreciava um momento de quietude antes de terminar sua ronda. Os portões da vila às suas costas, o grande ermo a sua frente. Estava só, mas não tanto quanto o padre Portugal, pois não há momento mais solitário que a morte. Alguns dias atrás, no Bar do Nico, ouviu um peão proferir tais palavras: *nascemos sozinhos, morremos sozinhos*. Havia beleza naquelas palavras, sem dúvida, porém somente a segunda parte parecia correta. Todos nascem com suas mães, alguns com irmãos, outros com pais, médicos ou parteiras. Inevitavelmente, nascer é um ritual compartilhado.

A natureza da morte, no entanto, é o pináculo da solidão.

A noite estava límpida, nenhuma nuvem pintava o firmamento e as estrelas faziam sua parte na beleza do mundo. Jeremias contemplava a vastidão das coisas e lembrava das palavras do menino Isaías. *Estrelas são as histórias da noite. O grande Centauro, disse Isaías antes de todo o pesadelo envolvendo o padre Portugal, metade homem, metade cavalo, e a sua grande luta contra Hércules.*

O menino, então, ensinou ao delegado as histórias por trás de suas constelações prediletas. *As Três Enírias, que gostavam de castigar os homens, e que hoje são usadas como referências noturnas para achar seu caminho até o condado de Redenção. A Medusa, que tinha cabelos feitos de cobras e que petrificava os homens com seu olhar. Quimera, o Basilisco de três cabeças, todos desenhos do acaso, presos no céu, histórias para nossos sonhos.*

Jeremias se sentia em paz na companhia das estrelas, ainda mais agora que sabia que aqueles aglomerados de pontos brancos na escuridão tinham

vidas próprias. Dentre todas as constelações que o corista apontou, a que mais chamou suas atenção era a Fênix. Treze estrelas que formavam o desenho da ave com asas de fogo, cujas lágrimas podiam curar as mais profundas feridas e que quando morria, renascia das próprias cinzas. Como não se encantar com um animal tão esplêndido, que com o choro e as chamas purgava-se das dores do passado e renascia um ser completamente diferente? *As pessoas deixaram de olhar com fascínio para as estrelas, disse Isaías. Como elas já conhecem suas histórias e nomes, acham que já sabem tudo sobre elas. Padre Portugal sempre disse que um dos nossos maiores erros é deixar de ter fascínio pelas coisas corriqueiras.* Aquela conversa já parecia distante, perdida em infindáveis dias passados que podiam ser contados na mão. A inocência do garoto Fortunato morreria junto com o padre e não havia nada que Jeremias pudesse fazer a respeito.

O alferes Boaventura chegou montado em seu cavalo, animal tão silencioso quanto seu dono. A sua presença só se fez notada graças ao odor fétido do cigarro que sempre descansava em seus lábios quietos. O alferes tirou o chapéu e deixou a brisa coçar seu escalpo ralo. O silêncio de Boaventura era sempre bem-vindo. Por mais que Jeremias apreciasse a cantoria de Cândido Cordeiro e sua gaita, ela era sempre acompanhada por conversas incessantes, e ultimamente o gordo só tinha papas para o enforcamento do padre Portugal ou sobre as eleições a pacificador – dois assuntos que o delegado já não aturava mais. Jeremias suspirou. Cada um lidava com a injustiça de sua própria forma; uns mudavam-se, outros se reclusam, e outros conversavam. Por mais aperreante que a boca-de-tramela do gordo fosse, o coração do homem pelo menos estava no lugar certo.

No firmamento desanuviado, um ponto branco rasgou o céu com sua cauda de luz.

– Uma estrela cadente.

Graciliano Boaventura mirou o céu noturno e avistou a estrela que despencava.

– Padre Portugal me contou que foi uma estrela cadente que conduziu os

três reis magos à manjedoura em que Jesus nasceu. Ele disse que era um bom presságio. Um sinal glorioso – sorriu Jeremias Callado.

O alferes tirou o cigarro dos lábios e uma bola de nuvem preta saiu de sua boca.

– Não sou homem religioso, delegado Callado, então me perdoe se estou fora da linha, mas não vejo nada de glorioso em algo que cai e perde seu brilho.

Jeremias não podia contestar a lógica do alferes. Ele havia sido picado pela inocência, o único abono que restava naquela hora taciturna. Apertou os estribos em sua montaria e deixou Boaventura e seu silêncio para trás. Como não iria dormir aquela noite, um pouco de café e uísque não soava uma ideia de todo mal. Parou no Bar do Nico e encontrou o doutor Hubert escorado na varanda do bar, chapéu ao chão, olhos entreabertos, saliva e um ronco ébrio escorrendo de seus lábios. *O café e uísque terão que ficar para outro dia.* O delegado se abaixou para carregar o velho, mas este acordou em um pulo assustado. Seus olhos vermelhos como o deserto de Caron.

– Callado? Por que diabos tentavas me carregar, homem?

– Pensei em levá-lo para casa.

– E por que faria isso?

– Para que o senhor dormisse em sua cama ao invés de um chão duro e ao relento.

O velho olhou para o chão e depois para o delegado.

– Certo.

Desciam pela Praça Central quando o delegado viu a estrutura de madeira que havia sido erguida para enforcar o padre. Homens do velho Leôncio davam toques finais para aquela vitrine fúnebre. *O Gravata Vermelha não mede esforços para mostrar o seu poder*, pensou Jeremias, que se assustou com a velocidade com que tudo andava.

– Como é que se mede a força de um homem, doutor Rubé? Pelos inimigos mortos ou pelas vidas salvas? – perguntou Jeremias.

– Gosto de pensar que as vidas salvas sobrepõem as vidas perdidas, mas até hoje, lembro-me mais os nomes daqueles que se foram em minhas mãos do que aqueles que continuaram a viver – respondeu Hubert com bafo de absinto.

– Não posso salvar o padre, posso?

– Não. O sol irá nascer, o padre será enforcado e a vida continuará. A real pergunta que deve ser feita é: o que é que vosmecê vai levar consigo dessa injustiça? Os livros e a história dirão que o senhor foi o delegado que colocou o laço no padre pederasta. E ao entrar na história, deixamos de ser pessoas e viramos memórias. E como o senhor bem sabe, a memória é capaz de pregar as mais perversas travessuras.

Ninguém tem mais conhecimento sobre os caprichos da mente do que eu, pensou o delegado. Tudo que tinha de lembrança de sua família eram corpos decompostos no deserto do sertão e as chamadas oníricas de um berro que ainda o atormentava.

O alazão negro parou em frente à casa do doutor, uma grande mansão abandonada de cuidados, com capim selvagem crescendo de forma desgovernada e trepadeiras subindo pelas paredes de tinta descascada. Hubert desmontou, mas antes de partir, segurou as rédeas do cavalo.

– Lembre-se, Callado, a vida é longa. Velhos como eu dizem que ela é curta, pois passamos os dias plantando arrependimentos esperando um dia colher glórias. Não é assim que o trem anda. Não se engane, a vida é longa e cheia de amanhã. Amanhã eu começo a escrever, amanhã eu direi que amo, amanhã pedirei desculpas, amanhã eu mato Severino Um-Tiro, – os olhos do velho bêbado encheram-se de água – amanhã eu paro de beber. O amanhã é o horizonte dos desejos. E, meu caro Callado, por mais que a vida seja longa, há para todos um amanhã que nunca chega – Hubert deu um forte tapa na anca do alazão e deu as costas ao delegado.

Jeremias continuou seu caminho à delegacia pensando no que havia por

trás daquele discurso do velho von Stroheim. Desde que assumiu o cargo de delegado, o homem se sentia um estranho, via-se forçado a impor leis arbitrárias que os outros diziam ser o correto. O único momento em que sentiu que servia a algum senso real de justiça acabou resultando no julgamento do padre Portugal. A culpa pesava o espírito, que já sentia o fardo de muitas vidas em seus ombros cansados.

O ar noturno, no entanto, acalentava sua alma.

A noite sempre o acalmava.

Jeremias entrou na delegacia, onde Cândido Cordeiro tocava uma melodia serena com sua gaita.

♪ *Só preciso de duas coisas,
nesse caminho, que é só de ida.
Minha pistola e meu cavalo,
me salvam dos perigos da vida.
Pelos galhos secos me resvalo
Mas com o sangue seco não me abalo,
pois sou dono do destino, não seu vassalo.* ♪

Cândido parou de cantar assim que percebeu a aproximação do delegado.

– Bela canção, Cândido.

O gordo sorriu orgulhoso. Não contou ao delegado, mas aquela era uma composição própria, uma canção que ele escrevia inspirada na história do próprio Jeremias Callado.

– Posso ir? – perguntou o gordo.

– Pode. Farei companhia ao padre.

Cândido se levantou, mas antes de partir, virou o rosto e encarou Gregório Portugal por cima do ombro.

– Vá, meu filho. O que tínhamos para conversar já foi conversado. Tente descansar um pouco. Só precisamos nos despedir uma vez.

Cândido andou até a varanda, fez uma carícia em Meumô, subiu na mula e sumiu na escuridão, sem conseguir assimilar o fato de que aquela era a última vez que veria o padre Portugal.

Jeremias acendeu o fogão a lenha e tratou de esquentar o café. Depois da conversa com o menino Isaías, o padre estava aparentemente melhor. Havia tomado banho, feito a barba, penteado os cabelos e o homem finalmente aparentava alguma semelhança com a imagem que outrora tinha. Jeremias abriu a cela e deixou o padre esticar as pernas.

– Obrigado.

– A cela nunca me pareceu uma necessidade no seu caso. Nunca achei que o senhor fosse fugir.

– Todos nós somos suscetíveis ao pecado, delegado Callado, até eu. Somente um tolo não aproveitaria uma chance de salvar sua própria pele.

– Verdade. Mas temo que um tolo esteja em pé em minha frente – sorriu enquanto andava até a varanda.

– Creio que esteja certo – sorriu Gregório Portugal admirando o último céu estrelado de sua vida.

Sentaram-se os dois, em silêncio, contemplando as estrelas e a bebida quente quando o padre começou a rir.

– O que foi?

– Só uma linha de raciocínio que achei curiosa – respondeu o padre.

– Qual?

– Dia vinte e quatro de agosto. A ironia não está perdida em mim.

– Não compreendo.

– Não se lembra do dia de São Bartolomeu?

– São poucas coisas aos quais consigo lembrar – respondeu Jeremias com rispidez.

– Verdade, pego-me esquecendo de sua condição. Perdoe-me. Dia vinte e quatro de agosto é o dia de São Bartolomeu.

– E quem era ele?

– Engraçado vosmecê perguntar isso, pois as informações sobre ele são escassas. Ele era um dos doze apóstolos de Jesus, mas pouco se sabe dele. Na realidade, acredita-se que ele seja mencionado por Natanael na Bíblia.

– Um homem que responde por dois nomes diferentes? – perguntou Jeremias Callado.

– Pessoas podem assumir diferentes nomes pelas mais variadas razões.

– E qual seria a ironia?

– O dia vinte e quatro de agosto, dia de São Bartolomeu, é também o dia em que, em mil quinhentos e setenta e dois, minha igreja matou milhares de protestantes.

– E eles protestavam contra o quê?

– Protestantes – riu o padre – são cristãos que decidiram se separar da Igreja Católica.

– E só por isso foram mortos?

– Minha igreja já cometeu vários erros, delegado Callado. Sinto que essa é a ironia. Amanhã pagarei com minha vida por um desses erros.

Gregório Portugal bebeu mais um gole daquela bebida quente, preta e amarga. As listas de coisas que ele poderia fazer mais uma vez reduziam-se com o girar dos ponteiros. Seu último café, a última vez que descansaria a cabeça no travesseiro, a última vez que acordaria, e naquele momento estava prestes a pedir o seu último favor.

– Delegado Callado, vosmecê poderia me conceder uma gentileza?

– Claro, é só pedir.



Os raios da alvorada anunciavam a chegada de um novo dia. Um dia de justiça. Venâncio Galdino foi o primeiro a dar o ar de sua graça na Praça Central – queria que todos eleitores soubessem o quão atento ele era com a lei local. Dona Siqueira e dona Matilde, junto com Adamastor, foram as próximas a chegar, buscando o local que oferecesse a visão mais privilegiada – queriam a certeza de poder perpetuar, nos mínimos detalhes, todos os eventos que transcorreram naquele dia.

Todos tinham suas razões para chegar mais cedo.

Todos menos Gregório Portugal.

Em poucos minutos a praça foi tomada por uma vaga negra de almas curiosas, todos com bíblias em mãos, todos preparados para julgar.

As alpercatas do padre desceram a escada da varanda da delegacia e pisaram sobre os cascalhos que pavimentavam as ruas de Serendipidade. A brisa que perpetuamente residia naquela curva balançava a batina do padre, que caminhava de mãos livres, sem correntes para arrebatá-la sua austeridade e orgulho. Gregório Portugal subiu pela avenida seguido pelo delegado Callado, pelo subdelegado Serafim e pelo alferes Boaventura – Cândido Cordeiro permaneceu na Mansão Recanto, preferindo não fazer parte da execução. O padre e sua batina causavam alvoroço e indignação por onde passavam. Libertino Valente, que andava com uma tipoia envolvendo seu braço esquerdo, se aproximou do delegado com passos ameaçadores.

– Vosmecê ficou louco, Callado? O coronel Baluarte não vai gostar nem um pouco disso. Eu sugiro que vosmecê e seu bandinho voltem agora para a delegacia e troquem a roupa desse pederasta. É muito descabimento ele usar uma batina para a forca.

– O padre veste o que ele quiser – respondeu Jeremias, que sequer diminuiu o passo para as demandas de Libertino Valente.

– Vosmecê não quer o coronel como inimigo, Callado.

– Me chame de *vosmecê* novamente e eu termino o que Celestino Floriano não foi capaz de terminar.

As expressões nos rostos da população ao ver o padre trajando sua batina para a execução era da mais pura forma de aversão. Vaiavam e gritavam absurdos em um coro de punhos levantados e revolta incomensurável. Com um simples ato, Gregório Portugal forçava-os a confrontar sua própria hipocrisia. Não estavam a matar um homem, estavam a matar uma ideologia. O padre conduzia a sua marcha fúnebre, ditando a velocidade dos passos, liderando a confraria, fazendo questão de passar pelo meio da multidão, abrindo o mar vermelho tal como Moisés.

Venâncio Galdino se aproximou do delegado e o puxou pela manga da camisa.

– Vosmecê perdeu o juízo, Callado? Deixar ele aparecer vestido com uma batina – cochichava, tentando evitar um escândalo maior.

– Retire a tua mão de cima de mim ou te prendo por desacato a autoridade – ameaçou Jeremias sem pestanejar. – O senhor não gostaria disso em um ano eleitoral, gostaria?

As palavras falharam Venâncio Galdino, que ficou parado, atônito, enquanto Jeremias Callado aprendia a jogar o jogo do poder.

Subiram as escadas do palanque.

Cabeças erguidas.

Corações orgulhosos.

Em cima da estrutura, Odorico Alexandrino Baluarte e Requião Cruz aguardavam pelo condenado. Jeremias posicionou Gregório Portugal no lugar combinado, colocou o laço em volta de seu pescoço e procurou por Isaías Fortunato pela multidão de espectadores. Seria fácil o encontrar – seria o único, naquele mar de julgadores, honestamente triste.

Mas o garoto não estava lá.

Amanhã eu não rezarei, pensou o padre ao sentir a corda em seu pescoço. Seu maior lamento era deixar para trás as palavras que tanto o reconfortavam. Iria para o vale das sombras sem uma mão amiga para segurar. Sentiu-se pesado pelo amor que deixaria de sentir. Do outro lado da Praça Central, parada em baixo da flâmula nacional, a velha amiga do tribunal veio se despedir. A mesma coruja listrada que o encarava no julgamento veio para testemunhar seus minutos finais. O padre finalmente estava em paz com o mundo e consigo mesmo. Não haviam mais sonhos com que se preocupar ou se frustrar, não sofria mais com os pesares de um futuro incerto. Aquele era o fim. A nota final da canção de sua vida.

A certeza do fim era a paz.

Sons abafados saíam da boca do juiz Odorico Alexandrino, mas os sentidos do padre transgrediam os limites das sensações, e naquela sinestesia do deslance, o padre era mais que um mero homem de carne, osso e sangue. Sentia as margens de sua alma ouriçar os pelos de sua nuca e braços. Era maior que tudo e todos.

O abismo se fez.

Nada naquela cena era belo ou justo; carne que começava a apodrecer, olhos que jamais voltariam a enxergar, boca que jamais voltaria a pregar.

Pendurado em um pedaço de corda estava tudo que Gregório Portugal um dia foi.

Tudo, menos o imprescindível.

XXII

A solidão é sóbria

Dias se passaram desde a execução do padre Portugal e Madalena Fortunato não via prospectos de dias otimistas no horizonte de seu filho. Tudo que o garoto fazia era ler e reler a Bíblia em seu quarto, só saindo para fazer um lanche ocasional. Qualquer tentativa por parte da enfermeira para impedir aquele ciclo vicioso era repreendida com um silêncio desconcertante. O garoto estava imerso em salmos, cânticos e provérbios, decorando-os ao ponto de citar capítulos e versículos. *Cada um lida com o medo de sua própria forma*, pensou a enfermeira enquanto suas delicadas mãos examinavam uma pistola Gandiva modelo três. O longo cano, por si só, era suficientemente intimidador para que ela nunca precisasse, de fato, dispará-la.

– A senhora já usou uma arma antes, senhora Fortunato? – perguntou Gilberto Valadares, irmão de Radamés Valadares e mercador de armas em Serendipidade.

– Não. Nunca. Não suporto armas – respondeu a viúva.

– E por que compras uma, ora?

– Proteção.

Desde o dia em que Isaías decidiu testar os punhos no rosto do Baluarte caçula, Madalena se encontrava em um perpétuo estado de pavor, constantemente olhando por cima dos ombros, procurando por penumbras que viviam nas sombras, prontas para retaliar. Duas noites atrás, enquanto preparava o jantar para sua família, a enfermeira foi surpreendida por uma malquista visita: seu cunhado inoportuno. A obsessão de Estêvão Fortunato pela enfermeira já durava alguns verões, datando os primórdios de Madalena e sua irmã, Maria Evanilda, em Serendipidade. As irmãs Portela, como eram conhecidas então, trabalhavam juntas como enfermeiras no antigo consultório do doutor Hubert von Stroheim.

Eram inseparáveis, as duas. Dividiam o mesmo teto, os estudos, o tempo livre, os segredos e os sonhos – uma parceria que transcendia o mero laço sanguíneo. Foi Maria Evanilda que apresentou Madalena ao alferes Caetano Fortunato, um funcionário leal e pelejador que servia à delegacia da vila sob a tutela do delegado Timóteo Delfino. Caetano era um jovem extremamente tímido e educado, cortejou Madalena por seis meses antes de apresentá-la à sua família. E aquele que deveria ter sido um dos dias mais felizes de sua vida se tornou em uma das experiências mais desconfortáveis que enfermeira já teve que aguentar. Os olhares voluptuosos que seu cunhado lançou durante o jantar ainda desconcertam a mulher, mesmo depois de tantos anos. Deveras foram as vezes que o velho Timóteo teve que intervir, pois temia o que Caetano fizesse caso descobrisse o comportamento impróprio do irmão com sua prometida. E duas noites atrás, Estêvão invadiu sua casa em um de seus avanços mais ousados até então. O cão sarnento segurou a enfermeira pelos punhos, prensou-a contra a parede, lambeu seu pescoço, apalpou seus seios e teria feito mais caso o pacificador não tivesse ido visitar a enfermeira.

A lembrança daquele ultraje fez a enfermeira apertar o cano da arma.

– Já que a senhora nunca atirou na vida, eu não recomendaria a Gandiva. Acho que a Harpe modelo cinco é um revólver mais apropriado para uma dama – disse Gilberto Valadares ao retirar a poderosa arma dos finos dedos de Madalena Fortunato.

O vendedor entrou em seu depósito e retornou minutos depois com uma arma significativamente menor, de cano curto e leve. A Harpe cabia perfeitamente em sua mão e o peso era apropriado para a sua estatura, mas faltava à arma a robustez da Gandiva. Não procurava uma pistola com intento de usá-la, procurava apenas pelo efeito placebo.

– Irei levar a Gandiva, senhor Gilberto.

Madalena retornou ao lar e guardou a pistola em um compartimento oculto no criado mudo de sua sala – um dos resquícios de precaução do falecido marido.

As investidas do cunhado estavam cada vez mais atrevidas e a enfermeira não se sentia mais segura em sua própria casa. *A culpa é dessa terra agreste, onde meninos brincam de polícia e ladrão e meninas brincam de bonecas. Elas fingem lavar louça e trocar fraldas; eles aprendem, desde cedo, que a bússola da justiça sempre aponta para seu norte verdadeiro: um dedo apontado, uma arma carregada.*

Madalena sentou-se no sofá vermelho de sua sala. Ouvia de longe os passos e a voz de Isaías, que andava em seu quarto, de um lado ao outro, recitando o bom livro. Rosário havia saído para brincar na casa de Verônica Espíndola e a mulher estava só, tendo somente suas memórias tristes para fazer companhia. Sete anos se passaram e ela ainda não havia esquecido o vazio que Caetano deixara. Era um homem de grandes anseios, que sonhava em ser delegado de Serendipidade – e provavelmente o seria, caso não fosse a maldita Guerra das Botinas.

O auto de Madalena – Parte Dois

É noite. Aloísio Serafim e Caetano Fortunato estão ajoelhados em volta de uma fogueira ao tempo que Madalena cuida da mão machucada de Januário Bacelar. O Narrador está vestido de militar, com um número cômico de estrelas em seu peito, que refletem a luz do palco e que tilintam feito sino de vaca com seus movimentos. Como sempre, seu nariz é uma bolota vermelha de palhaço.

Narrador
voz nasalada

Deixe-me explicar a cena, para que vossa compreensão seja plena.

O Narrador tira do paletó um relógio de bolso quebrado, seu tamanho é comicamente desproporcional à realidade e molas saem dele com efeitos sonoros reverberando pelo teatro.

Narrador
voz nasalada

A guerra já dura (*pausa*) sei lá, um tempão. E os amotinadores? Estes não demonstram sinal de rendição. Os mortos caíam aos borbotões – de um lado e do outro, todos são vilões. A terra dura impede o sepultamento, e os corpos empilhados aos abutres viram alimento. É assim que do palco eu me ausento, e deixo os atores falarem para o seu entretenimento.

O Narrador sai pela esquerda do palco e os atores começam a se mexer. Madalena termina de enfaixar a mão de Januário, que está prestes a chorar.

Januário Bacelar

nervoso

A senhora tem certeza que eu vou continuar a usar a mão bem?

Madalena Fortunato

Tenho.

Januário Bacelar

nervoso

Eu não sei ser outra coisa a não ser barbeiro. Se eu não conseguir usar mais minha mão.

Madalena Fortunato

A tua mão está salva, homem. Confie em mim.

Caetano Fortunato usa um graveto para fazer desenhos no chão. Aloísio Serafim está ao seu lado, prestando atenção às orientações do homem.

Caetano Fortunato

Amanhã o coronel Paiva quer um esquadrão no flanco esquerdo do arraial. Eu vou precisar de vosmecê e sua Rouba-Primaveras em terreno mais elevado, gaúcho. Eu e Libertino Valente vamos tentar invadir pela surdina. A gente só

precisa colocar uma bala em Agenor Conceição, aí essa guerra desgraçada terminará. Falando em Valente, quede aquele lincranço?

Aloísio Serafim

Caçando.

Caetano Fortunato

Vosmecê acha que acertaria o alvo com essa distância toda, gaúcho? (*Caetano aponta para o desenho no chão*)

Aloísio Serafim

Me dê um alvo e eu acerto, patrão.

Caetano Fortunato

Querida, eu me sentiria melhor se vosmecê ficasse com uma escopeta enquanto eu estiver lá pelas bandas do arraial. Deus sabe o que esses homens selvagens fariam se pegassem vosmecê desprotegida.

Caetano Fortunato estica o braço e oferece um fuzil a Madalena, que o encara de esguelha, com certo enfado em seus olhos. A enfermeira empurra o braço do marido para o outro lado, rejeitando a arma.

Madalena Fortunato

Eu lá vou ficar com isso em minha mão? Passo dia inteiro consertando meninos que são partidos por essas coisas, eu sei o que elas fazem e não quero elas em minhas mãos. Me sinto mais segura longe.

O Narrador entra pela direita do palco. Sua maquiagem permanece a mesma, mas desta vez traja camisa, calça e sapatos imaculadamente brancos.

Narrador
voz nasalada

Eu volto, pois, descrever a dor fica sempre mais suave na voz de um narrador.

As luzes da ribalta se apagam e somente três feixes de luz do teto permanecem acesos, revelando Madalena, Caetano e o Narrador.

Narrador
voz nasalada

Naquela noite Madalena e Caetano deitaram-se juntos pela última vez, e na tarde seguinte a enfermeira provou a dor de viuvez.

Disparo de tiro. Caetano leva a mão ao peito e tomba. Sua luz se apaga antes de ele atingir o chão.

Som do corpo caindo.

Narrador
voz nasalada

Nove meses depois que Caetano morreu, a pequena Rosário nasceu. Seria a vida senhora da morte, ou a morte senhora da vida? Fim, meio e começo. Começo, meio e fim. Naquela família, toda vida nova era paga com sangue derramado e todo berço com um túmulo era acompanhado.

Madalena Fortunato procurava por algo que explicasse o câmbio fúnebre que seguia sua família e se perguntava se algum dia a dívida seria quitada.

A viúva só se via sentada naquele velho sofá vermelho quando estava derramada em desalento. Os pés, embriagados pelas felicidades pequenas do dia a dia, só paravam para descansar quando estavam onerados em melancolia.

A sobriedade da solidão.

A enfermeira sentia saudade do cheiro de madeira cortada que a barba de Caetano tinha. Sentia falta de como ele coçava a cabeça quando era obrigado a cozinhar. Sentia falta de contar com o apoio de um amado. Sentia falta de dividir um amanhã com alguém. Sentada naquele sofá vermelho, cansada de se sentir só, Madalena Fortunato lançou-se na fortuna vertiginosa que era proibida a homens como Jeremias Callado: as lembranças. Madalena revisitou lugares e reviveu beijos trocados anos atrás, recordações guardados em um lugar que não se toca nem se vê, que existem só pelo fato de ela estar viva. A imaterialidade de sua alegria desdenhava de seus infortúnios, que eram bem reais e palpáveis. Perdida naquele mundo que era só seu, a enfermeira achou paz no passado.

Rosário abriu a porta da casa com uma vivacidade que só se tem quando se é inocente. Debaixo dos braços, sua boneca de pano predileta. Madalena acordou de seu estado de transe com um susto abrupto, pela janela via-se a tarde murchando em tons de violeta – havia passado o dia inteiro a devanear sobre dias que jamais voltariam. Levantou-se e foi preparar a janta das crianças: ensopado de galinha com legumes, pão torrado e milho cozido. A janta predileta de Isaías. O agrado, no entanto, passou despercebido. O jovem preferiu ficar no quarto comendo goiabas.

– Mãe, o Isaías vai rir de novo? – perguntou Rosário acanhadamente.

– Como assim, querida?

– Isaías não brinca mais comigo.

A menina cerrava os dentes para segurar um choro há tempo contido.

Madalena abraçou a filha.

– Querida, seu irmão perdeu uma pessoa muito amada. Ele não está feliz agora, mas a dor vai passar. Só vai demorar um pouco, mas tudo vai voltar ao normal – a enfermeira acariciou os cachos ruivos da filha.

Janta boiada, Madalena deixou Rosário sob os cuidados de Isaías e partiu em direção à casa de Samanta Bacelar. Levava a sobra da comida para a amiga

como um pretexto para conversar sobre algo que não fosse o livro sagrado ou brincadeiras de bonecas de pano – e, *quem sabe, Samanta pode convencer Patrício a tirar Isaías de seu quarto*. Pelas ruas de Serendipidade, ela viu incontáveis panfletos com o rosto de Salomão Azambuja, que tentava, pela segunda vez, se eleger pacificador da vila. Os cartazes, porém, eram ofuscados pelos preparativos para o Dia do Tenório, que tomavam posse de todo vilarejo. A Praça Central estava toda acesa com lâmpioes e enfeitada com bandeirolas verdes, amarelas e brancas. Homens do coronel Baluarte ampliavam a estrutura montada para enforcar o padre Portugal e a transformavam em um enorme palanque para eventos festivos. Madalena desceu a rua Belchior e em poucos minutos estava batendo na porta da casa do barbeiro Bacelar.

– Madalena? – suspirou Samanta, deixando a porta entreaberta, como se tentasse esconder algo.

– Tudo bem aí? – esticou a cabeça para ver se havia algum intruso ou algo fora do comum que explicasse aquela receptividade tão incomum.

– Não. Não. O que está fazendo aqui?

– Eu fiz ensopado, mas sobrou. Pensei que vosmecês iriam gostar de ...

Januário Bacelar escancarou a porta em um movimento brusco, empurrou a mulher para o lado e encarou a enfermeira com enfado.

– Pode levar de volta. Ninguém nesta casa quer nada com simpatizantes de pederastas! – gritou o barbeiro antes de fechar a porta.

Os pés de Madalena permaneceram imóveis por alguns instantes. Tentava compreender o que havia acontecido. A eterna gratidão que Januário havia a prometido após salvar sua mão durante a Guerra das Botinas parecia ter finalmente expirado. *A eternidade é efêmera quando sai da boca de um homem, pensou a mulher*, que retornava para casa com o orgulho ferido.

Madalena abriu a porta da sala e se deparou com Estêvão sentado em seu sofá, brincando com os cachos de fogo de Rosário. O cão raivoso encarava Madalena com olhos libidinosos.

– Estêvão? O que vosmecê está fazendo aqui?
– Tio Estêvão veio me visitar. Ele está me contando histórias de quando ele e papai eram jovens – respondeu Rosário.

– É mesmo? – perguntou Madalena, lançando um olhar irônico a Estêvão.
– Sim, estava contando a história de Margarida, a égua que eu e Caetano tínhamos quando jovens. A gente brigava todo dia pela égua. Caetano dizia que Margarida era dele, eu dizia que Margarida era minha. Aí mãe nos ensinou a dividir o que era nosso. E assim as brigas acabaram. Um dia Caetano montava, no outro, eu montava. – Tudo em Estêvão fedia a libertinagem sórdida. – Eu e seu papai dividíamos tudo.

– Não acredite nas histórias de seu tio Estêvão, querida. Da boca dele, saem mais abobrinhas que de todo o estado de Caron – disse Madalena se aproximando da filha quando viu a pistola na mão de Estêvão, que alisava vagarosamente o cabelo da caçula Fortunato.

– Mamãe não conhecia papai Caetano tão bem assim – disse o homem.

– Estêvão...

– Sente-se, Madalena. Quero prosar com vosmecê.

A enfermeira obedeceu. Conhecia a face brutal do cunhado, viu como ele destruiu, usando nada mais que uma pedra lisa e seus punhos, o rosto de um amotinador rendido.

– Deixe-me colocar Rosário na cama – tudo que a enfermeira queria era tirar a filha de perto dele.

– Rosário já é mocinha, não é? – perguntou Estêvão carinhosamente para a sobrinha.

– Sou, sim.

– Então, vá para o seu quarto, vá.

Estêvão deu um leve tapa no traseiro da menina, que obedeceu ao tio, beijou a mãe e entrou no quarto. Antes que Rosário fechasse a porta, Estêvão viu, de relance, Isaías deitado em sua cama lendo algo.

- Se vosmecê gritar, eu enfio uma bala no meio da cabeça da menina e dele
 - as veias em seu braço demonstravam a força com que ele apertava sua pistola.
 - Tudo bem. O que é vosmecê quer, Estêvão?
 - Eu já não sei, Madalena. Eu realmente esperava que por agora nós já estaríamos casados – havia uma ternura débil em sua voz.
 - Eu fui casada com seu irmão. Eu não sinto nada por ti.
- A gentileza em seu tom de voz era sua maior arma no momento, já que a verdadeira estava longe, guardada no criado mudo.
- Eu compreendo isso agora. E já que vosmecê não quer ser minha mulher, acho que vosmecê pode servir como minha puta.
 - Como ousa?
 - Fale alto de novo e eu começo matando Rosário.
 - Vosmecê não ousaria.
 - Me diga o que eu tenho a perder. Dinheiro? Família? Terra? Honra?



Zé Caboclo tratava a carne de um bode que ele havia sacrificado naquela tarde. As moscas já haviam farejado o cheiro da morte e agora zanzavam por cima das tiras vermelhas que o capitão Celestino Floriano ajudava a salgar. O coronel Ulisses Paiva, que planejava almoçar buchada de bode no dia seguinte, ordenou os homens que deixassem tudo preparado para as mucamas cozinheiras.

- Tu andas sumindo, Celestino.
- Eu sei – respondeu o poeta.

Os planos de fuga do capitão Floriano haviam encontrado seu fim na promessa de casamento da menina Pérola com o menino Faustino. A filha mais nova do coronel Isidoro saía constantemente com o pai para passear ou para passar

as tardes no Rancho Baluarte, e Piedade Maranhão deixou bem claro que não fugiria de Serendipidade sem as irmãs. Cada dia que passava naquela vila era um dia a mais que Libertino Valente e o coronel Leôncio tinham para poder retaliar. Sem poder ver sua amada e com um alvo pintado em suas costas, Celestino Floriano via-se também abandonado de suas poesias. Sua mão já não escrevia as rimas fáceis de métrica matemática. A tinta, o sangue de sua arte, descansava inerte em uma estante, e as páginas em seu caderno de poesias andavam anêmicas.

O poeta daltônico via-se drenado de si mesmo.

– Conte-me, o que te preocupa, homem? – perguntou Zé Caboclo.

– Perrengues. Prefiro não comentar.

Na falta de alternativas, o animal só pode contar com o instinto. O poeta, que sempre se achou um homem de paz, via-se encurralado, contemplando planos que lhe dessem alguma chance de sobreviver. E a cada plano arquitetado, uma certeza se tornava cada vez mais clara: teria que afundar-se na sordidez de seus inimigos se quisesse salvar a vida que ele desejava ter. Por Piedade Maranhão, Celestino mataria qualquer um.

– Vosmecê não ganha nada prendendo essas ideias na tua cabeça. Desembucha – disse Zé Caboclo, ansioso para retornar ao coronel Ulisses com as informações que ele tanto queria.

– É coisa do coração.

– O pior tipo de problema. A moça não te gosta?

– Ela gosta.

– Ela é casada?

– Não. Ela não é casada.

– E qual é o problema então, homem?

– Ela é moça de família. Não vai acontecer.

Zé Caboclo era um homem iletrado e viveu a vida inteira fazendo o que fazia de melhor, matando bicho. Não precisava de escola para levantar um

martelo ou para afiar um facão ou para perceber o que se sucedia entre o poeta e o coronel Ulisses. O adiantamento do salário, a carroça que Celestino havia pedido emprestada, seus sumiços; tudo se resumia a isso.

– Vosmecê quer fugir com a moça?

Celestino arregalou os olhos com a dedução precisa do homem.

– Silêncio, homem. A moça é de família, quer que me enforcem como o padre Portugal?

– Mas é a verdade, não é?

– Vamos voltar a tratar a carne do coronel. Já é tarde e eu quero dormir.



Isaías lia a Bíblia enquanto Rosário arrumava sua cama. As letras miúdas, o papel de qualidade duvidável e a luz oscilante exaustaram a visão perfeita do corista.

– Quer que eu apague o lampião, Rosário?

– Se vosmecê quiser continuar lendo, eu não me importo – respondeu a pequena, que ajeitava sua boneca embaixo das cobertas.

– Acho que por hoje basta.

Isaías se levantou e com um forte sopro apagou o lume. A escuridão invadiu o quarto, com exceção da luz do luar, que passava pelas frestas das janelas fechadas.

– Por que vosmecê lê esse livro todos os dias, Isaías?

– Porque a vida é cheia de perguntas e nele encontro as respostas.

– Resposta para tudo?

– Para todas as perguntas há uma resposta, e se vosmecê souber procurar, aqui encontrará todas elas.

– Deve ser o melhor livro do mundo.

- E ele é.

Isaías percebeu sombras se mexendo pelas frestas da porta. Sons abafados, que pareciam vozes brigando, vinham da sala.

- A mãe está conversando sozinha?

- Não. Tio Estêvão está com ela.

Isaías se levantou, entreabriu a porta e espiou. Uma visita a essa hora não é normal.

A mãe estava sentada no sofá e seu tio em pé, carregando na mão uma pistola e ameaças em seus olhos. O corista prendeu a respiração e tentou ouvir o que se passava na sala.

- Eu compreendo isso agora. E já que vosmecê não quer ser minha mulher, acho que pode servir como minha puta - disse o tio.

- Como ousa? - perguntou a mãe.

- Fale alto de novo e eu começo matando Rosário.

- Vosmecê não ousaria.

- Me diga o que eu tenho a perder. Dinheiro? Família? Terra? Honra?

Isaías gentilmente fechou a porta e com passos silenciosos se aproximou da cama da irmã. Alisou seus cabelos com carinho, mas a menina resmungou:

- Eu quero dormir, Isaías.

- Vamos, Rosário. Temos que sair daqui.



Madalena não parava de encarar o criado mudo. A Dama Sorte permitiu que ela comprasse a arma no mesmo dia em que Estêvão havia decidido avançar sem escrúpulos, *mas por que então deixá-la tão longe de minhas mãos?*, perguntava Madalena, que estava tão próxima e mesmo assim tão longe de sua salvação.

– Olhe só o que vosmecê está fazendo, Estêvão. Isso não vai terminar bem – disse Madalena ao se levantar. Não suportava a noção de que aquele pedaço podre de carne pudesse machucar seus filhos.

– Eu não me importo.

Estêvão avançou em cima de Madalena como um lobo-guará. Suas mãos pesadas empurraram a enfermeira contra a parede. O impacto abriu um pequeno corte em sua nuca, o suficiente para que sangue comesse a descer por seu pescoço. Estêvão abriu a porta do quarto dos sobrinhos só para encontrar a janela aberta e as camas vazias.

Madalena suspirou aliviada.

A Dama Sorte estava ao seu lado e tudo que a enfermeira precisava no momento era fazer a sua parte. Puxou todas as forças de seu ser e se arrastou até o criado mudo. Abriu o compartimento e sacou a pistola Gandiva. Estêvão percebeu o movimento e, em uma tentativa de defesa, chutou uma cadeira contra a enfermeira. O impacto a machucou, mas não a derrubou.

– Fique parado ou eu atiro.

Madalena mirava a arma na direção da cabeça de Estêvão, que se aproximava se esquivando do cano da pistola.

A enfermeira puxou o gatilho.

Nada.

Estêvão tirou a arma das mãos de Madalena e a derrubou com um soco. Estêvão girou a Gandiva e a engatilhou.

– De que serve uma pistola se vosmecê nem sabe usar a coitada?

A bochecha da viúva ardia com a força do golpe. Ela se arrastou vagarosamente até o sofá em uma tentativa frustrada de fuga. Estêvão se agachou e ficou admirando o rosto deformado da mulher, que por algum motivo estranho, estava mais bonita daquele jeito: assustada, abatida, derrotada.

O homem se levantou e desfivelou o cinto.

Era o momento de finalmente matar sua sede.

As calças e ceroulas caíram ao chão ao tempo que a porta da casa abriu com um estrondo. Antes que Madalena percebesse o que se passava, uma bala atravessou o crânio de Estêvão. Dentes voaram pelo chão e o sofá foi pintando por uma nova mão de vermelho. O corpo, mirrado de vida, tombou em uma velocidade preguiçosa, como se desrespeitasse as inabaláveis leis da gravidade.

Jeremias Callado entrou no recinto com cautela, examinando as laterais da sala, procurando por mais alguma ameaça que pudesse estar à espreita.

– Madalena? Vosmecê está bem? Ele te machucou?

O delegado se agachou e examinou o rosto da mulher, tomado por um inchaço escarlate.

– Isaías me disse que vosmecê estava em perigo. Tem mais alguém aqui?

Madalena não respondia, apenas olhava para o sangue que esguichava no rosto de seu cunhado.

– Eu vou chamar o doutor Rubé.

Madalena não protestou e isso realmente assustou Jeremias, que saiu correndo pela porta. O som do disparo chamou as atenções dos vizinhos, que começaram a se aglomerar em frente à casa da enfermeira. Madalena se arrastou para cima de seu velho sofá vermelho, e ali ficou, sentada naquele canto amargo da casa, afogada em uma violência desnecessária, provando a sobriedade da solidão.

XXIII

Uma canção para morigerar

Cantar era uma das pequenas alegrias que Cândido Cordeiro encontrava para combater os infortúnios da rotina agreste. Em momentos sobrecarregados de dor, como esses últimos dias haviam sido, Cândido encontrava alento em compassos ritmados e harmoniosos. Escovava a crina de Meumô enquanto cantarolava uma canção jocosa na tentativa de mitigar sua tristeza em relação à execução do padre Portugal. Os mimos que a mula recebia eram apreciados; Meumô retornava o afeto roçando a cabeça nos largos ombros do gordo. Ekwueme chegou ao estábulo carregando um pesado saco de ração. Vestia librés de cânhamo velho, manchadas de suor, terra e anos de uso, e nos pés, botinas de segunda mão. Seu cabelo era crespo e curto, assim como sua barba. Ekwueme apreciava o espírito inocente do jovem Cordeiro, que sempre o tratou como o igual, mesmo quando este ainda era um escravo. Era uma relação sensível aquela que o negro perpetuava com os Cordeiros; por um lado, era grato pela liberdade que recebera, algo que seus irmãos de pele não possuíam, mas por outro lado, o seu passado acorrentado nunca poderia ser esquecido.

Ekwueme derrubou o saco no chão e limpou o excesso de suor em seu cenho.

– Meumô vai acabar mimada desse jeito, senhor Cândido.

– E que mal há nisso? Ela merece – respondeu o gordo enquanto terminava de pentear a crina da mula.

– O senhor vai para o centro hoje? – o negro sentou-se na cerca do estábulo, aproveitando a brisa e a sombra que minoravam aquele dia cálido.

– Vou. Pai quer que eu converse com Esteban Santiago sobre a possibilidade de ele nos apoiar nessa eleição próxima.

– O capitão Santiago é um homem que quer carregar o sol no bolso, mas que não quer se queimar, senhor Cândido. Tenha cuidado com ele.

– Eu sei, Ekwueme, mas o Esteban e o coronel Porfírio Baltazar exercem grande influência sobre os votos do proletariado. E se a gente quiser que Salomão Azambuja vença Venâncio Galdino, vamos precisar de todos os votos que eles controlam.

– Um homem que se deita com inimigos, gera cobras em seus berços – disse Ekwueme.

Cândido examinou aquele homem de pele torrada e marcada. Os olhos apertados pareciam enxergar além do agora, como se fossem capazes de ver algo que os outros ao seu redor eram incapazes de avistar. *Talvez seus anos como escravo tenham lhe ensinado a compreender o mundo diferentemente daqueles que viveram suas vidas inteiras na liberdade*, pensou o gordo.

– Vosmecê votaria em alguém apoiado por Esteban Santiago?

– Eu não voto, senhor Cândido.

– Eu sei. O que eu quis perguntar é: se vosmecê votasse, em quem votaria?

– Votaria em mim, claro.

– Não é assim que funciona. Vosmecê só pode votar em alguém que se candidatou. Nesse caso, Salomão Azambuja ou Venâncio Galdino.

– Só esses dois?

– Bem, só foram esses dois que se candidataram na última eleição,

– Então vosmecês não são tão livres como dizem que são. Escolher entre dois homens que nem reis são? Isso não me parece liberdade.

Ekwueme pulou da cerca e retornou a carregar o saco de ração.

– Vosmecê não respondeu a minha pergunta. Em quem vosmecê votaria?

– Eu não voto, senhor Cândido. Não ganho nada pensando em eleições.

Cândido Cordeiro terminou de selar Meumô e desceu a rua Haroldo Domingos em direção à rua Paiva. A Praça Central estava toda decorada. Estandes e quiosques haviam sido montados, assim como um enorme palanque para espetáculos e apresentações musicais. Eram tantas bandeirolas presas entre os telhados das casas que era difícil ver o firmamento. O gordo adoraria tocar

com a banda Capivaras Banguelas durante as festividades, como havia feito em anos passados, mas seu pai achou melhor que ele se afastasse de qualquer evento remotamente associado aos Baluartes – principalmente o Dia do Tenório. Cândido não protestou, a execução do padre Portugal havia tirado qualquer traço de festividade do homem.

O gordo prendeu Meumô na varanda do Hotel Esplendor e deu um leve tapa na traseira da mula, que respondeu com um relinchar jocoso. O estabelecimento necessitava de uma reforma urgente: os papéis de parede estavam descolando, os candelabros estavam empoeirados, o lugar cheirava a tequila e mofo e o piso de madeira rangia a cada passo dado.

Esteban Santiago estava sentado em uma das mesas da recepção quando viu Cândido Cordeiro se aproximando.

– Jovem Cordeiro, que milagre o traz ao Esplendor? – abriu os braços com orgulho e o gordo não conseguia distinguir se o homem estava sendo irônico ou não.

– Vim conversar sobre as eleições a pacificador.

– Eu sabia. As pessoas só procuram o Esplendor com segundas intenções. Irei poupar seu tempo, gordo, não há nada para se conversar.

– Posso me sentar?

– Vosmecê pode, mas será que deve? – perguntou o capitão Santiago sem interromper sua leitura.

– Eu garanto que nós podemos chegar a um acordo – o gordo estava tão sério e compenetrado que em nada se assemelhava ao Cândido que todos conheciam.

– Eu quero um bordel.

– Desculpe?

– O preço de minha aliança e os votos que o coronel Baltazar controla é esse: um alvará para transformar o Esplendor em uma grande casa de putas. Vosmecês, honoráveis Cordeiros, irão aceitar?

– Ninguém vai aceitar esses termos.

A barriga volumosa de Esteban Santiago subia e descia em arfadas de galhofa.

– Por que rir?

– Vosmecês Cordeiros são ovelhas que vivem sendo ludibriadas por lobos que andam disfarçados. Por isso, Salomão Azambuja nunca irá vencer as eleições. Política, meu caro, é uma luta para caninos afiados – as palavras de Esteban eram rudes e diretas, mas havia uma certa compaixão em suas vírgulas.

– Certamente Venâncio Galdino não consentiu com algo tão depravado.

– Não irei conversar sobre acordos que fiz ou deixei de fazer com nosso pacificador. Este é o meu termo e ele não está aberto a negociação.

Cândido levantou indignado.

– Isso que o senhor nos pede não é honrado, senhor Esteban.

– Honra é um capricho que homens vaidosos procuram. Espelhos e ufânias não possuem serventia no Esplendor, a não ser que vosmecê seja uma puta.

O gordo deu as costas ao capitão Santiago, andou até a porta, mas não queria sair sem ter a última palavra.

– Boa sorte se aliando com lobos, senhor Santiago. Não se surpreenda se tudo que receber de volta sejam mordidas.

– Lobos espertos andam em alcateias, meu caro Cândido – respondeu Esteban sem dar importância a indignação do gordo. – E juntos caçamos cordeiros.

Meumô tinha o dom de perceber quando o espírito de seu dono estava abatido. A mula ficava mais travessa, mordiscando seu ombro ou tirando seu chapéu com seu nariz. Mas Cândido Cordeiro não estava apenas abatido. O homem estava desolado. Havia falhado para com seu pai – não havia conseguido o endosso de nenhum dos coronéis ou dos cidadãos proeminentes de Serendipidade. Todos alegaram já estar aliados a outro candidato. Venâncio Galdino se mostrou mais poderoso que na última eleição, conseguindo o apoio maciço do conselho do Punho. O gordo decidiu parar na casa da enfermeira Fortunato e espairar um pouco.

– Mãe, tio Cândido está aqui – gritou Rosário após abraçar a larga cintura do homem.

Madalena Fortunato saiu do quarto usando seu vestido de luto.

Ultimamente, era tudo que ela usava.

As agressões de Estêvão deformavam seu belo rosto pálido.

– Como a senhora está? – perguntou Cândido ao retirar seu chapéu.

– Senhora? Assim me sinto uma velha acabada – abraçou o amigo com força.

– A senhora está linda como sempre, Madalena.

– Não precisa mentir, sei que estou um bagaço – deu um leve tapa repreensivo nos peitos sobressalentes do gordo.

– Vim ver como a senhora está.

– Melhorando.

A enfermeira olhava para a filha, que brincava com sua boneca no meio da sala, completamente ignorante ao fato de que estava deitada sobre o exato local em que seu tio havia perecido. Três horas de joelhos ao chão para tirar a mancha de sangue do piso e do sofá; só Deus saberia quanto tempo para que a imagem se dissipasse em sua mente.

– Tio Cândido, o senhor vai cantar no Dia do Tenório?

– Infelizmente, não – respondeu Cândido com ternura.

– Por que não?

– Meu pai não quer que eu participe de qualquer evento ligado aos Baluartes, afinal, é certo que eles irão apoiar Venâncio Galdino nessa próxima eleição. E depois de tudo que aconteceu ao padre Portugal... Não sei se quero.

– Faz sentido.

– Não é justo – resmungou Rosário.

– É a vida, minha querida.

– O senhor canta para a gente, então? – perguntou a menina, com olhos arregalados, impassíveis de negação.

– Aqui? Agora?

- Sim. Sim. Sim.
- Não acho que seja apropriado – olhava para Madalena e para todas as marcas de dor estampadas em seu rosto.
- Essa casa merece um pouco de alegria – respondeu a enfermeira com um sorriso deformado. – Cante.
- Qual vosmecê quer ouvir? – perguntou o gordo para Rosário.
- *Amor Honrado!*
- Não – interrompeu Madalena. – Cante *A Balada de Narciso*.
Cândido limpou a garganta com um suave tossir, puxou sua velha gaita e tocou a introdução da música.

♪ *Sou um andarilho solitário,
essa é minha sina, esse é meu calvário.
Minha jornada é encontrar meu lar,
o lugar que me ensine novamente a amar.
Fica logo ali, atrás daquele grande monte,
atrás da fina linha que chamamos de horizonte.
Minha vida escrevo no fundo da escuridão,
em páginas negras, escritas a carvão.
As pegadas que deixei, o vento levou.
Lembranças de onde passei, o tempo apagou.
Querida eu me encontrar numa poça límpida,
no fundo do azul, minha alma jazida.* ♪

XXIV

serviço, servidão e satisfação

O delegado Jeremias Callado, o subdelegado Aloísio Serafim e o alferes Graciliano Boaventura estavam no epicentro da confusão, testemunhando o verdadeiro caos que a Praça Central havia se tornado. Os preparativos para o Dia do Tenório estavam em seus momentos derradeiros; pessoas carregando móveis nas costas, quermesses sendo decoradas com flores e jogos de mesa, lâmpões sendo pendurados em postes temporários e estandes dos mais variados tipos de comida recebiam seus toques finais.

– Acho que nós e mais três alferes temporários seremos capazes de coordenar e manter a ordem amanhã, patrão – disse Serafim.

Jeremias Callado achou prudente deixar todo o planejamento e logística do policiamento durante as celebrações a cargo do subdelegado, que tinha experiência e conhecia bem os procedimentos da festa. Aos poucos Jeremias aprendia as nuances de como exercer o trabalho de vigilância, mas desde a execução do padre Portugal, o delegado começava a questionar a sua capacidade de executar as leis de Serendipidade.

– Vosmecê é quem manda hoje e amanhã, Serafim.

Jeremias mirava o palanque que dias atrás fora usado para enforcar o padre. Depois daquela manhã, a estrela em seu peito tornou-se nada mais que um peso de papel glorificado.

– Tenho dois homens aos quais confio para o serviço: Zé Caboclo e Geraldo Ramalho. Ambos bons homens. Respeitados pela comunidade e que serviram bem durante as Guerra das Botinas – disse o gaúcho.

Graciliano Boaventura testemunhava tudo com olhos atentos e seu silêncio habitual. De todos os habitantes que Jeremias fora apresentado, nenhuma era

tão enigmático quanto o esguio Boaventura – um homem pragmático que escolhia o falastrão Cândido Cordeiro como melhor amigo.

– Então, ainda nos resta uma vaga. Boaventura, vosmecê conhece alguém de confiança e que seja bom de tiro? – perguntou Jeremias.

– Bom de tiro conheço vários. Já de confiança... – Boaventura pausou por um momento, escolhendo com prudência sua resposta. – Só me vem à mente o nome de Ekwueme – sua voz rouca por desuso.

– Ekwueme? – perguntou Aloísio.

– Quem é Ekwueme? – era a primeira vez que Jeremias ouvia o nome.

– Ele era um dos escravos do coronel Eusébio Paranhos, mas que recebeu sua carta de alforria durante a Guerra das Botinas. Mas isso é irrelevante, patrão. Boaventura só pode estar brincando.

– Eu só disse que ele é bom de tiro e que eu confio nele – respondeu Graciliano calmamente.

– E qual é o problema com Ekwueme?

– Bem, – Aloísio não sabia como se explicar sem soar deselegante – ele é negro.

– E?

– Não me entenda mal, patrão. Gosto do rapaz. É uma boa alma e não tenho nada contra ele, mas um negro na delegacia não seria bem visto pelos cidadãos.

– Por que não?

– É a lei – respondeu Boaventura monossilabicamente.

– Durante o julgamento do padre Portugal, eu li o manual do delegado dezenas de vezes e em lugar algum eu li que um homem livre não pode servir na delegacia.

– É meio que uma lei não escrita, patrão.

– Ótimo, pois não sou obrigado a servir leis não escritas. Chame o garoto para conversar comigo na delegacia, Boaventura.

O alferes abaixou a ponta do chapéu em um sinal de compreensão e respeito.

– Estou farto de me ver obrigado a fazer aquilo que acredito ser errado só porque está escrito que é certo em algum livro – disse Jeremias apoiando a mão no ombro do subdelegado Serafim.

O conceito de escravidão nunca fez muito sentido para o delegado; não compreendia como um homem podia ser propriedade de alguém. *Os escravos*, explicou o velho Hubert dias atrás, *sustentam uma economia muito rica. E aonde há muito dinheiro, sempre há corrupção.* Jeremias se via cercado por leis e costumes que só podiam ser descritas como arbitrárias, estipuladas por homens há muito tempo mortos e aplicadas a ferro e fogo por hipócritas e corruptos. Tentava imaginar sua vida em Pequena Pasárgada e que motivos o levaram a ser delegado. Pelas cartas que leu na casa de Timóteo Delfino, os motivos eram de uma ordem inocente, de um menino que vivia uma vida regrada e confortável e que acreditava no *certo* e no *errado*. Mas aqueles eram dias passados, e o Jeremias Callado que havia escolhido uma vida de serventia cega a lei morreu naquele deserto vermelho e seco. *Como é que palavras escritas à tinta em algumas folhas de papel podem ditar o que é justo e o que não é?* Para Jeremias, a justiça surgia nas entranhas e vísceras de cada homem, e é somente ele quem sabe a punição devida para sua dor. Não precisava do consentimento de Odorico Alexandrino ou de outros doze para saber que colocar uma bala na cabeça de Estêvão Fortunato era o mais próximo da verdadeira justiça que ele alcançaria. *Muito mais justo que enforcar Gregório Portugal.*

A já pequena delegacia parecia incrivelmente menor sem a presença otimista do padre. Seus comentários eloquentes e voz de algodão preenchiam o vazio insípido daqueles poucos metros quadrados. O delegado lançou o distintivo em cima da mesa e lavou o rosto com um balde de água que ficava ao lado do fogão. A coruja em chamas ainda não o deixava dormir, atormentando seus sonhos e tornando seus dias em uma coleção interminável de horas e minutos e segundos. As olheiras se tornavam cada dia mais escuras e evidentes e seu rosto progres-

sivamente tomava feições apáticas e moribundas. Sentia que carregava o peso da alma de outro homem em suas costas e cada passo dado era duplamente excruciante. O fardo das atrocidades de Severino Um-Tiro ainda pesavam sobre seus ossos, e tudo que queria era acabar com aquele matador de estrelas.

Só então dormiria de verdade.

– Delegado Callado? – um negro de voz grave entrou pela porta da delegacia. Vestia roupas surradas e manchadas de suor nas axilas e tórax.

– Ekwueme?

– Sou eu. O senhor Boaventura disse que o senhor queria falar comigo. Fiz algo de errado? – perguntou apreensivo.

– Não que eu saiba. Sente-se, tenho uma proposta a te fazer.

Jeremias puxou uma cadeira para Ekwueme.

– Bem, como vosmecê já sabe, amanhã será o Dia do Tenório, e Aloísio Serafim sugeriu que precisaremos de braços extras para manter a segurança e a paz na vila durante as celebrações. Boaventura recomendou seu nome para o serviço temporário. Gostaria de saber se vosmecê aceitaria a proposta.

– E qual é a proposta, exatamente?

– Ser alferes de Serendipidade por um dia.

– Eu? – perguntou o negro, abismado com a ideia.

– Sim, vosmecê.

Ekwueme abriu um sorriso largo, mostrando seus dentes níveos.

– Eu gosto do meu couro onde ele está agora, delegado Callado, preso aos meus ossos. Pretendo deixá-lo assim por bastante tempo.

– Se é medo de retaliação...

– É medo de retaliação – respondeu Ekwueme. – Esse povo já me olha estranho, quem dirá como eles irão reagir se eu for um alferes.

– Posso garantir sua segurança – afirmou Jeremias Callado.

– Perdoe a minha honestidade, senhor delegado, mas o pescoço de Gregório Portugal discordaria do senhor.

O homem estava certo. Jeremias não podia fazer tal promessa – e no fundo, sabia que não podia honrá-la.

– Aprecio sua proposta, delegado Callado, mas acredito que será melhor para todos que eu fique longe da mira do povo. Principalmente para minha pessoa.

– Para poder continuar um homem livre sem liberdade, correto?

– A corrente só se arrebenta um elo por vez, delegado Callado. Um elo por vez – respondeu o negro insurrecto.

– Então, Ekwueme, vamos quebrar mais alguns desses elos. Eu li essa porcaria dezenas de vezes. – Jeremias arremessou o livro de código de conduta e deveres em cima da mesa. – Em lugar algum diz que vosmecê, um homem livre, não pode servir como alferes da delegacia.

– O problema é o que acontecerá comigo depois do Dia do Tenório. Não existirá mais nós para quebrar os elos.

– E se eu lhe oferecer o emprego integralmente? – Jeremias sentia a insurgência correr por suas veias.

– O senhor faria isso? Mal me conhece.

Ekwueme estranhava toda aquela generosidade, no mundo tal como ele conhecia, nada vinha sem um preço em libras de carne e sangue.

Mas havia algo no tom revolucionário do delegado que o atraía.

– A palavra de Boaventura basta para mim. Além do mais, estou farto dessa rotina agradável e serena que esse povo se acostumou. Está na hora de darmos nossa versão de justiça. – Os olhos amotinados do delegado brilhavam com a perspectiva de abalar a licitude que Serendipidade vivia.

Ekwueme contemplou aquela proposta por alguns segundos. Via-se com a possibilidade de realizar um feito que nenhum de seus irmãos de sangue, ou pele, conseguiriam efetuar: ser a face da lei. Poderia trabalhar contra a máquina opressora por dentro, destruindo-a por suas vísceras. Além do mais, a ironia de que suas mãos poderiam colocar correntes em punhos brancos era por si só atraente o suficiente.

– A liberdade é preciosa demais para ser desperdiçada com covardes – disse Ekwueme, estendendo a mão ao delegado.



Lavínia Paiva sentia que o tempo começava a escovar a beleza de sua juventude. Fazia o que podia para frear as rugas e os flagelos dos anos, mas a cada dia que se passava, a certeza da velhice se tornava mais evidente. Qualquer um ao seu redor diria que a mulher estava exagerando em suas preocupações, que estava linda como sempre. Mas aquelas cordialidades eram vazias; preferia a severidade das críticas autoimpostas, sem remorsos ou escrúpulos.

Na luta contra a velhice, a mulher penteava os cabelos áureos cem vezes antes de dormir, passava creme de própolis no rosto níveo, assim como certas regalias extremas, como banhar-se em leite puro de vaca. *A beleza é a arma da mulher*, dizia Lavínia às filhas, ensinando-as desde cedo que os homens eram domados pelas vergonhas, não pelos orgulhos. A mulher de cabelos loiros cuidava das crianças, filhos das outras mulheres de seu marido, enquanto o coronel Ulisses recebia a família do coronel Porfírio Baltazar. Lavínia não suportava aquele homem baixo e de modos grosseiros, que sempre andava com o capitão Esteban Santiago, outro homem rude e seboso. Mas a mulher via algo que os outros aparentemente não conseguiam enxergar no coronel Baltazar: a inteligência por trás daqueles trejeitos grotescos. Enquanto os outros coronéis do Punho vinham de berços d'ouro, de heranças generosas, Porfírio Baltazar vinha de berço de prata, quiçá cobre. Não desfrutava das mesmas vantagens dos colegas coronéis, seja em plantações ou em cabeças de gado. Mas ao invés de se rebaixar a sua estatura diminuta, Baltazar associou-se com a força proletária do vilarejo, tornando-se o polegar daquele Punho que reinava sob Serendipidade – o menor,

sem dúvidas, porém nada era feito sem o seu empenho ou consentimento. Lavínia era a única que via em Porfírio um homem mais poderoso que o temido Gravata Vermelha, e era exatamente por esse motivo que a mulher insistia naqueles almoços de sábado com aquela família nojenta.

– Lavínia, és sem dúvida a mulher mais *ispilicute* de toda Serendipidade – disse Porfírio ao chegar no topo da enorme varanda elevada da mansão Paiva.

Tudo no coronel Baltazar causava repulsa nos nervos. Seu cabelo puxado para trás, seu bigode ridículo – uma fina linha preta em cima dos lábios carnudos – assim como os lenços de péssimo gosto que sempre usava em volta do pescoço. Lavínia esboçou um sorriso falso e estendeu a mão ao homem deselegante.

– Gentileza sua, coronel.

– Lhe garanto que não é. Só um homem muito do frouxo para não ficar todo atizado por sua formosura, não é não, Ulisses? – gritou Porfírio.

– É.

Fosse outro dia, o coronel Paiva participaria mais das brincadeiras vulgares do coronel Baltazar, mas os rumores de que ele era corno sublimaram o humor do homem, que se via desconfiado até da própria sombra.

Porfírio sentou-se à mesa, assim como seu capitão, o enorme Esteban Emanuel Santiago, sua filha, Babilônia Baltazar, e seu filho mais novo, Cássio Baltazar. O almoço foi servido, buchada e pernil de bode. Ulisses se sentava na cabeceira, com o coronel Porfírio a sua direita e sua primeira mulher à esquerda. A jovem Babilônia sentava ao lado do pai e do irmão mais novo, que brincava com o capitão Santiago. Lavínia sempre percebeu os olhares lânguidos que seu marido lançava para a filha do coronel Porfírio. Ela conhecia bem Ulisses e sua vocação para a perdição; tinha mais vontades entre as pernas do que em cima do pescoço.

O homem sempre gostou de mulheres e de variedade.

Babilônia era uma bela menina de dezessete anos, seios pequenos e ancas menores ainda, mas carregava nos olhos a inocência que era a desgraça dos

homens; aquela pureza que aticava os instintos indomados que anos de civilização não conseguiram reprimir. Com sorrisos doces e olhadelas encabuladas, Babilônia provocava a fera em seu marido. E foi naquela permuta de olhares virginais e lascivos que Lavínia viu o futuro de sua casa.

A promessa de casamento entre Faustino Baluarte e Pérola Maranhão havia mudado tudo. A era do Punho mirrava, e das cinzas daquele governo uma nova iria surgir. Quem a enxergasse primeiro, ou a criasse, teria o poder.

O almoço terminou, as crianças foram brincar, os adolescentes foram tramar e os homens foram fumar e politizar. As mulheres se resguardaram para conversas amenas e chás nos confins das paredes da mansão Maranhão. Judite, a segunda esposa do coronel Ulisses, conversava sobre as festividades do Dia do Tenório com Dulcineia Baltazar, a mulher do coronel Porfírio, assim como Firmina e Babilônia. Bebiam chá doce e conversavam sobre vestidos e os namoricos dos filhos e filhas. Lavínia bebia café preto ao tempo que admirava a filha do coronel Baltazar. É formosa, não há como negar. Quando esta se encaminhou ao toailete, aquela aproveitou-se do ensejo para segui-la. A rapariga parou em frente ao espelho em frente ao lavabo e começou a ajeitar os ondulados cabelos castanhos e o vestido que se desamarrava na área do pescoço.

- Deixe-me ajudar – ofereceu Lavínia, que apareceu atrás da garota.
- Obrigada.
- Não há de quê.

A mulher mais velha tratou de ajeitar o vestido da jovem, que tentava disfarçar sua respiração ofegante e nervosa.

- Não há motivos para que fique aflita.
- Perdão?
- Eu vejo como vosmecê olha para o meu marido. Ele é um homem muito bonito e sabe como fazer uma mulher sentir-se especial.
- Dona Paiva, eu não sei o que a senhora está dizendo.
- Babilônia, minha querida, como é que vosmecê acha que nós vivemos

tão bem em uma casa com mais de vinte almas? Debaixo desse teto, nós não mentimos e não fingimos. Sempre vi como vosmecê olha para o meu marido durante nossos almoços. Desde de piquitica, vosmecê olha para Ulisses com olhos de moça. Não precisa encabular-se em meu benefício.

Babilônia sentia-se completamente desconfortável com a placidez que Lavínia tinha ao tratar daquele assunto tão delicado.

– Dona Paiva, eu não compreendo o que se passa aqui.

– Inveja é uma invenção humana, uma falha na nossa criação romântica. Ulisses é meu marido, mas não sou dona de sua carne nem de seus desejos. A diferença dele e dos outros homens é que ele é homem o suficiente para admitir isso.

Babilônia tentou-se esquivar do cerco de Lavínia, mas a mulher era mais rápida e experiente.

– Quando vosmecê deitar-se com ele e sentir sua língua entre as pernas, vosmecê irá saber o que é ser uma mulher.

A menina ruborizou-se e voltou para a companhia de sua mãe. Lavínia arrumou os fios rebeldes de seu escalpo d'ouro e regressou minutos depois para terminar sua xícara de café. Do lado de fora, na varanda elevada, os coronéis e o capitão Esteban Santiago fumavam charutos e apreciavam a vista da varanda da mansão Paiva.

– O senhor coronel já recebeu o juramento de sangue do coronel Baluarte?
– perguntou Porfírio.

– Acho que não preciso me preocupar com isso. O pacificador parece ter resolvido isso sem derramamento de sangue.

– Eita que o poeta deve tá aliviado. Libertino Valente não o mataria rapidamente.

– Eu ainda não contei para Celestino.

– E por que não?

– Não tenho tido tempo de sentar com o meu capitão ultimamente.

Esteban Santiago desfivelou o cinto de suas calças e sentiu o alívio de sua circunferência retornando ao seu tamanho natural.

– Vosmecê vai apoiar Salomão Azambuja ou Venâncio Galdino na eleição para pacificador? – perguntou Ulisses Paiva.

– Não sei ainda – respondeu Porfírio, que perdera o ar brincalhão em seus olhos. – Venâncio é um bom pacificador, mas ele beija o chão que Leôncio caga, não sei se dá pra confiar nele.

– Eu gostaria muito que vosmecê apoiasse Salomão Azambuja, só assim poderemos diminuir o poder do coronel Baluarte.

– Isso é verdade. Mas na política, a vitória nem sempre significa derrotar o seu inimigo, não é?

– E como mais poderia ser?

– Eu posso usar a vitória do coronel ao meu favor.

Zé Caboclo chegou à varanda do coronel Paiva com sua camisa e mãos manchadas de sangue.

– Tomei conta do serviço que o senhor pediu, coronel Paiva.

– Deu trabalho?

– Não, senhor.

– Obrigado, Zé. Vá no fundo se lavar pra que a nós possamos prosar.

O homem que fedia a carne e morte desceu as escadas e sumiu da vista dos coronéis. A visita chegou ao seu fim e a família do coronel Baltazar se despediu de seus anfitriões, assim como faziam todos os sábados. Mas, para a menina Babilônia, aquela visita iniciara algo completamente novo, uma permissão para continuar seus flertes com o coronel, um convite para provar das sabedorias de um homem que satisfazia não só uma mulher, mas três.

No topo da varanda, Ulisses e Lavínia Paiva aguardavam a carroça que levava suas visitas sumir na estrada de barro.

– Menina bonita, a Babilônia.

– Sim, muito.

Lavínia deu meia volta e retornou aos afazeres domésticos ao tempo que o coronel Ulisses desceu as escadas de sua varanda elevada e começou a procurar por Zé Caboclo. Encontrou o açougueiro lavando a roupa suja de sangue.

– O que me contas, Zé.

– O poeta tá apaixonado.

– Isso eu já suspeitava.

– Ele quer fugir de Serendipidade com a moça.

Ulisses Paiva coçou sua barba.

– Ele disse nome?

– Não, só disse que a moça era de família.



A reunião com Ekwueme encheu a alma do delegado de otimismo. Aos poucos, Jeremias mirava um novo escopo, algo que fizesse com que aquela estrela presa ao seu peito brilhasse intensamente, ofuscando a escuridão que ainda pairava em sua mente. A noite caiu logo depois, mas os lampiões e gambiarras que foram colocados para o Dia do Tenório davam a falsa impressão de que o sol não havia se posto. Todos os quiosques, quermesses, vendinhas, estandes e mesas de apresentação estavam devidamente arrumados, esperando o início da celebração de aniversário do maior membro fundador de Serendipidade. A fila em frente à barbearia de Januário Bacelar só perdia em extensão para o aglomerado de senhoras em frente ao salão de Georgina Eugênio. Todos queriam estar em sua melhor forma para a maior festa do ano. Jeremias Callado passou por Odorico Alexandrino Baluarte, que conversava com seu escrivo, Damião Expedito.

– Delegado Callado, que bom o ver. – A roupa do juiz estava perfeitamente

engomada e seu cabelo estava precisamente penteado. – Gostaria de parabenizá-lo por delegar as funções de coordenação da força policial de amanhã para as eficientes mãos do subdelegado Serafim. – Odorico apertou o ombro do delegado com mais intimidade que Jeremias gostaria.

– Só fiz o que qualquer homem prudente faria, deixei o homem com mais experiência no comando.

Jeremias não confiava no tom cortês e polido de Odorico Alexandrino, pois foi aquele mesmo tom sereno que condenou o padre Portugal à força.

– É preciso grande inteligência para deixar outros tomarem as rédeas do comando, delegado Callado. Nem todos conseguem.

– Um cachorro que não divide o osso, caça sozinho.

– Ótimo provérbio, delegado. Meu pai adorará ouvi-lo. Quem te contou?

– Não sei – respondeu incerto.

A frase ficou presa em sua mente, um comichão que não podia ser coçado. Não ouvira o ditado da boca do doutor von Stroheim. Nem da boca de Madalena Fortunado ou do padre Portugal. Não conseguia desenhar um rosto à voz de quem lhe ensinou aquele provérbio, mas a reconhecia. Era um timbre quente como uma fogueira em noite fria, carinhosa e macia como a grama no Canto de Deus. Era a primeira lembrança afável que precingia sua mente. As palavras vieram em um reflexo involuntário, bolhas que estouravam na superfície do mar do esquecimento, provas irrefutáveis de que embaixo daquelas águas escuras ainda vivia o seu passado. Jeremias sorriu com a possibilidade de que suas lembranças eventualmente viessem à tona, revelando tudo aquilo que o tornaria completo de novo. Sabia que naquele dia, quando tudo fosse desvendado, poderia fechar os olhos e dormir sem medo de corujas em chamas ou de gritos de dor e desespero.

Desde o incidente com Estêvão, o delegado achou prudente não aparecer na casa da enfermeira, que havia deixado bem claro que não queria saber de

sua presença. Iria passar em sua residência como delegado, com a única intenção de checar o estado de saúde da viúva. Torcia para que a morte do cunhado não piorasse a situação ente eles, que já se via bastante fragilizada.

Se Jeremias não fosse aquele tipo de homem, talvez não matasse Estêvão Fortunato.

Mas ele era, e ele matou.

Não se pode mastigar pimenta sem esperar um pouco de ardência.

Bateu na porta da casa, receoso pela receptividade que o aguardava do outro lado. Seria recebido com sorrisos ou gritos? Mas a resposta não foi nem uma, nem a outra. Foi recebido com surpresa pela enfermeira, que não esperava aquela visita. O rosto ainda estava inchado e o olho estava preto, mas mesmo assim, continuava formosa e encantadora como sempre. Madalena estendeu a mão para dentro da casa. Os lampiões da sala estavam apagados e a casa submersa em um silêncio completo.

– Te acordei?

– Não – respondeu Madalena, sua voz tão abatida quanto seu semblante.

– Estava no quarto lendo. Isaías já dorme e Rosário está passando a noite na casa de uma amiga.

– Como está a senhora?

– Melhorando – respondeu ao acender um dos lampiões da sala.

– Eu não apareci antes temendo que vosmecê...

– Eu compreendo – interrompeu a enfermeira. – Sou eternamente grata pelo o que o senhor fez. Estêvão ameaçou matar Rosário naquela noite. Se eu soubesse como usar aquela maldita arma, eu mesma teria colocado aquele pedaço de carne estragada no chão.

Uma mistura de aversão e extenuação corria por entre suas sílabas. A enfermeira estava perdida em sua própria tormenta, vagando solitariamente em sua própria amantessidão de dor. Sua pele havia perdido a coloração que separa

aquilo que é vivo daquilo que é morto e a mulher putrificava ao tempo que sangue quente ainda percorria por suas veias – um tipo diferente de óbito.

Um perecimento vivo.

– A senhora deveria procurar o doutor.

– Nada de *senhoras*, por favor.

– Vosmecê deveria procurar o doutor.

– Eu não preciso do anacoreta me medicando.

– Vosmecê precisa da ajuda de alguém. A senhora... Vosmecê está obviamente abalada com tudo que aconteceu.

– Eu não preciso de ninguém. Eu contava com a ajuda de Maria Evanilda, mas ela morreu. Eu contava com a ajuda de Caetano, e ele morreu. Isaías contava com a ajuda do padre, mas ele também morreu. Começamos a nos apegar a alguém e nos apoiar em seus ombros, mas todos partem antes da hora nessa terra esquecida por Deus. Alguém que se permite amar outra pessoa é um indivíduo eternamente manco.

Sem perceber, Jeremias abraçou Madalena. Apertou o rosto da mulher contra seu peito. Ela lamentava as penumbras fúnebres de seu passado, ele temia os fantasmas ocultos em sua escuridão – ambos perdidamente solitários em seus pesares. Madalena apertou o delegado de volta, em um abraço de desespero e solidão. As mãos de Callado subiram por sua coluna e descansaram suavemente em seu pescoço. Seus dedos ásperos roçavam levemente a penugem que antecedia seus cachos ruivos e Madalena podia sentir o coração do delegado, que, com o passar dos segundos, batia com mais força. O abraço, que começou com uma singela forma de consolação, se tornou em uma troca de afagos querenciosos. Jeremias se viu completamente lúcido ao fato de que ele era um homem e ela era uma mulher. E assim, as alcunhas, profissões, e dores passadas se dissiparam no amplexo, e tudo que restava era sangue e carne e osso. Não sabia dizer se o beijo foi uma iniciativa sua ou dela, mas pouco importava, beijou-a como se fosse sua,

e ele, dela. A mulher empurrou o homem quarto adentro, consumida pela paixão e volúpia que apaziguariam sua solidão. O homem retirou seu colete preto, o peso do distintivo fez com que o pedaço de roupa despencasse de seus braços. A mulher desabotoou o vestido com agilidade e destreza, e com alguns giros de punho a peça deslizou até o chão. Ele usou os pés para retirar as botas sujas de terra enquanto retirava a camisa, revelando seu corpo deformado por cicatrizes.

As esporas tilintaram azafamadamente.

A mulher puxou o cordão de seu espartilho, afrouxando-o, mas a indumentária era formada por várias ligas e casas, dando mais trabalho que o vestido. O homem desfivelou o cinto e retirou-o completamente em um único repelão. A mulher abriu o espartilho, revelando seus seios virgens ao sol e mamilos roseados. O homem parou de se despir e beijou o corpo nu enquanto retirava sua roupa íntima. A mulher passou seu dedo por cima da cicatriz de bala que ele tinha logo abaixo do ombro esquerdo e lambeu a velha ferida. O homem levantou-a com facilidade, jogou-a na cama, abriu as pernas da mulher e se aventurou. Os olhos em chamas reviraram em deleite. Ele não se lembrava de quando deitou pela última vez com uma mulher; ela recordava precisamente a última vez que dividiu o corpo com seu falecido marido. Mas todo prazer carnal tem gosto primigênio, pois as carnes de outrora não são as mesmas das de agora – eram carnes mais robustas, duras com o calejar dos anos. Eram peles impermeáveis à paixão, mas eram almas solidárias à perda e dor. Penetrou-a com força, contudo, olhando-a nos olhos. A troca ofuscava os dias e as lembranças entregues à escuridão. Os beijos e afagos eram fogosos, e as peles alvas aos poucos iam se tornando rubras. O breu que atordoava o homem dissipava nos olhos de âmbar da mulher; olhos bondosos, cheios de ternura e calor. A mulher encontrava no homem um relento para seus temores, apaziguando seus fantasmas com a compaixão de um estranho.

Os olhos de jabuticaba se fecharam.

E o homem se entregou ao branco.

Madalena estava deitada nos braços de Jeremias Callado. Ele coçava os ombros nus da enfermeira, ela brincava com o lóbulo da orelha do delegado.

– Vosmecê tem uma cicatriz de tiro logo abaixo do ombro esquerdo – disse a viúva. – Mais alguns centímetros para baixo e vosmecê teria morrido.

Jeremias suspirou.

As cicatrizes que carregava em seu corpo eram tão estranhas quanto o povo daquele pequeno vilarejo.

– Isaías não é meu filho de sangue – disse abruptamente a mulher.

– Como assim?

Jeremias levantou o torso e se apoiou nos cotovelos. Madalena foi tomada por uma necessidade de compartilhar mais do que somente a carne e o leito com aquele homem. O rosto da mulher continuava sereno, um semblante destoante, à reação esperada para aquelas palavras tão surpreendentes.

– Maria Evanilda, minha irmã, voltou grávida de uma viagem que fez à capital. Um desses advogados espertos prometeu casamento e amor eterno, mais uma daquelas mentiras que homens contam para levar mulheres à cama. Quando ela descobriu que ele era só mais um mentiroso casado, ela voltou para Serendipidade com um pequeno no bucho. No começo, a gravidez passou despercebida, só eu e o doutor Rubé sabíamos do pequeno bastardo que crescia em seu ventre. Maria, que sempre foi uma menina espirituosa, passou a viver em clausura. Não saía, não comia, e passou a ser uma sombra de tudo aquilo que um dia foi. Me lembro como se fosse hoje. Era uma quinta-feira e eu preparava sopa de cenoura com toicinho quando Maria começou a entrar em trabalho de parto. Corri como uma desembestada atrás do doutor. Encontrei ele dormindo no quintal de sua casa. Dava pra sentir o bafo de cachaça com léguas de distância, mas o que eu poderia fazer? Ele era o único médico de Serendipidade. Quando chegamos em casa percebemos que o bebê estava virado – sua voz falhou. – Eu me desesperei. Sabia que aquilo era uma sentença de morte... mas o anacoreta

me prometeu que já havia realizado um procedimento cirúrgico em que salvara mãe e filha. Ele pediu minha autorização para abrir Maria com um bisturi. Eu autorizei. Fiquei ali enquanto ele cortava minha irmã como se fosse um maldito açougueiro. Quando ele puxou Isaías de dentro dela, eu vi em seus olhos bêbados que ele não conseguiria salvar ela. Eu vi enquanto ele tentava corrigir seus erros, suturando algo que estava quebrado além do conserto.

Jeremias passou seu tempo em Serendipidade matutando sobre suas lembranças perdidas, sem nunca conceber que havia tanta história por trás das vidas dos outros que o cercavam.

Tantos dias.

Tantos fardos.

Tantas mortes.

– Não importa quantas almas aquele velho salve, nenhuma delas vale mais que a vida de minha irmã.

livro III preto

XXV

reis, bufões e o admirável gado novo

Não havia nada que Venâncio Galdino apreciasse mais que o som de sua própria voz ao discursar para uma plateia numerosa. Talvez por isso, estimasse com tanto afeto o Dia do Tenório. Os feitos heroicos do coronel de bandeiras tinham pouco mérito nesse quesito, e sim o fato que alguns minutos da festança eram dedicados a um discurso do pacificador atual.

Venâncio acordou ao lado de sua esposa Gertrude, que roncava embaixo do edredom de lã grosso.

– O mundo é construído por aqueles que não se contentam com o simples saciar de seus apetites – repetiu Venâncio ao se levantar.

Gertrude era uma mulher feia, corpulenta e de personalidade forte, porém, herdara do pai um bom patrimônio. O pacificador sabia que não era nenhum Don Juan, estava fora de forma, sem dúvidas, mas gostava de acreditar que poderia fazer melhor que sua esposa. Venâncio desceu as escadas de sua casa e encontrou Adelina, a mucama de sua esposa, preparando o café da manhã.

– Bom dia, Adelina.

– Bom dia, senhor Galdino – respondeu a escrava.

O pacificador sentou-se à mesa, retirou um pedaço de papel dobrado de seu colete e pôs-se a aprimorar seu discurso. Estava prestes a lançar oficialmente seu nome a reeleição e não se sentia inteiramente confiante nas palavras que havia escrito na noite anterior. Três anos atrás – quase quatro –, Venâncio Galdino estava no meio da Praça Central, tendo sua mão levantada pelo braço esquálido de Leôncio Baluarte, ouvindo o povo gritar seu nome em comemoração.
Os dias áureos.

– Vosmecê gostaria de um pedaço de torta de Vânia Goulart, Adelina?

– O senhor não precisa – respondeu encabulada.

- Deixe de mesura, mulher. Não me custará um tostão. Trarei um pedaço.
- O senhor é muito gentil.
- Sou muitas coisas, Adelina, mas gentil não é uma delas.
- Eu votaria no senhor se eu pudesse.

Venâncio olhou para aquela patética figura sorridente. Era uma bela mulher, com traços suaves e de pele tão escura que resplandecia feito uma pedra de ônix. Ponderou sobre a ironia daquelas palavras e pensou em dizer algo maldoso, mas conteve-se. Fosse sua mulher, ou qualquer outra pessoa, desferiria algum comentário sarcástico, mas não à Adelina – havia algo terrivelmente errado em ser perverso com uma pessoa tão desprovida de ameaça ou perigo. *Creio que a piedade seja o poder dos inocentes*, pensou Venâncio ao provar o café da manhã que a mucama o serviu.

Januário Bacelar apareceu pontualmente às seis horas da manhã. Trazia em mãos sua maleta, repleta de navalhas, tesouras, cremes, tônicos e bálsamos de barbear.

- Meu bom senhor Bacelar, pontual como um britânico – disse Venâncio enquanto Adelina fechava a porta atrás do barbeiro.

O pacificador apontou para a varanda, aonde uma cadeira reclinável aguardava por eles. O assento de madeira rangeu com o peso de Venâncio, e os colchões de algodão bufaram ar com o peso de suas nádegas.

- Conte-me as novidades, Januário.
- Eita, senhor pacificador, a vila inteira está fervendo com novidades – Januário sorriu com seus dentes podres.
- Desembucha, meu bom homem.
- Deixe-me ver. Alguns clientes estão apostando em que dia Libertino Valente vai se vingar de Celestino Floriano pelo tiro que levou.
- Mentira.
- E não é? Estão marcando os dias no calendário e tudo.

Venâncio riu com o absurdo por trás daquela notícia.

– O que mais?

– As pessoas estão empolgadas em ver se Faustino Baluarte e Pérola Maranhão irão aparecer juntos para o Dia do Tenório.

– Elas estão felizes com a notícia do casório?

– Ô, se tão!

– As pessoas não comentam sobre a morte de Estêvão Fortunato? – perguntou Venâncio.

– Sim, elas comentam. Eu pessoalmente não quero saber da enfermeira, depois que ela defendeu o padre pederasta e tudo, mas ela não merecia o que Estêvão aprontou naquela noite – disse Januário ao espalhar espuma pelas bochechas fartas do pacificador. – Que bom que o delegado estava lá. Cães como Gregório Portugal e Estêvão Fortunato devem ser sacrificados.

– Jeremias Callado está me dando mais dor de cabeça que Gertrude, Januário.

A imagem de Gregório Portugal enforcado com sua batina ainda lhe causava indignação. Pensou em demitir o delegado, mas, mesmo com todas suas insubordinações, o homem havia caído nas graças dos coronéis, principalmente Leôncio Baluarte.

– O povo também comenta sobre sua candidatura e a candidatura do padeiro Azambuja. Dizem que o senhor vai vencer com facilidade essas eleições. Todos irão votar no senhor.

Galdino sorriu.

O barbeiro era o tipo de eleitor que ele procurava, aquele que não só o admirava, mas lhe era subserviente: um bufão dançando para sua majestade. De barba aparada, Venâncio encontrou Gertrude tomando café na cozinha enquanto Adelina preparava algum tipo de massa em uma vasilha de madeira. Beijou a esposa no topo da cabeça, recebeu um grunhido como resposta e saiu a caminho da Praça Central, que já estava pronta para receber os foliões.

O pacificador passava pelos cidadãos que alegremente acenavam em sua direção. Com um sorriso plástico no rosto, Venâncio Galdino acenava de volta. Encontrou Damião Expedito conversando com a senhora Siqueira na entrada da rua Ferdinando. Ela balançava seu leque com veemência, afanando seu rosto ve-tusto com desespero. Adamastor, o abestado da cidade, contava contas de seu terço enquanto acenava positivamente às reclamações de sua tia. Pela expressão de indignação no rosto da senhora Siqueira, somente maledicências deviam estar saindo de sua boca. Venâncio desacelerou os passos, esperou a mexeriqueira se afastar, para só então retornar sua caminhada – não tinha paciência para as intrigas da velha.

– Bom dia, Damião.

– Bom dia, senhor pacificador.

Damião era escrivão do juiz Odorico Alexandrino, um homem extremamente competente e dedicado. Por vezes, Venâncio lhe ofereceu um emprego em seu escritório, mas Expedito sempre o negou.

– Tudo bem? – perguntou o velho raposo, estranhando a distração do homem.

– Tudo.

A réplica monossilábica de Damião e seus olhos, que miravam o chão, incomodavam profundamente Venâncio, que detestava ficar por fora das coisas.

– O que é que a dona Siqueira queria?

– Ela estava alterada com o fato de que o delegado Callado promoveu Ekwueme a alferes da delegacia.

– Ele o quê?

Aquela era a gota. Jeremias havia ultrapassado todos os limites. Suas atitudes revolucionárias e inconsequentes pareciam ter o único intuito de denegrir a imagem pública e autoritária do pacificador. Mas o delegado havia escolhido um péssimo dia para iniciar suas brincadeiras de poder.

O meão de Serendipidade parecia um verdadeiro formigueiro, tudo graças ao aniversário do principal pai fundador da vila. Mães, pais e crianças se divertiam

com os mais variados tipos de estandes e quermesses. Jovens brincavam de mor-der maçãs em tinas de água e jogavam argolas em pinos de madeira. Os mais aventureiros tentavam sua sorte no tiro ao alvo, mirando em bonecos de Severino Um-Tiro, ou no boliche ao céu aberto. No correio do amor, casais trocavam correspondências enquanto os mais tímidos enviavam declarações amorosas em bilhetes anônimos. No centro do alvoroço, pés dançavam ao som ritmado de alguma banda local. Venâncio Galdino, no entanto, ignorava toda aquela celebração festiva – procurava por Jeremias Callado. Passou pelo subdelegado Serafim, que montava seu cavalo com sua Rouba-Primaveras a tiracolo.

– Serafim, onde está Callado? – berrou sem paciência.

– A última vez que vi o patrão, ele estava conversando com o capitão Odorico Alexandrino em frente ao seu escritório, senhor pacificador – respondeu Aloísio, que precisava gritar, tamanho era o tumulto.

Venâncio passou pelo quiosque do Bar do Nico e assombrou-se com o tamanho da fila, que já dobrava a entrada da rua Belchior. O pacificador atravessou a praça quando finalmente encontrou Jeremias e Odorico Alexandrino conversando. O delegado apontava algo em um caderno preto ao tempo que o juiz coçava seu queixo contemplativamente.

– Callado, vosmecê perdeu o pouco juízo que lhe restava? – bufou o pacificador, que havia andando mais depressa do que estava acostumado.

– Bom dia, senhor pacificador.

– Não me venha com gracinhas, garoto. Eu lhe ofereci esse emprego para manter a lei e a ordem, não para tornar a delegacia em seu próprio parque de diversões – tentava esconder a sua óbvia falta de ar.

– Se o senhor está se referindo à contratação de Ekwueme, – disse Jeremias, colocando sua mão no ombro do negro livre – lhe garanto que é exatamente isso que estou fazendo: preservando a lei e a ordem.

Jeremias olhou para Odorico Alexandrino que segurava o caderno preto em suas mãos.

– Receio dizer que o delegado está certo, senhor pacificador. Não há nada que torne ilegal a contratação do jovem Ekwueme, que, é de fato, um homem livre – disse o primogênito do velho Gravata Vermelha.

– Pode não ser ilegal, mas é inapropriado, inconsequente e, sem falar perigoso. Vosmecês já pararam para pensar na reação que a contratação de um negro pode desencadear?

Venâncio temia as consequências que aquele ato podia ter nas eleições iminentes. *Um pacificador que não consegue pôr coleiras em seus funcionários não inspira confiança.*

– Eu não me preocuparia com isso, senhor pacificador – disse Odorico Alexandrino. – O povo está preocupado demais em se divertir para gastar suas energias na contratação do jovem Ekwueme. Além do mais, o delegado foi muito eloquente ao ressaltar que esse jovem aqui é um homem livre.

Venâncio Galdino viu que nada podia ser feito naquele momento. O estrago estava feito – *por enquanto*. Por algum motivo que fugia de sua compreensão, o delegado também havia caído nas graças do único juiz da vila, um homem poderoso e que herdaria do pai a maior fazenda local. Teria que cuidar do futuro de Jeremias Callado em Serendipidade depois das eleições, quando seu futuro estivesse solidificado. Iria lembrá-lo que bufões dançam para o divertimento da majestade, não o contrário.

Venâncio suspirou.

Era o Dia do Tenório e ele precisava se concentrar em suas obrigações para permanecer na cadeira de pacificador. Deixou o delegado, o juiz e o negro livre para trás e partiu para seus deveres para com a população. Parou na quitanda de competições de tortas caseiras, com seus cheiros inebriantes e que enchiam de saliva as bocas dos cidadãos transeuntes. Tortas de goiaba, batata doce, limão e de várias outras iguarias apetitosas eram servidas em fatias generosas e molhadas. Venâncio vestiu seu velho sorriso e provou um pedaço de cada torta,

enchendo de elogios os dotes culinários das cozinheiras. Como de praxe, Vânia Goulart surpreendeu a todos com suas inovações gastronômicas; este ano com uma torta de batata doce com nozes e coberta por uma calda de chocolate amargo que derretia na boca. Os rumores que a simples torta de limão da senhora Betinha Damasceno iria triunfar sobre a explosão divina da senhora Goulart eram simplesmente absurdos. De bucho cheio, o pacificador passou a brincar com as crianças na banca de tiro ao alvo. Mirava propositalmente nos bonecos dos adversários, ao tempo que fingia um riso chistoso com suas traquinagens. *Um rei sem súditos é só um tolo com um acessório d'ouro na cabeça.* Parou em frente ao palco montado na parte norte da Praça Central, onde, em algumas horas, estaria anunciando oficialmente sua candidatura à reeleição. Perdeu-se em devaneios quando esbarrou-se em Esteban Emanuel Santiago, o pior tipo de bufão com o qual tinha que lidar: *o bufão que se acha majestade.* Mas quisera Deus que o controle do proletariado municipal descansasse nas mãos sebosas do capitão Santiago, tornando seu apoio de suma importância para seus planos eleitorais.

– Esteban, feliz Dia do Tenório.

– Guarde suas demagogias para alguém que as dê valor, Galdino.

Esteban segurava as mãos gordas de seu filho, um pivete feio tal como o pai.

– Ora, Esteban, formalidade são essenciais para o bom funcionamento do comportamento social.

Por mais que Venâncio odiasse ter que lidar com a estirpe de Esteban Santiago, o homem pelo menos era previsível, ao contrário do delegado Callado.

– Sei.

– Nosso acordo ainda está de pé, não é? – perguntou Venâncio, estranhando a carga extra de desdém que o capitão emanava.

– Não sei, Galdino. Murmúrios chegaram aos meus ouvidos dizendo que vosmecê não irá vencer essa próxima eleição.

– Quem lhe disse isso? – perguntou indignado.

– Alguém bem informado.

– Bem, essa pessoa bem informada parece não conhecer muito da política de Serendipidade. Achar que o padeiro pode me derrotar quando eu tenho o apoio do Bar do Nico e do coronel Leôncio Baluarte é simplesmente ridículo. Eu gostaria de seu apoio Santiago, mas posso vencer sem ele. Lembre-se que posso esmagar seu Esplendor e seus sonhos de bordel em um piscar de olhos.

– E lembre-se que eu não blefo, Venâncio – disse Esteban se afastando do pacificador.

Galdino não deixaria aquele disparate passar impune. *Não há maior forma de traição do que desonrar um acordo selado.* Nem mesmo um pedaço suculento da torta vencedora de Vânia Goulart tiraria o gosto amargo que Esteban Santiago deixara em sua boca. *É isso que vosmecê recebe por confiar nessa laia.*



O som das botas ao pisar no chão de cascalho reverberava por entre os juazeiros, flamboyants, catingueiras e favelas. Uma abundância cinza cercava Celestino Floriano. Perdidas em seu daltonismo, no universo que residia entre o azul e o amarelo, estavam belezas que somente seu coração poeta poderia apreciar.

A ironia do destino.

Celestino seguia o coronel Ulisses, que estranhamente decidira caçar pacas ao invés de participar das celebrações do Dia do Tenório. O poeta estava acostumado às extravagâncias daquele homem excêntrico, *o homem tem três mulheres, pelo amor de Deus.* E ele, coitado, não tinha nenhuma, pois a única beleza que dava cor à sua vida era prisioneira de seu próprio destino. Mas Floriano havia decidido pôr um fim àquela narrativa infeliz. *O destino é um jumento desembestado, e se vosmecê não segurar as rédeas, vai acabar seguindo os passos de um burro.*

O poeta já havia comprado uma carroça de segunda mão grande o suficiente para levar Piedade e suas irmãs, assim como pego adiantado seu salário na mão do coronel e vendido seus pertences sem utilidade. Aproveitaria o fato de que todos estariam na Praça Central, distraídos com as celebrações do Dia do Tenório, para fugir com sua amada. Se Isidoro Maranhão, ou seu capitão, Lourenço Malvino, ou qualquer um, decidisse se intrometer em seu plano, Celestino estava preparado a pôr um fim neles – o homem que preservava a vida, a beleza do mundo e as rimas felizes morreu naquela tocaia, no Canto de Deus.

Hoje era seu último dia de clausura em Serendipidade.

– Me contaram que vosmecê comprou uma carroça, Celestino – disse o coronel Ulisses Paiva.

– E foi, foi? – perguntou surpreso.

– Foi.

– É um investimento, coronel.

– Por isso que vosmecê pediu o adiantamento?

– Foi sim, coronel.

– Sei.

Caminhavam a uma hora pela caatinga, que vivia verde graças aos lençóis freáticos do Riacho Serendipidade. Estavam se aproximando das extremidades que delimitavam a área do vilarejo, local onde a terra vermelha e seca invadia o solo verde e molhado. Naquele lugar entre deserto e oásis, o coronel Ulisses parou e ficou a admirar um buraco que havia sido cavado ao lado de um enorme flamboyant de flores amarelas. Celestino parou ao lado do patrão e ficou a admirar aquela cena tão inusitada.

– Alguém andou cavando aqui – disse Ulisses, apontando para uma pá que havia sido fincada ao chão de cascalho duro.

– Estranho.

O coronel deu dois passos para trás e engatilhou sua espingarda. Celestino

virou-se e sentiu o coice da raiva rasgar seu peito. O disparo fez com que garças, que descansavam na velha árvore, levantassem em revoada. O poeta tombou dentro daquela cova planejada, sentindo o sangue entrar em seus pulmões. Pétalas cinzas caíram da árvore, uma última chuva de poesia antes do fim. O vermelho, cor que nunca falhou às vistas, manchavam sua mão e sua camisa ao passo que o poeta afogava-se em si.

– Me diga com qual das mulheres vosmecê planejava fugir? – gritou Ulisses.

– Piedade...

– Vosmecê não merece piedade – respondeu Ulisses, que jogava terra em cima do poeta ensanguentado. – Eu confiava em tu, homem.

– Piedade...

Suspirou.

Morreu.

E viu todas as cores.



O sol iria se pôr em algumas horas e Madalena Fortunato dividia uma maçã caramelada com Rosário, rindo com a meleira que faziam em seus lábios enquanto mordiam a iguaria. O olho da enfermeira ainda ostentava as marcas da paixão de seu cunhado, mas o brilho, que primeiro encantou Jeremias Callado, havia retornado ao seu rosto. Isaías decidiu não participar do Dia do Tenório – como não via motivos para comemorar, ficou em casa, apreciando a solidude e as páginas do livro sagrado. Rosário, por outro lado, corria de um lado para o outro, sorrindo com uma candura tão pura, que, sozinha, iluminaria a Praça Central. Jeremias testemunhava os gracejos entre mãe e filha, ponderando se sua esposa era tão atenciosa com suas filhas quanto a enfermeira Fortunato era com Rosário.

- Atirem em Severino Um-Tiro, acertem o criminoso e ganhem prêmios!
- gritou Gilberto Valadares em sua barraca de tiro ao alvo.

Enfileirados em uma estante a cinco metros de distância, vários bonecos com rostos cobertos por lenços e pequenos chapéus de tecido. A brincadeira era acertar o número máximo de Severinos com o menor número de tiros de chumbinho. Jeremias se aproximou da bancada, pegou a arma não letal e mirou. Uma enxurrada de lembranças caiu sobre o homem. Os corpos abandonados no deserto vermelho, executados sem piedade e sem chance de defesa; as chamas que queimavam em seus sonhos; o corpo do padre Portugal pendurado pelo pescoço; Estêvão Fortunato de calças arriadas – o delegado deixou-se levar por tudo.

Engatilhou.

Clique.

Aos ouvidos do delegado, a arma de brinquedo emitia onomatopeias verdadeiras, e de repente estava no deserto vermelho, arroteado por facínoras de rostos cobertos e armas carregadas.

Atirou.

Atirou.

Atirou.

- Delegado, essa é uma brincadeira para crianças – protestou Gilberto Valadares.

- Desculpe – disse ao se afastar.

Jeremias caminhou até o meio da Praça Central, procurando por algum encrenqueiro ou beberrão que atrapalhasse as festividades. O coronel Leôncio, vestido todo de branco e com sua gravata vermelha, parou ao lado do delegado e juntou-se àquela contemplação introspectiva.

- Olhe só para esse povo, delegado. Festejam o aniversário de um homem que morreu décadas atrás enquanto o homem que morreu há alguns dias já cai no esquecimento.

- Eu não esqueci do padre Portugal, nem daqueles que colocaram uma corda em seu pescoço.

- Eu gosto da sua postura, Callado, dá algo para o povo prestar atenção. Timóteo era fraco, e homens fracos são tediosíssimos. Serendipidade viveu bons anos sob a sombra dos cinco coronéis, mas se há um exercício fútil nesse mundo, posso lhe garantir que é este: tentar lutar contra as ondas do tempo. A era do poder da mão está acabando, só os imbecis não percebem isso. Estamos entrando na era do poder da tinta, e quem segurar a caneta nessa terra será rei, delegado Callado.

Os olhos do coronel Leôncio miravam o povo, mas não era o povo que ele via. Contemplava com orgulho o fruto de seu labor e ambição, os pilares que sustentariam seu maior projeto.

O admirável gado novo.

O velho magnata puxou o delegado pelo ombro e andou em direção ao palanque montado nos alicerces da força que tirou a vida de Gregório Portugal.

- Nossa nação irá sofrer uma grande mudança em um futuro próximo, Callado. Já dá pra sentir o cheiro disso no ar há muito tempo, e aqueles que antevêm as vagas são aqueles que sobrevivem ao maremoto. Eu não me importo que vosmecê não confie em mim, não me importo se vosmecê gosta de mim. Continue fazendo um bom serviço e teremos um bom futuro.

Jeremias assombrava-se com o enigma que era o Gravata Vermelha. Homem que matou o padre Portugal sem dó ou piedade, mas que compreendia e defendia o delegado como ninguém.

- Achas que um negro na delegacia me incomoda? Não. Desde que as engrenagens sempre estejam funcionando, eu e vosmecê não teremos problemas.

A última vez que as botas do delegado subiram aquela escada, ele conduzia o padre à sua execução. Agora a subia na companhia do velho Baluarte, homem responsável pela corda. Por mais que Jeremias tentasse dar um passo em direção ao seu ideal de justiça, Serendipidade o obrigava a dar dois passos para trás.

– O mundo irá mudar, Callado, e eu gostaria muitíssimo de contar com o seu apoio.

Em cima do palanque, Venâncio Galdino, Odorico Alexandrino, o coronel Isidoro Maranhão e o capitão Lourenço Malvino aguardavam pela chegada dos dois.

O pacificador sentiu seu coração disparar com a proximidade de seu discurso. Olharia para todos aqueles bufões dois metros abaixo dele e proclamaria sua recandidatura a pacificador do Punho. Seria recebido com gritos, aplausos e sorrisos. Estaria feliz.

Leôncio se aproximou da balastrada.

O silêncio se fez.

O Gravata Vermelha iria falar.

– Tenório Baluarte foi um grande homem, e ele morreu construindo uma grande vila.

O alvoroço se alastrou pelas bocas e punhos dos cidadãos, levando Venâncio a sorrir. Toda aquela comoção era bem-vinda.

– Nosso vilarejo – continuou o coronel – sofreu muito nesses últimos anos. Ainda não nos recuperamos por completo da grande seca e da Guerra das Botinas. Ainda sentimos falta daqueles que morreram em combate, seja nas camas vazias em seus quartos ou pelo silêncio que se arrasta por nossas casas. Mas eu acredito no grandiosíssimo poder de Serendipidade. Tomem meu filho como exemplo – Leôncio apontou para Odorico Alexandrino, seu primogênito, orgulho do brasão. – Ele foi seu juiz por anos, e nesses anos defendeu honrosamente a lei em Serendipidade ao lado do falecido delegado Timóteo Delfino.

Ao ouvir o nome do delegado, os aplausos se intensificaram. Jeremias constantemente se surpreendia com a veemência da paixão que aquele povoado tinha com seus velhos ídolos. Dois metros abaixo, Madalena Fortunato deixou um sorriso irônico transparecer – conhecia Timóteo Delfino melhor que todos, e sabia o desprezo que o velho guardava em relação aos Baluarte.

– Como juiz, Odorico enforcou o padre Portugal por seus pecados e crimes, e, acima de tudo, ajudou nossa vila a prosperar em épocas difíceis. Odorico, fale com o povo.

A multidão berrava em comemoração. O juiz, garrido e simpático, se aproximou do pai e acenou para aquele aglomerado de sorrisos e mãos levantadas.

– Olá, povo de Serendipidade. Eu vim aqui hoje falar sobre esse homem aqui – Odorico apontou para o capitão Lourenço Malvino. – Muitos conhecem Lourenço Malvino apenas como o capitão do coronel Isidoro Maranhão, mas ele é muito mais que isso. Vosmecês sabiam que ninguém, eu repito, ninguém, em toda Serendipidade, matou mais homens de Agenor Conceição durante a Guerra das Botinas do que este homem aqui? – a multidão aplaudiu os feitos de Malvino. – Ele é também, ao lado de Libertino Valente, o homem mais leal que eu conheço. Vosmecês sabem que a filha do coronel Maranhão está prometida ao meu irmão mais novo, não é? – uma vibração eufórica tomou conta das almas presentes, que berravam e gritavam, entorpecidos de alegria. – E eu sei que tanto Faustino quanto Pérola Maranhão gostariam de ver Lourenço Malvino, esse grande homem, protegendo o futuro que eles um dia terão. É por isso que é o meu prazer anunciar que a família Baluarte e a família Maranhão, assim como o Bar do Nico e o delegado Jeremias Callado, apoiam a candidatura de Lourenço Malvino a pacificador de Serendipidade!

Em dias de reis, os bobos dançam.

E Serendipidade bailou ao ritmo imposto por sua majestade. Gritavam e aplaudiam fervorosamente. O discurso de Venâncio Galdino escorreu por entre seus dedos enquanto seus sonhos partiam em revoada, serenadas ao som de risos e ovações. Seu coração traído batia em uníssono com o aplauso da multidão – rápida e intensamente. Deixou o palanque pelas escadas do fundo, só mais um bufão dançando para o contentamento do rei.

Porfírio Baltazar fitou abismado com a nomeação do capitão Malvino. Associar o casamento dos jovens à candidatura de Lourenço foi uma obra-prima da engenharia política. Agora, mais do que nunca, Porfírio teria que escolher a dedo o homem que apoiaria nas eleições caso quisesse tirar o poder das mãos dos Baluarte e dos Maranhão.

XXVI

Severino Um-Tiro vem aí

Aloísio Serafim mal conseguia ouvir seus próprios pensamentos sob o alvoroço que tomou conta da Praça Central após o discurso de candidatura de Lourenço Malvino, que culminou com a promessa de Odorico Alexandrino em oficializar a condição de cidade a Serendipidade. Montado em seu cavalo, com sua Rouba-Primaveras a colo, o subdelegado Serafim tentava supervisionar a multidão que dançava, corria, brincava e comia pela Praça Central. No centro das atenções, Faustino Baluarte e Pérola Maranhão, que sentavam um ao lado do outro, desconfortavelmente observando a multidão que os cumprimentavam feito realeza. A menina Maranhão era um belo fantasma pálido, dona de cabelos loiros, feições frágeis e mirradas e não conseguia parar de sorrir. O casal prometido então dançou aos embalos mais serenos dos Capivaras Banguelas ao tempo que a população se derretia pela história de amor dos dois. Faustino fez de tudo para convencer todos de que aquele espetáculo não o incomodava, mas o afeto instantâneo da menina por ele claramente o irritava. Como Isidoro Maranhão não gostava de passar longas horas longe de casa, os pombinhos foram separados, e o movimento começou a minguar. No palanque, o Bando Bardo tocava uma seresta animada para os foliões perseverantes.

As festividades haviam passado sem grandes alardes. Aloísio teve que escoltar um embriagado João Farias de volta à sua casa, separar uma briga entre Radamés Valadares e Zé Caboclo, e conduzir o ferreiro Fernão Suassuna, que se machucou enquanto demonstrava suas habilidades em uma apresentação, até a casa do doutor Hubert. O gaúcho estranhou a ausência ébria do velho von Stroheim durante as celebrações; seus tropeços e discursos desconexos eram uma das grandes tradições do Dia do Tenório. O subdelegado assustou-se com a figura pálida do doutor quando este abriu a porta para atender o ferreiro Suassuna.

O corpo mirrado revelava ossos pontudos, os olhos estavam envoltos em olheiras vermelhas e sua pele estava branca como magnólias dos pampas.

Vladmir Valadares, filho do capitão Radamés Valadares, esticou-se para cutucar as pernas do subdelegado, trazendo-o de volta ao presente.

– Senhor Serafim, – disse o garoto – Ekwueme pediu para que eu avisasse o senhor que o senhor deveria ir para o Bar do Nico com urgência.

Aloísio conhecia a grande amizade entre Ekwueme e o capitão Valadares, e sabia que ele só mandaria o garoto se algo terrível tivesse acontecido.

– Vladimir, faça-me o favor, passe a mensagem ao delegado Callado.

– Dois tostões – disse o menino estendendo o braço.

– Ekwueme te pagou dois tostões?

– Ekwueme é melhor amigo do pai, o senhor não.

Aloísio pagou o garoto e partiu em direção ao Bar do Nico. Ekwueme era um bom garoto, esperto, educado, mas não tinha negócio algum servindo como alferes, principalmente em um dia movimentado como o Dia do Tenório. Tornar o negro em oficial da lei era um convite para algum desmiolado enforcá-lo na calada da noite; algo que o velho Timóteo Delfino jamais deixaria acontecer caso estivesse vivo. Assim como Vladimir havia dito, o subdelegado encontrou Ekwueme em frente da mais famosa taberna de Serendipidade.

– O que se passa?

– Forasteiros no Bar do Nico – respondeu Ekwueme.

– Forasteiros?

Serendipidade era um pequeno vilarejo perdido no meio de um vasto e impiedoso deserto – visitantes eram uma raridade.

– Será que vieram para o Dia do Tenório? – questionou Aloísio, estranhando a popularidade da festividade além dos arames farpados da vila.

– Acredito que não. Estão bebendo e causando discórdia lá dentro – respondeu o negro.

Aloísio destravou a segurança de sua Rouba-Primaveras e entrou no estabelecimento, Ekwueme logo atrás. Era a primeira vez que o negro livre adentrava a casa de bebidas, agora que tinha uma estrela no peito, ninguém ousaria proibir sua entrada. O bar estava cheio, mas todo o barulho e alvoroço vinha de um canto só. No fundo da taberna, estranhos bebiam e gritavam algo que era impossível de se compreender. Ekwueme se direcionou para o flanco esquerdo do bar, se afastando de Aloísio e criando uma linha opcional de cobertura. O gaúcho se impressionou com iniciativa do negro livre, que mostrava astúcia em seus movimentos.

Serafim contou seis homens sentados e três homens em pé, todos bebendo cerveja de milho. Nico apontou para o banheiro com um movimento de cabeça, indicando que havia pelo menos mais um homem no local. Ekwueme se encostou em uma grossa pilastra de madeira, cruzando os braços e assim ocultando seu distintivo de alferes. *É um rapaz sagaz*, pensou Aloísio, que vagarosamente se aproximava do bando fragoroso.

– Bom dia, cavalheiros. Espero que estejam gostando de sua visita a nossa bela Serendipidade.

O subdelegado Serafim colocava em ação a primeira regra de Timóteo Delfino: *palavras educadas antes de balas trocadas*. Mas sua mão apertava o cano de sua Rouba-Primaveras com força, temendo que palavras educadas não fossem o bastante naquele dia.

– Não muito. A cerveja tem gosto de mijo de rato e o ar fede a maricas – respondeu um dos homens. Sua barba ruiva e hirsuta, seus braços fortes e sua largura quase duas vezes maior que a de um homem comum.

– Fico triste em ouvir isso. Tenho certeza que meu caro Nico ali pode te servir uma dose de seu melhor conhaque. Eu pessoalmente nunca provei melhor – Serafim conteve sua aversão ao insulto. Não queria um tiroteio contra dez homens armados.

– Vejo que as putas daqui pariram homens sem colhões – respondeu o gigante ruivo. – Volte para sua delegacia e me traga seu delegado, porquinho.

Os homens começaram a grunhir feito suínos.

– Eu já estou aqui.

Jeremias passou pela porta do bar. Vestia seus tradicionais chapéu e colete pretos. As esporas de suas botas tilintaram pela taberna, que se esvaziou com a promessa de sangue derramado. Graciliano Boaventura seguia o delegado Callado, ao tempo que, pelas portas dos funcionários, entrou Cândido Cordeiro. Ao escutar da boca do filho que seu amigo Ekwueme talvez estivesse em perigo, o capitão Radamés Valadares seguiu os homens da lei, disposto a ajuda-los caso fosse necessário. *Agora são seis contra dez*, pensou Aloísio. Sendo que cada tiro seu e do delegado Callado valiam por três, era seguro afirmar que a Dama Sorte estava do lado da justiça.

– Jeremias Callado, vivo e respirando. Os rumores de sua sobrevivência são realmente verdadeiros – disse o homem, apontando para uma das cadeiras vazias em sua mesa. – Sente-se, me pague uma bebida e conversaremos.

– Nico, duas doses desse seu famoso conhaque, por favor.

Jeremias puxou a cadeira e se sentou. Estava cercado por nove homens, mas só tinha olhos para um: o ruivo boquirroto. Arrumou-se confortavelmente no assento e debruçou os braços sobre a mesa. Aloísio deu dois passos para a direita, ficando uns três metros entre Ekwueme e o delegado; Graciliano Boaventura estava mais à esquerda, calmamente fumando seu cigarro de tabaco barato; Cândido Cordeiro estava na extrema direita, ao lado do banheiro, e Radamés Valadares ficou próximo à entrada. Marcela trouxe as bebidas enquanto Nico permanecia distante, protegido atrás da madeira grossa do balcão.

– Obrigado, Marcela. Diga para seu patrão que pode colocar em minha conta – disse com um sorriso calmo.

A moça se afastou e o delegado levantou o copo em um sinal de brinde, mas não recebeu tal cortesia de volta. Engoliu a bebida seca enquanto o ruivo limpava uma gota que escorria por sua generosa barba.

– O famoso delegado Jeremias Callado, o homem que sobreviveu a Severino Um-Tiro – sorriu ironicamente o homem, que aparentemente liderava aquele bando de forasteiros.

– É o que vivem me dizendo – respondeu com um leve encolher de ombros.
– Não sei sobre ser famoso.

– Mas tu és famoso. O estado de Caron todo está comentando seu feito. Conheci somente uma outra pessoa que sobreviveu a Severino Um-Tiro. Mas ele não está em tão boa forma como tu.

– Não?

– Um velho em Águas Escuras. Severino queimou os olhos dele, atirou em suas pernas, que tiveram que ser amputadas por gangrena, e arrancou uma das orelhas do coitado com faca cega. Nada como vosmecê. Me diga, como conseguiu?

– Eu não tenho costume de conversar com pessoas com as quais eu não conheço o nome.

– Aquiles Beduíno.

– Bem, Aquiles Beduíno, eu não me lembro de como escapei de Severino Um-Tiro.

– Eu não acredito.

– Eu não me importo com o que vosmecê acredita ou deixa de acreditar – os olhos de jabuticaba, passivos de emoção ou ignávia, encaravam Aquiles sem fraquejar.

– Mais uma dose! – esbravejou o ruivo.

– Marcela, querida, mais uma dose, por favor.

A moça serviu a bebida. Estava claramente apavorada e Jeremias compreendia o porquê; estava cercada por homens nervosos, cada um com pelo menos uma pistola em mão.

O delegado e o ruivo gigante viraram os copos em um movimento singular e abrupto.

– Então, o que é que vosmecês, bons cavalheiros, fazem por essas bandas?
– perguntou Jeremias com bafo de conhaque.

– Eu e meu homens estamos querendo entrar para o bando de Severino
– disse Aquiles com um sorriso ameaçador nos lábios.

Aloísio olhou para seus parceiros e viu o temor invadir seus olhos. O subdelegado ajeitou sua Rouba-Primaveras; só um cego não via que aquela conversa iria terminar com balas voando.

– Vosmecê veio acabar o serviço? – perguntou Jeremias.

– Eu pensei nisso – disse Aquiles, descansando as costas no encosto da cadeira, espreguiçando os braços atrás da cabeça, mostrando seus músculos sobressalentes. – Seria uma ótima forma de entrar na gangue, não? Mas então eu ouvi os rumores e decidi vir pra cá e testemunhar sua vilazinha virar pó.

– Rumores?

– Vosmecê não sabe?

– Sei o que?

– Severino Um-Tiro vem aí.

Os corpos executados, a diligência queimada, o corpo da filha carbonizada e o cheiro da morte invadiram a mente de Jeremias. *Seriam as chamadas em meus sonhos presságios ao invés de lembranças? A voz da criança que gritava, seria ela Rosário?*

– Perdeu o grunhir, porco?

Os homens de Aquiles riam da expressão contemplativa de Jeremias Callado, cujo rosto foi tomado por uma penumbra ameaçadora.

– Vosmecês riem de mim, mas esquecem que eu sobrevivi a Severino Um-Tiro.

– Não foi vosmecê quem disse que não se lembrava de como sobreviveu?

– Eu sobrevivi porque sou melhor que ele. E estarei aqui, esperando o desgraçado, e quando ele finalmente chegar, eu colocarei uma bala entre seus olhos.

– E eu estarei aqui, testemunhando vosmecê morrer.

– Isso se vosmecê estiver vivo até lá. – Jeremias já não se importava mais com as leis de Venâncio Galdino ou Odorico Alexandrino. Leis que mataram o padre Portugal.

– Eu não fiz nada de errado, porco. Vosmecê não tem o direito para me prender ou atirar em mim – rosnou Aquiles Beduíno.

– Vosmecê está terrivelmente enganado se acha que eu me importo com a lei escrita, Beduíno. A única vez que senti justiça como delegado foi quando eu usei os miolos de um cretino como vosmecê para pintar uma parede.

Jeremias levou sua mão ao coldre em seu cinto. A pompa no rosto do gigante ruivo deu espaço para um pavor contido e o riso de seus lacaios mudou.

– Calma, homens. Ele só está blefando. Nos ameaçando para fazer com que um de nós puxe a arma primeiro e ele possa atirar na gente como um bando de cães raivosos.

Aloísio examinava quais eram os homens que mais ofereciam risco ao delegado; com certeza os três que estavam em pé à direita. Se o pior viesse a acontecer, eles seriam os alvos primários do gaúcho, que torcia para que Ekwueme, Graciliano Boaventura, Cândido Cordeiro e Radamés Valadares também estivessem escolhendo suas miras e contingências.

O capanga que estava a usar o banheiro retornou ao bar. Ajeitava o cinto quando encontrou Cândido Cordeiro segurando sua espingarda de cano duplo serrado. Assustado, o homem sacou sua pistola e acertou o gordo no pescoço. O silêncio do alferes Boaventura se rompeu em um berro desesperado ao tempo que sangue inocente jorrava pela parede do bar.

Os dedos do delegado ansiavam pelo sabor metálico do gatilho. Num átimo, Jeremias puxou sua Brahmastra e disparou três tiros, matando dois homens à sua direita e um à sua esquerda. Empurrou a mesa com os pés e usou a força para jogar seu corpo para trás, desviando-se da linha de fogo. Com a mesma velocidade do delegado, Aloísio Serafim disparou dois tiros, fazendo jus ao nome de sua escopeta.

Cinco forasteiros fora da equação, cinco a caminho.

Ekwueme puxou sua pistola e atirou no homem que estava ao lado de Beduíno, acertando-o no olho. Graciliano, que havia corrido em direção do melhor amigo, pressionava sua mão contra o pescoço do gordo, tentando segurar a vida que esguichava pela ferida. O forasteiro que havia acertado Cândido saiu da cobertura de uma das pilastras do bar e mirou sua arma na direção da dupla de amigos, mas antes que ele disparasse, Radamés Valadares usou sua escopeta para acertar o criminoso. O impacto foi tanto, que o corpo do homem ficou pendurado na parede por alguns segundos antes de deslizar até o chão.

Jeremias rodou o corpo para trás e derrubou uma segunda mesa para usar como cobertura. Um dos homens de Beduíno se jogou para a esquerda, tentando achar ângulo para acertar o delegado, mas antes que o gatilho fosse disparado, uma bala atravessou sua goela. Seiva vermelha esguichava enquanto o homem puxava ar pela cavidade errada.

Oito mortos.

Restavam dois.

Dois homens que usavam um fino pedaço de madeira como cobertura. Aloísio estava em pé, mirando sua arma em direção à mesa – qualquer movimento e ele colocaria um fim a toda aquela confusão. Ekwueme assistia Boaventura em sua atormentada tentativa de salvar o gordo, que perdia sua coloração com uma velocidade aterrorizadora. Jeremias abriu o tambor de sua pistola, deixou os cartuchos usados cair e a recarregou.

– Ekwueme, vá chamar o doutor Rubé. Rápido! – ordenou Jeremias, que fitava a mesa e os homens que se escondiam atrás dela. – Joguem suas armas para esse lado e deixarei vosmecês viverem. Neguem isso e esse bar será a última lembrança dos senhores.

– Vosmecê irá nos matar de qualquer jeito, porco. Melhor morrer com minha arma em mão – gritou Beduíno.

- Vosmecê atrás dessa mesa, seja lá quem for, mate Beduíno e eu o deixarei ir livre de Serendipidade hoje mesmo.

- Boa tentativa, porco, mas meus homens são de plena confiança.

- Vosmecês tem duas saídas, ao meu ver: uma ruim, a outra, pior ainda. Eu e meus homens começaremos a atirar em três segundos.

- Um, dois...

Um estalo oco veio de trás da mesa e sangue começou a escorrer por debaixo da madeira deitada. O homem jogou a pistola perto dos pés do subdelegado Serafim e levantou-se de mãos erguidas.

- Garoto esperto.

Jeremias algemou o sobrevivente ao tempo que Aloísio ajoelhava-se ao lado de Graciliano, que tremia feito a última folha do outono. As mãos gordas de Cândido, sujas com seu sangue, apertavam as mãos do amigo.

- Graciliano - o filho do coronel Eusébio Paranhos sentia que em breve não haveria mais canções a serem cantadas.

- Poupe suas energias, seu gordo - respondeu Boaventura, que agora se encontrava calado não por escolha, mas por medo. Queria dizer como sua amizade não só o salvou de uma morte garantida, mas o salvara de uma vida banal. Queria dizer que suas canções eram belas, não tolas.

Queria dizer muito.

Não disse nada.

- Cuida de Meumô por mim.

E o gordo mudou. Graciliano começou a suspirar, implorando que o amigo aguentasse só mais um pouco. *Só mais um pouquinho*. O velho Hubert entrou no bar com sua pasta de emergência, seguido por Ekwueme. Todos olhavam pasmos e atônitos para toda aquela dor, todo aquele desalento: tudo fruto do ódio semeado pelo criminoso que respondia pelo nome de Severino Um-Tiro. A aparência do doutor era terrível, perdera alguns quilos e sua pele estava tão pálida

quanto a do esvaído Cândido. Suava em demasia ao tratar a ferida do gordo, que já não sangrava mais. Durante todo o procedimento, em momento algum Graciliano largou a mão do amigo, como se tentasse segurá-lo nesse mundo.

– Boaventura, Serafim, Radamés, ajudem-me levar Cândido até minha casa. Ele perdeu muito sangue e vai precisar de uma transfusão urgente. Ekwueme, meu jovem, sei que vosmecê já correu mêmundo hoje, mas vosmecê poderia levar o coronel Eusébio à minha residência. Vamos precisar do sangue dele.

– Claro – respondeu Ekwueme antes de correr.

Os homens partiram em direção à salvação de Cândido Cordeiro, enquanto Jeremias ficou no bar com o criminoso algemado. O delegado andou até o balcão e sentou-se. Nico tremia enquanto encarava as enormes poças de sangue no chão de seu estabelecimento.

– Nico – chamou Jeremias.

O homem não respondeu.

– Nico!

– Pois não?

– Me sirva mais um pouco daquele conhaque, por favor.

Nico abriu a garrafa e serviu um copo para o delegado e um para si.

– Estranho – disse o dono do bar.

– O quê?

– É a primeira vez que o doutor Rubé entra aqui e não pede um drinque.

XXVII

Um relógio às avessas

Salvar vidas era algo que vinha com naturalidade para Hubert von Stroheim, apesar de não concordar plenamente com a noção de que vidas podiam ser salvas com bisturis e suturas. *Precisa-se de instrumentos bem mais complexos para se conseguir tal proeza*, dizia o velho. Preferia o termo pospor a morte para descrever seu ofício, pois era exatamente isso que fazia; adiava, ao máximo de sua capacidade, o encontro irremissível. Mas mesmo que não apreciasse o léxico utilizado por seus pacientes, compreendia a semântica romântica que a palavra *salvar* carregava. Ao longo de sua carreira, Hubert havia postergado muitos óbitos – ricos e pobres, homens e mulheres, adultos e crianças, caucasianos e negros, no entanto, por mais mortes que o doutor adiasse, havia uma vida que ele ansiava realmente salvar: a própria. Perdeu, ao longo da estrada, pequenas partes de seu ser; abandonou os sonhos em uma curva de São Aureliano, perdeu a fé em Hansdelberg, e deixou a felicidade descansando a sete palmos do chão no Rio do Guarini. Em cada canto daquele mundo havia uma parte de Hubert von Stroheim, tornando o passado do anacoreta em um desbotado mapa de tesouros perdidos.

O tempo passou e ele acabou um velho desgostoso – uma marionete que teve suas cordas cortadas.

Estava sentado em sua poltrona predileta, admirando o passado que transparecia nas chamas do fogão a lenha quando alguém bateu a sua porta.

Hubert levantou com dificuldades, os ossos pesavam como os de um touro curraleiro e os olhos estavam tão secos quanto o deserto de Caron.

A sede consumia o doutor.

Era o delegado Callado na porta. *Como está Cândido?*, perguntou o homem. Hubert esticou o braço e convidou o oficial da lei a entrar.

Jeremias nunca havia visto o interior da casa do doutor – uma bela mansão,

toda construída com as mais finas madeiras de jatobá. O cheiro de éter havia penetrado os poros das paredes, dando ao local uma persistente sensação de esterilidade. O velho desabou sob sua poltrona e estendeu a mão para o sofá vazio ao seu lado.

– Cândido está bem, meu caro delegado. Realizei a transfusão entre o coronel Eusébio e seu filho sem grandes problemas. Serafim, Boaventura e o capitão Valadares levaram o jovem de volta ao Recanto. Cândido foi atingido em uma área cheia de nervos e veias, por isso a quantidade assustadora de sangue. O machucado tem uma aparência horrível, mas o ferimento em si foi superficial.

Jeremias ficou aliviado com a notícia, o gordo era o mais inocente de todos, seria uma injustiça enorme se ele tivesse perecido.

– O senhor não parece bem.

– Nenhum velho parece bem – sorriu o doutor. – O máximo que se pode esperar na minha idade é não parecer mal.

– O senhor parece mal.

– A abstinência pode ter efeitos devastadores, meu caro delegado.

– O senhor está sóbrio?

– Se é isso que vosmecês jovens chamam de sobriedade. Eu pessoalmente dispenso. Eu chamaria isso de calvário – disse Hubert sem indício algum de orgulho.

– Por que a mudança repentina?

– Ver o padre Portugal pendurado por uma corda, testemunhar seu pescoço quebrando... – o velho suspirou – me fez lembrar de algumas promessas quebradas.

Jeremias não sabia o que fazer com aquele pedaço de informação, então, por ora, encarou silenciosamente o doutor.

– Somos memórias, e é só isso que somos – disse Hubert. – Eu lhe contei sobre minha filha, Maritza, certo? – perguntou o velho, seus olhos embaçados pelas névoas do passado.

– Não.

– Ela era uma garota destemida; forte, tal como a tempestade que avassalou o dia em que ela nasceu. Puxou da mãe uma inclinação por aventuras e um descontentamento incontrolável ao sedentarismo. A menina não conseguia ficar dois minutos parada. – Hubert soltou um riso nostálgico. – Quando tivemos que nos estabilizar no Rio do Guariní, em menos de uma semana ela já estava farta e entediada do lugar. Queria voltar à estrada, conhecer novos horizontes, desbravar novas terras. Era uma menina que não nascera para saias e cozinhas. Quando fez dez anos, pediu de presente um cavalo. De todas as coisas que uma garota podia pedir, ela me pede um cavalo. Ela montava aquele animal todos os dias, pessoalmente cuidando de sua crina e de suas ferraduras. As pequenas mãos estavam sempre sujas e calejadas como as de um estivador.

Jeremias não entendia o motivo por trás daquele monólogo sem fim.

– Como ela gostava de aventuras. – Suspirou von Stroheim. – Paramos de nos falar quando ela fez dezessete anos e eu honestamente não me lembro o motivo – os olhos clarearam, estava novamente no presente. – Por dias, tento me recordar o momento exato em que perdi minha filha. Mas suponho que desaprender a amar alguém nunca seja uma arma carregada. Não. O desamar é uma morte de gangrena, penosa e aos poucos. Tentei ver se a sobriedade clarearia algo, mas tudo que me deu foram enxaquecas e noites em claro.

– Eu não sei o que dizer.

– Estaria mentindo se dissesse que essa ausência não me machuca. É completamente frustrante conceber a noção que sua filha, sangue de seu sangue, carne de sua carne, é nada mais que um suspiro de recordação.

A impaciência de Jeremias crescia a cada palavra do velho. Não via motivos para toda aquela conversa – visitou o doutor para receber notícias de Cândido Cordeiro, não para escutar os balbucios de um velho amargurado. A informação que Severino Um-Tiro estava a caminho de Serendipidade ainda ecoava em sua mente, assim como a possibilidade de um ataque de Agenor Conceição.

O doutor certamente é menos tedioso quando lubrificado.

– Eu preciso ir, doutor Rubé. Preciso conversar com o pacificador.

– Mil perdões, meu caro Callado. Eu tagarelando aqui sobre o passado...

Devo ter sido um anfitrião incrivelmente enfadonho.

Hubert se levantou e conduziu o delegado até a porta.

– Callado.

– Sim, doutor.

– Vosmecê se lembra de algo?

– Não.

Hubert suspirou, disse adeus e fechou a porta.

Estava novamente sozinho. Os dias sóbrios provaram-se completamente inúteis. Esperava uma claridade, recordar-se de algo que acreditava estar afogado sob litros de aguardente. Drenou-se de seus elixires, abriu o sorvedouro, escoou-se das águas turvas, e agora conseguia ver claramente o vazio que havia se tornado. A cabeça latejava, a garganta coçava e não havia encontrado a resposta que ansiava. Serviu-se de um copo do mais puro malte que tinha, uma das últimas recordações físicas remanescentes de seu tempo no Rio do Guariní. Prometeu a si mesmo somente beber daquela garrafa quando estivesse novamente reunido com sua filha.

A bebida áurea cheirava a madeira e álcool.

O velho odor familiar.

– O passado é um lugar terrivelmente solitário – brindou o velho para os fantasmas que o faziam companhia.

Virou o copo e matou a sede.

XXVIII

o doce cheiro de sangue

Venâncio Galdino degustava uma generosa dose de pinga. Já não sabia dizer ao certo se ainda era noite ou se já era madrugada; bebia há algum tempo e os minutos já não mais respeitavam os ponteiros do relógio. De longe conseguia ouvir as festividades na Praça Central – as celebrações do Dia do Tenório eram notórias por só terminarem na alvorada do dia seguinte.

Baluarte e Maranhão.

Maranhão e Baluarte.

Praguejava e amaldiçoava os nomes daquelas famílias de ludibriadores. *Que a peste caia sob ambas as casas.* O Gravata Vermelha havia orquestrado tudo: criando uma aliança com a família Maranhão – aliança que fora forjada com a sua assistência –, usurpado o apoio do Bar do Nico, enfraquecido o seu relacionamento com Esteban Santiago e roubado todas as atenções do povo com o julgamento do padre e o casamento de Faustino e Pérola. Poderia contrariar o velho canalha e se candidatar contra Lourenço Malvino, mas para isso teria que reestabelecer alianças com o coronel Cordeiro e o padeiro Azambuja. *Falar é fácil, difícil é fazer.* Tinha algumas semanas até a eleição e aproveitaria esse tempo para retirar a faca cravada em suas costas e amolá-la ao ponto de ceifar a vida política de Lourenço Malvino. Na cozinha, o pedaço de torta de Vânia Goulart que trouxera de presente para Adelina. Puxou a corda que ligava a casa principal aos aposentos da criada, fazendo o sino no quarto da mucama balançar. A negra apareceu na cozinha, assustada com a chamada tão fora de hora.

– Senhor Galdino, algo de errado?

– Tudo está errado, Adelina, mas vosmecê não pode consertar nada – disse Venâncio, sentindo os efeitos da embriaguez.

– O que posso fazer?

– Sente-se, mulher, coma um pedaço de torta. – Galdino mal reconhecia a própria voz, sua língua parecia três vezes maior que seu tamanho habitual.

A escrava pegou um garfo e pôs-se a comer a torta, não compreendia o que se passava, mas achou melhor não fazer muitas perguntas, o patrão tinha o hábito de se descontrolar quando embriagado.

– Vosmecê é uma boa pessoa, Adelina.

– Obrigado, senhor Galdino – Adelina encabulou. – O senhor é um patrão muito generoso – disse com a boca cheia da deliciosa torta de Vânia Goulart.

– Já fui acusado de muitas coisas em minha vida, mas só vosmecê me acusa de generosidade.

Batidas repentinas assustaram o pacificador e a mucama. Adelina abriu a porta para o patrão, que continuou sentado na mesa da cozinha.

A escrava voltou correndo.

– Patrão, um homem sujo de sangue o chama.

O barista Nico aguardava por Venâncio na varanda. Sua camisa e mãos manchadas de vermelho, pavor esculpido em seu semblante.

– Por céus, Nico! O que se sucedeu?

– Forasteiros chegaram na taberna... Um tiroteio... Acertaram Cândido Cordeiro.

Adelina levou as mãos à boca e conteve seu grito de pavor.

– Ele morreu? – perguntou o pacificador.

– Não sei. Acho que sim. Ele sangrava muito quando foi levado pelo doutor.

– Meu Deus abençoado.

Venâncio podia não concordar com todas as noções ridículas do coronel Eusébio, mas nenhum pai merece o fardo de enterrar um filho, quem dirá dois.

– Mas não foi por isso que eu vim chamar o senhor.

– Não?

– Um novo grupo de forasteiros chegou logo depois. Todos armados para uma guerra. Um deles mandou chamar o senhor.

– Eles pediram por um pacificador? – estranhou Venâncio.

– Não. O homem pediu pelo senhor diretamente, pelo nome.

Venâncio ordenou que Adelina saísse à procura do delegado Callado ou pelo subdelegado Serafim e contasse o que havia acontecido. A chegada de um bando de forasteiros era raridade em Serendipidade; a chegada de dois era preságio para dias de tormenta.

Galdino e Nico cruzaram a Praça Central e notaram que as dezenas de foliões ainda festejavam o Dia do Tenório.

– Senhor pacificador, me desculpe por não ter te avisando sobre a candidatura de Lourenço Malvino. Eu simplesmente não podia dar as costas a uma demanda do coronel Baluarte.

– Agora não é a hora nem o local apropriado para essa conversa – sua voz carregava todo o rancor de homem traído.

– Antes de a gente entrar no bar, eu preciso falar algo. O líder do primeiro grupo de forasteiros disse algo...

– Desembucha, homem.

Nico não sabia como proferir tal frase, então simplesmente repetiu as palavras do falecido Beduíno:

– Severino Um-Tiro vem aí.

Os pés de Venâncio pararam sobre a terra batida.

– Vosmecê está me dizendo que esse segundo grupo de forasteiros é o bando de Severino?

– Não! Bem, acho que não – respondeu Nico.

– Como é que vosmecê sabe? Ninguém nunca sobreviveu ao bando de Um-Tiro! – esbaforiu nervoso.

O pacificador temia pelo que encontraria ao entrar no estabelecimento.

Uma bala, muito provavelmente.

Venâncio passou pela porta do bar com seu coração palpitando em ritmo de despedida. *Pelo menos morrerei pacificador*, pensou o homem ao entrar no estabelecimento.

– Santa cagada de Cristo! – gritou uma voz no fundo do bar.

– Avôhai Falcão – suspirou o pacificador.

– Venâncio Galdino, seu cabra invocado.

Avôhai Falcão, o Caçapava, era grande feito um urso. Vestia um sobretudo de couro longo e surrado e um cinto com dois coldres à mostra. O tapa-olho preto em seu rosto dava um ar sinistro ao seu semblante cansado. Os velhos amigos se abraçaram e Nico pôde suspirar aliviado. Avôhai bateu as mãos nos ombros do pacificador, quase desconcertando o homem, e, com seu único olho funcional, contemplou o rosto que há anos não via.

– Como está, seu puto?

– Melhor agora, Caçapava. Melhor agora – respondeu com um sorriso honesto.

– Posso ver.

As reminiscências da chacina ainda os cercavam e o bar parecia o interior de um açougue em dia de abate. Marcela tentava a todo custo limpar uma enorme poça de sangue, mas tudo que conseguia era espalhá-lo pelo piso de madeira.

– Céus, o que aconteceu aqui, Nico? – perguntou o pacificador.

– O senhor precisava ver o bar meia hora atrás, antes da gente retirar os corpos – Nico limpava o suor em seu cenho com uma flanela branca.

– Quantos mortos? – perguntou Avôhai levando as mãos à cintura.

– Nove – respondeu Nico.

– Algum nativo se machucou?

– Um.

– Que pena.

– Que horror, que horror. – Venâncio estava acostumado à truculência da

política, que podia ter consequências bem mais devastadora que a violência das balas, porém, sempre mais higiênica.

– Receio que chego trazendo más notícias, Galdino.

A voz de Avôhai era grave e grossa e o pacificador não sabia se aguentaria mais más notícias embaladas por aquele tom fúnebre. Em um mesmo dias fora usurpado de seu pedestal, descobrira que a morte cavalgava em direção à Serendipidade e não sabia dizer se o filho de um dos coronéis estava morto ou não.

– Diga-me – disse receoso.

– Há dois rumores circulando por todo estado de Caron. O primeiro é que Severino Um-Tiro cavalga em direção à Serendipidade e deve chegar aqui nos próximos dois dias.

Diferente da maioria, a voz de Avôhai Falcão não vacilava ao falar de Severino Um-Tiro. O Caçapava não era estranho à violência dos homens; para aquele cangaceiro de um olho só, o jagunço que matava estrelas era só mais um criminoso a ser abatido. E com a cabeça de Severino em sua mão, recompensas não iriam faltar.

– O grupo que chegou antes de vosmecê – Venâncio apontou para as manchas de sangue pelo estabelecimento – nos alertou sobre Severino. Nós só não sabíamos do prazo tão curto. Como é que vosmecê ficou sabendo?

– Cristóvão Belarmino, delegado de Redenção, garante que recebeu um telegrafo dizendo que um bando de homens encapuzados cavalga nessa direção. Não precisa ser um gênio para saber de quem se trata e para onde ele está indo. Mas pela primeira vez eu estou um passo à frente do cabrunco filho de uma quenga gonorrênta – disse Avôhai. – Estarei aqui esperando por ele.

Jeremias Callado entrou na taberna seguido por Aloísio Serafim. Ambos traziam armas em mãos, prontos para outro confronto.

– Tudo bem aqui?

– Delegado Callado, que bom que o senhor chegou. Guarde essa arma, homem. Toda a raiva que o pacificador sentia pelo delegado evaporou sob o calor

da ameaça de Severino Um-Tiro. *Quando se vive o apocalipse, que serventia há em se prender em desentendimentos mundanos?*

– Uma moça disse que o senhor estaria aqui com um novo bando de estranhos – disse Jeremias, examinando os homens fortemente armados atrás do pacificador. Pareciam bem treinados e incomensuravelmente mais perigosos que o bando anterior.

– Relaxe, Jeremias. Este aqui é meu velho amigo, Avôhai Falcão, o maior pistola-paga dessa terra – disse Venâncio, que tinha que esticar os braços para bater nos ombros do homem com o tapa-olho preto.

– Prazer.

– Pode ter certeza que o prazer é todo meu, delegado.

Jeremias, que era um homem de estatura acima da média, tinha que inclinar o queixo para cima para conversar com o homem mirando seu único olho.

– Como está Cândido Cordeiro? – perguntou Venâncio, já que a morte do gordo dificultaria sua união política com o coronel Eusébio.

– Ele vai viver. Respondeu bem a transfusão e descansa em casa– respondeu o gaúcho.

– Senhor pacificador, temos que conversar sobre algo que o líder dos forasteiros disse.

– Estamos cientes sobre Severino Um-Tiro, Callado. E é esse o motivo que trouxe o velho Caçapava até aqui.

Sentaram-se à mesa Venâncio Galdino, Jeremias Callado, Aloísio Serafim, Avôhai Falcão e Gastão Bolívar, o segundo em comando daquele bando de cangaceiros de aluguel.

– O Caçapava não recebeu esse apelido à toa. Ele entra em qualquer mato atrás de seu alvo e quando ele fareja sangue, ele segue o rastro até o fim.

– A verdade é que cabras como Severino merecem mortes bem lentas e doloridas. Pessoalmente adoraria encarar a dor em seus olhos enquanto arranco partes de seu corpo com uma peixeira.

Havia algo na forma que Avôhai falava que encantava Jeremias. Em um relance, notava-se que o Caçapava não se preocupava com as regalias e as pompas que os homens ditos civilizados tanto admiravam; era uma alma que conhecia profundamente aquela terra e as verdadeiras leis do homem. Não se perdia em demagogias ou politicagens desnecessárias.

– Mas como o barão das Brumas me dá uma recompensa maior por um prisioneiro vivo, tentarei retornar o crápula com algum tipo de batimento cardíaco.

Jeremias apreciava a linha de justiça que o Caçapava parecia impor.

– Avôhai diz que Severino estará em Serendipidade em dois dias – disse o pacificador.

– Dois dias?

– Dois dias e vosmecê poderá se vingar do filho de uma égua que matou sua família, delegado – Avôhai encarava Jeremias com uma sede inextinguível.

Seu único olho funcional era uma asseveração do mundo tal qual ele via: de um jeito só.

O jeito agreste.

– Mal posso esperar para ver o patrão colocando algemas naquele bastardo – disse Aloísio Serafim.

– Não vou algemá-lo. Não vou prendê-lo. Vou lhe espancar a vida fora. Deixarei que ele viva, mas não sem antes fazê-lo pedir pela morte.

Avôhai gargalhou com aquela resposta improvável.

– Por tanto que me entregue ele respirando, não me importo com o que faça antes. Eu mesmo tenho algumas ideias do que fazer com ele antes de entregá-lo ao barão. Nem todo o ouro do mundo vai salvar aquele cão.

Aloísio encarou aqueles homens, que supostamente deveriam propagar a lei e a ordem, temendo os brilhos funestos que refletiam em seus três olhos.

– Ótimo. Temos dois dias para planejar uma estratégia de defesa e ataque – disse Venâncio, cujo coração traído havia se enchido com um propósito. Uma esperança.

– Quantos homens tens ao seu dispor, delegado?

– Deixe-me ver. Temos eu, Aloísio aqui, Graciliano Boaventura, Ekwueme e só – respondeu contando nos dedos. – Tínhamos também Cândido Cordeiro, mas creio que ele não estará em condições alguma para enfrentar o bando.

– Podemos contar com os homens dos coronéis. Sei que Radamés Valadares e Celestino Floriano nos apoiarão – respondeu Galdino.

– Meu bando consiste de sete homens, comigo oito. Acho que temos uma boa chance. O bando de Severino não deve passar dos vinte.

– Temos também o elemento surpresa ao nosso lado – inferiu Aloísio Serafim.

– Bem observado – disse Avôhai.

Os homens se levantaram, todos preparados a planejar um plano de ação que poria fim a fama de Severino Um-Tiro, quando Venâncio Galdino se aproximou do Caçapava.

– Falcão, me disseste que eram duas notícias que tinha a me dar. Não me contaste a segunda.

– Sim – a seriedade tomou conta do rosto do cangaceiro. – Rumores sugerem que Agenor Conceição estabeleceu um segundo arraial.

– O Salvasguarda retornou?

– Aparentemente. Só que desta vez o arraial é maior ainda. Mas eu não me preocuparia muito com isso agora, ninguém sabe o local exato do novo arraial e os indícios apontam que o Salvasguarda e seus seguidores estão mais próximos de Baleia.

Venâncio viu-se submerso em lembranças da Guerra das Botinas. Avôhai apoiou a mão no ombro do amigo e olhou para os homens ao seu redor.

– A partir de hoje, Serendipidade não dorme até o diabo morrer! A caçada continua!

O Caçapava sorriu.

Farejava sangue no ar.



A gambiarra na varanda da mansão Maranhão oscilava sutilmente. O coronel Isidoro só deixava o lume aceso em noites que chegava tarde em casa para que não tropeçasse ao retornar ao lar. Para Piedade e o capitão Celestino Floriano, o lume daquela gambiarra era muito mais que isso; era um farol a guiar os corações apaixonados. Era a vela branca daquela Isolda aferrolhada, um sinal que a casa estava livre para o amor. Piedade olhava pela fresta da janela, aguardando o retorno de seu Tristão, ansiosa para deixar para trás aquele reino de portas trancadas e sonhos mortos. As malas estavam prontas, os pés calçados e o espírito desejoso. Que maravilhas encontraria em seu novo destino? Céus azuis, brisas sem fim, uma casa iluminada – dividiria tudo isso com as pessoas que mais amava naquele mundo.

A rapariga tremeu em avidez, Celestino não era de se atrasar. *Logo hoje?* As mãos coçavam e suavam e tudo que a menina queria fazer era derrubar aquela porta.

Não viveria mais um dia atrás daquela porta.

O cenário lá fora era imutável: uma varanda iluminada por um lume fraco e a escuridão logo atrás. A moça subiu as escadas e foi checar as irmãs mais novas. Ao abrir a porta do quarto, Piedade se deparou com Pérola e Paloma brigando.

– É mentira! – gritou Paloma.

– Não é – retrucou Pérola.

– Ei, ei, ei! O que é isso?

– Pérola disse que eu vou morar sozinha no quarto – disse Paloma.

– É verdade, eu vou me casar com Faustino Baluarte.

Bastaram poucos minutos na companhia do menino Baluarte e o orgulho mesquinho já invadira o rosto de sua irmã mais nova.

- Eu não quero ficar só.
- Ninguém vai ficar só – respondeu Piedade.
- Mas eu vou casar.

A mais velha puxou as irmãs e juntas sentaram-se ao chão. Desde de pequena, quando tinha de tratar de assuntos sérios com as meninas, Piedade repetia o mesmo ritual – o triângulo de confiança.

- Pérola, Paloma, nós só temos uma a outra. Vosmecês são e sempre serão as coisas mais importantes para mim.

- A gente sabe disso – respondeu Paloma.

- Pérola, minha querida, que serventia tem sua liberdade se sua irmã continua aqui? Vosmecê seria feliz sabendo que ela sofre nesse quarto sem vosmecê?

A pergunta carregava uma crueldade que fugia a compreensão da menina, que só conseguiu chorar como resposta.

- Não chore, por favor – disse Piedade.

A mão pequena e branca de Paloma apertou a mão menor ainda da irmã.

- Eu amo Faustino – disse Pérola entre soluços.

- Não ama. Vosmecê ama Paloma e vosmecê me ama.

- Mas eu amo ele também.

Piedade já não via mais motivos para esconder a verdade das irmãs.

- Nós vamos fugir de casa hoje – suspirou como se os fantasmas daquela casa pudessem mexericar.

- Fugir? – perguntou Paloma.

- Sim. Vamos embora de Serendipidade e nunca mais retornaremos a essa casa escura – sorriu Piedade.

Pérola levantou-se, quebrando o triângulo.

- Eu não vou. Eu quero me casar. – Cruzou os braços e fez cara de birra.

Piedade levantou e beijou o topo da cabeça da irmã.

- Vou lá embaixo e já volto.

A rapariga já conhecia o temperamento da irmã caçula e sabia que não havia como fazer a mente dela. Teria que ir apulso, mas iria com ela – disso Piedade tinha certeza. Desceu as escadas e retornou a espiar pelo buraco na janela. A luz do lampião da varanda atravessava a fresta e alumiava os olhos da moça.

Lá fora, a varanda vazia e a escuridão.

A mão voltou a suar.

Celestino não tarda chegar.

XXIX

as vidas e as vidas de uma vila chamada Serendipidade

Isaías Fortunato tentava desenhar o perfil do padre Portugal. O lápis a base de carvão riscava de preto um pedaço de papel branco. Temia que o rosto do padre se dissipasse de sua memória com o passar dos dias, assim como aconteceu com seu pai; um borrão de amor. Isaías foi um dos poucos a se manter ao lado de Gregório durante o julgamento, e a única alma a ouvir sua última confissão – esquecê-lo seria o mesmo que apagá-lo completamente do mundo. *Talvez essa seja a sina dos vivos, carregar o peso de seus mortos*, pensou o corista, que desenhava em cima de sua Bíblia, cujas laterais estavam gastas de tanto uso. Havia lido e relido os livros sagrados dezenas de vezes – da Gênese a Malaquias, de Matheus ao Apocalipse – e desde aquele fatídico vinte e quatro de agosto, Isaías consumiu as palavras escritas, nutrindo-se do único afago que diminuía o desalento que crescia dentro de seu ser. Rosário estava ao seu lado, comendo um pedaço de torta que ganhara como prêmio no Dia do Tenório.

– Quer um pedaço? – ofereceu a pequena.

– Esse pedaço já tem dois dias. Deve estar velho e duro.

– E tá. Mas continua gostoso – respondeu com a boca cheia.

Os irmãos dividiram uma risada fraterna. Madalena Fortunato estava preparando sopa de galinha na cozinha, mas ouvia a conversa dos filhos com ouvidos atentos de mãe.

– Não vá se empanturrar de doce, Rosário. Eu não fico aqui suando para que a senhorita não coma sua janta.

A jovem Fortunato respondeu que estava ciente do fato, mas sua boca estava tão abarrotada de bolo, que a resposta se tornou em um grunhido incompreensível. Seu irmão riu com os farelos que voaram de sua boca.

– O que é isso que vosmecê está desenhando? – perguntou Rosário ao terminar de engolir o doce.

– Padre Portugal.

– Vosmecê acha que ele foi pro céu?

– Tenho certeza. *O senhor preserva os fiéis.*

Isaías coçou os cabelos ruivos da irmã. Citava o livro dos Salmos, capítulo trinta e um, versículo vinte e três. O restante do provérbio, no entanto, recitou somente para si. *Mas aos arrogantes dá o que merecem.*



Jeremias Callado, na companhia de Aloísio Serafim e Gastão Bolívar, montava guarda na entrada principal de Serendipidade. Todos carregavam carabinas em seus colos e consternação em cima das olheiras. O delegado varria a movimentação do terreno a sua frente com a lupa d'ouro de Aloísio Serafim, uma precaução que se mostrou inútil, já que a lua e as estrelas escondiam-se atrás de uma densa camada de nuvens carregadas e tudo que o delegado via pela lupa era a escuridão magnificada.

– Será que ele está vindo mesmo, patrão?

Tudo que o gaúcho prezava como valioso encontrava-se ameaçado pela chegada de Severino Um-Tiro. E por um momento de fraqueza, deixou-se ponderar se não teria sido melhor se o delegado tivesse perecido no deserto de Caron com o resto de sua família. *Só mais uma morte.* Aloísio apertou o cabo de sua Rouba-Primaveras com força, odiando-se por seu egoísmo covarde. *É melhor que isso, cabra.*

– Severino está perto. Sinto-o em meus ossos – disse Jeremias, que naquele instante sentia-se em uma estabilidade macabra, como se a escuridão que se apossava do deserto vermelho completasse a negridão dentro dele. Não enxergava

muito, mas sabia que em algum lugar naquele ermo desalumiado estava o homem que ansiava matar.

– Não aprecio a ideia de não avisar à população sobre a chegada de Severino – afirmou Callado.

– O pânico que a informação iria causar seria uma distração indesejada – explicou Bolívar.

Jeremias e Aloísio passaram poucas horas na companhia de Gastão Bolívar, o segundo em comando do bando do Caçapava, mas o curto período foi o suficiente para descobrir que se tratava de um homem pragmático e sistemático.

– Não é justo que eles durmam tranquilos ao tempo que a morte cerca a vila.

– Eles só precisam se preocupar se nós falharmos, delegado. E se falharmos, eles estariam condenados de qualquer forma – respondeu Gastão.

– Eu vou checar as ruas da vila.

Jeremias jogou as rédeas de sua montaria para o lado.

– Eu não aconselharia isso, delegado – protestou Bolívar.

– Que bom que eu não pedi a tua opinião.



Venâncio examinava um velho mapa carcomido pelo tempo e pelas traças. A gambiarra alumiava timidamente a sala enquanto o pacificador forçava as vistas para enxergar. A logística do plano era simples: quinze homens divididos em cinco grupos de três. Jeremias Callado, Aloísio Serafim e Gastão Bolívar cuidariam da rua dos Justos e da entrada principal do vilarejo. Lourenço Malvino, Hermano Hernandez e João Ueine vigiarão as imediações da mansão Maranhão e o cemitério Taperoá. Avôhai Falcão e os índios gêmeos, Araripe e Aracema, ficarão responsáveis pelo setor sul, varrendo a rua Tenório e o Canto de Deus, o grupo

de Ekwueme, Radamés Valadares e Ícaro Veloso seria designado a proteger o setor oeste, entre a mansão Baltazar e a Fazenda Recanto, e por fim, Cândido Cordeiro, Graciliano Boaventura e Macário Orestes ficariam responsáveis pelo setor noroeste, entre as plantações de trigo e mandioca da Fazenda Recanto e a mansão do coronel Ulisses Paiva. Era a estratégia que abrangia a maior área, preservando um número eficaz de pistoleiros por grupo. Sentiu falta de Celestino Floriano, que seria mais um homem a ajudar na defesa do vilarejo, mas o coronel Ulisses havia dito que poeta havia viajado para a capital.

Venâncio passou duas noites em claro esperando pelo desconhecido, aguardando a ira de um vilão sem face e cujo nome virou sinônimo de terror e destruição. Havia confiado a informação da invasão apenas aos coronéis, que protegeram suas propriedades com seus funcionários de confiança, para que a notícia não vazasse pelo povoado, causando pânico por Serendipidade. O pacificador não havia se esquecido da traição que havia sofrido dias atrás, mas usaria a vitória daquele dia para ganhar poder político. Não apreciava o fato que Lourenço Malvino participava de seu plano de proteção, mas todas as desavenças teriam que aguardar a alvorada do fim dos dias.

– Precisa de algo, senhor Galdino? – perguntou Adelina, trazendo ao pacificador uma xícara de café.

– Não, obrigado.

Adelina se virou, mas foi interrompida pelo pacificador.

– Adelina?

– Pois não, senhor Galdino?

– O que vosmecê faria se soubesse que hoje era o último dia de sua vida?

– Como assim, senhor?

A mucama não estava habituada àquela linha de raciocínio. Não perdia tempo em devaneios de homem branco livre.

– Vamos, Adelina, deixe de mesura, mulher. Sente-se – disse apontando para a poltrona de Gertrude.

– Não posso, senhor.

– Sente-se – ordenou.

A mucama sentou desconfortavelmente naquela poltrona acolchoada e macia.

– Vamos, Adelina, se vosmecê tivesse só mais um dia de vida, só mais um, o que é que vosmecê faria.

– Não sei, patrão. Nada de muito diferente, acho.

– A vida é engraçada nesse sentido, não é? Temos a ideia de que ela é algo extremamente valioso, mas, na realidade, ela não é. Achamos que somos tão importantes, tão especiais. Não passamos de suspiros em noites frias, fumaças sustentadas no ar, visíveis por um momento, mas que se dissipam na mais calma brisa. Deus pouco se importa com os planos e sonhos dos homens, pois no grande esquema das coisas, o que Ele mais gosta é o caos – disse Venâncio Galdino a ouvidos que não compreendiam suas palavras ou sentimentos.



Cândido Cordeiro alisava vigorosamente suas mãos pelas crinas de Meumô. Fazia de tudo para distrair-se do prurido que se apossava de sua ferida recente. O pescoço, protegido por um cachecol verde, não doía; os pontos, no entanto, provocavam um comichão sem fim. O gordo teve que convencer o delegado do fato de que estava em condições de servir o vilarejo. O primeiro instinto de Jeremias Callado foi de objeção, mas cedeu quando Cândido ressaltou os números pouco favoráveis que eles enfrentavam.

O alferes Boaventura e Macário Orestes, um dos homens do bando do Caçapava, estavam logo a frente, montados em seus cavalos, vigiando a área norte à Fazenda Recanto. A plantação de trigo e mandioca, alta e densa, curvava-se à força do vento, prostrando-se para o frio. De onde estava, o gordo seria capaz de ver a

mansão do pai caso a noite não fosse tão túrbida. O breu dificultava o trabalho do trio, que só enxergava os lumes dos lampiões nas casas no fim da rua Diógenes.

– Eu estou bem, seu cacto espinhento – disse Cândido, que sentia os olhos preocupados do calado Boaventura queimando sua nuca.

Como de praxe, Graciliano nada respondeu. Mas o silêncio foi compreendido. Sabia que o amigo dizia que não deveria estar ali, que estava machucado e deveria estar em casa repousando. Macário, que não conhecia os dois, nem a força daquela amizade, não tinha a mesma sutileza do alferes.

– O senhor não deveria estar aqui. Espero que consiga manter o ritmo necessário para não nos pôr em risco.

– Não precisa se preocupar comigo.

– Não é contigo que estou preocupado – respondeu o homem.

A noite esfriou.

Uma brisa gelada cortou o ar com o fio de dez navalhas. As narinas esfumaçaram e os homens apertaram os mantos contra seus corpos. Graciliano olhou para o firmamento nublado.

Iria chover.

– Cante uma canção – ordenou Boaventura, preocupado com que a geada faria à garganta machucada do amigo.

Cândido virou o rosto o máximo que pôde sem puxar os pontos. *São por momentos como esse que eu amo esse homem*, pensou o gordo.

♪ *O caminho é feito de pedras,
e meu andar é seguro.
Olhe o bem que o tempo faz,
as pegadas que deixei para trás
são minhas, mas não me pertencem mais.
O meu nome é agora,
mas já respondi por outrora.*

*Sigo meu caminho andando,
constantemente mudando,
sendo o que sempre fui,
só mais um andarilho vagando.
Encontrarei embaixo de uma pedra,
escondido do tempo e do mundo,
um segredo perdido lá no fundo.
Jogo fora o meu rosto.
Olhos, nariz e boca sem serventia.
Lembranças de morte, ódio e valentia. 🎵*



Jeremias Callado se encontrava em frente à varanda de Madalena Fortunato – não conversava com a enfermeira desde que dividiram lençóis e pele. Rosário abriu a porta com seu tradicional sorriso inocente.

– Mãe! É o delegado Callado.

Madalena saiu da cozinha enxugando as mãos em seu avental. Lançou um sorriso desconfortável em direção a Jeremias. Como cumprimentar o homem que a conheceu tão intimamente?

O homem sorriu, mas sua apreensão era óbvia.

– Tudo bem? – perguntou a mulher.

– Podemos conversar? A sós?

– Claro. Venha.

Madalena estendeu o braço em direção ao seu quarto. Esperou o delegado passar e fechou a porta atrás dela. Isaías entranhou. Não era do feitio de sua

mãe convidar homens aos seus aposentos fechados. Os dois conversavam em cochichos, segredos que deveriam permanecer longe de seus ouvidos. O jovem descansou a colher em seu prato e levantou-se como se encaminhasse para a cozinha. Desacelerou os passos em frente ao cômodo da mãe, olhou por cima dos ombros, certificou-se que Rosário não prestava atenção em seus movimentos e encostou a orelha na porta.

– Vosmecê está me assustando, conte-me logo – a mãe estava aflita.

– Não entre em pânico, pois ninguém mais pode saber o que eu estou prestes a contar. Severino Um-Tiro cavalga em direção à Serendipidade.

A mãe suspirou em pavor. Isaías afastou-se da porta, seus olhos perdidos em pensamentos rápidos feito disparos de balas.

Era o sinal que ele aguardava.

Samuel, capítulo dez, versículo sete: E há de ser que, quando estes sinais te vierem, faze o que achar a tua mão, porque Deus é contigo. Isaías abriu o compartimento secreto do criado mudo, sacou a pistola Gandiva da mãe e a escondeu debaixo da camisa.

– Se a mãe perguntar, diga que estou no banheiro.

Isaías beijou os cachos ruivos da irmã.

– Rosário...

– Diga.

– Eu te amo.

A menina sorriu.

– Eu também te amo.

Ofereci sacrifícios de justiça e confiai no Senhor. Livro dos Salmos.

A noite era um bloco de gelo.

Isaías passava por trás das casas de seus vizinhos, que jantavam e conversavam sobre trivialidades do dia, completamente absortos do perigo que os rondavam. O garoto sacou a pistola, engatilhou-a e começou a recitar Oséias, capítulo dez, versículo doze.

Semeai para vós em justiça, ceifai segundo a misericórdia; lavrai o campo de lavoura; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que venha e chova a justiça sobre vós.



Odorico Alexandrino contemplava a vista do escritório. A Praça Central estendia-se em sua frente, mal iluminada e vazia. A noite despencou em cima de Serendipidade com as trevas que escondiam as ameaças iminentes. Libertino Valente, que estava deitado no chão, tirava sujeira das unhas com um palito de dente. O movimento do braço esquerdo ainda revelava as sequelas do atentado sofrido em um juramento de sangue, mas estava, finalmente, sem a tipoia. A chegada de Severino Um-Tiro não parecia incomodar o assecla, que estava quase a dormir.

– O senhor tem certeza que não quer retornar ao Rancho? Não vejo motivos para o senhor estar aqui – disse Libertino ao colocar o palito no canto da boca.

– É bem capaz que Severino e seu bando tentem queimar esse prédio. Temos que protegê-lo.

A tocaia fora ideia do juiz, que havia decidido cuidar daquilo que para ele representava o maior patrimônio de Serendipidade.

– O senhor é quem manda.

Libertino encostou a cabeça no chão e protegeu os olhos com a sombra que a aba de seu chapéu projetava. Odorico via todos os movimentos do assecla pelo reflexo da janela.

– Vosmecê não está com medo? – perguntou o juiz.

O homem levantou a aba do chapéu.

– Não.

– Como não? – virou-se.

- Se eu morrer, capitão, morri. Não posso controlar isso. E se eu não posso controlar, não preciso me preocupar.
- Gostaria de compartilhar de tal filosofia – retornou mirar a Praça Central pela janela.
- O senhor sabe atirar?
- Claro.
- Bem, isso já é cinquenta por cento.
- Cinquenta por cento não é exatamente uma probabilidade otimista.
- É muito mais que muita gente tem, capitão – disse Libertino Valente ao voltar para os afagos da sombra de seu chapéu.



O cemitério Taperoá parecia brincar com os nervos do capitão Lourenço Malvino. O vento corria pelas lápides em sussurros, as corujas piavam feito alma penada, e a escuridão escondia tudo. *Visitar cemitério na escuridão nunca é uma boa ideia*, dizia o capitão a si mesmo.

Estava na companhia de Hermano Hernandez e João Ueine, homens do Caçapava, e tentava ao máximo conter sua apreensão.

- Vosmecês estão caçando Severino Um-Tiro há quanto tempo? – perguntou Lourenço.

- Tem o quê? Uns quatro anos – respondeu Ueine.

- Quatro anos caçando o mesmo homem?

- Pra gente é, mas o Caçapava está na estrada por mais tempo que isso. E a gente não está só atrás de um homem, a gente já pegou pra mais de trinta cabras nesses quatro anos.

- Teve algum que deu mais trabalho?

João Ueine e Hermano Hernandez se entreolharam, buscando na cumplicidade uma resposta.

- Tibúrcio Maia?

- Tibúrcio Maia.

- E o que é que ele fez?

- Tibúrcio roubou um banco lá pelas áreas de Águas Escuras. Esse foi difícil de pegar.

- E vosmecês andam com uma mulher?

- A índia? – perguntou Hermano.

- Isso, ela não atrapalha vosmecês, não?

- Que ela nunca te pegue perguntando isso, homem.



Piedade Maranhão sabia que Celestino Floriano estava morto. Não precisava de um túmulo ou de um corpo inerte para constatar tal fato. Conhecia o homem a quem amava e ele não a abandonaria esperançosa por dias seguidos. Se havia alguém, que não a própria, que haveria de sentir a falta do poeta, este seria Ulisses Paiva, o maior aliado de Piedade naquele momento. A moça terminava de escrever uma carta ao coronel Paiva, implorando que este a ajudasse a descobrir o fim de seu amado. Não teve pudores ao revelar o caso de amor proibido dos dois, assim como suas suspeitas em volta do pai, que caso descobrisse sua paixão pelo poeta, não mesuraria esforços em sua ira impiedosa. Chegando a alvorada, ela entregaria o pedaço de papel à Teresina e imploraria à mucama que só entregasse aquela correspondência ao coronel Paiva, e somente a ele.

A movimentação na casa era estranha naquela noite fria – o pai, que geralmente já dormia a essa hora, andava pelos corredores, subindo e descendo as escadas. Conversava com alguns de seus homens, ordenando Deus sabe o quê.

A moça havia sido, outra vez, obrigada a passar seus dias reclusa em seu quarto, impossibilitada de ver até as irmãs. A fechadura de sua alcova rangeu com as carícias metálicas da chave.

A maçaneta girou.

Piedade correu e escondeu a carta embaixo do travesseiro.

O pai entrou. Vestia seu pijama e trazia em mão uma gambiarra e na outra, uma pistola.

– O que se sucede lá fora. Por que o senhor está com essa pistola e de quem eram aquelas vozes?

– Vamos dormir, menina – respondeu o velho.

A jovem viu nos olhos do pai uma chama.

Algo o assusta.

Piedade fincou os pés do chão e criou a coragem que lhe faltou em uma vida inteira.

– O que foi que o senhor fez com Celestino?

A ousadia da moça assustou Isidoro, que nunca presenciou a filha tão segura de si. O velho viu nos olhos irados de Piedade uma verdade que murchou seu coração doente, uma verdade débil que o entristeceu completamente: havia perdido o que lhe restava da filha.

– Eu não sei do que vosmecê está falando.

– Eu tenho certeza de que sabes, coronel.

O desalento apossou-se do velho.

Estava mirrado.

Minguado.

– Não fale assim comigo.

– Não tens mais como me machucar.

– Não?

– Não!

– Eu tenho Paloma.

Os nervos da menina relaxaram em uma melancolia sem fim e ela derreteu em lágrimas secas.

A menina ajeitou os lenços da cama e se deitou. O coronel guardou a pistola embaixo do travesseiro, virou o rosto e apagou o lampião com um sopro de malícia.

Naquela noite, pai e filha dormiram com cabeças sobre armas.

Armas de papel, armas de metal.

Antes de fechar os olhos, Piedade prometeu a si mesma que não seria mais prisioneira de seu próprio destino.

Teria que matar o pai.



Avôhai não gostava de cidades pequenas. Todos os vilarejos que salpicavam o mapa do estado de Caron feito catapora eram verdadeiros antros de pessoas mesquinhas e medrosas, repletos de homens de cabresto e mulheres insossas. Esse seu repúdio, no entanto, era ínfimo se comparado ao sentimento em relação às cidades como a capital Redentor, repletas de ofídios trajados de ternos e putas jabiracas.

A sociedade, o refúgio dos covardes, o enojava.

Golfadas de bolor subiam por sua goela ao ver bons homens como Venâncio Galdino gastando seu tempo em coisas supérfluas como ouro e roupas. Odiava pessoas como o marechal Onofre Calisto, herdeiros de fortunas e terras maiores que suas necessidades.

Á, se eles soubessem o que faz de um homem um cabra de verdade!

Em sua busca por jagunços bandoleiros, Avôhai cruzou todo o país, de leste a oeste, dos serrados à caatinga, e em todo canto, não importava tamanho ou idade, sempre encontrou homens procurando por riquezas nos lugares errados.

Os verdadeiros tesouros não podem ser encontrados embaixo de pedras, comprados em lojas ou passados de pai para filho. Somente quando o homem se depara com seu limite, encarando a vida e a morte sem vacilar, somente então que a verdadeira riqueza se apresenta.

Os índios gêmeos, Araripe e Aracema, faziam uma varredura nas imediações da nascente do riacho Serendipidade ao tempo que Avôhai vigiava a ponte do Canto de Deus. O Caçapava trazia sua espingarda a tiracolo, além de duas pistolas em sua bandoleira. Havia, ao longo de sua bem-sucedida carreira de pistola-paga, tirado dezenas de vidas com aquelas armas. Sempre que precisou, lá estavam elas. Eram, de uma forma sórdida, as únicas coisas nas quais ele depositava sua total confiança.

Araripe e Aracema apareceram na escuridão do Canto de Deus. A herança da tribo Otinga estava estampada em suas peles avermelhadas, seus rostos lânguidos e em seus cabelos negros e lisos. Vestiam saiotes de palha e mantos de couro. Araripe carregava em mãos sua carabina de precisão, Apoema, sua irmã idêntica, seguia com seu arco e flecha deferidos. Ao tempo que ele apreciava a segurança da distância, encarando seus inimigos pelas lentes embutidas em seu fuzil, ela preferia o silêncio mortal de suas flechas.

– Tudo está tranquilo, Falcão – reportou Araripe.

O Caçapava permaneceu inquieto; podia sentir na brisa a tempestade que se aproximava.

– Olhos atentos. Ele está aqui, posso sentir seu maldito cheiro.



Os pés ébrios de Hubert von Stroheim titubeavam pela deserta rua Diógenes. Levava em sua mão um frasco cheio de cerveja de milho. Os olhos embriagados

davam aos lampiões acesos movimentos e brilhos desconexos, oscilando feito vagalumes perdidos em uma tempestade. A garoa preguiçosa, primórdios de um dilúvio anunciado, embebia seus cabelos com carícias sutis.

A noite era fria e amena.

A bebida era quente e forte.

Se encontrava em equilíbrio torto.

O doutor caminhava pelo atalho que conectava a rua Diógenes à rua Haroldo Domingos quando cruzou caminhos com um dos descendentes do coronel de bandeiras que dava nome àquela avenida. Cândido montava sua mula de confiança, Meumô, o animal mais fantástico que o velho já conheceu.

– Indo para casa, doutor?

– És vosmecê que deveria estar em casa repousando, meu caro Cândido.

O velho tentava manter-se ereto.

– Eu estou bem. O senhor é que deveria ir para casa – olhava por cima dos ombros, procurando por algo que se escondia nas trevas.

– O que se passa, meu caro Cândido? – perguntou Hubert ao beber um gole de sua bebida quente.

– Eu não posso responder – respondeu com o cenho enrugado. – Boaventura está comigo, estamos procurando por algo, mas até agora só fora o vento pregando peças na gente.

– A noite está demasiadamente bela para se perder preso entre quatro paredes.

Cândido curvou-se. Sentia necessidade de cochichar, tamanha a gravidade do que estava prestes a falar.

– Severino Um-Tiro está chegando, doutor. Ele e seu bando.

Os olhos ébrios estavam repentinamente sóbrios.

– Como?

– Nós não avisamos à população por temer um pânico. Não precisamos nos

preocupar com o derramamento de sangue inocente também – disse Cândido, puxando as rédeas de Meumô.

Todo o contentamento fermentado emancipou-se e o frio começou a contorcer os ossos frágeis do doutor.

Sangue inocente?, pensou Hubert, lembrando-se do triste fim de Gregório Portugal.

– Nada que brota nessa terra é inocente.



Rosário brincava com sua boneca predileta enquanto Madalena perambulava inquieta pela sala. A notícia da chegada de Severino Um-Tiro fazia a enfermeira tremer até o centro de seu ser. Fugir seria fútil, não tinha para onde ir e poderia muito bem ser rendida pelos criminosos antes mesmo de passar pelos portões da vila.

Qual é o local mais seguro de Serendipidade?

A resposta óbvia era o Rancho Baluarte, mas o velho dificilmente abriria as portas para o cidadão comum, menos ainda para a mãe do rapaz que humilhou seu querido filho.

Cândido Cordeiro! Abençoado seja Cândido Cordeiro.

Com certeza haveriam muitos homens fortificando a Fazenda Recanto, e o coronel Eusébio Paranhos acolheria sua família sem demandas e de bom grado.

– Rosário, querida, pegue um par de roupas limpas. Hoje, iremos dormir na casa do tio Cândido – disse levantando a menina.

– Casa do tio Cândido? Por quê?

– Rosário, meu anjo, eu não tenho tempo para explicar. Rápido!

Madalena saiu pela porta dos fundos, andou até a casinha e encontrou o lampião apagado.

Estranho.

– Isaías, querido, precisamos ir – bateu com força na porta, que abriu sem resistência.

– Isaías! – gritou ao retornar à casa. – Rosário, se vosmecê souber aonde seu irmão está, me diga agora.

– Ele disse que estava indo ao banheiro.

Onde estaria o menino? Uma resposta terrível assolou a enfermeira. *Severino Um-Tiro o raptou.* Seus olhos encheram-se de lágrimas sem ao menos ponderar sobre a improbabilidade de sua assunção. Abriu o compartimento secreto do criado mudo só para encontrá-lo vazio. *Isaías deve ter ouvido a conversa com o delegado Callado,* pensou a viúva. *Mas ele não iria enfrentar Severino Um-Tiro sozinho?* Isso não faz sentido. Madalena precisava pensar rápido, elaborar um plano para tentar encontrar o filho. A Fazenda Recanto ainda era o refúgio mais seguro da cidade. Deixaria Rosário lá e partiria em busca de Isaías.



As botas do jovem Fortunato emitiam onomatopeias molhadas. O corista se viu obrigado a cruzar o riacho Serendipidade na altura da rua Ferdinando Agostinho – tentava evitar as avenidas principais da vila, fugindo dos olhos atentos do delegado e seus homens. Havia visto três deles conversando na ponte do Canto de Deus, todos armados para uma guerra. Isaías caminhava pelo cafezal do Rancho Baluarte quando a garoa se intensificou. Gotas densas desciam pelo rosto do menino, passando por seus olhos, que anunciavam o ardor de sua desolação. Havia disparado uma pistola poucas vezes em sua vida. Quando criança, praticava, esporadicamente, a caça com o pai. Eram tardes prazerosas, de uma rotina que só os dois dividiam. Essa tradição, que rendeu algumas de

suas memórias mais felizes, descansava a sete palmos do chão, assim como tantas outras.

Homens do Gravata Vermelha cercavam a mansão Baluarte, mas o garoto tinha a vantagem do silêncio e da calma. Passou pelos asseclas até chegar à porta dos fundos, guardada por um dos funcionários do coronel Leôncio. Isaías escondeu-se atrás de uma favela, espiando a ronda do homem, denunciada pelas sombras dos lampiões. Ele entrava na cozinha, passava pela sala de jantar, vistoriava o salão principal e retornava até a porta dos fundos. Ao que tudo indicava, não havia mais funcionários lá dentro.

Esperou o homem passar pela porta a caminho da cozinha.

Aquela era sua hora.

Que a Dama Sorte esteja comigo.

Segurou a pistola feito um martelo e começou a andar por cima da sombra do homem.

E com ira e furor farei vingança sobre os gentios que não ouvem.

O rapaz levantou o braço e desceu com toda força que tinha, derrubando o homem em um golpe só. Amordaçou e amarrou o coitado a uma cadeira e continuou a se aventurar pelas sombras do casarão silencioso.

Não encontrou outra viva alma nos cômodos do primeiro andar. Subia as escadas da mansão quando o salão se apresentou com a luminescência de um relâmpago. Deu dois passos e as janelas tremeram com o mimologismo que antecedia a chuva.

CABRUM!

Uma fileira de portas se estendiam em frente do garoto Isaías. Qual escondia Faustino Baluarte, só Deus haveria de saber.

Abriu a primeira porta, uma biblioteca entregue à escuridão.

Suspirou.

Isso pode demorar um pouco.

A segunda porta escondia um escritório e a terceira levava a um depósito de quinquilharias. Somente na sexta porta, Isaías encontrou o garoto de sorriso petulante. Estava em pé, olhando para os homens de seu pai pela janela do quarto.

Isaías se aproximou, o reflexo de seu rosto pairava ao lado do garoto Baluarte.

– Olá, Faustino.

O menino virou assombrado.

Antes que pudesse reagir uma coronhada convidou-o ao chão.



Cândido Cordeiro, Graciliano Boaventura e Macário Orestes cavalgam em ritmo lento. Com o primeiro relâmpago veio a chuva. As gotas pesadas despenhavam do céu e eclodiam nas abas de seus chapéus em compassos naturalmente arrítmicos. O som era aprazível, o cheiro de grama molhada era acolhedor, o frio era bom: seria uma noite agradável para se passar debaixo de grossos cobertores, não fosse o diabo à espreita. Macário puxou as rédeas de sua montaria. Havia visto na distância, no meio da plantação de trigo, um lume extraviado. Assobiou para os companheiros e apontou.

– Boaventura, vosmecê vai pela esquerda. Cândido, direita. Eu vou a pé em linha reta.

O lume era nada mais que um ponto brilhante na escuridão, uma estrela perdida em uma noite nublada. Cândido Cordeiro largou as rédeas e deixou que Meumô trocasse ao ritmo que desejasse.

A mula parou.

– Vamos, Meumô. Temos que ver do que se trata.

O vento balançava os pés de trigo, fazendo com que eles uivassem feito um lobo-guará. Na distância, uma coruja piava um choro desesperado, a chuva

respingava em seu sombrero e a luz tremelicava na escuridão. Se Meumô pudesse falar, alertaria Cândido sobre os perigos que seus olhos humanos não enxergavam. Como não podia falar, deu dois passos para trás.

– Vamos, Meumô. A luz ainda está longe.

O gordo sentiu um braço lhe puxar ao chão. Os pontos abriram e sangue começou a escorrer pelo pescoço. Levantou-se assustado, procurando a espingarda que havia perdido.

CABRUM!

O dia se fez em um piscar de olhos, revelando uma triste verdade. O gordo estava cercado por cinco homens com os rostos cobertos por lenços e que apontavam seus rifles em sua direção.



Jeremias Callado havia retornado para a entrada principal de Serendipidade. Acompanhava Aloísio Serafim e Gastão Bolívar na tediosa função de vigiar a escuridão molhada. *Corremos sérios riscos com essa estratégia*, pensou Jeremias, *viesse a alvorada, todos os homens competentes estariam exaustos.*

Tudo que Severino tinha que fazer era esperar o sono os vencer.

A chuva progrediu com uma ira torrencial e o frio tornava-se insuportável.

– Não acho que devemos permanecer aqui – gritou Jeremias.

– Concordo, somos alvos fáceis com essa chuva – disse Aloísio.

Gastão Bolívar aprovou a ideia com um acenar de cabeça. Preparavam-se para retornar ao Bar do Nico quando viram algo se aproximando na distância.

– Vosmecês estão vendo isso?

– Sim – responderam em uníssono Serafim e Bolívar.

Os homens sacaram suas carabinas e miraram o vulto a galopar.

CABRUM!

A ameaça ainda era irreconhecível, mas se aproximava em ritmo acelerado. Jeremias puxou o cão de sua arma, cerrou um olho e alinhou a mira com sua visão. O dedo acariciava o gatilho, ansioso pelo estrondo que seguiria. O delegado estava prestes a atirar quando reconheceu Meumô. A mula trotava em direção aos portões da cidade sem ninguém em suas costas. Passou pelos policiais e continuou correndo pela rua dos Justos. Os três correram atrás do animal, preocupados pela ausência de Candido Cordeiro. Jeremias esticou o braço, segurou as rédeas livres e puxou.

A mula estava assustada. Inquieta. Nervosa.

Se pudesse chorar, choraria.

O delegado e o subdelegado desceram de seus cavalos, Bolívar permaneceu montado, olhando por cima dos ombros para a escuridão. Manchas de sangue pintavam o couro amarelo de Meumô. Uma sacola de pano balançava presa a sela da mula. Jeremias Callado abriu o saco e provou pela segunda vez o beijo amargo de Severino Um-Tiro. Os lábios e as pálpebras foram cortados e o rosto parecia gritar em desespero.

Não haveria mais canções no Recanto.

Tiros vinham do setor sul, setor protegido por Avôhai, Araripe e Aracema. Gastão pensou em correr e resgatar os companheiros, mas era um soldado e tinha suas ordens a cumprir. Tiros distantes vieram do setor noroeste, Boaventura e Macário estavam em perigo. Jeremias, Aloísio e Gastão alinharam-se na rua dos Justos. Disparos voavam por toda Serendipidade – o bando de Severino cingia o vilarejo com uma rapidez alarmante. Sete homens a cavalo passaram pela entrada principal, atirando a esmo. Gastão se jogou à direita, usando barris de madeira como cobertura. Aloísio correu para a varanda do Bar do Nico lançando balas de sua Rouba-Primaveras, ao tempo que Jeremias pulou nas costas de Meumô, adentrando a viela adjacente à taberna. Balas cegas rasgavam a chuva

em Serendipidade, mas não as de Callado. Este guardava sua munição. Faria todas suas balas valerem.

O bando que atacava o trio se dividiu em dois, quatro desmontaram e posicionaram-se para ataque, e os três restantes cavalgaram em direção à Praça Central. Jeremias prendeu a respiração e acompanhou o trotar de um dos capangas com o cano de sua Brahmastra.

Atirou.

Sangue voou pela noite e o corpo estatelou-se ao chão. O delegado apertou as esporas em Meumô e seguiu os homens a cavalo; Aloísio e Gastão teriam que tomar conta do resto.

Seu avanço passou despercebido pelos barulhos da chuva. O capanga da direita acendeu um lenço preso a uma garrafa de vidro e lançou a granada flamejante em cima do telhado do açougue de Patrício Marrone. As chamas se alastraram rapidamente pelo teto de madeira, consumindo tudo em seu caminho. Callado mirava sua pistola enquanto Meumô cavalgava sem a assistência das rédeas.

A mula sabia exatamente o que tinha que fazer.

A arma balançava de um lado para o outro, mas quando sentiu que acertaria a cabeça do capanga, Jeremias atirou.

O corpo despencou.

O bandido que restava percebeu a presença de Jeremias e começou a atirar. Estavam na Praça Central quando o criminoso desmontou de seu cavalo e entrou pelas vielas da rua Haroldo Domingos. Jeremias deixou Meumô e perseguiu o bandido com sua pistola em mão.



Os lampiões da rua Haroldo Domingos haviam sido apagados pela raiva úmida da tempestade. *Tenho a Dama Sorte a agradecer por isso*, pensou Madalena

Fortunato, que seguia Ekwueme e Radamés Valadares na procura por Isaías. Caminhavam em direção ao Canto de Deus, acreditando que o menino estaria em seu refúgio predileto. A enfermeira ouvia tiros por todos os cantos de Serendipidade, mas seu espírito materno não fraquejou.

Quando primeiro colocou a estrela de alferes no peito, Ekwueme não tinha noção do peso que aquele pequeno objeto teria sobre sua alma. Carregava na insígnia a responsabilidade que o conduzia à loucura que era se importar com a vida dos outros.

O chamado da lei.

Nunca se imaginou, nem nos mais desvairados sonhos, arriscando a vida pelo couro de um homem branco que não fosse Radamés Valadares. Mas esta era a situação em que se encontrava.

CABRUM!

Radamés mirava a escuridão, que se rompia com disparos de pistolas e trovões. Não queria estar ali; pouco se importava com o fim de Isaías Fortunato, que tanto defendeu o padre pederasta, mas Ekwueme, seu melhor amigo, havia decidido se arriscar pela enfermeira e ele não o deixaria sozinho contra Severino Um-Tiro.

– Ekwueme, vosmecê vai...

E essa foi a última frase a cruzar a mente do galego antes de tombar. Ekwueme, alferes destreinado, fitou o amigo alvejado ao invés de procurar o inimigo à espreita, e nesse descuido, uma bala atravessou seu peito de homem livre.

Madalena só podia contar com seus instintos.

Correu.



CABRUM!

Faustino Baluarte acordou com o grito dos céus. Tentou levantar, mas estava atado a uma cadeira no grande salão.

Tentou gritar, mas estava amordaçado.

Isaías encarava a janela da sala de jantar. Certificava-se que os homens do coronel estavam distraídos pelas ações dos homens de Severino Um-Tiro, ignorantes ao perigo que já estava dentro da casa. O corista virou a cadeira em que Faustino encontrava-se amarrado, permitindo que o menino de sorriso petulante contemplasse o seu plano de vingança. Amordaçado e preso a uma cadeira estava seu pai. Faustino viu a pistola em cima da mesa e pôs-se a berrar – suspiros abafados em uma noite de trovoadas.

Isaías sentou-se em uma das cadeiras desocupadas e pôs-se a amarrar a coleção de gravatas vermelhas do coronel uma na outra, formando uma enorme corda de sangue.

Jogou o amontoado de gravatas por cima do lustre, atou um nó em uma das extremidades, desamarrou o velho de sua cadeira, colocou o laço em volta do pescoço do coronel e puxou.

A mordaça na boca de Faustino transbordava, lágrimas e saliva misturadas. O abatido Leôncio se levantou na cadeira para evitar o estrangulamento, ficando nas pontas dos pés para conseguir respirar. Isaías puxou um tanto mais – queria a corda em seu limite. Amarrou a extremidade em uma das grades de ferro presas a parede e conferiu sua resistência.

As gravatas amarradas tremeram feito uma corda de violão.

Isaías pegou a Gandiva da mãe, posicionou-se atrás de Faustino e esperou. Não demorou muito e um relâmpago cortou os céus de Serendipidade.

Um.

Dois.

CABRUM!

Atirou.

A cadeira voou para trás e o peso do corpo fez o laço apertar a traqueia do velho Gravata Vermelha. O rosto enrubesceu e os pés se debateram em violência. Faustino tentou fechar os olhos, mas Isaías segurou seu rosto, usando os indicadores para puxar as pálpebras.

– A vingança pertence aos justos, Faustino – disse Isaías, sentindo as lágrimas escorrerem por entre seus dedos.

Leôncio Baluarte tremeu em espasmos, enrijeceu e suas calças brancas mancharam-se com a cor de almoços passados.

Estava morto.

Mortíssimo.

– Sua dívida está paga, Faustino.

Deixou o menino e o pai enforcado para trás. Passou pela porta da cozinha e desceu os morros atrás do Rancho Baluarte. Pensava no padre Portugal e na melodia de sua canção favorita enquanto o firmamento o banhava.



Jeremias ouvia tiros vindo por todos os cantos de Serendipidade, torcendo que as miras de seus companheiros fossem certas. Estava entre a rua Haroldo Domingos e a rua Diógenes Paiva, procurando pelo bandido que sumira pela noite escura. A chuva e as poças de lama trataram de cobrir os rastros do capanga, mas o delegado sabia que não podia estar muito longe.

CABRUM!

A viela se alumiu por um breve segundo, revelando a sombra do criminoso a sua frente. Jeremias esquivou-se rapidamente, evitando o tiro que teria sido fatal. O delegado mirou sua Brahmastra, mas o capanga havia sumindo na escuridão outra vez. Correu atrás do homem, deixando qualquer cautela para trás. *Se morrer, Morrerei fazendo minha justiça.* Pulou na rua Diógenes Paiva e se deparou com o bandido, que segurava Madalena Fortunato pelo pescoço, apontando a pistola contra a cabeça da mulher.

– Dê um passo para trás! – gritou o homem. – Nós só queremos o homem que matou Severino!

O dedo de Jeremias afrouxou o gatilho da Brahmastra.

Severino Um-Tiro estava morto?

– Largue a mulher e a gente pode conversar.

O criminoso deu três passos para trás e os lampiões que permaneciam acesos na rua Diógenes iluminaram o rosto apavorado de Madalena Fortunato. Ao lado de um desses lampiões, uma coruja de olhos amarelos e penas listradas testemunhava aos dois homens em confronto.

Jeremias sabia que poderia acertar o alvo de onde estava, mas a chuva, o frio e a raiva tiravam sua confiança.

CABRUM!

Tiros e trovões explodiam pelo vilarejo, mas o delegado não vacilava.

Tinha somente um alvo naquele momento.

A estrela de metal em seu peito reluziu as luzes dos lampiões, chamando a atenção do cabra ruim.

– É vosmecê que finge ser Jeremias? – gritou com ódio.

O homem apertou com mais força o cano contra a têmpora de Madalena Fortunato.

– Eu sou Jeremias Callado!

A chuva escorria pela aba de seu chapéu com a fluidez de uma cachoeira

selvagem, atrapalhando a visão de Jeremias. Com a mão livre tirou a indumentária, revelando seu rosto à luz dos lampiões.

– Severino? – disse o criminoso.

– Deixe-me ir, por favor – implorou Madalena.

– Severino, és tu, homem?

O quê?, pensou Jeremias.

– Severino, nós achávamos que vosmecê estava morto.

– Meu nome é Jeremias Callado, sou delegado de Serendipidade. Deixe de brincadeira. – O delegado não compreendia aquele jogo de nervos.

– Severino, sou eu, Tomás.

– Eu não te conheço.

Jeremias esticou o braço e sentiu o calor da raiva enrijecer seus músculos.

Eu posso acertar.

Tiros assustaram a enfermeira, que tentava fugir do amplexo violento.

– Eu te conheço, Severino.

– Eu já disse. Meu nome é Jeremias Callado.

– Eu te conheço desde criança, Severino. Conheço seu rosto mais do que o meu próprio – disse Tomás.

É só ajeitar a mira.

– Vosmecê tem um buraco de bala logo embaixo do ombro esquerdo.

Os olhos de Madalena se arregalaram. Ela conhecia aquela cicatriz. Por céus, ela havia lambido aquela cicatriz.

– Eu estava lá com vosmecê quando o tiro te acertou – pausou. – Foi nosso primeiro assalto. Como é que vosmecê gosta de dizer, – gritou Tomás – *tudo que existe é retaliação!*

As palavras de Tomás cortaram o peito do homem, e Severino lembrou da noite em que matou Jeremias Callado.

CABRUM!

XXX

Tudo que existe é retaliação

EXT. MEIO DO DESERTO – FIM DE TARDE

MÚSICA MELANCÓLICA NA BANDA SÔNORA (tema de Severino executada somente com acordes de bandolim)

Plano fechado dos olhos de um homem. A câmera vai se afastando, revelando um filete de sangue que escorre por sua testa.

SOM DE UMA PISTOLA SENDO DISPARADA.

Um outro homem cai morto ao chão.

A mulher do delegado está ajoelhada, suas filhas estão

SEVERINO (imitando o desespero do delegado)

Por favor, por favor, por favor. Onde estão seus colhões, cabra?

era loirinha. A menina usava um colar com pingente dourado, idêntico ao que o pai usava. Plano fechado da boca de Severino, que sorri para a garota

A mulher do delegado grita histericamente. Um filete de baba escorre de sua boca e seus olhos estão avermelhadas de tanto chorar.

Plano aberto de Severino chutando a mulher no estômago, levando-a ao chão.

JEREMIAS

Por favor, minha esposa e filhas são inocentes!

SEVERINO

Inocentes, vosmecê diz. Inocência é um termo

É como o jogar de uma moeda; cara, vosmecê é culpado; coroa, vosmecê é inocente. O resultado vai sempre variar.

Plano aberto de Severino lançando a moeda ao ar.

a moeda não passa de um ponto brilhante a rodopiar na escuridão; uma estrela cadente a cortar o firmamento.

SEVERINO

Culpado.

Severino lança novamente a moeda.

Não importa, não é não? Porque, não importa quantas vezes vosmecê jogue essa bendita moeda no ar, ela sempre será, ao mesmo tempo, ambas as coisas.

JEREMIAS

Eu sei que vosmecê odeia delegados. Me mate, me leve, faça o e minha família ir. Isso é o justo.

Severino se agacha, retira a estrela do delegado e a prende em seu colete preto. Em seguida retira o colar d'ouro, o examina por um breve momento, e coloca-o em seu pescoço.

Plano fechado dos olhos de jabuticaba encarando o semblante atormentado do delegado.

SEVERINO

Agora que estou vestido e adornado como vosmecê, oficial da lei, (Severino pantomima uma continência) posso eu representar a justiça?

O criminoso mais procurado

SEVERINO

Eu não vejo essa justiça que vosmecê fala. Nunca vi. É uma miragem no sertão. Não existe justiça. Tudo que existe é retaliação.

*As chamas consumiram a diligência com uma
velocidade voraz*

SEVERINO

Vosmecê acha que essa estrela aqui (Severino bate no distintivo preso ao seu peito) o torna honrado, delegado Callado? Pois sabia que ela não o torna em nada.

lano fechado da boca da mulher gritando.

As chamas

Fade out.



Serendipidade afogou-o em esquecimento outra vez.

Fumaça preta surgia em cima das casas na rua Diógenes Paiva e Severino encarava seu velho companheiro. Não conseguia se lembrar do motivo que primeiro entrelaçou sua vida com a vida de Tomás, mas sabia que eram amigos de muitos anos.

– A cidade vai queimar, Severino.

Severino tinha o braço estirado, chuva escorrendo por seu corpo.

– Solte ela – berrou Severino.

– Vosmecê não me mataria. Sou teu melhor amigo.

Tudo que Severino tinha naquele mundo estava do outro lado da mira da pistola.

Tomás e Madalena.

Dois estranhos que carregavam em seus corações as vidas de Severino. Nele, a chave para seu passado; nela, a luz para sua escuridão.

Ele.

Ela.

Assim como no deserto vermelho, a terrível face das coisas só se apresentava sob o calor da luz.

CABRUM!

A Brahmastra vomitou uma bala precisa, que voou pelas gotas de chuva, cruzando a matéria que dava vida ao corpo de Tomás.

O homem tombou, levando consigo os segredos de Severino.

– Vosmecê é Um-Tiro? – gritou Madalena.

– Madalena, eu não me lembro... – Severino deu um passo.

– Não se aproxime de mim!

– Eu não me lembro de tudo...

– Vosmecê é o cão!

– Eu não sou o cão. Sou eu aqui, o mesmo que salvou seu filho. O mesmo delegado que salvou vosmecê...

– Vosmecê não é delegado de nada!

Estampado no rosto da enfermeira estava tudo que o aguardava em Serendipidade.

Ódio.

Severino correu em direção à Meumô, que relinchava perto da Praça Central. Tiros ainda ecoavam pelas ruas e vielas do vilarejo, mas aquela já não era mais sua batalha. Não havia mais espaço para ele ali. Severino montou na mula e

galopou em velocidade máxima até os portões da vila. Passou direto por Aloísio Serafim, que protegia as imediações do Bar do Nico com sua Rouba-Primaveras.

Nem ao menos um adeus pôde dizer.

Severino chegou à entrada de Serendipidade. Rua dos Justos.

Parou, olhou por cima dos ombros e fitou Serendipidade pela última vez. Fogo se alastrava pelo açougue de Patrício Marrone e já achava seu caminho até o Bar do Nico.

Não importava por que nome ele atendesse, as chamadas pareciam sempre o acompanhar.

Meumô relinchou com o cheiro desagradável da fumaça. Severino alisou a crina da mula com carinho.

– Eu sei, eu sei. Eu também não suporto esse cheiro.

Montava um animal preparado para outro homem; os estribos estavam curtos, as rédeas, folgadas e o assento, gasto por outro rego. Mas era em sua própria pele em que ele se sentia desconfortável. Sentia como se vestisse o couro de outro homem, um ser menor que ele, cuja a pele rasgaria sobre seus ossos cansados.

Era alguém. Era ninguém. Uma folha em branco rasurada.

Severino desmontou, ajeitou a sela de Meumô para seu tamanho e mirou o firmamento. As nuvens carregadas foram torcidas ao limite e a chuva já não castigava mais o vilarejo. As estrelas deixaram de timidez e brilharam no palco da noite. Severino lembrou da voz do menino Isaías. As Três Enírias, que gostavam de castigar os homens, e que hoje são usadas como referências noturnas para achar seu caminho até o condado de Redenção. Jeremias esporou o dorso de Meumô, pois sabia que somente no fim da escuridão encontraria tudo que era luz.

Assim, sozinho e sem esperanças, o homem se entregou ao preto.

*para Gaga e Puni,
e a amantessidão*

*e a Larissa Nakamura,
que, com essas vírgulas, um tanto exageradas, tento, ao
máximo, impressionar.*

Agradecimentos

O homem é a soma de todas as coisas que carrega consigo e de todas as coisas que abandona no caminho. Dedico essas palavras escritas às roupas que cobrem minha pele neste momento e àqueles velhos trapos que não me cabem mais.

Dito isso, gostaria de agradecer também a:

João Cassapava, meu amigo de mais longa data, por ter sido o primeiro a me ajudar na construção dessa história; Mirela Portugal, por ter sido a primeira pessoa com quem dividi essas páginas e por ter me ajudado na revisão maluca da obra; Éder Santiago, pelo incentivo e apoio desmedido; Davi Boaventura, por ter aberto uma porta em minha vida; Jean Falcão, pela atenção e carinho de irmão; meus professores, por me ensinarem a apreciar e a questionar a arte; Débora e Ananda, pela atenção que deram aos meus questionamentos; Caio Rodrigo, por ter me apontado o caminho; a Caio e Gabriel, grandes amigos; Astrid e Ana Camila, pelo apoio; Johanna, pelas ilustrações; Raquel, pelo texto em alemão; Renata Reis, pela revisão; Sergio Leone, John Ford, James Stewart, John Wayne, Anthony Mann, Fred Zinnemann, Antônio Xerxenesky e Samir Machado de Machado, pela inspiração; e Jailon “Brown” Silva Gama, pelas borboletas.

Para finalizar, gostaria de agradecer à Puni, Gaga, Rhatto, Lui, e Iraê pelo amor que me protege, e Larissa Nakamura, que esteve ao meu lado cem por cento do tempo, apoiando e aguentando um homem que se perdia em palavras.

“Attaboy, Clarence.”

Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1
Cartão Supremo 250g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo -344p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015